UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

MARÍA ESPERANZA IZUEL

OS PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO NAS TRAMAS DO REAL, DO SIMBÓLICO E DO IMAGINÁRIO: brasileiros em condição de imigração em Buenos Aires

Recife
2022

MARÍA ESPERANZA IZUEL

OS PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO NAS TRAMAS DO REAL, DO SIMBÓLICO E DO IMAGINÁRIO: brasileiros em condição de imigração em Buenos Aires

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Letras.

Área de concentração: Linguística

Orientadora: Profª. Drª. Fabiele Stockmans De Nardi

Recife

2022

Catalogação na fonte
Bibliotecária Jéssica Pereira de Oliveira – CRB-4/2223

I99p Izuel, María Esperanza
Os processos de identificação nas tramas do real, do simbólico e do imaginário: brasileiros em condição de imigração em Buenos Aires / María Esperanza Izuel. – Recife, 2022.
271f.: il., tab.

Sob orientação de Fabiele Stockmans De Nardi.
Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2022.

Inclui referências e anexos.

1. Análise do Discurso. 2. Imigração. 3. Processos de identificação. 4. Formações imaginárias. 5. Mecanismos discursivos. I. De Nardi, Fabiele Stockmans (Orientação). II. Título.

410 CDD (22. ed.) UFPE (CAC 2022-31)

MARÍA ESPERANZA IZUEL

OS PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO NAS TRAMAS DO REAL, DO SIMBÓLICO E DO IMAGINÁRIO: brasileiros em condição de imigração em Buenos Aires

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Letras. Área de concentração: Linguística.

Aprovada em: 13/01/2022.

BANCA EXAMINADORA

Profª. Drª. Fabiele Stockmans De Nardi (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Profª Drª Fernanda Correa Silveira Galli (Examinadora interna)
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Profª. Drª. Maria Onice Payer (Examinadora Externa)
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

Profª. Drª. María Teresa Celada (Examinadora Externa)
Universidade de São Paulo (USP)

Prof. Dr. Mizael Inácio Do Nascimento (Examinador externo)
Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)

AGRADECIMENTOS

Nestas breves palavras gostaria de agradecer a todos que, no âmbito acadêmico e/ou pessoal me ofereceram seu apoio e foram fundamentais para a realização e conclusão deste trabalho:

A minha orientadora, Fabiele Stockmans De Nardi, por me acolher desde antes de começar o mestrado e por continuar me acompanhando ao longo do doutorado. Não tenho palavras para agradecer todo o apoio e o afeto que você sempre me deu tão carinhosamente, especialmente nos momentos difíceis. Obrigada pelas orientações generosas e respeitosas e pelas conversas sempre esclarecedoras.

Às professoras Maria Teresa Celada e Maria Onice Payer, por me acompanharem neste percurso desde a defesa do projeto até a defesa da tese. Muito obrigada pela leitura dedicada, pelas valiosas sugestões e as enormes contribuições que fizeram ao longo de todo meu processo de trabalho.

À professora Fernanda Galli e ao professor Mizael Nascimento, por terem aceitado gentilmente o convite para fazer parte da banca. Agradeço também às professoras Julia Maria Raposo Gonçalves de Melo Larre e Ana Boff de Godoy pela participação na condição de membros suplentes.

Aos professores da Pós-graduação que contribuíram na minha formação acadêmica, especialmente à professora Evandra Grigoletto que junto com Fabiele nos inspiram cada dia a pensar e resistir.

A todos os funcionários do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, pelo suporte e apoio ao longo do doutorado.

À Capes pelo apoio concedido, fundamental para a realização desta pesquisa.

Aos brasileiros que generosamente me ofereceram seu tempo para contar suas histórias e falar da sua experiência imigratória em Buenos Aires, o que me permitiu desenvolver esta pesquisa.

A Pablo Commisso, Santiago Caracciolo e María Pingray, amigos e familiares muito queridos que contribuíram na criação dessa rede de contatos que me permitiu chegar a conhecer os brasileiros entrevistados.

A meus queridos colegas e amigos do NEPLEV, que me acolheram sempre com tanto carinho e constroem dia a dia esta linda *relação de nunca acabar*.

A Maru e Cholo, irmãos que escolhi na minha vida e que me acompanham desde criança. Obrigada pelo apoio incondicional e pela alegria e o amor que trazem para minha vida.

A Marce, Luciana e Caro, mulheres fortes e corajosas que me inspiram sempre. Obrigada, amigas queridas, por estarem sempre perto, mesmo na distância.

A Tere, obrigada por sua amizade, seu apoio e pelas conversas sempre tão necessárias.

A minha família argentina, especialmente a meus irmãos e irmãs, que são meu porto seguro. A meus sobrinhos e cunhados, por fazerem parte desta maravilhosa família que me fez ser quem sou hoje. E a Cristina, pelo carinho e afeto que construímos e por me acompanhar em cada conquista.

A meus cunhados, primos e tios das famílias Palermo e Araújo, obrigada por terem me acolhido sempre com tanto carinho.

A Bruno, meu companheiro de vida, pelo amor e a compreensão a todo momento, por sua generosidade, por me apoiar em tudo o que eu faço e me fazer sorrir mesmo nos momentos escuros.

Aos que partiram e não podem estar fisicamente comigo hoje: meus pais, Marisa e Raúl, e meus sogros, Virgínia e Telga, todos eles exemplos de amor, trabalho e honestidade. A saudade é imensa, mas o que vocês deixaram em mim é maior ainda. Gratidão eterna a vocês!

RESUMO

Neste trabalho, inscrito teoricamente na Análise do Discurso francesa, propomos analisar os processos de identificação dos sujeitos brasileiros em condição de imigração em Buenos Aires, a partir de sua inscrição na ordem da língua estrangeira e na ordem de um espaço outro, observando como isso se mostra em seus discursos. Partimos do pressuposto de que a imigração constitui um movimento que vai além de um deslocamento físico e que implica um processo de transformação nos modos de se relacionar com os outros, com o espaço, com a língua, mexendo na constituição subjetiva daquele que imigra. Assim, procurando observar as condições de produção específicas dessa imigração, desenvolvemos, em um primeiro momento, um percurso sobre a imigração na Argentina e elaboramos uma descrição das especificidades próprias da imigração brasileira em Buenos Aires, no intuito de oferecer um panorama abrangente como marco de interpretação dos dizeres dos imigrantes brasileiros, que são afetados por essa historicidade. Em diálogo com a psicanálise, refletimos sobre a articulação entre a identificação e as dimensões do real, do simbólico e do imaginário na constituição do sujeito da linguagem e na produção de sentidos. Sugerimos abordar os processos de identificação atentando principalmente para a forma em que ditos processos se mostram na língua quando esse sujeito do entremeio que é o imigrante se diz a si mesmo, ao outro e a seu espaço, afetado pelo jogo das formações imaginárias. Nosso corpus está composto por sequências discursivas obtidas a partir de entrevistas realizadas a imigrantes brasileiros em Buenos Aires. Nessas sequências procuramos olhar para o funcionamento de diversos mecanismos discursivos, entendidos como marcas na materialidade da língua que mostram pontos de tensões, estranhamento, adesões e contradições em relação com determinados objetos de identificação construídos no discurso e que neste trabalho agrupamos em dois eixos: o da identificação com o outro e o da identificação com a cidade. No primeiro eixo, destacamos principalmente o funcionamento da comparação, a universalização e a polarização como mecanismos que produzem como efeito o fortalecimento das divisões e o aprofundamento da distância entre brasileiros e argentinos, afetando os processos de identificação com o outro. No segundo eixo, as análises realizadas nos permitiram compreender que as representações de Buenos Aires materializadas nos discursos dos imigrantes produzem um efeito de unidade não contraditória da cidade e estão sustentadas em processos de exotização e abstração. A interpretação dos diversos mecanismos discursivos nos levou a observar as contradições entre a projeção imaginaria de um espaço construído como um terreno de possibilidades, saturado, discursivamente estabilizado e o real de uma cidade que

não preenche a falta, que expõe o sujeito a situações de exclusão e que exibe o lacunar entre a cidade desejada e a cidade vivida.

Palavras-chave: análise do discurso; imigração; processos de identificação; formações imaginárias; mecanismos discursivos.

RESUMEN

En este trabajo, inscripto teóricamente en el Análisis del Discurso francés, proponemos analizar los procesos de identificación de los sujetos brasileños en condición de inmigración en Buenos Aires, a partir de su inscripción en el orden de la lengua extranjera e en el orden de un espacio otro, observando como esto se muestra en sus discursos. Partimos del presupuesto de que la inmigración constituye un movimiento que va más allá de un desplazamiento físico y que implica un proceso de transformación en los modos de relacionarse con los otros, con el espacio, con la lengua, produciendo modificaciones en la constitución subjetiva de aquel que inmigra. De esta forma, buscando observar las condiciones de producción específicas de esa inmigración, desarrollamos, en un primer momento, un recorrido sobre la inmigración en Argentina y elaboramos una descripción de las especificidades propias de la inmigración brasileña en Buenos Aires, con el objetivo de ofrecer un panorama abarcador como marco de interpretación de los decires de los inmigrantes brasileños, que son afectados por esa historicidad. En diálogo con el psicoanálisis, reflexionamos sobre la articulación entre la identificación y las dimensiones de lo real, lo simbólico y lo imaginario en la constitución del sujeto del lenguaje y en la producción de sentidos. Sugerimos abordar los procesos de identificación considerando principalmente la forma en que dichos procesos se muestran en la lengua cuando ese sujeto de entremedio que es el inmigrante se dice a sí mismo, al otro y a sus espacios, afectado por el juego de las formaciones imaginarias. Nuestro corpus está compuesto por secuencias discursivas obtenidas a partir de entrevistas realizadas a inmigrantes brasileños en Buenos Aires. En esas secuencias observamos el funcionamiento de diversos mecanismos discursivos, entendidos como marcas en la materialidad de la lengua que muestran puntos de tensiones, extrañamientos, adhesiones y contradicciones en relación con determinados objetos de identificación construidos en el discurso y que en este trabajo agrupamos en dos ejes: el de la identificación con el otro y el de la identificación con la ciudad. En el primer eje, destacamos principalmente el funcionamiento de la comparación, la universalización y la polarización como mecanismos que producen como efecto el fortalecimiento de las divisiones y la profundización de la distancia entre brasileños y argentinos, afectando los procesos de identificación con el otro. En el segundo eje, los análisis nos permitieron comprender que las representaciones de Buenos Aires materializadas en los discursos de los inmigrantes producen un efecto de unidad no contradictoria de la ciudad y están sostenidas en procesos de exotización y abstracción. La interpretación de los diversos mecanismos discursivos nos llevó a observar las contradicciones entre la proyección imaginaria de un espacio construido como un terreno

de posibilidades, saturado, discursivamente estabilizado, y el real de una ciudad que no completa la falta, que expone al sujeto a situaciones de exclusión y que exhibe una brecha entre la ciudad deseada y la ciudad vivida.

Palabras-clave: análisis del discurso; inmigración; procesos de identificación; formaciones imaginarias; mecanismos discursivos.

ABSTRACT

In this work, theoretically inscribed in the French Discourse Analysis, we propose to analyze the identification processes of Brazilian subjects with immigration status in Buenos Aires, based on their insertion in the scope of the foreign language and space, observing how this shows in their speeches. We assume that immigration constitutes an action that goes beyond physical displacement and implies a process of transformation in the ways one relates to others, to the space, to the language, altering the subjective constitution of those who immigrate. Thus, to observe the specific production conditions of this immigration, we developed, at first, a characterization of the immigration in Argentina and elaborated a description of the specificities of the Brazilian immigration to Buenos Aires, in order to offer a comprehensive panorama as a reference to the interpretation of the sayings by Brazilian immigrants, who are affected by this historicity. In dialogue with psychoanalysis, we reflect on the articulation between identity and dimensions of the real, the symbolic and the imaginary in establishing the subject of language and in the production of meaning. We suggest approaching the identification processes paying particular attention to the way in which these processes appear in the language when the in-between subject, the immigrant, talks about himself, the other and his space, affected by the game of imaginary formations. Our corpus is composed of discursive sequences obtained from interviews carried out with Brazilian immigrants in Buenos Aires. In these sequences, we seek to look at the functioning of various discursive mechanisms, understood as marks in the materiality of language that show points of tension, estrangement, adhesions and contradictions in relation to certain identification objects constructed in the discourse and which we have grouped, in this work, into two axes: identification with the other and with the city. In the first axis, we highlight mainly the functioning of comparison, universalization and polarization as mechanisms that have the effect of strengthening divisions and deepening the distance between Brazilians and Argentinians, affecting the processes of identification with the other. In the second axis, the analysis carried out allowed us to understand that the representations of Buenos Aires materialized in the immigrants' speeches produce an effect of a non-contradictory unity of the city and this vision is supported by exoticization and abstraction processes. The interpretation of the different discursive mechanisms led us to observe the contradictions between the imaginary projection of a constructed space as a terrain of possibilities, saturated, discursively stabilized and the real of a city that does not fill the gap, which exposes the subject to situations of exclusion and that shows the gap between the desired city and the lived city.

Keywords: discourse analysis; immigration; identification processes; imaginary formations; discursive mechanisms.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Área Metropolitana de Buenos Aires	40
Gráfico 1 –	Evolução da imigração na República Argentina (1869-1910)	49
Gráfico 2 –	Evolução da imigração limítrofe e não limítrofe na República Argentina (1869-1910)	53
Gráfico 3 –	Porcentagem de população na Argentina nascida no exterior, segundo país de nascimento (Censo 2010)	55
Figura 2 –	Reformulação do *nó borromeano* lacaniano	96

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – País de origem dos imigrantes sul-americanos na AMBA (dados de 2017) 42

Tabela 2 – Evolução da quantidade de imigrantes na Argentina em relação à população total (2010-2019) 55

Tabela 3 – Evolução da imigração na Argentina por país de origem (2010-2019) 56

Tabela 4 – Brasileiros por sexo segundo ano de chegada na Argentina. AMBA (2003) 61

SUMÁRIO

1	**INTRODUÇÃO**	**16**
2	**A HISTORICIDADE COMO MARCO DE INTERPRETAÇÃO DOS PROCESSOS MIGRATÓRIOS**	**24**
2.1	DELIMITANDO NOÇÕES: OS PROCESSOS MIGRATÓRIOS E SUAS MÚLTIPLAS REALIDADES	25
2.2	O POLÍTICO NA ORDEM DA IMIGRAÇÃO	35
2.3	MERGULHANDO NAS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO: BREVE HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO NA ARGENTINA	43
2.4	A IMIGRAÇÃO BRASILEIRA EM BUENOS AIRES	58
3	**REAL, SIMBÓLICO E IMAGINÁRIO NAS IDENTIFICAÇÕES DO SUJEITO IMIGRANTE**	**69**
3.1	A INSCRIÇÃO DO SUJEITO IMIGRANTE NA ORDEM DA CIDADE	70
3.2	A TRÍADE REAL, SIMBÓLICO E IMAGINÁRIO NA PSICANÁLISE: UMA RELAÇÃO CONSTITUTIVA	76
3.3	A ANÁLISE DO DISCURSO NA INTERFACE COM A PSICANÁLISE: APROPRIAÇÕES E DESLOCAMENTOS	84
3.4	O SUJEITO E A FALTA COMO LUGAR DO (IM)POSSÍVEL	94
3.5	NASCER ESTRANGEIRO, TORNAR-SE IMIGRANTE	97
3.6	OS PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO E A ILUSÃO SUBJETIVA DA IDENTIDADE	101
3.6.1	**As diferentes acepções da identificação**	**105**
3.7	DIZER(-SE) NA LÍNGUA DO OUTRO: A ENUNCIAÇÃO EM LÍNGUA ESTRANGEIRA	108
4	**PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANALÍTICOS**	**117**
4.1	OS INSTRUMENTOS E AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DE CORPUS	117
4.2	PERGUNTAS DE PESQUISA E PROCEDIMENTO ANALÍTICO	125
4.3	APRESENTAÇÃO DOS ENTREVISTADOS	130
5	**OS PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO NA RELAÇÃO COM O OUTRO**	**134**
5.1	O FUNCIONAMENTO DO IMAGINÁRIO NOS DISCURSOS DOS IMIGRANTES BRASILEIROS	135

5.1.1 "Os argentinos são fechados. É difícil fazer amizade com argentinos" 135
5.1.2 "Eles não falam das suas coisas, nós sim" 145
5.1.3 "Os argentinos não abrem a casa" 157
5.2 ESTEREÓTIPOS SOBRE OS ARGENTINOS: REPRODUÇÃO OU TRANSFORMAÇÃO? 166
5.2.1 "Os argentinos são arrogantes, agressivos e mal-humorados" 166
5.3 ESTEREÓTIPOS DOS/SOBRE OS BRASILEIROS: A ILUSÃO DA IDENTIDADE NACIONAL 179
5.3.1 "Somos mais abertos. Temos problemas, mas somos felizes" 181
6 OS PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO NA ORDEM DA CIDADE 188
6.1 PRÁTICAS DISCURSIVAS NA CIDADE: O SOTAQUE DELATANDO O FALANTE 190
6.1.1 "Nem sempre quero dizer de onde sou" 190
6.2 A CIDADE IMAGINÁRIA QUE REALIZA TODOS OS DESEJOS 201
6.2.1 "Buenos Aires, cidade de oportunidades" 201
6.3 BUENOS AIRES: CIDADE DE CONTRADIÇÕES 209
6.3.1 "Aqui me sinto muito livre, mas sofri coisas que não gostei" 209
6.3.2 "Tem racismo na Argentina. Não se veem muitas pessoas de cor" 212
6.4 O FUNCIONAMENTO DA CIDADE: EM BUSCA DA ESTABILIDADE LÓGICA 223
6.4.1 "Tinha medo do meio de transporte" 224
6.4.2 "Não, você não pode se matricular aqui" 229
6.5 A RELAÇÃO IMAGINÁRIA ENTRE O BRASIL E A ARGENTINA: A TENSÃO ENTRE IRMANDADE E RIVALIDADE 232
6.5.1 "Durante a Copa a coisa fica tensa" 235
6.5.2 "Argentina busca se parecer com a Europa" 237
7 PALAVRAS FINAIS: EM BUSCA DAS FRONTEIRAS MÓVEIS 244
REFERÊNCIAS 254
ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO 265
ANEXO B – EN LA PLATA SE HABLA PORTUGUÉS 267

1 INTRODUÇÃO

A imigração constitui para o sujeito um movimento que não se refere apenas a um deslocamento físico, mas a um processo que exige uma transformação – muitas vezes inconsciente – nos modos de se relacionar com os outros, com o espaço, com a língua, com um mundo social de sentidos diferentes. É por isso que a condição de imigração mexe com a constituição subjetiva daquele que imigra, porque exige a inscrição em uma outra ordem nacional, em outra língua, em outro espaço, em outras dedes de filiação, em outras memórias.

A partir de nossa filiação teórica na Análise do Discurso de linha pecheuxtiana (AD), entendemos a língua como materialidade do discurso e espaço de produção de sentidos atravessado pelo social, o histórico e o ideológico. Nessa perspectiva, a inscrição em uma língua estrangeira se dá a partir de determinados processos que propiciam a *tomada da palavra* (SERRANI, 1998) na língua do outro, possibilitada por uma identificação do sujeito com os sentidos que ela mobiliza. Essa inscrição implica também uma identificação com os modos de dizer na língua estrangeira, modos estes que se vinculam "à organização da língua no entrelaçamento com a ordem da língua"[1] (AIUB, 2018, p. 54) e que desestabilizam os modos de dizer da língua materna que se encontram enraizados no sujeito. Nesse sentido, o encontro com o outro e com outra ordem linguística produz um embate que exige um rearranjo dos modos de dizer desse sujeito que, como afirma Aiub (2018, p. 84), "não se dá de forma plenamente consciente, mas sim por um processo de identificação que faz estreita relação com o simbólico da linguagem". Em consequência, entendemos que os processos de identificação se mostram materialmente pelos modos de dizer desses sujeitos que, por sua vez, estão afetados por diversas projeções imaginárias de si e do outro que determinam seus discursos.

Levando estas reflexões para a área de interesse de nosso trabalho[2], isto é, os processos de identificação dos sujeitos brasileiros em condição de imigração em Buenos Aires, devemos considerar que o que se desestabiliza nesse processo migratório não é apenas a língua, mas

[1] Ampliaremos esta distinção entre ordem e organização a partir de Orlandi (2007c) no capítulo 3.

[2] Convém pontuar que dito interesse encontra-se em estreita relação com a minha própria condição de imigrante, elemento que logicamente atravessou e atravessa minhas reflexões e análises sobre o assunto. Muitas das inquietações para produzir este trabalho, sem dúvida, têm sua origem nas minhas próprias condições materiais e na minha própria experiência de estrangeiridade – no meu caso, a de uma argentina morando no Brasil –, que foi o que me motivou para indagar sobre a questão da imigração, mas de não qualquer imigração, mas especificamente na que se dá na relação entre o Brasil e a Argentina e que apresenta determinações particulares. A partir disso, interessou-me observar os processos de identificação que atravessam os sujeitos em condição de imigração, mas neste caso apontando para os brasileiros em Buenos Aires, procurando compreender como ditos processos se mostram nos discursos dos próprios imigrantes e como a experiência da imigração, que implica fundamentalmente a constituição de um sujeito do entremeio submetido a ordens diferentes, mexe na constituição subjetiva desses sujeitos, como eu, entre-línguas e entre-espaços.

também o espaço e a forma de se relacionar com os outros diante da exposição à alteridade. Dessa forma, entendemos que esses modos de dizer que se produzem a partir da inscrição na ordem da língua estrangeira ao falar sobre diversos objetos discursivos, funcionam como materialização dos processos de identificação dos sujeitos, com suas variadas nuances, não apenas em relação à língua, mas também em relação ao outro e à cidade.

Para iniciar nossa empreitada gostaríamos de destacar que este trabalho dialoga com muitos outros que há algum tempo vêm pensando a questão das migrações no campo teórico da análise do discurso de linha pecheuxtiana, iluminando diferentes aspectos desse complexo processo, tais como a subjetivação; os processos de identificação; a memória; o imaginário; os estereótipos; a reflexão em torno da língua materna, língua estrangeira, língua nacional; entre outros.

Ele se inscreve também no marco de outras pesquisas que, mesmo sem estar orientadas especificamente para o estudo dos fenômenos migratórios do ponto de vista discursivo, aportam elementos fundamentais para pensar os processos de identificação que estes implicam. Muitas destas pesquisas se ocupam de analisar esses processos em contextos de ensino-aprendizagem e assim, ao abordar a inscrição dos sujeitos na língua estrangeira, nos brindam ferramentas teóricas de grande relevância para propor deslocamentos que nos permitam pensar dita inscrição na ordem da imigração.

Nesse contexto, destacamos os trabalhos realizados no marco do Grupo de Trabalho em Análise de Discurso da ANPOLL (Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística), principalmente na linha de pesquisa Subjetivação e Processos de Identificação[3], que trouxe, como um de seus tantos resultados, a publicação, em 2016, do livro *Subjetivação e Processos de Identificação: sujeitos e línguas em práticas discursivas – inflexões no ensino*, organizado por Maria Onice Payer e María Teresa Celada. Essa linha de pesquisa se orienta pela compreensão da articulação entre os processos de subjetivação e os processos de inscrição dos sujeitos da linguagem em diversas línguas, práticas e contextos, no intuito de contribuir ao "(re)conhecimento de como a subjetivação e os processos de identificação vêm inflexionar-se nessa relação sujeito/língua considerando [...] a alteridade e a ordem significante" (PAYER; CELADA, 2016, p. 8) nos espaços de produção e circulação do conhecimento.

Entendendo que a produção de conhecimento é um processo necessariamente coletivo, gostaríamos de mencionar algumas das pesquisadoras que, no Brasil, desenvolveram trabalhos

[3] Atualmente chamada "Processos de subjetivação, identificação, cultura" e coordenada por Maria Cristina Leandro Ferreira, Maria Onice Payer e María Teresa Celada. Site: <http://anpoll.org.br/gt/analise-do-discurso/processos-de-subjetivacao-identificacao-cultura/>. Acesso em out. 2021.

nessa direção e que tomamos como referência para esta tese: Fabiele Stockmanns De Nardi (2007; 2009); María José Coracini (2003; 2007; 2010; 2011); Maria Onice Payer (2006; 2013; 2016); Maria Teresa Celada (2002; 2008a; 2008b; 2013); Marisa Grigoletto (2003a; 2003b); Mônica Zoppi Fontana (2005; 2016); Silvana Serrani-Infante (1997; 1998; 2000; 2003). Compreendemos que os trabalhos relevantes na área referida não se esgotam nesta enumeração, mas estamos mencionando apenas aqueles que foram fundamentais para a construção de nossa tese, principalmente no que diz respeito à reflexão sobre a inscrição do sujeito da linguagem na ordem da língua estrangeira e sua constituição como sujeito de entremeio.

Já em relação aos trabalhos que abordam especificamente a temática migratória observamos que, além daquelas obras que já constituem uma referência na área, como é o caso de *Memória da língua: imigração e nacionalidade* de Payer (2006), existem teses e dissertações mais recentes que mostram que a análise dos discursos *de* e *sobre* os imigrantes e a imigração vem ganhando terreno e, no contexto global atual, vai despertando cada vez mais interesse dentro do campo da Análise do Discurso e no âmbito da pesquisa em Ciências Humanas no Brasil[4].

Dentro desse panorama, nosso trabalho procura contribuir ao desenvolvimento das pesquisas sobre a temática no marco da AD e, ao mesmo tempo e dada a especificidade de nosso objeto de estudo, que ele se constitua como um gesto de integração no espaço da América do Sul.

Assim, visando analisar os processos de identificação dos sujeitos imigrantes brasileiros em Buenos Aires, nossos objetivos específicos serão: a) analisar as condições de produção específicas da imigração brasileira em dita cidade, no intuito de delimitar o marco sócio-histórico em que os discursos desses sujeitos são produzidos; b) observar as particularidades do

[4] Esses trabalhos abordam, sob a perspectiva da AD, problemáticas bem variadas em torno das questões migratórias. Alguns dos trabalhos consultados são: *Sujeitos à deriva: migração, refúgio e processos de subjetivação*, de Camila Borges dos Anjos (2021), focado nos discursos *de* e *sobre* imigrantes e refugiados ganeses, senegaleses, sírios, moçambicanos, haitianos etc. em Santa Catarina; *Fronteiras e imigrantes no discurso político eleitoral dos presidenciáveis nas eleições de 2014 no Brasil e de 2015 na Argentina*, de Gisele Souza Moreira (2021), que trabalha a questão da imigração se concentrando nos discursos dos presidenciáveis do Brasil e da Argentina *sobre* os imigrantes e a imigração. *O imigrante italiano no sainete argentino da primeira metade do século XX: Memória e estereótipo em um recorte da obra de Alberto Novión*, de Andrea Alves Rodrigues (2019), que aborda a representação do imigrante italiano nos textos teatrais portenhos do começo do século XX; *Corporeidade discursiva: os modos de dizer do sujeito no entremeio das línguas materna e estrangeira,* de Giovani Forgiarini Aiub (2018), em que analisa os modos de dizer do sujeito no entremeio das línguas materna e estrangeira; *O sujeito entre culturas: o espaço da diferença no encontro com o outro/Outro*, de Thaís Valim Ramos (2017), que analisa os discursos de brasileiros imigrantes em diversos países do mundo; *Contribuições da análise do discurso e da psicanálise para um estudo do sujeito migrante*, de Marcos Alves Lopes (2016), que aborda os discursos de sujeitos maranhenses como sujeitos imigrantes em Goiás. Finalmente, embora não seja tão atual, cabe acrescentar o trabalho de Marcos Aurelio Barbai (2008), intitulado *Discurso e identificação: o migrante brasileiro clandestino deportado*.

sujeito brasileiro em condição de imigração em Buenos Aires, procurando compreender os efeitos dessa estrangeiridade na forma de constituição discursiva de sua subjetividade e nos processos de identificação com o outro e com a cidade; c) analisar, nos modos de dizer desses sujeitos, o atravessamento do real, do imaginário e do simbólico e seu funcionamento; d) contribuir ao desenvolvimento metodológico no quadro teórico da análise do discurso de linha pecheuxtiana a partir de uma proposta de análise dos processos de identificação baseada na observação dos mecanismos presentes nos discursos e de seus efeitos; e) realizar um aporte aos estudos sobre imigrantes e imigração no campo teórico da AD, objetivando, particularmente, a promoção de pesquisas que apontem para um processo de integração no espaço latino-americano.

Convém frisar que falamos de *sujeito brasileiro em condição de imigração em Buenos Aires* na tentativa de marcar que se trata de um processo que é dinâmico e no qual se mostra como relevante a experiência vivenciada por dito sujeito nessa condição específica, num determinado momento. Por outro lado, temos que considerar que, na análise do discurso, o que nos interessa não são os sujeitos empíricos, mas o modo como eles se projetam discursivamente. Isso não implica ignorar o lugar social dos sujeitos, uma vez que ele determina seu lugar discursivo:

> [...] tanto o lugar discursivo é efeito do lugar social, quanto o lugar social não é construído senão pela prática discursiva, ou seja, pelo efeito do lugar discursivo. Isso significa dizer que ambos, lugar social e lugar discursivo, se constituem mutuamente, de forma complementar, e estão relacionados à ordem de constituição do discurso. (GRIGOLETTO, 2005, p. 6)

Além dessa interdependência, a importância da questão dos lugares radica em que eles determinam os sentidos. Como afirma Orlandi (2005, p. 39) “O lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz. Assim, se o sujeito fala a partir do lugar de professor, suas palavras significam de modo diferente do que se falasse do lugar de aluno”. Isso mesmo podemos pensar em relação a nosso objeto do estudo. Os sujeitos sobre os quais falamos, ditos por nós como “em condição de imigração”, assim o são como efeito de nosso olhar analítico a partir dos discursos que proferem durante uma entrevista realizada no marco de determinadas condições de produção, mas eles poderiam assumir outros lugares discursivos em outras condições (mãe, professor, estudante etc). Porém, o que nos interessa para o nosso trabalho é o lugar que eles assumem no discurso em sua condição de imigrantes. Levando em conta estas considerações, naqueles momentos em que, em prol de uma maior economia linguística, utilizemos termos como sujeito(s) imigrante(s) ou imigrante(s) brasileiro(s), será remetendo ao

lugar discursivo que eles ocupam nas condições de produção em que enunciam e no marco da formação social na qual se encontram, e não pensando em delimitar identidades fixas.

Feitas estas ressalvas, cabe assinar que os objetivos anteriormente expostos se entrelaçam com a reflexão sobre as seguintes perguntas: Como se manifestam discursivamente os processos de identificação dos sujeitos brasileiros em condição de imigração em Buenos Aires em relação à língua, ao outro e a seu espaço? De que modo as projeções imaginárias sobre si, sobre o outros e seus espaços afetam esses processos de identificação? Em que medida a experiência de imigração e a condição de imigrante afetam a constituição subjetiva do sujeito e suas práticas discursivas?

Abordar esses questionamentos implica, primeiramente, olhar para as condições de produção específicas da imigração dos sujeitos brasileiros em Buenos Aires, uma vez que a relação entre língua, sujeito e historicidade é indispensável para a compreensão dos processos de produção de sentido que, no nosso caso, se produzem a partir da inscrição desses sujeitos numa outra ordem nacional, cultural, linguística e política. Assim, no segundo capítulo, que segue a este primeiro capítulo introdutório, desenvolvemos um percurso histórico da imigração na Argentina atentando para a forma como os imigrantes foram discursivizados desde sua fundação como Estado-nação e como os discursos fundadores contribuíram para construir um determinado imaginário da identidade nacional e de como deveria ser a imigração desejada, alimentando assim uma memória que sustenta os dizeres sobre os imigrantes na atualidade. Estamos remetendo, nesse sentido, ao que Mariani (1998b) chama de *discurso sobre,* entendido como um discurso que objetiva aquilo sobre o que fala, o que redunda num distanciamento em relação com esse objeto. De acordo com a autora, os *discursos sobre* "atuam na institucionalização dos sentidos, portanto, no efeito de linearidade e homogeneidade da memória". Pensando especificamente no *discurso sobre* a imigração, Payer (2016, p. 347) acrescenta que "ele se estrutura com base no já-lá de uma organização social que é, antes de tudo, a nacional"; é por isso que nos parece relevante recuperar, nesse primeiro momento, certos discursos *sobre* os imigrantes que funcionaram na constituição da chamada "identidade nacional" e que continuam se atualizando até hoje, na medida em que compreendemos que eles afetam os discursos *dos* imigrantes, que é o que nos propomos analisar neste trabalho, principalmente nos capítulos 5 e 6. Assim, partindo da ideia de que o *discurso sobre* afeta o *discurso de* e vice-versa (ANJOS, 2021), acreditamos na importância de trazer a voz dos imigrantes porque nela se expressam, como afirma Payer (2016, p. 349), "outros lugares de dizer, nos quais (se) significa o sujeito que imigra, que trabalha, tem família, amigos, enfim,

que (sobre)vive". Quer dizer, uma voz que o *discurso sobre*, ao reduzir os imigrantes a objetos do discurso com determinados lugares pré-estabelecidos, tende a silenciar.

Também apresentamos nesse segundo capítulo uma caracterização da imigração na Argentina e elaboramos uma descrição das especificidades próprias da imigração brasileira em Buenos Aires, no intuito de oferecer um panorama abrangente que nos permita compreender as particularidades desse tipo de imigração e, em consequência, ter uma perspectiva mais ampla das condições de produção dos discursos desses sujeitos.

No terceiro capítulo propomos, por um lado, refletir sobre a noção de espaço e os deslocamentos que realiza a AD para pensar a questão da cidade como espaço de significação onde os sujeitos desenvolvem suas práticas discursivas e com a qual estabelecem movimentos de identificação. Por outro lado, debruçamo-nos sobre aspectos teóricos essenciais de nossa pesquisa, principalmente a questão da identificação, recorrendo aos postulados da psicanálise pelo viés lacaniano, dado que sustentamos, junto com Barbai, que

> Refletir sobre o funcionamento dos processos de identificação articulados pela psicanálise se faz importante, já que para nós, analistas de discurso, a ordem do inconsciente deve ser considerada quando se trabalha com a ordem da ideologia. [...] esse campo do conhecimento nos permite observar um trabalho com a fala, com os jogos imaginários e simbólicos da identificação." (BARBAI, 2008, p. 25)

Nesse sentido, desenvolvemos uma reflexão sustentada no diálogo entre a psicanálise e a AD, observando pontos de contato e afastamento em relação à noção de identificação e à constituição de um sujeito que, dividido entre consciente e inconsciente e afetado pela falta, vê-se afetado, na posição de imigrante, por novas faltas (da língua materna e/ou nacional, da cultura, do espaço, dos afetos, da memória etc.), que serão retomadas e discutidas no trabalho de análise do corpus. Por outro lado, entendemos que pensar o sujeito imigrante, sujeito do entremeio, e seus processos de identificação com o outro e com a cidade de chegada exige compreender o atravessamento dos registros do imaginário, do simbólico e do real, aos quais, como defendemos na AD, nenhum sujeito escapa:

> Salvo se contornarmos deliberadamente a existência do inconsciente, é hoje insustentável reduzir o simbólico a um pressuposto genético da lógica e da linguagem. Ele entra em relação específica com o real e o imaginário, determinando a subjetividade como efeito da interpelação de que o sujeito é o lugar, pelo viés da identificação. (GADET, HAROCHE, HENRY e PÊCHEUX, [1982] 2016, p. 64)

Portanto, propomos desenvolver teoricamente as dimensões do real, simbólico e imaginário da forma em que são trabalhadas pela psicanálise e reapropriadas pela AD, para um maior esclarecimento sobre o modo como abordaremos os processos de identificação nas análises e a noção de sujeito.

Cabe apontar que quando falamos em “processos de identificação” não os estamos compreendendo em termos binários de identificação/não identificação, uma vez que eles remetem ao conjunto complexo de modos de produzir essa identificação, a uma pluralidade de movimentos e tomadas de posição, com variadas nuances, equívocos, contradições etc. Embora esse conceito seja aprofundado no terceiro capítulo, é importante frisar, então, que quando ao longo do trabalho utilizamos o termo “processos de identificação” o estamos concebendo a partir desta complexidade, considerando as variadas formas que pode assumir essa identificação.

Para finalizar o capítulo, e considerando que a imigração que estamos estudando requer a inscrição do sujeito na língua estrangeira e em outras discursividades, propomos algumas reflexões sobre a relação entre as línguas que habitam o sujeito e como isso afeta a enunciação do brasileiro em condição de imigração em Buenos Aires.

No quarto capítulo, detalhamos os procedimentos metodológicos e analíticos adotados na pesquisa, assim como os instrumentos e as condições de produção do corpus, composto por sequências discursivas obtidas a partir de entrevistas realizadas a imigrantes brasileiros em Buenos Aires. Nessas sequências procuramos olhar para o funcionamento de diversos mecanismos discursivos, entendidos como marcas na materialidade da língua que nos permitem analisar os processos de identificação dos sujeitos, atravessados pelo imaginário, o simbólico e o real, observando os deslizamentos e efeitos de sentido que eles produzem.

Cabe salientar que as regularidades observadas na fala dos entrevistados em relação aos objetos de discurso nos permitiram organizar as análises em diversos blocos temáticos que se enquadram, ao nosso ver, em dois grandes eixos: de um lado, a identificação do sujeito imigrante com o(s) outro(s) – no caso, os portenhos, sujeitos do (não) acolhimento –; e do outro, a identificação do sujeito com o espaço da cidade de Buenos Aires.

Dessa forma, no quinto capítulo nos debruçamos sobre as análises do primeiro eixo, isto é, os processos de identificação dos sujeitos brasileiros em condição de imigração com o outro. Nele observamos que, ao falar de si e do outro, os sujeitos colocam em jogo diversas projeções imaginárias que, em alguns casos, respondem à vivência da experiência migratória e, em outros, funcionam para reproduzir determinadas imagens estereotipadas que acabam gerando um efeito de distanciamento. As regularidades observadas no corpus nos orientam, neste capítulo, a delimitar determinados objetos discursivos sobre os quais os sujeitos falam, como são as relações pessoais, a afetividade, a amizade, dentre outros, que fazem surgir metáforas espaciais tais como a barreira, a casa e o limite, que condensam simbolicamente a dicotomia entre a rejeição e o acolhimento. Em nosso gesto de interpretação identificamos certos mecanismos

discursivos, tais como o da comparação, a universalização, a repetição, a negação, a hesitação etc., que, além de expor as determinações da cena enunciativa e das condições de produção dos discursos, evidenciam, a partir do funcionamento do real, um desejo de aproximação e pertencimento que não é satisfeito.

Finalmente, no sexto capítulo, abordamos as análises do segundo eixo proposto, ou seja, os processos de identificação dos imigrantes brasileiros tomando como objeto dessa identificação o espaço da cidade de Buenos Aires. Com esse intuito, observamos de que forma os sujeitos, na sua busca pelo pertencimento a esse espaço, imprimem no discurso as marcas de sua inscrição na cidade e mostram, através de diversos mecanismos, de que modo são afetados por ela, lembrando que essa inscrição exige realizar, no dia a dia, práticas discursivas na língua do outro. Nos dizeres desses sujeitos sobre a cidade observamos o funcionamento de determinadas projeções imaginárias que tentam mascarar a dimensão da falta própria do simbólico e do real, mas que acabam expondo contradições que exibem o lacunar entre a cidade imaginada e a cidade vivida. Para finalizar, propomos ampliar a discussão sobre as projeções imaginárias realizando um deslocamento dos discursos sobre a cidade para os discursos sobre o nacional e sobre a particular relação de rivalidade especular (ZOPPI FONTANA, 2016) entre o Brasil e a Argentina.

2 A HISTORICIDADE COMO MARCO DE INTERPRETAÇÃO DOS PROCESSOS MIGRATÓRIOS

A partir da nossa inscrição teórica na análise do discurso, entendemos que a relação entre língua, sujeito e historicidade é indispensável para a compreensão dos processos de produção de sentido, que sempre se dão no marco de uma determinada formação social. Dessa forma, os dizeres dos sujeitos brasileiros em condição de imigração em Buenos Aires sobre si mesmo, sobre o outro e sobre a cidade de chegada, que é o que pretendemos analisar, inscrevem-se na história de constituição de sentidos que é conformada por diversos processos discursivos que se relacionam uns com outros e que, no caso do assunto que nos interessa, tem a ver também com a inscrição do sujeito em uma outra ordem nacional, cultural, linguística e política sustentada por discursos fundadores (ORLANDI, 1993) que construíram um imaginário de como deveria ser a identidade e as características de um país em processo de consolidação e, também, de como deveria ser a imigração desejada.

O trabalho com a historicidade implica compreender que todo e qualquer discurso se insere em uma ampla rede de memória discursiva. A Argentina possui uma longa história em matéria de imigração e, logicamente, desde sua fundação como Estado-nação a imagem do imigrante foi discursivizada de diferentes formas. Portanto, neste capítulo procuraremos retomar alguns desses discursos, apresentando seu contexto histórico e ideológico, no intuito de compreender como eles "teceram e homogeneizaram a memória de uma época" (MARIANI, 1993, p. 41). Nesse sentido, consideramos que reconstruir as condições de produção da imigração na Argentina é relevante para interpretar os dizeres dos sujeitos brasileiros, que são afetados por essa historicidade.

Em um primeiro momento, estabeleceremos uma distinção entre diversas noções relacionadas com os processos migratórios, tais como migrante, imigrante, estrangeiro, expatriado e refugiado, para delimitar o que entendemos por cada uma delas e identificar as que resultem mais relevantes para nosso trabalho.

Por outro lado, entendendo que os processos migratórios implicam, no caso que analisaremos, uma desterritorialização de um sujeito filiado a uma ordem nacional e uma reterritorialização (cf. ECKERT-HOFF, 2016, p. 226) numa ordem nacional diferente, consideramos relevante tecer algumas reflexões sobre a dimensão política da imigração e sobre a relação desse sujeito do entremeio (cf. CELADA; PAYER, 2016, p. 29) com o político[5].

[5] Estamos compreendendo o político de acordo com a definição de Guimarães (2005, p. 16), isto é, como "fundamento das relações sociais, no que tem importância central a linguagem" que se caracteriza "pela

Posteriormente, faremos uma breve retomada da história da imigração na Argentina, pois entendemos que isso nos ajudará a reconstruir uma memória histórica e discursiva que sustenta os dizeres de/sobre os imigrantes na atualidade. Dentro desse marco, faremos especial menção ao texto de Juan Bautista Alberdi, *Bases y puntos de partida para la organización política de la República Argentina*, explicando por que ele se inscreve dentro do que Orlandi (1993) chama de "discurso fundador", e analisaremos o confronto entre a projeção imaginária do imigrante sustentada pelos discursos fundadores – como o de Alberdi – e o desenvolvimento dos fatos históricos que levaram a gerar um determinado tipo de imigração diferente da imaginada, e, com isso, produzir deslocamentos de sentidos em torno da forma de significar a imigração e o imigrante.

Junto com isso, aportaremos e analisaremos alguns dados concretos para realizar uma caracterização demográfica da imigração na Argentina e, posteriormente, elaboraremos uma descrição das especificidades próprias da imigração brasileira em Buenos Aires, baseada nos dados demográficos e estudos acadêmicos disponíveis. Com isso, pretendemos realizar um panorama multidimensional que nos permita compreender as particularidades desse tipo de imigração e, em consequência, ter um panorama mais amplo das condições de produção dos discursos desses sujeitos.

2.1 DELIMITANDO NOÇÕES: OS PROCESSOS MIGRATÓRIOS E SUAS MÚLTIPLAS REALIDADES

Os processos migratórios são fenômenos complexos que envolvem diversas dimensões: política, geográfica, histórica, social, econômica e, logicamente, também linguística. Como resultado do entrelaçamento dessas múltiplas dimensões é que vão se tecendo as histórias dos sujeitos que, por diversos motivos, deixam sua terra para morar de forma mais ou menos permanente em outro espaço.

Os modos em que esses processos se realizam também são múltiplos, é por isso que concordamos com Barbai (2008) quando diz que falar de imigração de modo genérico é impossível, dada a quantidade de tipos diferentes de migrantes e migrações. Em um extremo, migrações forçadas, sujeitos empurrados pela pobreza, a guerra ou a perseguição, fugindo do horror e na busca pela sobrevivência; no outro, migrações não forçadas de sujeitos sonhando com um futuro melhor, migrando por amor, trabalho, estudo, ou simples curiosidade; e no meio,

contradição de uma normatividade que estabelece (desigualmente) uma divisão do real e a afirmação de pertencimento dos que não estão incluídos".

toda uma gama heterogênea de vivências, situações e motivações que compõem esse vasto cenário dos processos migratórios.

Os termos que utilizamos para nomear todas essas realidades, tais como migrante, imigrante, emigrante, estrangeiro, expatriado, refugiado, entre outros, muitas vezes confundidos entre si, não parecem ser suficientes para abarcar essa multiplicidade e não pretendemos aqui realizar uma análise exaustiva dessas denominações, uma vez que não é o foco de nosso trabalho. No entanto, é considerando essa complexidade que julgamos pertinente desenvolver, embora que brevemente, uma reflexão sobre certos termos vinculados ao âmbito das migrações, no intuito de justificar a eleição daqueles que utilizaremos em nosso trabalho por entender que são os que respondem melhor à especificidade da situação de migração dos sujeitos cujos discursos serão analisados.

Como dissemos, as nomeações como migrante, imigrante, emigrante, estrangeiro, expatriado, refugiado tocam em maior ou menor medida, a área de interesse de nosso trabalho, e, apesar da relação semântica que existe entre elas - visto que se referem a fenômenos vinculados a deslocamentos físicos -, são, sem dúvida, categorias de diferente índole. A princípio, é importante destacar que elas expõem tomadas de posição diferentes de acordo com determinadas referências espaciais e temporais que são variáveis. Sendo assim, um mesmo sujeito empírico pode transitar entre essas diversas nomeações, o que mostra também que elas acabam sendo sempre provisórias. Podemos afirmar, por exemplo, que um brasileiro morando na Argentina é um imigrante dentro desse território, mas é um emigrante do Brasil. Ao mesmo tempo, é um estrangeiro no vizinho país, da mesma forma que o é um turista que vai de férias, sendo que, neste último caso, ele não é um imigrante e, portanto, também não é um emigrante do Brasil.

De acordo com o sentido dicionarizado, o termo *migrante* refere-se àquele que migra ou que muda de região ou de país. Quer dizer, o que caracteriza o migrante é o movimento, o deslocamento de país ou região, sem colocar o foco necessariamente no lugar de origem ou na nacionalidade do sujeito, uma vez que uma migração pode ocorrer entre regiões de um mesmo país – em cujo caso se fala de migrações internas – ou entre diversos países ou regiões que não incluem a nação ou a região de origem do migrante.

De acordo com o ponto de referência a partir do qual observamos esse processo de migração podemos falar de *emigrante* ou *imigrante*. Conforme o sentido estabilizado, o termo *emigrante* define-se como “quem emigra”, e *emigrar* como “deixar um país para ir estabelecer-se em outro” (FERREIRA, 2010). Por sua vez, *imigrante* se refere à pessoa que imigra, estabelecendo-se em um país estrangeiro, definindo o verbo *imigrar* como “Entrar (num país

estranho) para nele viver" (FERREIRA, 2010) ou "Estabelecer-se em país estrangeiro, em geral para nele viver" (MICHAELIS, 2021), o que denota o caráter mais ou menos permanente dessa mudança, independentemente das motivações que tenham causado esse movimento. A migração envolve, assim, tanto a emigração quanto a imigração, e a eleição de um ou outro termo dependerá do ponto de vista onde nos coloquemos, seja este o país natal de onde o indivíduo parte ou o país aonde ele chega e permanece. Trata-se, logicamente, das duas caras da mesma moeda: um indivíduo emigra de um país e torna-se imigrante no país de destino. Apesar de se tratar de duas noções intimamente ligadas, não podemos deixar de observar que nas definições de *imigrante* e *imigrar*, diferentemente de *emigrante* e *emigrar*, aparecem os termos *estranho* e *estrangeiro*, noções bem significativas para o nosso trabalho que procuraremos aprofundar a partir do olhar da psicanálise.

Convém assinalar que as definições que trouxemos dos dicionários constituem uma aproximação muito primária e básica aos conceitos com que estamos trabalhando aqui, pois respondem ao funcionamento próprio do dicionário como instrumento linguístico que garante a unidade imaginária da língua e a provê de uma realidade, sob o efeito de completude e de uma suposta neutralidade (ORLANDI, 2000). Trata-se, portanto, dos sentidos que circulam socialmente e que se encontram cristalizados. No dicionário, como demonstra Nascimento (2019), eles ficam reduzidos a uma definição semanticamente estabilizada que produz um efeito de evidência, apagando o fato de ela ter sido produzida por um sujeito lexicógrafo que enuncia, a partir de uma determinada posição numa formação discursiva, mas sob a ilusão da transparência dos sentidos. O autor afirma, assim, que:

> Para compreendermos os sentidos em jogo na definição do dicionário, temos que levar em consideração as condições sócio-históricas e a posição ocupada pelo sujeito para então compreendermos as filiações discursivas às quais esse enunciado está relacionado. Em todo processo de definição, há uma memória que joga na relação entre o dito e o não-dito na produção de efeitos de sentido. O intradiscurso (formulação do dizer) funciona na sua relação com o interdiscurso (a memória do dizer). O sujeito lexicógrafo, a partir de uma posição-sujeito, ao enunciar uma definição, faz intervir um campo da memória do dizer, recortando e atualizando determinadas filiações. (NASCIMENTO, 2019, p. 80)

É a partir dessa compreensão que consideramos, filiados à análise do discurso, que, apesar da pretensão estabilizadora das definições dos dicionários, os sentidos das palavras sempre podem ser outros. Em vista disso, eles podem trazer algumas considerações interessantes para, a partir daí, produzir os deslocamentos necessários que nos ajudem a compreender a complexidade de um fenômeno como o da imigração que não pode ser reduzido à simples entradas e saídas de territórios.

De fato, uma das questões que nos interessa pontuar é que esse fenômeno não pode ser definido sem considerar seu caráter político, uma vez que a mudança de país, explicitada nas definições de emigrante e imigrante, implica, na estruturação geopolítica atual, o atravessamento de fronteiras e o ingresso a um Estado-nação, isto é, a entrada em um território delimitado, com suas características próprias: leis, governo, organização sociopolítica, história, língua, cultura etc. Isso implica, de acordo com Sayad (1998, p. 265), considerar "a ordem da migração em seu duplo componente da ordem da emigração e da ordem da imigração" ligada a duas ordens nacionais relacionadas entre si, o que demanda compreender, segundo o autor, o caráter político das migrações.

Os pares emigração/imigração ou emigrante/imigrante implicam, também, considerar a polarização que existe entre a presença/ausência dentro e fora de um espaço, mas não acaba por aí, dado que esse primeiro conjunto de opostos pode derivar para outras polarizações que se mostrarão fundamentais para o nosso trabalho: estrangeiro/nativo; aqui/lá; nós/eles; língua materna/língua estrangeira. Na perspectiva de Sayad (1998), podemos acrescentar também a dicotomia entre "nacional" e "não-nacional", uma vez que a imigração é entendida como a presença no seio da ordem nacional de indivíduos não-nacionais e a emigração como a ausência da ordem nacional.

Por outro lado, levando em conta que se trata de categorias que envolvem deslocamentos de fronteiras de diferentes Estados-nação, devemos considerar que existem definições de ordem institucional, marcos regulatórios e regimes internacionais que procuram, também, delimitar as concepções em torno dos termos aqui mencionados. Assim, embora do ponto de vista do direito internacional não exista uma definição de *migrante* universalmente aceita, a Organização Internacional para as Migrações (OIM ou IOM, segundo a sigla em inglês)[6] estabelece, no seu glossário publicado em 2019, a seguinte definição:

> **Migrante**
> Termo guarda-chuva, não definido no direito internacional que, por seu uso comum, designa a toda pessoa que deixa seu local habitual de residência, seja dentro de um país ou cruzando uma fronteira internacional, temporária ou permanentemente, por diversas razões. O termo inclui uma série de categorias jurídicas bem definidas de pessoas, tais como migrantes laborais; pessoas cujo particular modo de translado está juridicamente definido, como os migrantes contrabandeados; assim como aquelas pessoas cujo status ou tipo de translado não estão expressamente definidos no direito internacional, como os estudantes internacionais. (OIM, 2019, p. 132, tradução nossa)

Observamos que essa acepção, bem mais ampla do que a dos dicionários, inclui aspectos como o do caráter temporário ou permanente da migração, a possibilidade de diferentes

[6] A OIM é uma organização intergovernamental associada às Nações Unidas (ONU) que foi criada em 1951 e se ocupa de trabalhar em problemáticas vinculadas com as migrações a nível mundial.

motivações do deslocamento e até as diferentes categorias jurídicas dos traslados e dos migrantes que, dependendo de diversas variáveis, poderão ser classificados em diferentes subcategorias, tais como: migrante em situação regular, migrante em situação irregular, trabalhador migrante, migrante em situação vulnerável, migrante contrabandeado, entre outras. Embora não seja nosso intuito fazer uma discussão aprofundada dessas classificações, consideramos que questões como a duração, a causa e o estatuto jurídico do indivíduo formam parte das condições de produção de migração e, em virtude disso, é importante considerar esses aspectos, na medida em que eles influenciam nas expectativas, medos e desejos dos sujeitos e, portanto, na posição subjetiva que eles assumem e nos processos de identificação desenvolvidos.

Em relação às definições de *imigrante* e *emigrante* oferecidas pela OIM, notamos que nela o foco está posto na perspectiva de observação do fenômeno:

> **Imigrante**
> Da perspectiva do país de chegada, pessoa que se desloca para um país diferente ao da sua nacionalidade ou de residência habitual, de maneira que o país de destino se converte efetivamente em seu novo país de residência habitual. (OIM, 2019, p. 109-110, tradução nossa)

> **Emigrante**
> Da perspectiva do país de saída, pessoa que se desloca do país de nacionalidade ou de residência habitual para outro país, de maneira que o país de destino se converte efetivamente em seu novo país de residência habitual. (OIM, 2019, p. 74, tradução nossa)

Essas definições pouco dizem sobre as razões do deslocamento que constitui a emigração/imigração, o que é lógico considerando que se trata apenas de definições gerais ou, como é apontado na definição de *migrante* da OIM, de termos guarda-chuva. Vale a pena, portanto, diferenciar esses termos de outros dois que, embora estejam associados a movimentos migratórios – de fato, formam parte de qualquer estudo estatístico migratório – envolvem condições particulares: trata-se dos conceitos de *refugiado* e *expatriado*. Esses fenômenos não serão especificamente analisados neste trabalho, mas nos servem, por exclusão, para delimitar melhor o que será o nosso foco de interesse.

No caso dos *refugiados*, cabe destacar que se trata de uma categoria que possui um estatuto jurídico diferente ao do imigrante em virtude do Direito Internacional dos Refugiados, inaugurado na Convenção de Genebra de 1951, que define como refugiado à pessoa que

> [...] em razão de fundados temores de perseguição devido à sua raça, religião, nacionalidade, associação a determinado grupo social ou opinião política, encontra-se fora de seu país de origem e que, por causa dos ditos temores, não pode ou não quer fazer uso da proteção desse país ou, não tendo uma nacionalidade e estando fora do país em que residia como resultado daqueles eventos, não pode ou, em razão daqueles temores, não quer regressar ao mesmo. (ACNUR, art.º 1.º - A, n.º 2, de 1951)

Dessa forma, a definição de refugiado abarca realidades e processos complexos que excedem os limites deste trabalho dado que, embora do ponto de vista do país de recepção esses indivíduos formem parte das estatísticas de imigração, eles conformam um status particular amparado pelo direito internacional que não é o de qualquer imigrante. Nesse sentido, podemos afirmar que todo refugiado é um imigrante, mas nem todo imigrante é refugiado. Isso não significa, cabe aclarar, que todo imigrante abandone seu país de forma absolutamente voluntária e não forçado direta ou indiretamente pela conjuntura política ou socioeconômica que lhe rodeia. Quer dizer, a lei nem sempre acompanha em tempo e forma o desenvolvimento dos conflitos internos que atravessam os diferentes estados e, diante de determinados contextos políticos, os indivíduos podem tomar decisões que envolvem uma migração empurrados por um contexto nacional adverso e/ou perigoso para sua integridade ou para o desenvolvimento normal de suas atividades, sem por isso se transformarem em refugiados.

No nosso trabalho, não nos focaremos nesse tipo de imigrantes pois entendemos que, pelas condições de produção da migração, os processos de identificação e subjetivação que um refugiado atravessa são de ordens bem diferente às daqueles sujeitos que realizam sua migração de modo não forçado, pois envolvem elementos e aspectos fundamentais ao ponto de constituírem fenômenos de análise com especificidades próprias que requereriam o desenvolvimento de uma tese diferente. Mesmo assim, consideramos importante fazer essa delimitação do que o termo *refugiado* implica pois, embora não seja o nosso objeto de estudo, não ignoramos as múltiplas realidades vinculadas aos fenômenos migratórios.

Já em relação ao termo expatriado, consideramos oportuno fazer algumas ressalvas. Por um lado, de acordo com os dicionários consultados, o expatriado é definido como "Que, ou aquele que sofreu a pena de expatriação, ou que se expatriou; exilado" (FERREIRA, 2010) e "pessoa que foi expatriada ou se expatriou, que vive, voluntariamente ou não, fora de seu país" (AULETE; VALENTE, 2021). Pode-se observar que as definições contemplam a expatriação como um processo que pode ser forçado ou produto da própria vontade, como o confirmam as definições do verbo *expatriar*: "Obrigar (alguém) a sair da pátria, ou sair dela voluntariamente, para ir estabelecer-se em outro país; DESTERRAR; EXILAR" (AULETE; VALENTE, 2021); "[1]. Expulsar da pátria; exilar, desterrar, banir. [2] Ir para o exílio. [3] Ir residir em país estrangeiro" (FERREIRA, 2010). Chama a atenção, nessa primeira aproximação do termo, a atribuição de sentidos tão dissimiles entre si, ao ponto de que, por um lado, aponta para uma punição através da qual o sujeito é expulso, desterrado de seu país, obrigado a ir embora. Mas, por outro lado, também se considera expatriado a pessoa que sai de seu país voluntariamente para estabelecer-se em outro. Vemos, assim, que nessas definições não se estabelece *a priori* o

caráter voluntário ou involuntário da migração, uma vez que qualquer das duas possibilidades estaria dentro do alcance do significado do termo. Sendo assim, qual seria a diferença com *imigrante*? Qual a especificidade do *expatriado*?

A definição adotada pela OIM aporta ainda outros significados:

> **Expatriado**
> Pessoa que renuncia voluntariamente a sua nacionalidade.
> Nota: O termo também se utiliza coloquialmente para designar aos nacionais que têm estabelecido sua residência em um país estrangeiro, como os funcionários de empresas multinacionais ou os funcionários públicos internacionais. A definição anterior conserva a forma em que alguns países usam o termo na sua legislação nacional, de acordo com a qual a expatriação implica a renúncia voluntária à nacionalidade ou cidadania e, portanto, a extinção absoluta de todos os direitos civis e políticos garantidos por dita nacionalidade ou cidadania a partir de data em que acontece esse ato. (OIM, 2019, p. 83, tradução nossa)

Surge nessa definição uma questão que não estava contemplada nas acepções dos dicionários, a da renúncia voluntária à nacionalidade. Em outras palavras, assume-se uma posição em relação com o caráter voluntário da expatriação, mas ao mesmo tempo, se diferencia da imigração pelo fato de implicar a renuncia à nacionalidade, o que logicamente não acontece com o tipo de imigração com a qual vamos trabalhar. Ao mesmo tempo, a nota que acompanha o verbete traz alguns esclarecimentos que mostram que a definição responde à realidade de alguns países específicos – não mencionados – nos quais se pode dar, de acordo com a legislação nacional, esse fenômeno de renúncia que implica a extinção dos direitos civis e políticos no país de origem. A nota traz também um novo significado para o termo, identificado como um coloquialismo, que se refere à forma em que se designa a funcionários públicos internacionais ou de empresas multinacionais que se mudam para exercer sua função em outro país.

Como podemos observar, a noção de expatriado carrega um caráter bastante polissêmico que chega, inclusive, a apontar para características que podem ser contraditórias entre si. No entanto, interessa-nos fazer um destaque sobre a última acepção comentada a partir das discussões propostas por Ramos (2017), quem na sua tese afirma que, além das definições do dicionário, o termo expatriado é também utilizado no âmbito corporativo, onde sofre um deslizamento de sentido: “Embora o termo de origem latina qualifique alguém sem pátria, esta designação, usada no mundo dos negócios, implica um vínculo com o país de origem devido à ligação com a empresa que proporcionou sua mudança” (RAMOS, 2017, p. 117). De fato, na atualidade, o sentido vinculado à mudança de país por conta de um traslado dentro de uma companhia vigora sobre aquele associado à expulsão de um país ou à renúncia da nacionalidade. Nesse sentido, a autora considera que o expatriado não é um simples imigrante, embora existam

imigrantes que também realizam sua mudança por motivos de trabalho. A especificidade do expatriado seria, no sentido que estamos abordando aqui, que ele conta com toda a assistência de uma empresa, em geral de grande porte – ou de um governo, no caso dos funcionários públicos internacionais –, que dá suporte nesse processo de deslocamento, fazendo-se responsável, em muitos casos, de assuntos fundamentais como moradia, assessoramento jurídico e migratório, custeio de passagens, seguro médico etc. Isso sem dúvida oferece um conforto e uma segurança para o indivíduo que nem todos os imigrantes têm, e que o coloca em uma posição privilegiada.

Todos os termos analisados até agora implicam uma outra noção que se mostrará fundamental para nosso trabalho: a noção de *estrangeiro*. De fato, o (e/i)migrante, o refugiado e o expatriado compartilham a condição de ser estrangeiros em um determinado Estado-nação. A OIM apresenta a seguinte definição:

> **Estrangeiro:**
> Pessoa física que não possui a nacionalidade do Estado em cujo território se encontra. Nota: [...] O termo 'estrangeiro' se utiliza, em ocasiões, como sinônimo de 'forasteiro', 'não nacional' ou 'não cidadão'. Embora se trate de um termo que costuma ser utilizado em contextos jurídicos nacionais, tende a ter uma conotação negativa em outros contextos ao estabelecer uma distância artificial e implicar um sentido de alteridade. (OIM, 2019, p. 87, tradução nossa)

Mais uma vez, a definição propriamente dita traz um acercamento muito básico do termo, equiparável ao dos dicionários: "Indivíduo que não é natural do país onde mora ou se encontra" (FERREIRA, 2010); "Que é ou que vem de outro país" (AULETE; VALENTE, 2021); "Pessoa que não é natural do país onde se acha ou vive, e de cuja cidadania não goza" (MICHAELIS, 2021); "[1] Que é de outra nação. [2] Que não é nacional" (PRIBERAM, 2021).

De outra nação, de outro país, não nacional, que não pertence, que não possui, não natural. Essas regularidades que predominam nas definições exibem pela negativa a condição de estrangeiro marcada pela falta, pelo que não é. Uma ausência que não pode ser preenchida por vontade do sujeito, porque não pode deixar de ser o outro, o *estranho*. Essa palavra, inclusive, está na própria origem etimológica do termo, como consta no dicionário Michaelis e no Aurélio. Estrangeiro deriva do francês antigo *estrangier* (hoje *étranger*), que estava composta pela forma *estrange* (estranho) e o sufixo -ier. Aponta-se, também, que seria a palavra francesa resultado de uma evolução patrimonial do latim *extraenus* que significa "o que é de fora, desconhecido, não familiar". De fato, a base da raiz *extra* – da que derivam *extraño* em espanhol e *estranho* em português – significa "fora de".

Ramos (2017) destaca precisamente a relação dentro e fora presente nas definições dos dicionários, associando a concepção de não pertencimento a um espaço nacional que o sujeito

desconhece e do qual não compartilha os costumes, as leis, o idioma etc. A autora aponta também para a questão da permanência:

> Ao estrangeiro não está associado tempo de permanência, podendo-se inferir que o estrangeiro está ligado ao movimento, ao ir e vir sem vínculo com o local; já o imigrante supõe um tempo de permanência, busca um espaço para fixar residência, mesmo que temporária. (RAMOS, 2017, p. 109)

Seguindo as palavras da autora, podemos supor, inicialmente, que é justamente a presença ou ausência do vínculo com o local o que faz com que o significante *imigrante* carregue, dependendo das condições de produção, com um imaginário diferente do *estrangeiro*. Isso porque um estrangeiro que não é um imigrante é, geralmente, um turista ou um viajante ocasional. No contexto de uma economia global capitalista, esse estrangeiro é um passageiro que vai para um determinado país para consumir o que ele tem para oferecer: consome a gastronomia local e os espetáculos culturais ou esportivos; paga um hotel, passeios e excursões; compra produtos típicos e lembrancinhas e vai embora. Já o imigrante vai para fixar residência – mesmo que temporária –, vai ocupar um espaço, ter um emprego, talvez fazer uso de hospitais, universidades e serviços públicos. E isso, para certos grupos sociais, é uma ameaça e é imperdoável. No entanto, a OIM adverte na sua nota que o termo *estrangeiro*, ao implicar um sentido de alteridade, tende a ter uma conotação negativa, consideração que não é feita na entrada do termo imigrante, mesmo envolvendo também o sentido de alteridade.

As divergências apontadas não fazem mais que demonstrar que não existem sentidos únicos para as palavras, mesmo que o dicionário funcione imaginariamente como captura de determinados significados associados intrinsecamente às palavras. Tornam-se interessantes para nossa reflexão as palavras de Nunes:

> Definir uma palavra é atribuir uma unidade imaginária a uma porção do real, unidade que falha, desvanecendo-se logo e criando o desejo de complementação, de reformulação, de reedição, numa repetição que se desdobra na medida em que a história lhe dá lugar. Além disso, definir as "palavras" e suas significações é esquecer que se está definindo, ao mesmo tempo¸ o sujeito em seu lugar social: as palavras aparecem como se tivessem sentido em si mesmas, independentemente das relações entre os sujeitos (da intersubjetividade). A forma mais acabada desse esquecimento é a definição clássica: X é Y, que esquece que as palavras podem ter outros sentidos (NUNES, 2006, p. 22 apud NASCIMENTO, 2019, p. 78).

Dessa forma, reforçamos que os sentidos não estão nas palavras, mas na relação com a exterioridade, com a memória, com a historicidade, e é por isso que falamos do sentido dicionarizado do termo, na compreensão de que existem muitos outros que lhe escapam.

Na sua definição dicionarizada e institucionalizada, podemos dizer que o termo *imigrante* dá conta do movimento, do deslocamento de um lugar para outro com o objetivo de se estabelecer naquele local de forma mais ou menos permanente, enquanto o movimento do

"estrangeiro", por si só, não implica necessariamente uma alteração durável do local de residência. Como mencionamos acima, um turista pode estar de férias em um outro país por uns poucos dias sem por isso se tornar imigrante. Já ao contrário, um imigrante estabelecido em outra nação não perde sua condição de estrangeiro naquele local, mesmo tendo um visto permanente outorgado pela autoridade nacional. Existem casos, porém, em que pela aquisição de uma nova nacionalidade, o indivíduo pode deixar sua condição de "não-nacional" e adquirir os mesmos direitos dos cidadãos nativos, mas os limites estabelecidos pelas leis de uma determinada ordem nacional não se correspondem com as representações sociais que se configuram em torno desse sujeito que, mesmo trocando sua carteira de identidade, não pode mudar sua origem e sua história.

Sayad (1998) analisa, por exemplo, o caso da França, que por sua história de colonização na América Central e na África, e pela existência de colônias e ex-colônias, conta com cidadãos de nacionalidade francesa, que continuam sendo considerados imigrantes pelo fato terem nascido fora dos limites territoriais da França ou por serem filhos de imigrantes. Essa situação ficou exposta na Copa do Mundo de 2018, na qual a seleção francesa estava formada majoritariamente por filhos de imigrantes de origem africana que levaram o país ao triunfo desse campeonato[7]. Naquele momento, foi muito questionado o contraste entre a imagem de um time triunfante que integrava seus imigrantes (que, na verdade, não mais o eram, visto que muitos haviam nascido na França) e um contexto político e social francês – e europeu – de crescente xenofobia e racismo que encontrava seu reflexo no endurecimento das políticas anti-imigratórias.

Esse exemplo nos serve para evidenciar que as questões que estamos abordando, na conjuntura histórica e política atual, possuem uma complexidade que não é possível reduzir em umas poucas linhas e nos demanda um aprofundamento teórico que tentaremos realizar ao longo deste trabalho. Com esse intuito, começamos abordando algumas definições dos dicionários e do principal organismo internacional da área com um duplo objetivo: i) marcar um ponto de partida inicial para depois realizar um desenvolvimento teórico mais específico, a partir da perspectiva da análise do discurso francesa e da psicanálise, pois trata-se de palavras cujo significado vai além da pretensão de fixação lexicográfica e, inevitavelmente, produzem diferentes efeitos de sentido de acordo com a inscrição dos sujeitos em diversas formações

[7] Concretamente, apenas 6 jogadores eram franceses filhos de pais também franceses; 15 eram filhos de imigrantes provindos de colônias e ex-colônias francesas, principalmente africanas e do Caribe (Congo, Martinica, Guiné, Argélia, Mali, Senegal, Togo); e 2 naturalizados franceses, mas nascidos em Congo e Camarões.

ideológicas; ii) apresentar um panorama geral a respeito de certas nomeações relacionadas e às vezes confundidas entre si, mas que conservam sua própria especificidade, no intuito de delimitar nosso foco de atenção.

Em relação ao segundo ponto, podemos dizer que o nosso objeto de interesse se encontra, principalmente, na convergência entre as noções de *estrangeiro* e *imigrante*. Deixaremos de lado outras designações como as de *refugiados* e *expatriados* por entender que se trata de diferentes situações migratórias e condições de produção da imigração que implicam, por sua vez, distintos modos de subjetivação. No caso dos outros termos comentados no início do capítulo – *migrante* e *emigrante* – consideramos que eles se encontram incluídos na própria conceptualização de *imigrante*, por tratar-se de um processo de mão dupla que envolve a saída de uma ordem nacional e a entrada em uma outra ordem nacional onde o sujeito se tornará, ao mesmo tempo, imigrante e estrangeiro[8].

2.2 O POLÍTICO NA ORDEM DA IMIGRAÇÃO

Entendemos, junto com Sayad (1998), que a questão da imigração não pode ser analisada sem considerar juntamente a noção de nação e o que ela implica para a reflexão sobre a natureza essencialmente política da imigração. O autor argumenta que existe uma "dissimulação" do caráter político e dos efeitos políticos da emigração e imigração na medida em que, sendo o político monopólio exclusivo do nacional, o imigrante ficaria excluído não apenas da ordem nacional do país receptor – pelo fato de ser um não-nacional – mas também do país natal – pelo fato de ser um nacional ausente:

> Excluir e/ou excluir-se do político é o que fazem, por um lado, de direito, a imigração e, uma coisa leva a outra, os próprios imigrantes – em virtude da mesma concepção do político, sendo que a exclusão e a auto exclusão do político são a mesma coisa, pois ambas participam da mesma lógica e procedem do mesmo princípio: o indivíduo exclui-se daquilo de que é excluído e do qual sabe, quase que instintivamente, que está excluído; o indivíduo exclui a si mesmo antes de ser excluído e também para não ter de ser excluído; e, por outro lado, de fato, a emigração (que é, da mesma forma, igualmente e sempre uma emigração para fora de uma ordem política) e, com ela os emigrantes que com sua ausência ou sua deserção excluem-se ou são excluídos do político do qual são provenientes. (SAYAD, 1998, p. 269)

Dessa forma, o autor traz interessantes provocações para pensar na condição de imigrantes, uma vez que, de acordo com esta perspectiva, o efeito de "apolitização" da imigração levaria à negação (e auto-negação) do imigrante como sujeito político. Isso nos

[8] Exceto em condições migratórias particulares, como analisamos no caso da França, que não se ajustam ao nosso recorte de imigrantes brasileiros em Buenos Aires.

provoca vários questionamentos: O (e/i)migrante realmente perde sua condição de sujeito político? Ela se vê diminuída ou recortada? Quais elementos devemos olhar para responder a essas perguntas? Será que é suficiente que o sujeito esteja, por exemplo, habilitado para exercer seu direito ao voto, (no seu país de origem ou no país em que mora), para que ele mantenha sua condição de sujeito político? Está "autorizado" a se manifestar publicamente, a participar de movimentos políticos ou de manifestações? Mais uma vez, nem sempre a lei local, que pode ser mais ou menos aberta em relação a esses assuntos, determina a aceitação do imigrante como sujeito político e livre para se expressar nas diversas dimensões do político. Assim, esse direito fica, às vezes, em uma área difusa, em um território cinza.

Mesmo em países como Argentina, que do ponto de vista legal e oficial parece ser relativamente aberto em relação à imigração – especialmente se tratando de países do Mercosul, que gozam de um tratamento diferenciado em termos de políticas migratórias –, quando um estrangeiro opina sobre a política local, a resposta não se faz esperar: "se não gosta, volta para teu país". A condição de imigrante faz com que o dizer do sujeito seja questionado, não tanto pelo conteúdo desse dizer, mas pelo lugar social de imigrante. Porque, mais cedo ou mais tarde, será isso o que invalidará toda possibilidade de dizer, ameaçando assim sua condição de sujeito político. Ele não tem direito a opinar, porque ele é o outro, o estranho, o invasor, e fica assim submetido ao silenciamento, entendido como a dimensão política do silêncio (ORLANDI, 2007d)[9].

É claro que esse não é um fenômeno recente nem patrimônio exclusivo de alguns países e sabemos também que esse processo não se dá sem conflitos pois "não há dominação sem resistência" (PÊCHEUX, [1978] 2014, p. 281) e, em alguns casos, diante do silenciamento, o sujeito em condição de imigrante se recusa à exclusão política. No caso da Argentina, como veremos adiante, durante a grande imigração que teve lugar no final do século XIX e começo do XX, muitos imigrantes começaram a se manifestar, assumindo sua posição de sujeitos políticos. Os protestos foram fortemente questionados e reprimidos. A ameaça para a elite local, no final das contas, era que esses indivíduos alterassem o *status quo* a partir da propagação de

[9] Para colocar apenas um exemplo, vale a pena ler a matéria do jornal digital chileno *El desconcierto* na qual se relatam os insultos que recebeu o ator chileno Benjamín Vicuña, que mora e trabalha há muitos anos na Argentina, por ter feito uma declaração a favor de um dos candidatos presidenciais na eleição argentina de 2019. Os insultos recebidos não se referiam especificamente ao posicionamento político do ator, e sim ao fato de ele ser estrangeiro e, portanto, sem direito para opinar: "Volvete a tu país, mugriento. Y acordate (de) que si no fuera por nosotros, todavía serían esclavos de los españoles, rata. ¿Quién te pidió tu opinión, chanta?"; "Es usted chileno. Se ganó el odio del pueblo argentino. Vaya y trabaje en su país, deje de quitar trabajo argentino". Matéria completa assinada por Core (2019) disponível em: https://www.eldesconcierto.cl/nacional/2019/10/08/volvete-a-tu-pais-mugriento-los-insultos-xenofobos-que-recibio-benjamin-vicuna-tras-respaldar-a-alberto-fernandez.html. Acesso em jan. de 2020.

ideias revolucionárias, do questionamento dos privilégios e da pretensão de conseguir determinadas reivindicações trabalhistas. Nesse sentido, a questão do trabalho merece uma atenção especial, uma vez que constitui um elemento fundamental para pensar a imigração.

Por um lado, Sayad afirma que existe um interesse na reprodução do efeito de "apolitização", uma ilusão coletiva que se sustenta na própria base da imigração, e que disfarça como transferência de mão de obra o que na verdade é "transferência de cidadãos ou de indivíduos nacionais, logo, em última análise, de sujeitos políticos" (SAYAD, 1998, p. 278). Por outro lado, o autor destaca que essa ilusão coletiva se sustenta na ideia de provisoriedade. Isto é, na medida em que a imigração é associada à transferência de mão de obra e ao mercado de trabalho, o imigrante, diante da percepção da hostilidade, tenta se convencer de que sua condição é provisória. Porém, pela própria dinâmica das práticas migratórias não parece ser tão simples a determinação do sentimento de provisoriedade, pois percebe-se também que funciona nesse discurso uma construção baseada na questão da "oportunidade" que seria outorgada ao imigrante em termos de possibilidade de trabalho. Ou seja, ele migra à procura de uma oportunidade de trabalho melhor da que teria na sua terra, mas o preço que tem que pagar por isso é a aceitação sem questionamentos das condições que lhe são impostas, como se estivesse recebendo uma dádiva que o obriga a não reclamar, apagando assim o fato de que, na maioria dos casos, o imigrante vem suprir uma carência no espaço nacional do outro. Assim, a provisoriedade não é apenas um elemento que funciona para o imigrante "suportar" a hostilidade, mas, sobretudo, uma imposição do outro que lhe faz lembrar o tempo todo que sua condição é provisória, que está ali "de favor". Retomando essa tensão entre o caráter provisório e permanente da imigração, Barbai (2008, p. 88) afirma que seu estatuto é sempre provisório "já que o imigrante é o indivíduo des-territorializado por excelência. Esse traço de mobilidade lhe constitui sempre como um (des)locado". Ao mesmo tempo, esse deslocamento também modifica seu espaço de origem, já que ainda que volte para ele, esse lugar já não é mais o mesmo que ele deixou, pois assim como acontece com o sujeito, também se transforma a partir da imigração, o que intensifica o caráter de des-territorializado do imigrante. Neste sentido, vêm à tona as palavras da escritora argentina Sylvia Molloy, que reside há muitos anos nos Estados Unidos: "O meu é o lugar de quem volta para seu país e sente que pertence e ao mesmo tempo que não pertence porque, essencialmente, o fato de ter ido embora o coloca, para sempre, em outra parte"[10] (LENNARD, 2009, tradução nossa).

[10] Depoimento registrado numa entrevista ao jornal argentino *Página 12*. Disponível em: https://www.pagina12.com.ar/diario/suplementos/soy/1-1000-2009-09-25.html. Acesso em: nov. 2021.

A provisoriedade, por outro lado, está marcada do ponto de vista jurídico, pois é o Estado receptor quem decide as categorias de imigrantes e outorga, de acordo com uma classificação pré-definida, um tempo de permanência determinado ao imigrante, sempre que ele cumpra com as leis estabelecidas e sob a ameaça latente de expulsá-lo a qualquer momento. Estamos pensando em categorias que se encontram claramente normatizadas e que definem, por exemplo, a autorização ou não de vistos transitórios, temporários, permanentes ou qualquer outra categoria estipulada pelas leis dos diversos países ou, inclusive, que surgem pelos acordos entre países. No caso da Argentina, por exemplo, existe um tipo de trâmite específico para os imigrantes provindos de países de Mercosul, com menos requisitos em comparação com os que são exigidos a cidadãos de outros países[11].

Entendemos que o anterior se enquadra dentro do que Pêcheux ([1983] 2012, p. 30) chama de técnicas de gestão social dos indivíduos, isto é, aqueles procedimentos através dos quais procura-se "marcá-los, identificá-los, classificá-los, compará-los, colocá-los em ordem, em colunas, em tabelas, reuni-los e separá-los segundo critérios definidos". Rodríguez Alcalá (2003) observa o funcionamento dessas técnicas de gestão ao pensar denominações como êxodo rural, migrações internas, imigração e emigração. Em suas palavras, estamos diante de

> [...] designações de diferentes fenômenos – técnicos, administrativos, jurídicos etc. – que significam a legitimidade e possibilidade determinada pelo Estado de os sujeitos circularem pelos diferentes espaços e se fixarem neles: no interior da cidade, entre campo e cidade, entre Estados diferentes (espaços encaixados entre si, descontínuos, recobertos uns pelos outros). (RODRÍGUEZ ALCALÁ, 2003, p. 76)

Assim, a maquinaria administrativa do Estado contribui na construção do universo logicamente estabilizado de que Pêcheux (([1983] 2012, p. 34) fala e funciona para dar resposta à necessidade universal de um "mundo semanticamente normal, isto é, normatizado". Em relação com a imigração, o Estado, então, também administra os imigrantes através de diversas categorias e eles devem se submeter a essa lei do Outro, o que nos mostra que a provisoriedade da que estamos falando não está apenas no plano imaginário, mas também no simbólico que, como aponta Celada (2013) seguindo Lacan, pode ser entendido como práxis e como tratamento do real.

Por outro lado, a questão da permanência – que, como mencionamos, pode marcar uma diferença entre um imigrante estrangeiro e um estrangeiro não imigrante – não se manifesta

[11] Na Argentina existe ainda uma categoria chamada de "residência precária" que tem uma duração de três meses e se outorga aos imigrantes durante o processo de tramitação do seu visto, independentemente de que ele seja temporário o permanente. Essa residência permite manter o status legal do imigrante até que seu visto seja outorgado ou denegado. A denominação sem dúvida aponta não apenas para a questão da provisoriedade, mas também acentua o caráter instável e incerto dessa permanência.

sem contradições para o sujeito, muito pelo contrário, é um elemento constitutivo da condição de imigrante. Nesse sentido, Sayad afirma:

> [...] a imigração condena-se a engendrar uma situação que parece destiná-la a uma dupla contradição: não se sabe mais se se trata de um estado provisório que se gosta de prolongar indefinidamente ou, ao contrário, se se trata de um estado mais duradouro mas que se gosta de viver com um intenso sentimento de provisoriedade. (SAYAD, 1998, p. 45)

A colocação de Sayad é bem interessante para nossa discussão; devemos, no entanto, fazer duas ressalvas. Por um lado, entendemos que a questão de como o imigrante "gosta" de viver sua permanência no país do outro não é simplesmente uma questão de escolha pessoal do indivíduo, mas que deve ser compreendida a partir de uma visão mais abrangente dos processos migratórios e da permanência em diferentes espaços nacionais a cujas leis o imigrante se assujeita. Por outro lado, entendemos que existem diferentes realidades migratórias e que Sayad está analisando uma situação e um contexto específico que não é equiparável à situação dos brasileiros em Buenos Aires. Porém, não podemos negar que, mesmo não sendo o trabalho a única motivação para mudar de país, os imigrantes precisam trabalhar para se sustentar e isso, geralmente, deriva na rejeição dos cidadãos locais que sentem que seus próprios trabalhos são ameaçados, que podem ser "roubados" pelos imigrantes, especialmente em períodos de crise.

Sayad (1998, p. 54) sustenta o argumento de que, no final das contas, "um imigrante é essencialmente uma força de trabalho", mas faz uma interessante distinção em relação ao tipo de trabalho que ele realiza:

> [...] não é qualquer trabalho, não se encontra em qualquer lugar; ele é o trabalho que o "mercado de trabalho para imigrantes" lhe atribui e no lugar em que lhe é atribuído: trabalhos para imigrantes que requerem, pois, imigrantes; imigrantes para trabalhos que se tornam, dessa forma, trabalhos para imigrantes. (SAYAD, 1998, p. 55)

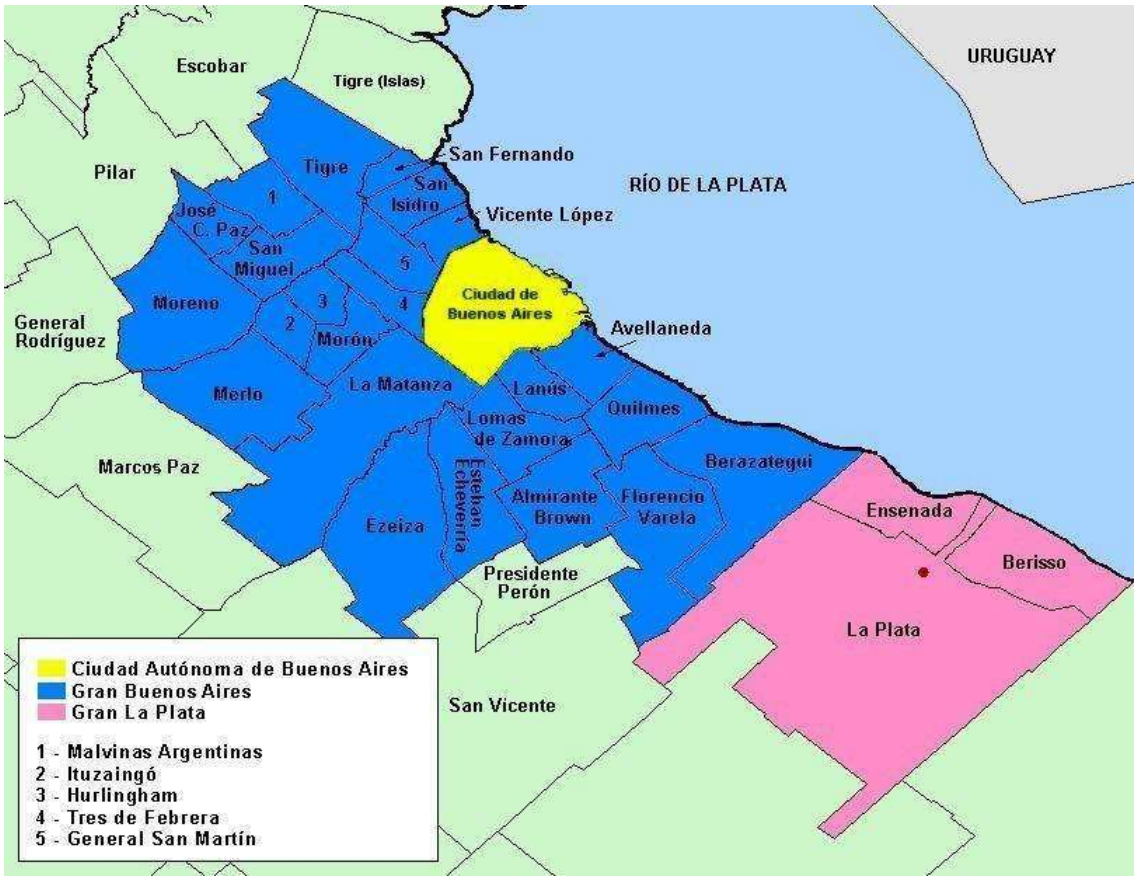
Isso se verifica em muitos casos em que os imigrantes realizam um tipo de trabalho que é menosprezado pelos cidadãos nacionais pelo fato de serem empregos menos valorizados ou pouco qualificados. Cabe esclarecer que, como mencionamos acima, Sayad analisa o caso da França, onde as condições de produção da imigração são bem diferentes das da Argentina e estão marcadas não apenas pela questão do trabalho, mas também pela colonização, uma vez que muitos imigrantes provêm das antigas colônias francesas.

Já a Argentina foi um país colonizado que recebeu uma massiva imigração europeia no final do século XIX e começo do século XX, mas que ao longo do tempo foi mudando para uma imigração marcadamente sul-americana. Nesse país, e pela própria composição social desses imigrantes, os "trabalhos para imigrantes" costumam ser realizados por populações em

situação vulnerável que, diante da necessidade, aceitam condições de trabalho informal com salários muito baixos.

Um estudo elaborado pelo *Ministerio de Producción y Trabajo*[12] da Argentina em 2018 destaca vários aspectos relacionados com os imigrantes e o mercado laboral que sustentam essas afirmações. Por um lado, cabe destacar que atualmente a maioria dos imigrantes que a Argentina recebe são de origem sul-americana e 80% desses imigrantes moram na Área Metropolitana de Buenos Aires (AMBA) – que constitui a região de interesse para nossa tese – composta pela Ciudad Autónoma de Buenos Aires (CABA), Gran Buenos Aires (GBA) e Gran La Plata (GLP), tal como o mapa indica:

Figura 1 – Área Metropolitana de Buenos Aires



Fonte: adaptada pela autora de <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Gran_buenos_aires.png>[13]

[12] Estamos nos referindo ao documento intitulado "Hermanos Latinoamericanos: Su inserción laboral en los aglomerados con mayor presencia migratoria", produzido pelo *Equipo de Estudios y Estadísticas sobre el Mercado de Trabajo de la Dirección General de Estudios Macroeconómicos y Estadísticas Laborales del Ministerio de Producción y Trabajo de la República Argentina*. Disponível em: <http://www.trabajo.gob.ar/downloads/estadisticas/insercion_laboral_trabajadores_migrantes.pdf>. Acesso em: jan. 2020.

[13] Acesso em: set. 2020.

O documento afirma que os trabalhadores imigrantes não têm dificuldades de acesso ao emprego, mas que as dificuldades residem nas condições a que se submetem para obter e manter esse emprego. Por exemplo, o nível de subemprego[14] é maior do que o dos nacionais e o emprego informal ou não registrado afeta a mais de 50% dos trabalhadores estrangeiros, enquanto a porcentagem de nacionais nessa condição é de 33%, apontando, assim, uma brecha de 17 pontos percentuais entre ambos os grupos.

Por outro lado, o informe aponta que, mesmo em situações migratórias de legalidade que, em teoria, garantiriam uma igualdade de condições dentro do mercado laboral, a mão de obra externa tende a ser complementar. Quer dizer, os imigrantes ocupam posições que os nacionais não ocupam ou o fazem em menor proporção. Se não fosse assim, argumenta o documento, deveria verificar-se um aumento do desemprego nativo junto com um aumento dos trabalhadores imigrantes, e essa situação não se observa nas estatísticas, o que derruba o mito de que os imigrantes chegam no país para roubar o trabalho dos nacionais. Vemo-nos assim ante o desafio de tentar compreender, então, como é que os discursos anti-imigratórios, sustentados em muitos casos em torno da questão da disputa pelo mercado de trabalho, continuam a se reproduzir ao longo dos séculos e em condições de produção muitos diferentes, como pode ser o caso da França que, como mencionamos, apresenta particularidades que a diferenciam da situação migratória na Argentina.

Ao mesmo tempo, consideramos que nos focar na imigração brasileira em Buenos Aires trará elementos significativos para pensar a imigração além dos problemas mais recorrentes que afetam à maioria dos imigrantes no contexto mundial atual, dado que, por motivos que analisaremos ainda neste capítulo, constitui um tipo de imigração com características próprias e ao mesmo tempo diferentes das de outros países sul-americanos. Se comparamos a imigração brasileira na Argentina com a imigração em países europeus ou nos Estados Unidos, um dos pontos a destacar é que, pela própria regulamentação do Mercosul, os brasileiros, assim como os nacionais dos outros países do Mercosul e dos Estados Associados[15], em geral não enfrentam situações de ilegalidade que com certeza teriam um grande peso nesses outros espaços. Atualmente, por exemplo, não se exige de um brasileiro que vai viver na Argentina que ele comprove emprego registrado ou laços familiares com residentes com visto permanente ou com

[14] Referimo-nos aos trabalhadores que trabalham menos de 35 horas semanais e que desejam trabalhar mais.

[15] Atualmente o Mercosul está integrado por Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai e conta com sete estados associados: Bolívia (em processo de adesão), Chile, Colômbia, Equador, Guiana, Peru e Suriname. Venezuela, que era membro pleno, no momento se encontra suspensa.

cidadãos nacionais; além disso, estabelece-se, pelo menos do ponto de vista legal, uma igualdade de direitos.

Em relação aos outros países sul-americanos, é notória a diferença quantitativa de presença de imigrantes brasileiros na Argentina em geral e, particularmente, na Área Metropolitana de Buenos Aires, como mostra a seguinte tabela:

Tabela 1 – País de origem dos imigrantes sul-americanos na AMBA (dados de 2017)

Países Sul-americanos	**Região Metropolitana de Buenos Aires**
Bolívia	20,0%
Brasil	1,6%
Colômbia	3,5%
Chile	3,7%
Paraguai	42,5%
Peru	14,7%
Uruguai	10,3%
Venezuela	3,3%
Outros	0,4%
Total	100,0%

Fonte: Argentina (2018, p. 11).

Cabe apontar que, a diferença de outros países sul-americanos, a migração brasileira não é predominantemente por motivos de trabalho, uma vez que há também motivações afetivas – e é possível que por isso não seja possível detectar uma onda migratória brasileira clara – e, mais recentemente, motivações ligadas à possibilidade de acesso à universidade. Ainda com relação ao emprego, o mercado de trabalho ao que se incorporam os imigrantes brasileiros não é similar, na sua maioria, ao dos outros imigrantes sul-americanos que se concentram

principalmente nos setores de comércio (18,8%), construção (18,7%), serviço doméstico (16,6%) e indústria têxtil, confecções e calçado (6,9%) (ARGENTINA, 2018). Cabe acrescentar que esses setores constituem os de maior precariedade laboral e menor qualificação, o que reforça a posição, já comentada, de Sayad (1998, p. 55), acerca do "mercado de trabalho para imigrantes".

Podemos observar, a partir da tabela 1, que a imigração brasileira é minoritária no contexto dos outros países sul-americanos. Isso, somado a outros elementos que caracterizam essa imigração especificamente, constitui parte das condições da imigração brasileira em Buenos Aires.

Mas antes de aprofundarmos sobre esses aspectos que constituem, logicamente, parte das condições de produção dos discursos que analisaremos neste trabalho, propomos fazer uma breve retomada da história da imigração na Argentina, pois entendemos que isso nos ajudará a reconstruir uma memória histórica e discursiva que sustenta os dizeres de/sobre os imigrantes na atualidade.

2.3 MERGULHANDO NAS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO: BREVE HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO NA ARGENTINA

A República Argentina tem sido, ao longo dos séculos, um país receptor de imigrantes. Mesmo antes das grandes migrações europeias, o território que hoje pertence a esse país foi alvo de deslocamentos de populações que contribuíram para consolidar sua fisionomia atual. Começando pelo período da Conquista Espanhola, com os movimentos que partiam da Europa e a transferência de africanos escravizados na época colonial, passando pela formação do Estado-nação, as ondas migratórias de finais de século XIX até chegar nos dias atuais, em que predominam as migrações de países limítrofes, Argentina possui uma longa história em matéria de imigração que tentaremos delinear aqui, sem a pretensão de fazer um estudo exaustivo, mas sim com o intuito de apresentar o contexto histórico e ideológico em que se inserem os discursos dos imigrantes brasileiros que analisaremos neste trabalho.

De acordo com Devoto (2003, *apud* MODOLO, 2016, p. 202), é possível identificar três grandes etapas na história da imigração argentina: 1) o período das primeiras imigrações, desde o século XVIII até 1880; 2) as imigrações massivas, desde 1881 até a Primeira Guerra; 3) e as imigrações contemporâneas, desde o fim da Primeira Guerra em diante. Entendemos que a eleição de começar essa classificação no século XVIII, quando o território do Vice-reinado do Río de la Plata pertencia ainda à Coroa Espanhola, responde ao fato de identificar o momento

prévio à conformação do Estado nacional independente que se dá a partir do marco histórico da Revolução de Maio, em 1810, o que levaria à independência argentina em 1816.

Em 1853 se publicou a primeira Constituição Nacional da República Argentina. Entre seus ideólogos, devemos mencionar a Juan Bautista Alberdi, quem um ano antes tinha publicado as *Bases y puntos de partida para la organización política de la República Argentina*. Nessa obra encontramos os fundamentos do que seria a posição sobre a imigração que foi posteriormente materializada no texto da Constituição. Isto é, o estímulo à imigração europeia através da proteção dos estrangeiros e a concessão dos mesmos direitos dos que gozavam os nacionais com o objetivo de povoar o território. Como afirma Rodrigues (2019), a forma em que esse território foi significado naquele momento da construção nacional constitui um elemento fundamental para compreender também a figura do imigrante. Sob o lema de Alberdi "Gobernar es poblar"[16], produziu-se uma significação do espaço como um imenso deserto que era necessário ocupar e tornar produtivo para o progresso da nação e criou-se uma projeção do imigrante como o europeu, letrado, culto, moderno que iria levar o país à modernização e ao mais alto da civilização. Celada (1993), ao analisar o discurso de Alberdi nas *Bases,* aponta que o deserto – enquanto substituição e condensação metafórica – apresenta-se nesse texto como evidência. Na mesma linha, Zoppi-Fontana (1993) acrescenta que na *metáfora do deserto* há uma relação entre a referência ao espaço, ao território e à denominação "pátria". Assim, a "pátria" era, no discurso de Alberdi, um espaço politicamente organizado.

Por outro lado, a imagem do europeu, do imigrante desejado, opunha-se ao imaginário do indígena que de fato habitava esse território supostamente deserto. Sobre eles, dizia Alberdi nas *Bases*:

> Quem conhece cavalheiro entre nós que se vanglorie de ser índio puro? Quem preferiria casar sua irmã ou sua filha com um fidalgo da Araucânia, e não mil vezes com um sapateiro inglês? Na América tudo que não é europeu é bárbaro: não há outra divisão do que esta: 1º, o índio, quer dizer, o selvagem; 2º, o europeu, quer dizer, nós, os que nascemos na América e falamos espanhol, os que acreditamos em Jesus Cristo e não em Pillán (deus dos indígenas). (ALBERDI, [1852] 1915, p. 83, tradução nossa)

É interessante notar a dicotomia nós/eles, que é bem significativa para pensar a relação entre nacionais e imigrantes, sendo apresentada de forma em que o *nós* não corresponde aos habitantes de uma mesma terra e sim a cidadãos de outro continente do qual o enunciador entende fazer parte, ainda que tenha nascido do lado de cá do Atlântico: *o europeu, quer dizer, nós, os que temos nascido em América e falamos espanhol*. O *outro*, mesmo sendo espacialmente mais próximo, é projetado como mais distante por estar separado pela cultura,

[16] "Governar é povoar".

pela língua e pela religião. E não é apenas um outro, é um outro considerado inferior, selvagem, bárbaro e que, portanto, nunca poderá ultrapassar a barreira para poder chegar a ser "um de nós":

> Façam passar o pobre, o *gaúcho*, o *cholo*, unidade elementar de nossas massas populares, por todas as transformações do melhor sistema educativo; em cem anos não farão dele um operário inglês, que trabalha, consome, vive digna e confortavelmente. Coloquem o milhão de habitantes que conforma a população média desta República no melhor nível de educação possível, tão instruído quanto o cantão de Genebra, na Suíça, como o estado mais culto da França: Terão com isso um grande e próspero Estado? Com certeza não: um milhão de homens em território confortável para 50 milhões, o que é senão uma população miserável? (ALBERDI, [1852] 1915, p. 90-91, tradução e grifos nossos)

Nesse trecho, vemos que não é apenas o indígena que é desprezado pela elite intelectual da época, mas também o são o *gaucho*[17] e o *cholo*[18]. Assim, o europeu é projetado imaginariamente como um ser humano mais elevado do que os outros e, junto com ele, também são elevados a uma categoria superior os valores que nessa representação são atribuídos a ele: civilidade, cultura, instrução, grandeza. Não é por acaso que até hoje os povos indígenas do continente americano são menosprezados e reduzidos à categoria que o escritor uruguaio Eduardo Galeano chamaria de "os ninguéns", aqueles que "não falam idiomas, mas dialetos. Que não praticam religiões, mas superstições. Que não fazem arte, mas artesanato. Que não praticam cultura, mas folclore" (GALEANO, [1989] 2013, p.59, tradução nossa)

Vemos assim que o momento de sentar as bases do que seria e como seria a nação argentina esteve pautado por uma explícita exaltação do europeu, representado de forma homogeneizada como o branco católico, fonte de origem dos cidadãos de bem que habitavam o solo argentino, de quem tinham herdado também a língua: o espanhol. O texto de Alberdi funciona assim como discurso fundador, definido por Orlandi (1993, p.7) como aqueles discursos que, em relação à história de um país "funcionam como referência básica no imaginário constitutivo desse país", através da reprodução de determinados sentidos apresentados como evidentes, repetidos historicamente e estabilizando-se na construção de uma memória nacional. A autora aponta que, assim como Nora aborda a questão dos lugares de memória como aquele inventário de espaços onde foi se encarnando a memória nacional (museus, monumentos, dicionários, emblemas, etc.), também os enunciados como os dos discursos fundadores cumprem essa função na medida que são "aqueles que vão nos inventando

[17] A denominação *gaucho*, na época, referia-se aos habitantes rurais independentes e nômades, descendentes de *criollos* e indígenas, que rejeitavam as normas sociais e a autoridade. Essa figura foi posteriormente ressignificada e, de certo modo, romantizada a partir da literatura gauchesca.
[18] Termo utilizado na época para se referir à população mestiça.

um passado inequívoco e empurrando um futuro pela frente e que nos dão a sensação de estarmos dentro de uma história de um mundo conhecido" (ORLANDI, 1993, p. 12), produzindo um efeito de permanência, de evidência.

Uma das características discursivas que Orlandi atribui aos discursos fundadores é que eles constroem um imaginário necessário para definir simbolicamente a um país em processo de formação, dotando-o de uma identidade. Porém, adverte a autora, não devemos pensar que o caráter fundador equivale ao estabelecimento de um ponto de origem, trata-se, na verdade, de um efeito. Isso porque, como aponta Celada (2002, p. 71), não há fundações em sentido absoluto, mas "pontos de condensação nos quais possa ser reconhecido [...] a precipitação e constituição de certos sentidos".

A autora estabelece uma distinção entre "fundador" e "fundacional" (CELADA 1993) interessante para pensar sobre as *Bases* de Alberdi. Ela aponta que esse texto se mostra como "fundacional" no sentido de que ele manifesta uma intenção de se constituir como fundador e se representa a si mesmo como tal, mas isso não é suficiente para se constituir efetivamente como fundador. Esse caráter, na verdade, é outorgado por diversos discursos posteriores. Em palavras de Orlandi, o discurso fundador instala as condições necessárias para a formação de outros discursos que, ao mesmo tempo, apontam para ele definindo-o como fundador. Assim, é a historicidade o que define o discurso fundador como tal, na medida em que "cria uma filiação de memória, com uma tradição de sentidos e estabelece um novo sítio de significância [...] que configura um processo de identificação para uma cultura, uma raça, uma nacionalidade" (ORLANDI 1993, p. 23-24).

As *Bases* de Alberdi têm, nesse sentido, uma função fundadora, na medida em que se trata de um texto que é apontado como fundador por outros discursos que falam sobre ele. Podemos mencionar, por exemplo, o caso do discurso de Raúl Alfonsín[19] analisado por Zoppi-Fontana (1993), cujos efeitos de sentido se sustentam, pelo funcionamento da memória discursiva, no discurso fundador da organização nacional promovido por Alberdi. Assim, nos termos de Celada (1993, p. 104), podemos pensar que sua eficácia fundadora "se vincula a uma relação determinada com a exterioridade (com o interdiscurso) e com o *Outro"*. O fato de Alberdi ser considerado um prócer, ter ruas e praças com seu nome, e ser estudado nas escolas argentinas, entre outras coisas, parece confirmar o caráter fundador de seu discurso. Inclusive recentemente foram publicadas na mídia algumas reflexões sobre a obra de Alberdi. No artigo

[19] Presidente da Argentina entre 1983 e 1989.

"La necesidad de volver a las bases de Alberdi"[20], seu autor, Adrián Ravier (2019), – que através do texto realiza uma férrea defesa do liberalismo econômico e do Estado mínimo –, o define como "um ator fundamental na conformação do estado argentino [...] que deixou as bases para que a Argentina empreendesse um caminho de desenvolvimento contínuo durante várias décadas" (tradução nossa).

O discurso das *Bases* de Alberdi representa também a perspectiva de época que se viu plasmada na Constituição Nacional de 1853, configurando assim uma realidade jurídica que iria marcar a posição oficial do país em relação aos imigrantes. No artigo 25 podemos ler:

> **Art. 25.** O Governo federal fomentará a imigração europeia; e não poderá restringir, limitar nem taxar com nenhum imposto a entrada no território argentino dos estrangeiros que venham com o objetivo de lavrar a terra, melhorar as indústrias, e introduzir e ensinar as ciências e as artes. (ARGENTINA, 1994, tradução nossa)

Vemos, assim, que o interesse explícito durante esse processo de consolidação da Argentina como Estado-nação independente estava em povoar o país com imigrantes europeus dispostos a trabalhar, produzir e ensinar as artes e as ciências, baseado isto em uma projeção imaginária do europeu como uma pessoa mais culta e mais instruída do que os próprios habitantes da Argentina que, nessa representação, seriam beneficiados com os conhecimentos e a instrução que os imigrantes iriam lhes prover. Porém, como analisaremos em seguida, essa projeção não teve correspondência com os imigrantes que efetivamente chegaram da Europa fugindo da pobreza e da fome, demonstrando que, contrariamente ao que a elite argentina acreditava, a Europa não era só uma, mas "que também estava marcada pela heterogeneidade" (RODRÍGUES, 2019, p. 15).

Não podemos deixar de mencionar que esse Artigo 25 ainda faz parte da Constituição Nacional da Argentina, mesmo depois da última reforma realizada em 1994, quando já tinha sido firmado o Tratado de Assunção que deu início ao Mercosul em 1991.

A partir da criação da Constituição, já na segunda metade do século XIX, a imigração começou a chegar, primeiro timidamente e, alguns anos depois, de forma intempestiva. Segundo o primeiro Censo Nacional, realizado em 1869, havia no país 220.000 estrangeiros que representavam o 12,1% da população total. Quase um terço desses imigrantes era italiano, seguido por espanhóis e franceses.

---

[20] Disponível em: <https://www.cronista.com/columnistas/La-necesidad-de-volver-a-las-bases-de-Alberdi-20191001-0001.html>. Acesso em: 02 mar. 2020.

Do ponto de vista jurídico, foi relevante também a promulgação, em 1876, da *Ley de Inmigración y Colonización Nº 817*, também chamada de "Ley Avellaneda", por conta do sobrenome do presidente daquele momento. Trata-se da primeira lei que regulamenta especificamente a política migratória nacional. É através dela, por exemplo, que se cria o *Departamento General de Inmigración*, o primeiro órgão público dedicado à promoção e controle da imigração.

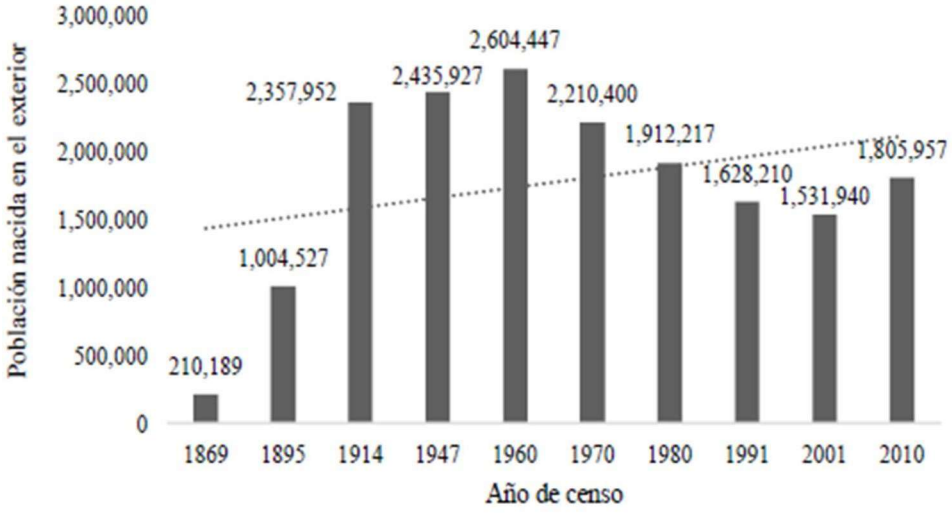
Essa política nacional de caráter liberal, que projetava um desenvolvimento do país baseado na chegada de capital e mão de obra estrangeira, contribui para transformar a Argentina, já nos finais do século XIX, em um dos principais países receptores de imigração europeia.

Em 1895 se realizou o segundo Censo Nacional, que lançou um resultado de 4.044.911 de habitantes, dos quais 25,4% eram estrangeiros, mais que o dobro do censo anterior. Mas o ponto máximo de ingresso de estrangeiros se deu entre 1904 e 1910, onde se registraram 785.000 novos imigrantes. Com esse crescimento, o censo de 1914 mostra que quase um terço da população é estrangeira, mais precisamente, o número total de habitantes é de 7.903.662, dos quais 2.357.952 são estrangeiros (MODOLO, 2016). Em relação a sua composição, quase 75% correspondiam a imigrantes italianos e espanhóis, enquanto a imigração limítrofe não se mostrava significativa: apenas 200.000 pessoas chegaram de Uruguai, Brasil, Paraguai, Bolívia e Chile, o que representava 8,5% do número total de imigrantes. Como veremos ainda neste capítulo, essa composição foi mudando significativamente ao longo do século XX até chegar à situação atual, onde o principal fluxo migratório é constituído por países limítrofes e do resto da América do Sul. Cabe notar que, em relação à distribuição desse fluxo migratório, a cidade de Buenos Aires foi a que recebeu a maior quantidade: em 1914 quase a metade da população era estrangeira nessa região.

Para ter uma maior clareza sobre a evolução da imigração na Argentina, apresentamos o seguinte gráfico cujos dados correspondem aos censos elaborados pelo *Instituto Nacional de Estadísticas y Censos* (INDEC), órgão oficial da Argentina que se dedica aos estudos estatísticos do país. Note-se que até 1960 os períodos entre os censos são irregulares, o que dificulta uma análise mais detalhada, especialmente no período mais longo sem estatísticas oficiais, entre 1914 e 1947. Atualmente, o período normal entre censos é de 10 anos[21].

[21] O último censo foi em 2010, portanto, estava prevista a realização do seguinte censo em 2020, mas, por conta da pandemia de covid-19, foi adiado para 2022. Dada essa conjuntura, infelizmente, no momento de escrita desta tese não contamos ainda com dados censuais atualizados, o que nos aportaria valiosa informação sobre a situação migratória atual na Argentina.

Gráfico 1 – Evolução da imigração na República Argentina (1869-1910)



Fonte: Modolo (2016, p. 207) – Baseada em dados do INDEC, 2015

Pode-se observar que entre o censo de 1895 e o de 1914 o aumento da quantidade de imigrantes é de quase 135%, constituindo assim o período de maior fluxo migratório na história do país.

Essa grande massa migratória que chegou na Argentina na virada do século XIX para o século XX foi conformando, de maneira não planejada, um novo modelo de sociedade caracterizado pela hibridação, e teve um grande impacto na conformação de um país ainda em processo de organização.

A maioria dos imigrantes que chegaram nesse período não foram povoar o *desierto*, mas se aglutinaram como mão de obra barata principalmente em Buenos Aires. Essa nova conformação social, junto com a escassez de moradia, determinou o fenómeno do *conventillo*, alojamento típico da classe trabalhadora urbana. Esse tipo de habitação consistia em pequenos quartos alinhados ao redor de pátios ou corredores, onde moravam, amontoadas, famílias inteiras, geralmente sem banheiro privativo e em condições precárias. Aqueles que não conseguiam integrar a pequena burguesia dedicada ao comércio ou a pequena indústria, povoaram esses *conventillos*, junto aos *criollos*[22] pobres, formando a "grande família" cosmopolita dos subúrbios portenhos. Já em 1887, os *conventillos* abrigavam mais da quarta parte da população e dois terços das pessoas que moravam nessas vivendas eram estrangeiros.

É interessante fazer um breve parêntesis para notar que o fenômeno dos *conventillos* não se deu apenas em Buenos Aires, mas também em outras cidades latino-americanas que, na mesma época, receberam um grande fluxo de imigração europeia. Nas cidades de São Paulo e

[22] Chama-se de *criollos* aos descendentes de espanhóis nascidos na Argentina.

Rio de Janeiro, por exemplo, os imigrantes, junto com os setores mais pobres da população local, aglutinaram-se nos chamados *cortiços*[23] que, assim como ocorreu com os *conventillos*, foram alvo, durante o final do século XIX e o começo do século XX, das discussões sobre a questão da moradia popular e as chamadas "ilhas de insalubridade" (CAPONI, 2002), devido à propagação de epidemias como a varíola e a febre amarela. Nos dois contextos, repete-se a política higienista de identificar a periculosidade sanitária dos *conventillos* ou *cortiços* respectivamente e excluí-los do centro da cidade, fato justificado a princípio por uma preocupação sanitária, mas que não pode ser desligada da preocupação pela degradação moral e social atribuída à população que habitava essas moradias. De acordo com Caponi (2002), a política higienista implementada na época seguia o modelo de reorganização urbana de Paris dirigida pelo Barão Haussmann, que consistia na destruição das vivendas populares, expulsando essa população do centro da cidade para a periferia. Esse modelo foi reproduzido, por exemplo, no Rio de Janeiro, onde, a partir da reforma urbana de Pereira Passos, procurou-se "embelezar" e "sanear" a cidade acabando com os cortiços e empurrando seus habitantes a morar nas favelas da periferia. Assim, conclui a autora, "os cortiços no Brasil e os *conventillos* na Argentina se transformaram no objeto privilegiado de intervenções sanitárias que, muitas vezes, só podiam se legitimar pelo uso da força policial" (CAPONI, 2002, p. 172, tradução nossa).

Voltando para o contexto de Buenos Aires, cabe apontar que, por suas características, os *conventillos* ofereceram um cenário ideal para a inspiração artística, o que se viu refletido em expressões populares típicas como o tango e o *sainete*[24], mas também geraram uma grande rejeição e a reação e o espanto da oligarquia da época, que se viu diante de uma imigração muito diferente da que tinha sido projetada por Alberdi nas suas *Bases*. Como exemplo, basta ler as palavras de Santiago Estrada, escritor e jornalista, que em 1889 escreveu:

> Habitam esses antros pessoas de todas as profissões, sexos e idades: lavadeiras, cozinheiras, peões, operários; velhos, jovens, crianças desconhecidas, porque elas não estão incluídas em nenhum registro. O *conventillo* é a panela podre das nacionalidades e as línguas; é o esconderijo onde muitos imigrantes ocultam seus filhos nascidos aqui para livrá-los do fardo da cidadania; é o teatro de amores, de dramas e de tragédias desconhecidas. [...] É racional exigir a vigilância desse foco perene de morte e degradação. [ESTRADA, 1889, apud PÁEZ, 1970, p. 23, tradução nossa]

[23] Para ampliar essa noção, podem-se observar os apontamentos que realiza Eduardo Guimarães na Enciclopédia Discursiva da Cidade, elaborada pelo Laboratório de Estudos Urbanos (Labeurb): <https://www.labeurb.unicamp.br/endici/index.php?r=verbete%2Fview&id=97>. Acesso em abr. 2021.

[24] O *sainete* foi um gênero teatral que teve seu auge na Argentina entre 1890 e 1930. Consistia em peças teatrais breves, populares, de tom cômico, que "refletiam" as problemáticas da época e apresentavam, geralmente, personagens estereotipados: o imigrante, a prostituta, o *compadrito* etc.

A citação precedente, sem dúvida, poderia ser objeto de uma análise mais aprofundada, atentado principalmente para a escolha lexical do autor. No entanto, esse aprofundamento – que com certeza pode render discussões muito ricas – excede o escopo deste trabalho. Porém, essas palavras servem para revelar o pensamento que os setores dominantes tinham sobre os imigrantes, os quais eram tratados e caracterizados como uma infeção que era necessário extirpar. Como afirma Gustavo Varela (2005), o estrangeiro era visto como a causa de todos os males, o demônio que incitava à imoralidade.

Muitos intelectuais viram-se preocupados pela ameaça que os imigrantes significavam para a tradição e a dita "identidade nacional" que estavam empenhados em edificar. Portanto, diante dos "perigos" da hibridação e da "enxurrada" cosmopolita, a questão do patriotismo tornou-se um dos temas de atenção, principalmente durante a comemoração do Centenário da Revolução de Maio em 1910. Romero (1983) assinala que a afirmação nacional passou a ser uma manifestação do que se conheceu como "O espírito do Centenário", intensificado também para combater a crescente organização de grupos anarquistas e socialistas que contavam com grande adesão entre os imigrantes. A oligarquia colocou a questão dos conflitos laborais como um problema entre nativos e imigrantes, motivados eles, segundo o discurso dominante, pelo desejo de dissolver a sociedade que lhes deu acolhida.

Começou a tomar forma, então, o imaginário da "má imigração" e contra ela acionou-se o dispositivo jurídico através da chamada "Lei de residência", que autorizava o governo a expulsar os estrangeiros cuja conduta comprometesse a segurança nacional e perturbasse a ordem pública. Mas não foram apenas estratégias coercitivas que foram levadas adiante, pois como aponta Foucault ([1977], 2001), os mecanismos de poder não funcionam apenas através da repressão. Implementaram-se também outras medidas que visavam atingir consensos do ponto de vista cultural, como a recuperação simbólica do rural e da figura do *gaucho* através da obra literária *Martín Fierro*, de José Hernández, que passou a ser reconhecida como emblema da identidade nacional.

Além disso, estabeleceu-se o sistema educativo laico, gratuito e obrigatório. A escola, como aparelho ideológico de estado (ALTHUSSER, [1970], 1995), foi um dos instrumentos utilizados para incorporar os filhos de imigrantes ao sistema, com o objetivo de evitar os "desvios ideológicos" e unificar a diversidade em torno dos valores que interessavam aos setores dominantes que fossem reproduzidos no intuito de potencializar o nacionalismo. Não por acaso se implementou, nas escolas públicas, o uso de uniforme branco, com o fim de homogeneizar os alunos, e se colocou a ênfase no ensino da língua local para desterrar as

expressões idiomáticas dos filhos de imigrantes. Esse panorama da época que estamos descrevendo pode ser resumido nas palavras de Varela:

> Outros costumes, outro som, a diversidade desespera à aristocracia governante e por isso se aplica um modelo de nacionalismo positivista: a aldeia está invadida e a nação se perde. É necessário unificar a leitura de nossa história, elaborar os primeiros mapas, estender os limites, matar o índio e ocupar as terras com verdadeiros latifúndios, escrever romances para nos explicar e nos dizer quem somos. Aquela velha razão positivista, que via a cidade como o ideal de salubridade e progresso, e o campo como a barbárie, inverte-se. Trabalha-se sobre a higiene pública na metrópole, draga-se o porto, criam-se redes de esgoto, fundam-se muitos hospitais e dispensários. Mas é necessária a tradição diante da poligamia cultural que oferece o imigrante. Afastar-se, pensar na terra, posicionar-se politicamente sobre o imaginário da oligarquia coronelista e, a partir dela, construir um modelo de identidade nacional. (VARELA, 2005, p. 28, tradução nossa)

As palavras de Varela poderiam se resumir na necessidade do que Hobsbawm ([1983] 2002) chamaria de "inventar uma tradição", que implica uma série de práticas que buscam inculcar determinados valores ou normas de comportamento. Essa invenção da tradição, segundo o autor, utiliza a história para legitimar e criar uma determinada coesão, neste caso, em torno de uma ideia de nação e de certos fenômenos associados a ela: o patriotismo, o nacionalismo, os símbolos nacionais etc.

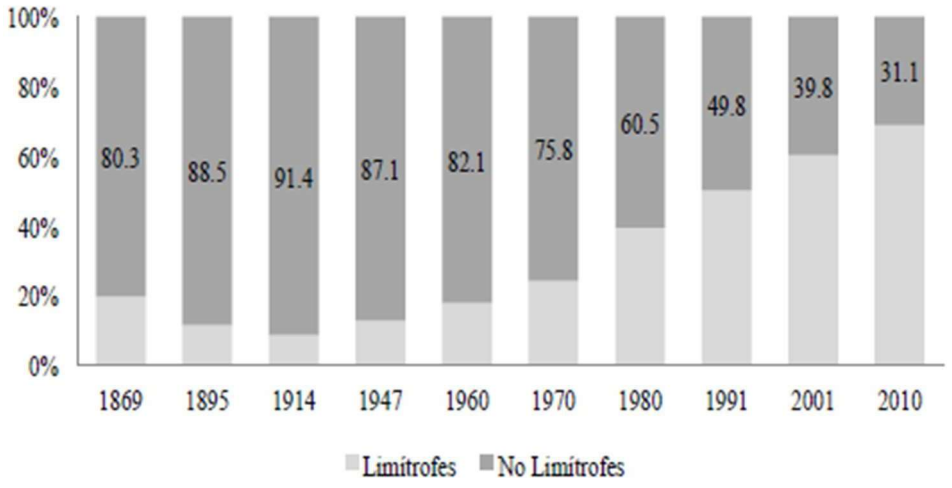
Essa descrição de Varela nos mostra, por outra parte, que a construção da dita "identidade nacional" foi sustentada nas tentativas de higienização e homogeneização de uma sociedade que foi, desde suas origens, heterogênea e diversa. Os discursos sobre a identidade, a tradição e o "ser nacional" procuraram gerar um consenso baseado na ideia de unidade, diante da qual o imigrante tinha que se adaptar para sobreviver. Nesse contexto, o aparelho repressivo do Estado atuou através de mecanismos como a deportação e a repressão militar, oficializando a rejeição aos imigrantes, confinando-os ao papel de "alteradores" da ordem social e moral ou, no melhor dos casos, de contaminadores da tão defendida "identidade nacional".

Sem dúvida, um dos motivos da rejeição oficial – que se retroalimentou no repúdio da burguesia aos imigrantes – foi o fato de que a imigração que chegou de ultramar definitivamente não era a que se esperava. Não chegaram os finos e poderosos europeus, não chegaram os sofisticados homens e mulheres da alta sociedade parisiense, nem os letrados cultos que iriam levar o país à modernização e ao progresso. Em contraposição ao imigrante que tinha sido projetado como aquele que viria povoar *la pampa*, *el desierto*, trazendo ideias inovadoras e modernizadoras, chegaram os pobres, os rejeitados da sociedade que, na Argentina, continuaram ocupando o lugar do outro, dos excluídos, e que foram representados como ameaça para a sociedade local, pois eles não foram povoar *la pampa*, mas o espaço urbano da cidade de Buenos Aires.

Esse confronto entre a projeção imaginária do imigrante sustentada pelos discursos fundadores – como o de Alberdi – e o desenvolvimento dos fatos históricos que levaram a gerar um determinado tipo de imigração diferente da imaginada, produziu, como pudemos observar nas palavras de Estrada citadas na página 50, deslocamentos de sentidos em torno da forma de significar a imigração e o imigrante. Assim, o momento histórico que estamos abordando contribuiu também para construir uma certa memória sobre o que é um imigrante.

As décadas que seguiram à grande imigração mostram uma diminuição na quantidade de ingressos de imigrantes, especialmente a partir da Primeira Guerra Mundial. Isso não significa que durante o percurso do século XX a imigração tenha cessado. Produziu-se, isso sim, uma transformação em relação à origem dos imigrantes. Enquanto as grandes ondas migratórias que tinham chegado ao país entre os séculos XIX e XX proviam do outro lado do oceano, no final do milênio predominou a imigração oriunda de outros países sul-americanos, especialmente de Paraguai e Bolívia. O seguinte gráfico exibe a mudança na proporção entre imigrantes de países não limítrofes e limítrofes, sendo que esses últimos crescem de forma ininterrupta desde 1914 até a atualidade.

Gráfico 2 – Evolução da imigração limítrofe e não limítrofe na República Argentina (1869-1910)



Fonte: Modolo (2016, p. 208) – Baseada em dados do INDEC, 2015

Cabe mencionar a importância que tem, nas últimas três décadas, a imigração provinda de outros países da região que não são limítrofes, como é o caso de Peru. Outro fenômeno que vale a pena destacar para ampliar o panorama histórico da imigração na Argentina é a chegada, a partir de 1960, de imigrantes do Leste asiático, principalmente Coreia do Sul e China, e de países da ex União Soviética a partir de 1994, em virtude dos acordos assinados entre os países para dar tratamento especial aos cidadãos dessas repúblicas. Também na década de 1990 se

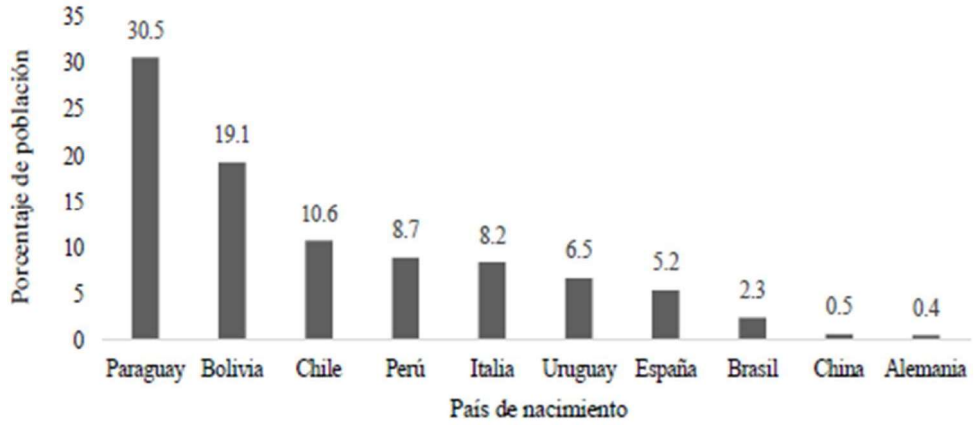
observa a presença de imigrantes provindos de países da África que, embora do ponto de vista quantitativo não tenham um grande peso, começam a adquirir uma crescente visibilidade (MODOLO, 2016).

O aumento de imigrantes da América do Sul pode ser atribuído a diferentes fatores que remetem a contextos políticos, sociais, econômicos próprios de cada país[25]. Porém, é importante destacar que em 1991, a partir da assinatura do Tratado de Assunção, começa um processo de integração regional marcado pela criação do Mercosul, que facilita a mobilidade entre os países da região. É curioso notar que, ainda nesse contexto de promoção do intercâmbio entre países da América do Sul, na reforma da Constituição da República Argentina de 1994, decide-se manter o já mencionado artigo 25 que conserva a mesma redação de 1853 ("O Governo federal fomentará a imigração europeia"). Embora na prática não se observe um estímulo concreto dessa imigração e esse artigo tenha ficado como letra morta na lei, considerando as mudanças ocorridas em matéria de imigração nos 141 anos transcorridos desde a promulgação da primeira constituição até o momento da última reforma esse texto poderia ter sido objeto de uma revisão. Cabe assinalar que a imigração europeia, no contexto atual, é significativa apenas nos casos de italianos e espanhóis, que, de qualquer forma, encontram-se em posições quantitativamente inferiores a vários países da América do Sul.

O censo mais recente, realizado em 2010, mostra assim um panorama bem diferente ao de um século atrás. Como surge do Gráfico 1 (página 49), a população estrangeira em 2010 ascende a 1.805.957, o que representa o 4,5% da população total da Argentina, ou seja, um número bem menor ao de um terço de estrangeiros registrado no censo de 1914. No seguinte gráfico podemos observar como se distribui a porcentagem de estrangeiros que moram na Argentina em 2010, de acordo com seu país de origem:

[25] Embora tais questões sejam de extrema importância, em virtude dos objetivos de nossa tese não será possível que nos aprofundemos em explicações mais precisas sobre a questão.

Gráfico 3 – Porcentagem de população na Argentina nascida no exterior, segundo país de nascimento (Censo 2010).



Fonte: Modolo (2016, p. 215) – Baseada em dados do INDEC, 2015

Embora não tenhamos dados censuais mais recentes, uma vez que o censo previsto para 2020 não foi realizado, tivemos acesso a dados da ONU[26] de 2019 que nos ajudam a ter um panorama atualizado da evolução da imigração na Argentina nos últimos 9 anos:

Tabela 2 – Evolução da quantidade de imigrantes na Argentina em relação à população total (2010-2019)

	2010	**2019**
População total	40.117.096	44.938.712[27]
População não nativa	1.805.957	2.212.879
Porcentagem de população não nativa em relação à população total	4,5%	4,9%

Fonte: A autora (2020). Baseado em dados do INDEC (Censo 2010) e da ONU.

De acordo com os dados analisados, observamos que a imigração na Argentina é um fenômeno crescente, tanto em termos reais quanto em termos proporcionais sobre a população total. Em geral, também se mantém, nos últimos 9 anos, as tendências de crescimento nos diferentes países de origem dos imigrantes, a exceção da Venezuela, que apresenta um aumento

[26] Disponível em: <https://www.un.org/en/development/desa/population/migration/data/estimates2/countryprofiles.asp> e <https://datosmacro.expansion.com/demografia/migracion/inmigracion/argentina>. Acesso em: 24 fev. 2020.
[27] Projeção estimada pelo INDEC de população total para 2019. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20140912104325/http://www.indec.mecon.ar/nuevaweb/cuadros/2/proyeccionesyestimaciones_nac_2010_2040.pdf>. Acesso em: 24 fev. 2020.

desproporcionado com respeito aos outros países, produto da crise política e econômica que atravessa esse país:

Tabela 3 – Evolução da imigração na Argentina por país de origem (2010-2019)

	2010		**2019**		
País de origem	Quantidade de imigrantes	% sobre o total de imigrantes	Quantidade de imigrantes	% sobre o total de imigrantes	% de crescimento 2010-2019
Paraguai	550.713	30,5	690.948	31,2	25,4
Bolívia	345.272	19,1	426.394	19,2	23,5
Chile	191.147	10,6	216.855	9,8	13,4
Peru	157.514	8,7	198.744	9	26,1
Itália	147.499	8,2	155.008	7	5,09
Uruguai	116.592	6,5	135.076	6,1	15,85
Espanha	94.030	5,2	99.769	4,5	6,1
Venezuela	6.379	0,35	91.315	4,1	**1.331,4**
Brasil	**41.330**	**2,3**	**49.647**	**2,2**	**20,12**
China	8.929	0,5	14.649	0,6	64
Alemanha	8.416	0,4	9.404	0,4	11,7

Fonte: A autora (2020). Baseado em dados do INDEC (Censo 2010) e da ONU.

Cabe esclarecer que a coluna de *% de crescimento 2010-2019* expressa o aumento de população dos imigrantes dos diversos países já não em relação à porcentagem sobre o total de imigrantes e sim à diferença entre o total da população de cada país entre os dois períodos considerados. A partir desses dados, é possível afirmar que os principais países de origem de imigrantes continuam sendo, como em 2010, Paraguai, Bolívia, Chile, Peru e Itália. Brasil

também apresenta uma tendência crescente, porém, se compararmos com outros países limítrofes, observamos que a imigração provinda desse país é significativamente menor, inclusive a países da Europa como Espanha e Itália. Na próxima seção aprofundaremos um pouco mais nesse aspecto para compreender as características específicas da imigração brasileira, o que nos permitirá elaborar um panorama mais amplo das condições de produção dos discursos de imigrantes brasileiros que analisaremos neste trabalho.

Como já foi mencionado, nosso foco estará posto na imigração brasileira na Área Metropolitana de Buenos Aires, que possui características diferentes das outras regiões. É por isso que é importante mencionar que essa área é a que recebe o maior impacto migratório. De acordo com o *Ministerio de Producción y Trabajo* da Argentina (2018), 80% dos imigrantes sul-americanos reside na AMBA. Nesse conjunto se destacam principalmente os paraguaios (42,5%), bolivianos (20%), peruanos (14,7%) e uruguaios (10,3%). Os chilenos, que ocupam o terceiro lugar em quantidade de imigrantes totais no país, não são maioria na AMBA, pois tendem a se concentrar na região patagônica.

Note-se também que a imigração boliviana, paraguaia e peruana não é um fenômeno recente e sim de várias décadas de tradição. Desde a década de 1980, só por colocar um exemplo, a imigração provinda de Bolívia cresce de forma contínua, provavelmente devido à conjunção entre a crise econômica nesse país e as melhores possibilidades de inserção laboral na Argentina. Na década de 1990, a *Ley de Convertibilidad* e a paridade do peso com o dólar também foi um elemento de atração para a imigração de cidadãos de países limítrofes com moedas desvalorizadas. Esse movimento contribuiu também para gerar uma comunidade local de compatriotas do mesmo país que funcionou como rede de contenção para atrair novos imigrantes. Como resultado, entre 1980 e 2001 a quantidade de imigrantes bolivianos praticamente duplicou (CERRUTTI, 2009).

É relevante mencionar também a distribuição territorial desses imigrantes, uma vez que, dentro da AMBA, bolivianos, paraguaios e peruanos se concentram principalmente nas áreas mais pobres da região e moram, em geral, em assentamentos precários ou em *villas miseria*[28], fenômeno que parece responder, segundo o documento do *Ministerio de Producción y Trabajo* (2018), não apenas ao nível social desses imigrantes e à demanda de mão de obra no mercado de trabalho, mas também à dinâmica da própria corrente migratória e aos vínculos preexistentes com compatriotas.

[28] Nome com que se chama às favelas da Argentina.

Essa distribuição específica de imigrantes de países limítrofes em *villas miseria* funcionou e ainda funciona como catalisador de discursos anti-imigração que se propagam cotidianamente na mídia, nas redes sociais e nas conversas do dia-a-dia, reforçando seu efeito ideológico de evidência. Assim, culminando a segunda década do século XXI – um século mais tarde daquele pico imigratório que configurou uma identidade cosmopolita e híbrida na Argentina, assistimos ao retorno de certos discursos que, na verdade, nunca foram embora, mas que de alguma forma voltam com certos deslocamentos. Os preconceitos e a desconfiança em relação aos imigrantes podem ter variado no que diz respeito a suas formas de expressão ou aos destinatários diretos dessa rejeição. Faz cem anos, eles vinham da Europa e habitavam os *conventillos*. Hoje, eles vêm principalmente de países latino-americanos e se somam à população assentada nas já volumosas *villas miseria* que formam parte da fisionomia de Buenos Aires. Mas algo têm em comum: aqueles que ontem e hoje conforma(ra)m os grupos mais numerosos de imigrantes são pobres, e isso não é apenas um dado estatístico, mas um pretexto para a proliferação de discursos xenófobos e para a reprodução de um determinado estereótipo de imigrante que, a princípio, pensamos que não é o mesmo que caracteriza ao imigrante brasileiro.

Diante desse panorama, então, nos questionamos: quais são as particularidades da imigração brasileira? O que caracteriza o imigrante brasileiro em Buenos Aires? Ele é alvo da mesma discriminação que sofrem, em geral, o resto dos imigrantes sul-americanos? Disso no ocuparemos na seguinte seção.

2.4 A IMIGRAÇÃO BRASILEIRA EM BUENOS AIRES

A descrição geral que acabamos de realizar sobre a imigração na Argentina nos permite observar que, dentro desse panorama, o Brasil nunca se destacou especialmente entre os países que proveram de imigrantes a Argentina. Segundo dados do INDEC, e como vimos no Gráfico 3 (página 55), em 2010, data do último censo realizado na Argentina, moravam no país 1.805.957 pessoas nascidas no estrangeiro, das quais 41.330 eram brasileiras. Isso representa por volta de 2,3 % dos estrangeiros. Em 2019, de acordo com dados da ONU, moravam na Argentina 2.212.879 estrangeiros, dos quais 49.647 eram brasileiros (2,2% do número total de estrangeiros).

Embora não abundem trabalhos destinados a analisar a imigração brasileira na Argentina, interessa-nos destacar um estudo realizado por Hasenbalg e Frigerio, em 1999. Ainda que não seja atual, esse estudo brinda-nos um panorama interessante sobre o movimento

migratório naquela época, o que nos ajuda a compreender sua evolução e a pensar nas possíveis transformações das características específicas desse grupo social. A pesquisa inclui uma análise demográfica bem detalhada e apresenta algumas conclusões relevantes obtidas a partir da análise de 50 entrevistas realizadas a imigrantes brasileiros em 1997. Ao longo desta seção, retomaremos alguns dos aspectos mencionados pelos autores que consideramos interessantes para nosso trabalho.

Uma das primeiras questões que os autores observam é a divisão da imigração brasileira em dois subsistemas migratórios, aparentemente desvinculados entre si: por um lado, temos uma migração concentrada na província argentina de Misiones, que faz fronteira com Brasil, e, por outro, um movimento migratório em direção à Área Metropolitana de Buenos Aires (AMBA). Essa divisão deve ser considerada para analisar os dados estatísticos nacionais e para compreender as especificidades da região que é nosso foco de interesse. Nesse sentido, destacam que a imigração em Misiones pode ser vista como um prolongamento das migrações internas do Brasil, vinculadas à dinâmica do trabalho agrário dos estados fronteiriços do Sul do país. Portanto, a caracterização social desse grupo de migrantes é bem diferente à dos migrantes que residem em Buenos Aires, como veremos em seguida.

No que diz respeito à imigração brasileira na AMBA, o dado mais atualizado surge do informe elaborado pelo *Ministerio de Producción y Trabajo* (2018), que aponta que, em 2017, 1,6% dos imigrantes dessa região eram brasileiros, uma porcentagem pequena se compararmos com os outros países limítrofes: Paraguai (42,5%), Bolívia (20%), Uruguai (10,3%) e Chile (3,7%).

Uma das dimensões que nos interessa observar no que diz respeito à caracterização da imigração brasileira em Buenos Aires é a das redes migratórias entre compatriotas, que são definidas como conjuntos de relações interpessoais que vinculam os migrantes que chegam ao lugar de destino com migrantes mais antigos e também com o lugar de origem (MINISTERIO DE PRODUCCIÓN Y TRABAJO, 2018). Esse aspecto repercute na possibilidade, ou não, de gerar laços comunitários no país de recepção. No caso de países como Paraguai, Bolívia e Peru, talvez por conta do significativo número de imigrantes, as coletividades em Buenos Aires acabam sendo muito ativas, o que não acontece com os brasileiros.

Em sua tese doutoral, Contursi (2010)[29] afirma, a partir da realização de entrevistas a imigrantes brasileiros em Buenos Aires, que a comunidade brasileira não está organizada nessa

[29] Na sua tese, a autora analisa a relação entre as intervenções sobre a linguagem (política linguística e planejamento linguístico) e sociedade (práticas e representações sociolinguísticas), focando-se na política linguística do Setor Educativo do Mercosul, fazendo uma análise tanto do ponto de vista da glotopolítica como do

região como acontece com outras comunidades de estrangeiros. De fato, são poucas as organizações que nucleiam e/ou assistem aos imigrantes brasileiros. Do ponto de vista institucional, foi relevante, até 2013, o papel da FUNCEB (*Fundación Centro de Estudios Brasileños*), entidade dependente da Embaixada brasileira na Argentina, que se dedicava à difusão da língua e da cultura brasileira. Essa instituição fechou naquele ano e posteriormente foi substituída pelo atual CCBA (Centro Cultural Brasil-Argentina). De acordo com o *site*[30] do próprio centro, trata-se do único instituto oficial no país que depende do Governo do Brasil e que se dedica ao ensino da língua portuguesa (na sua variedade brasileira) e à promoção da cultura brasileira. Oferece diversos cursos de português como segunda língua, oficinas de temáticas específicas, como pronúncia, cinema, literatura, capoeira, guitarra, teatro, entre outros. Embora seus professores e funcionários sejam na maioria brasileiros, por suas características e objetivos, entendemos que não funciona como lugar de encontro para imigrantes brasileiros em Buenos Aires, uma vez que está destinado à difusão da língua e da cultura brasileira entre os argentinos. Segundo diversos estudos (CONTURSI, 2010; FRIGERIO, 2004; HANSENBALG e FRIGERIO, 1999), apenas alguns bares, boates e restaurantes típicos brasileiros funcionam como elementos aglutinadores de imigrantes, o que não parece garantir a conformação de uma comunidade sólida de compatriotas.

Essa realidade que, sem dúvida, influencia nos processos de identificação e nas experiências migratórias dos sujeitos que formam parte de nossa análise, também se sustenta nos dados estatísticos. De acordo com *a Encuesta Complementaria de Migraciones Internacionales* (ECMI), realizada em 2003[31] pelo INDEC e publicada em 2007, de um total de 9.257 participantes da pesquisa, 6.917 não conheciam nenhum compatriota ao chegar na Argentina (74,7%). No caso de outras comunidades com redes migratórias mais desenvolvidas, como é o caso de Bolívia, de um total de 102.548 participantes, apenas 20.264 (19,7%) não conheciam outros bolivianos no momento da migração. Isso também acontece com outros países sul-americanos como Paraguai, Peru e Chile.

Embora não estejamos fazendo aqui um estudo comparativo entre os diversos fluxos migratórios, entendemos que esses dados nos permitem supor a existência de importantes diferenças entre a imigração brasileira e a dessas outras comunidades, que migram por

imaginário linguístico que essas políticas constroem. Nesse sentido, uma parte importante do seu trabalho consiste na análise das práticas (no caso, as aulas de licenciaturas para a formação de professores de português em Buenos Aires) e as representações dos atores envolvidos (a partir de entrevistas em profundidade a docentes e alunos brasileiros).

[30] https://ccbabrasil.org/

[31] Infelizmente, essa foi a última vez que se realizou um estudo do tipo e por essa razão não contamos com dadosmais atuais.

recomendação de um compatriota ou com o objetivo de reagrupação familiar e por isso contam com mais contenção e apoio, pelo menos do ponto de vista socioafetivo. Na análise das entrevistas procuraremos observar de que forma essa questão da afetividade, os laços sociais, familiares e de amizade surgem nos dizeres dos sujeitos brasileiros.

Outro dado que traz a ECMI (INDEC, 2007) e que contribui para caracterizar a imigração brasileira em Buenos Aires é o ano de chegada na Argentina e a distribuição de imigrantes entre homens e mulheres:

Tabela 4 – Brasileiros por sexo segundo ano de chegada na Argentina. AMBA (2003)

Sexo	Total	Ano de chegada na Argentina			
		Até 1969	1970-1979	1980-1989	1990-2003
Total	**10.685**	**2.836**	**1.170**	**2.405**	**4.274**
Homem	3.457	975	309	757	1.416
Mulher	7.228	1.861	861	1.648	2.858

Fonte: A autora (2020)INDEC. Baseado em dados do INDEC (2007)

As informações da tabela expõem dois aspectos bem interessantes. Por um lado, é notório o incremento progressivo da imigração brasileira. Já o aumento entre a década de 1970 e a de 1980 é importante: a quantidade de imigrantes passou a ser mais que o dobro.

Nesse ponto, cabe destacar que o Brasil se caracteriza por ter sido historicamente um país de baixa taxa de emigração, se comparamos com outros países da América do Sul. Segundo Haserbalg e Frigerio (1999), nas décadas posteriores ao final da Segunda Guerra Mundial se dá no Brasil um fenômeno de aumento dos fluxos migratórios internos, talvez justificado pelo próprio tamanho e heterogeneidade do país, em detrimento da emigração. É apenas a partir da crise social e econômica dos anos 80 que o fluxo de emigração começou a aumentar em relação aos períodos anteriores, o que de alguma forma pode explicar também o incremento da imigração de brasileiros na Argentina naquela época. Nesse contexto, o Brasil começa também a exportar mão-de-obra para países como Estados Unidos, Canadá e Japão. Os autores apontam

que, diferentemente dos brasileiros que migravam para Argentina, o fluxo para os países do Norte estava, em geral, conformado por pessoas de níveis sociais mais altos que a média da população brasileira e que estavam dispostos a preencher posições no mercado de trabalho secundário. Nas palavras dos autores:

> A inserção no mercado de trabalho dos migrantes brasileiros na AMBA e nos países do Norte apresenta diferenças significativas. Enquanto os que emigraram para estes últimos países – a maioria oriundos dos estratos médios da sociedade brasileira e de níveis educacionais relativamente elevados – têm em comum a sua inserção em um segmento do mercado do trabalho caracterizado por empregos de baixa qualificação, pouco procurados pelos nativos desses países e que os próprios emigrantes nunca aceitariam no Brasil, os brasileiros na AMBA não estão expostos à queda no *status* ocupacional e social experimentada pelos seus compatriotas nos países do Norte. Ao contrário, eles preenchem posições no mercado de trabalho e na estrutura ocupacional da AMBA que são condizentes com as suas credenciais educacionais. (HASENBALG e FRIGERIO, 1999, p. 143)

Independentemente da situação socioeconômica dos migrantes direcionados para um ou outro destino, esse panorama expõe o funcionamento dos imaginários que existem sobre os diversos países. Nesse sentido, parece que a migração para um país projetado imaginariamente como superior – e deveríamos nos perguntar quais são os elementos que fazem com que eles sejam colocados nessa categoria – justifica-se pelo suposto pertencimento a uma sociedade valorizada como positiva, mesmo que o lugar que esse imigrante vá ocupar implique não apenas assumir piores condições de trabalho, mas também a inscrição no lugar de um outro inferiorizado. Já no caso da Argentina, ela parece ser projetada imaginariamente como um país que se encontra no mesmo patamar que o Brasil e, portanto, a migração apenas se justifica, pelo menos do ponto de vista laboral, sempre que as condições sociais e de trabalho sejam mantidas no mesmo nível ou em um nível superior às que tinham no país de origem.

O segundo ponto a destacar em relação aos dados expostos na Tabela 4, é que a tendência migratória na Argentina continuou na década de 1990, possivelmente devido à criação do Mercosul, produzindo a chegada de mais 1.869 brasileiros na AMBA. Por outro lado, é chamativo o grande número de mulheres, que duplica a quantidade de homens, uma tendência que, em geral, se mantém ao longo das décadas.

Outro aspecto que surge da ECMI e que vale a pena salientar é a procedência desses imigrantes. Segundo a pesquisa, até 2003, 30,2% dos brasileiros em Buenos Aires tinham como origem o Estado de São Paulo; 22,4% o de Rio de Janeiro; 15,3% o de Rio Grande do Sul; 5,45% o de Minas Gerais; e o quase 26% restante dividido entre todos os outros estados do Brasil. Isso nos mostra que não há (ou pelo menos não havia até 2003) uma presença significativa de brasileiros das regiões mais pobres do país. Cabe observar também que os migrantes brasileiros na AMBA em geral têm um nível de instrução maior do que os imigrantes

de outros países limítrofes, o que acarreta a possibilidade de acesso a vagas de trabalho mais qualificadas.

Esses aspectos – procedência, instrução e trabalho – sem dúvida dotam a imigração brasileira de características específicas que a diferenciam das migrações de outros países sul-americanos e a exime de certas problemáticas típicas que afetam os outros imigrantes latino-americanos, como a exploração laboral, a precariedade nas condições de trabalho, a pobreza, entre outros.

Porém, isso não é suficiente para caracterizar a imigração brasileira unicamente a partir de uma motivação laboral. É verdade que, especialmente a partir da criação do Mercosul, da abertura de possibilidades de negócios entre ambos os países e da valorização do português como fonte de inserção no mercado de trabalho, configura-se um cenário propício para a imigração, mas, como afirmam Hasenbalg e Frigerio (1999), devido ao contexto de crescente desemprego na Argentina de finais do século XX, é possível contemplar o aumento migratório provindo do Brasil como uma migração "seletiva" que se corresponde, no final das contas, com o surgimento de novas oportunidades de negócios entre os países.

Isso justifica, de acordo com os autores, o crescimento vertiginoso do número de técnicos, executivos, profissionais e gerentes que eram enviados para trabalhar em empresas brasileiras localizadas na Argentina, principalmente em Buenos Aires, o que contribui para modificar a composição social desse subsistema e a diferenciá-lo ainda mais do subsistema de Misiones. Um dos aspectos que os autores utilizam para marcar esta distinção é a distribuição dos imigrantes dentro do mercado de trabalho. Assim, no final do século XX, a população brasileira em Misiones participava principalmente no setor primário (67%), enquanto na AMBA, a participação se dava principalmente no setor de serviços, indústria, atividades financeiras e comércio, o que se igualava com a distribuição de trabalho entre os nativos. Isso nos permite estabelecer uma clara distinção com os imigrantes de outros países limítrofes que concentravam suas atividades nos ramos da construção e no serviço doméstico.

Também se percebe uma distinção a respeito do nível de instrução. Dos brasileiros assentados em Misiones, 76% não tinham primeiro grau completo e apenas 2% tinham segundo grau completo ou mais. Na AMBA, a situação era bem diferente: somente 17% não tinham primeiro grau completo e 40% tinham segundo grau completo ou mais.

Como já antecipamos, o fator laboral e econômico não parece ser a única motivação para a migração. Segundo os autores, esta se explica principalmente pelas relações criadas entre argentinos e brasileiros, fomentadas especialmente pelo aumento do turismo entre ambos os

países. Assim, eles observaram uma diferença nos dois subsistemas em relação aos núcleos conjugais.

Em geral, a imigração brasileira possui um alto nível de exogamia, quer dizer, que um dos dois membros é brasileiro. Na AMBA, o número de casais compostos por dois brasileiros é muito baixo e, em contraposição, mais da metade dos casais eram formados por homens argentinos casados com mulheres brasileiras. Por sua vez, em Misiones a distribuição era: um terço de casais formados por dois brasileiros(as); um terço de homens brasileiros com mulheres argentinas; e o outro terço de homens argentinos com mulheres brasileiras. Não existem dados estatísticos que mostrem se a união se produziu antes ou depois da imigração, porém, das entrevistas realizadas pelos autores surge que na AMBA o casamento entre homens argentinos e mulheres brasileiras antecede ou é simultâneo à imigração, enquanto os homens brasileiros se casam com mulheres argentinas depois de ter migrado para Buenos Aires. Isso parece explicar o grande número de imigração feminina exposto na Tabela 4.

Assim, podemos resumir, junto com Hasenbalg e Frigerio (1999), que as principais razões da migração dos brasileiros que moram na AMBA (pelo menos até final do século XX) são as seguintes:

- A maioria dos imigrantes chegaram na Argentina seguindo um(a) companheiro(a) argentino(a). Nesses casos, predominam as mulheres brasileiras de classe média.
- Outros chegaram porque receberam uma oferta de trabalho no país, por exemplo, como gerentes de empresas brasileiras. Trata-se, em geral, de pessoas com elevado nível de instrução e acesso a trabalhos qualificados.
- Outros, em geral homens de classe mais baixa e sem qualificação profissional, chegaram procurando emprego.

Os autores observaram também que, tal como mencionamos anteriormente, não abundavam os lugares de concentração nem os espaços de socialização especificamente de brasileiros. Acreditamos que esse fato pode responder ao caráter individual da migração – no sentido de que não se caracterizou pela chegada massiva de grupos familiares – além de que a constituição de casais mistos podia favorecer o estabelecimento de vínculos com outros argentinos, em detrimento do fortalecimento do contato com brasileiros.

Para finalizar esse breve panorama da imigração brasileira em Buenos Aires, gostaríamos de destacar um outro aspecto também analisado por Hasenbalg e Frigerio (1999) e por Frigerio (2004) que, embora tenham realizado sua pesquisa já faz algum tempo, consideramos que a caracterização que eles realizam marcou, e em certa medida ainda marca,

a recepção que esses imigrantes têm em Buenos Aires. Trata-se do processo de *exotização* que atravessam esses sujeitos e que se define pela atribuição de uma diferença cultural, mas com uma valoração positiva, o que a diferencia da estigmatização que geralmente sofrem outros migrantes de países limítrofes e até os próprios brasileiros que migram para os Estados Unidos ou Canadá.

Para que esse processo de *exotização* seja produzido é necessária uma percepção do outro como distante cultural, temporal ou geograficamente do "nós", o que pode levar à reprodução de estereótipos. Frigerio (2004) aponta, nesse sentido, que, em Buenos Aires, os brasileiros são apreciados positivamente pelo fato de possuir, de acordo com o imaginário portenho, determinados capitais valorizados: a língua, a música, a dança, a "alegria brasileira", as praias, a comida, a liberdade sexual, entre outros. Embora se trate de elementos avaliados como favoráveis, não deixam de constituir imagens estereotipadas sobre o outro que pretendem restringir sua identidade atribuindo-lhe componentes associados a uma suposta brasilidade.

Dentre esses componentes, devemos mencionar a questão da *negritude* como elemento de *exotização*, embora os imigrantes em Buenos Aires não correspondam majoritariamente com a projeção imaginária do brasileiro negro. É interessante mencionar um dos depoimentos recolhidos nas entrevistas realizadas por Hasenbalg e Frigerio (1999, p. 104). Um executivo que morava há 15 anos no país dizia: "O argentino, em geral foi mudando de maneira radical a sua visão do brasileiro. Até muito pouco tempo o brasileiro era um negrinho, desde da Xuxa ele acha que o brasileiro não é mais negro". De fato, é possível pensar que o imaginário sobre o brasileiro foi se transformando ao longo dos anos devido ao aumento do contato entre os dois países, produzido a partir de diversos elementos, tais como o aumento do turismo, os intercâmbios educativos, o acesso a bens culturais e a presença de artistas brasileiros na Argentina, como Xuxa, Roberto Carlos, Daniela Mercury, entre outros que fizeram grande sucesso na década de 1990 na Argentina. Porém, seria ingênuo afirmar que esse imaginário foi desconstruído a partir da evolução da compreensão da heterogeneidade de um país enorme como é o Brasil[32].

Ao mesmo tempo, a *exotização* do outro não fica apenas no plano discursivo, mas se materializa na experiência empírica. De fato, já em 1999, Hasenbalg e Frigerio (1999) observavam que a década de 1990 havia aberto um campo de trabalho em torno desses capitais culturais representados como exóticos: proliferaram os institutos de ensino de português – o

[32] Não posso deixar de lembrar que quando comecei a namorar um brasileiro, em 2010, uma das primeiras perguntas que me faziam era: "é negro?" E depois: "joga futebol?". Isso que parece ser anedótico expõe a persistência de um imaginário baseado em estereótipos de nacionalidade que ainda continuam produzindo efeitos.

que fez aumentar a demanda de professores – e as aulas relacionadas com a cultura afro-brasileira: dança, música, capoeira etc. Os espaços de socialização, mesmo sendo escassos, por sua vez, funcionaram não apenas para o encontro entre brasileiros, mas também como forma de oferecer a "cultura brasileira" como um manjar exótico para os argentinos. Frigerio (2004) destaca, nesse sentido, que os bares brasileiros em Buenos Aires tentam reproduzir a onda brasileira, através da decoração, da comida, da música, das caipirinhas e das cervejas típicas como Brahma ou Skol. Em geral, muitos dos funcionários também são brasileiros, mesmo que os donos sejam argentinos, e não por acaso a maioria dos nomes desses estabelecimentos remetem a noções relacionadas com a brasilidade: *Maluco Beleza, Numa Boa, Festa Bahiana, Coco Bahiano, Palácio do Brasil, Cantinho Brasileiro, Boteco do Brasil, Pelourinho* etc.

A *exotização* também está vinculada aos estereótipos de gênero. Um dos elementos valorizados é a sexualidade dos brasileiros, mas isso não necessariamente tem as mesmas características para homens e mulheres. Assim, no caso das mulheres, o estereótipo está associado com a ideia de que as brasileiras são "fáceis", "voluptuosas", "sensuais". Com respeito aos homens, o estereótipo marca que eles são "sedutores", "vigorosos", "viris", o que, de acordo com as entrevistas realizadas por Hasenbalg e Frigerio (1999), era percebido pelos homens como uma vantagem pelo fato de se tornar mais desejáveis para as mulheres argentinas.

A última parte do trabalho dos autores se foca, justamente, na análise das 50 entrevistas realizadas a brasileiros assentados na AMBA em 1997. Como mencionamos no começo desta seção, entendemos que se trata de um trabalho realizado em um outro contexto, no entanto, interessa-nos marcar alguns aspectos mencionados nesse texto sobre a percepção dos imigrantes naquele momento para, a partir da análise de nossas próprias entrevistas, observar possíveis continuidades e deslocamentos nos discursos dos sujeitos brasileiros em Buenos Aires. Resumidamente, os autores observavam as seguintes questões:

- As dificuldades de adaptação dos imigrantes brasileiros em Buenos Aires têm a ver, principalmente, com as diferenças na sociabilidade. Percebem que os portenhos são frios, agressivos e fechados, o que faz com que, no início, os brasileiros se sintam rejeitados.
- Passado um certo período de adaptação, quase todos os brasileiros conseguem uma melhor inserção social, se comparado com os imigrantes de outros países limítrofes.
- A inserção laboral funciona como elemento de socialização e de estabelecimento de laços de amizade, principalmente no caso dos imigrantes de classe média.
- Também as relações com os argentinos se produzem a partir do contato com a família e os amigos do cônjuge nativo.

- Há dificuldade em relação à língua. Dizem os autores: “Os que falam espanhol e português não se entendem tão facilmente como se costuma acreditar e os portenhos têm uma longa tradição de zombar de quem fala um idioma diferente” (HASENBALG e FRIGERIO, 1999, p. 146-147)

Nas entrevistas que analisamos em nosso trabalho retomaremos esses aspectos procurando observar as (des)continuidades das dimensões analisadas em trabalhos anteriores, como os que mencionamos aqui. Entendemos que se trata de contextos diferentes, especialmente se consideramos que o contato entre ambos os países foi aumentando em diversas áreas. A internet e a globalização permitiram um maior acesso aos produtos culturais entre os países; o desenvolvimento e a maior experiência do Mercosul ao longo destes anos facilitaram a criação de novos acordos comerciais; a elaboração de leis relacionadas ao ensino de espanhol e português fomentou o estudo dessas línguas e o intercâmbio educativo entre Brasil e Argentina. Tudo isso nos coloca diante de novos cenários sobre os quais ainda não há muitos trabalhos académicos realizados. A modo de exemplo, podemos mencionar um dos efeitos dessas mudanças que está entrelaçada com a questão da imigração brasileira na Argentina produzindo novos questionamentos. Trata-se do fenômeno dos brasileiros que migram para Buenos Aires para estudar Medicina. Devido a que constitui um acontecimento relativamente recente, não contamos ainda com dados concretos sobre o impacto desse tipo de migração, porém, observamos, como efeito, que se trata de uma questão que nos últimos anos começou a ser tematizada na mídia argentina, ao mesmo tempo que gerou o surgimento de empresas dedicadas a assessorar jovens brasileiros que querem “cumprir o sonho” de ser médicos, assim como um crescimento da demanda de exames de certificação da proficiência em língua espanhola. No nosso corpus de entrevistas temos o caso de 3 pessoas que se enquadram dentro desse grupo. Portanto, aprofundaremos oportunamente este assunto para tentar pensar se essa nova realidade produz efeitos nos discursos de/sobre os imigrantes brasileiros.

Por enquanto, e para finalizar este capítulo, podemos afirmar que a imigração brasileira em Buenos Aires não é apenas diferente daquela que se pode observar em outras regiões do país, como ilustramos no caso de Misiones, mas também diferente em relação a outros países sul-americanos. Isso se fundamenta na análise multidimensional realizada a partir dos dados demográficos e estudos acadêmicos disponíveis. Vários aspectos como as motivações para a migração, o nível de instrução, o acesso ao mercado de trabalho, o nível de exogamia, a (in)existência de redes migratórias, o processo de exotização, entre outros, mostraram-se fundamentais para compreender a complexidade e diversidade inerentes a todo processo

migratório. Entendemos que todos esses elementos funcionarão como múltiplas determinações na constituição dos dizeres dos sujeitos brasileiros em condição de imigrantes em Buenos Aires, daí a importância do que foi desenvolvido neste capítulo.

3 REAL, SIMBÓLICO E IMAGINÁRIO NAS IDENTIFICAÇÕES DO SUJEITO IMIGRANTE

Pensar a inscrição do sujeito imigrante em um espaço (do) outro, em uma outra língua e em um outro universo cultural, com tudo o que essa inscrição implica para o sujeito e sua conformação subjetiva, requer considerar que esse movimento coloca em causa a inscrição em um espaço simbólico alheio. Isso porque o sujeito imigrante é, antes de mais nada, sujeito, e, consequentemente, sujeito de linguagem.

Ao entrar nesse outro espaço, o sujeito ingressa também numa rede discursiva outra, em outro universo de sentidos, os quais podem, nele, produzir estranhamentos. Mas esse sujeito não ingressa nesse espaço como uma folha em branco, pois assim como sua língua e sua história com a(s) língua(s) funcionam como ponto de ancoragem da sua subjetividade, também o encontro com o outro – e com a língua e a cultura do outro – vai estar marcado pelas referências e imagens de si próprio, de seu território, de seu espaço sociocultural e linguístico, que determinam as possibilidades de identificação com o outro.

Em outras palavras, o sujeito imigrante chega nesse outro espaço, terreno geralmente desconhecido, onde deve significar e significar-se, o que demanda uma inscrição simbólica que vai além da língua porque implica, também, se submeter a uma ordem de funcionamento diferente na qual terá que enunciar afetado, entre outras coisas, por diversas projeções imaginárias que colocam em causa o questionamento das imagens de si e do outro, uma vez que, como aponta Sobral (1993, p. 19, apud PENNA, 1998, p. 108-109), "a trajetória do migrante é marcada pela reelaboração de seus referenciais identificatórios – traços socioculturais com os quais os sujeitos identificam-se e a partir dos quais se fazem reconhecidos como membros de um grupo".

A partir destes apontamentos iniciais, neste capítulo propomos, por um lado, refletir sobre a noção de espaço a partir da AD, o que nos permitirá pensar sobre a questão da cidade como espaço de significação e, dessa forma, compreender melhor o funcionamento discursivo da cidade de Buenos Aires nos dizeres dos sujeitos brasileiros entrevistados. Por outro lado, considerando que estamos entendendo os processos de identificação[33] desses sujeitos como uma inscrição na ordem da língua e na ordem de um espaço outro, e sustentando que esses processos se mostram pelos modos de dizer desses sujeitos, atravessados pelas dimensões do real, do

[33] Estamos utilizando aqui a forma "processos de identificação" lembrando que, como apontamos na introdução, esses processos, no campo teórico de AD, não envolvem apenas à identificação, mas diversas nuances nos movimentos e tomadas de posição dos sujeitos. Desenvolveremos essa questão no ponto 3.6 deste capítulo.

imaginário e do simbólico, então é fundamental desenvolver teoricamente o funcionamento desses três registros, levando em conta como eles surgem na psicanálise e de que forma são deslocados para AD. Essa reflexão nos permitirá, no nosso ponto de vista, aprofundar a compreensão sobre as particularidades de um sujeito estrangeiro que, pelo fato de ser sujeito, já é um ser em falta marcado pela incompletude, mas cujas faltas se acentuam no processo de imigração.

Esse ponto de partida nos exige, em primeiro lugar, abordar o que estamos entendendo por *ordem* e por *espaço.* Por outro lado, considerando que os processos de identificação se mostram pelos modos de dizer desses sujeitos, atravessados pelas dimensões do real, do imaginário e do simbólico, será fundamental desenvolver teoricamente essas noções que surgem na psicanálise e são reapropriadas pela AD para depois, sim, especificar como estamos trabalhando aqui, a partir dos aportes teóricos mencionados, a questão dos processos de identificação, dado o nosso particular objeto de estudo.

3.1 A INSCRIÇÃO DO SUJEITO IMIGRANTE NA ORDEM DA CIDADE

Consideramos pertinente explicitar que, no nosso trabalho, a observação sobre a forma em que os sujeitos em condição de imigração que foram entrevistados falavam sobre a cidade e como a cidade determinava seu dizer surgiu nas análises das entrevistas como um assunto recorrente, o que nos chamou a atenção considerando que não era um tópico previamente estipulado no roteiro de perguntas iniciais[34]. Assim, observando a relevância que os sujeitos atribuíam à cidade, direta ou indiretamente, foi que começamos e nos deter mais especificamente no que eles tinham para dizer sobre um espaço que não se apresenta apenas como condição de produção desses dizeres, mas também como um lugar atravessado por uma dimensão discursiva, quer dizer, onde se produzem sentidos, onde os sujeitos (se) interpretam e onde inscrevem suas práticas.

Portanto, diante da necessidade de indagar sobre a questão do espaço urbano e da cidade como constitutivos da experiência migratória dos sujeitos brasileiros em Buenos Aires é que acreditamos conveniente refletir sobre a noção de espaço, conceito trabalhado pela AD e deslocado para pensar a cidade. Destacam-se, nessa reflexão, as pesquisas realizadas pelo Laboratório de Estudos Urbanos, núcleo de pesquisa multidisciplinar, centro de extensão e

[34] Agradecemos, nesse sentido, as observações realizadas pela banca, composta pelas professoras María Teresa Celada e Maria Onice Payer, na instância da qualificação da tese que nos instigaram a aprofundar a reflexão sobre a relação entre os sujeitos em condição de imigração e o espaço da cidade.

produção cultural da Unicamp, que servirão de apoio teórico nesta reflexão e nas análises das sequências discursivas desenvolvidas no capítulo 6.

Quando falamos da imigração como um processo de inscrição do sujeito em um espaço (de) outro, não estamos apontando unicamente para uma dimensão geográfica ou física. Estamos adotando a concepção traçada por Orlandi (2007 b), quando define o espaço como uma dimensão significativa, estruturante das condições de produção do discurso, onde "se juntam o físico e o espacial (material) e o humano, o simbólico. Ou seja, é aí que a questão do espaço se articula à do sujeito, em termos da significação. O modo de se significar um espaço vai de par ao modo como são significados os sujeitos desse espaço" (ibid., p. 8).

No texto citado, a autora analisa o espaço urbano em relação aos movimentos sociais no contexto da *mundialização,* definida como um processo de expansão do capitalismo no nível planetário "que é ao mesmo tempo uma ideologia (o liberalismo), uma moeda (o dólar), um instrumento (o capitalismo), um sistema político (a democracia), uma língua (o inglês)" (ibid., p. 4). Embora nosso objeto de estudo não seja o mesmo, julgamos possível articular a definição de *espaço* proposta por Orlandi com a compreensão que fazemos aqui da imigração como entrada no espaço do outro, o que implica não apenas um deslocamento físico, ou simplesmente o fato de coabitar a mesma cidade, mas também uma entrada no universo simbólico – portanto, linguístico e cultural – do outro, onde se produzem práticas significativas e onde circulam discursos que produzem diferentes efeitos de sentidos que afetam os sujeitos, sua vida cotidiana, a forma de se relacionar com os outros.

A entrada nesse universo, como sustenta Orlandi (2007c), perturba a relação do sujeito da imigração com o simbólico, principalmente se consideramos que ele é afetado pela ordem de duas línguas diferentes, o que abre espaços para o equívoco. Ao falar de *ordem* a autora a distingue de *organização* e destaca que o que interessa à AD não é a organização da língua, com suas regras e sua sistematicidade, mas de que forma essa organização nos permite compreender os "mecanismos de produção de sentidos (linguístico-históricos) que aí estão funcionando em termos da ordem significante" (ORLANDI, 2007c, p. 46). Unificam-se ali, numa relação que interessa particularmente à AD, a ordem da língua como sistema significante material com o qual enunciamos, e a ordem da história, enquanto materialidade simbólica, ou, seguindo as palavras da autora, ordem "do mundo para o homem, sob o modo da ordem institucional (social) tomada pela história" (ib., p. 45). Ambas constituem o que ela chama de *ordem do discurso*, e é considerando essa ordem, e não apenas a organização, que podemos atingir o real, através das falhas e do equívoco, como aprofundaremos adiante.

Num texto posterior, ao abordar a questão do espaço urbano, Orlandi amplia essa reflexão apontando que a instância da organização se associa ao empírico e ao imaginário, enquanto a ordem refere-se ao "domínio do simbólico na relação com o real da história (a sistematicidade sujeita a equívoco)" (ORLANDI, 2001, p. 13). Sendo assim, reafirmamos a relevância de considerar o entrelaçamento entre os três registros – imaginário, simbólico, real – não apenas para analisar os discursos dos imigrantes, mas também para compreender como esses discursos se articulam em torno da questão do espaço da cidade.

Tendo em conta as particularidades de nosso objeto de estudo, cabe destacar que dito espaço da cidade é regido por diferentes técnicas materiais vinculadas ao funcionamento da língua que trabalham no sentido de administrá-lo do ponto de vista técnico, jurídico, económico, político etc., ou, dito de outro modo, que organizam o real da cidade constituindo-a como um espaço imaginário e discursivamente estabilizado. Entendemos com Orlandi (2007c) que para conduzir sua vida cotidiana o sujeito precisa dessa estabilidade lógica, de um universo semanticamente normal que implica, como aponta a autora, uma "dependência das coisas-a-saber" (ib., p. 137). Para os imigrantes, pelo menos nos estágios iniciais do processo migratório, não existe essa suposta estabilidade e o que Pêcheux (2012, p. 33) chamaria de "gestão cotidiana da existência" pode se tornar um obstáculo imenso. Questões como os meios de transporte, a numeração das ruas, a divisão dos bairros, as formas de nomear os diferentes espaços da cidade, implicam um confronto entre a ordem simbólica na qual o sujeito está inscrito e uma ordem simbólica diferente. Assim, os aspectos mencionados não podem ser tomados como elementos superficiais, pois trata-se de questões que implicam uma outra forma de organizar o real e exigem do sujeito um grande esforço, visto serem aspectos "vinculados a práticas discursivas habitadas por determinadas antecipações imaginárias [...], por determinados implícitos e por modos de dizer específicos, dentro do singular universo heterogêneo que uma língua supõe ao habitar diferentes espaços de enunciação" (CELADA, 2013, p. 63).

Fazendo um deslocamento da noção de espaço, Orlandi (2001, p. 24) caracteriza a cidade como um "espaço material (político-simbólico), sócio-histórico, com uma quantidade de sujeitos (significantes) vivendo dentro" que, sendo um *sítio de significação*, demanda gestos de interpretação específicos. Partindo dessa definição, Rodríguez Alcalá (2003, p. 65) acrescenta que "a relação desse espaço com a linguagem e com os sujeitos falantes que o habitam é [...] uma relação constitutiva". Nessa perspectiva, considera que:

> A cidade é um espaço simbólico e político, constituído num processo discursivo (ideológico), cuja base material é a língua. Isso traz a língua para refletir sobre o espaço e o espaço para compreender a língua. [...] Não existe dessa perspectiva a possibilidade do espaço absoluto, vazio: ele é relativo aos sujeitos significantes que o habitam, que vivem em sociedades marcadas por relações de poder, as quais

> determinam tanto o habitante como seu modo de habitar e constituir o espaço. (RODRIGUEZ ALCALÁ, 2003, p. 82)

Se entendemos, a partir do que estamos desenvolvendo, a cidade como um espaço simbólico, sócio-histórico, político, onde se encontram envolvidos sujeitos de linguagem e que, além disso, é um espaço atravessado por relações de poder e regido por determinadas técnicas materiais e técnicas de gestão dos indivíduos, resulta procedente depreender daí que na cidade se colocam em causa processos de inclusão e exclusão, nem sempre explicitados em termos jurídicos. Pensando especificamente na presença de imigrantes nos centros urbanos, por exemplo, é evidente que, independentemente de sua situação de legalidade e de estar administrativamente autorizados a habitar nela, muitas vezes existem processos de exclusão simbólica desses sujeitos, onde o discursivo é central. Sobre essa dimensão discursiva da cidade, Zoppi Fontana (1998, p. 39) aponta a relevância de pensar como a cidade significa e é significada, quais são as imagens que orientam as práticas dos sujeitos nesse espaço, o que, de acordo com a autora, "leva a colocar a questão da identidade em relação às representações do espaço/tempo urbano trabalhadas pela linguagem enquanto campo simbólico de elaboração do sentido".

Assim, os sujeitos em condição de imigração, cujos discursos vamos analisar, são sujeitos que realizam práticas discursivas no espaço da cidade, que projetam determinadas representações sobre ela, ao mesmo tempo que por ela são afetados. São sujeitos, também, que através da língua significam um espaço cuja ordem determina suas práticas. Nessa imbricação entre sujeito, linguagem e cidade se colocam em causa os processos de identificação dos imigrantes, dado que, como afirma Lagazzi (1999, p. 39), "os processos de identificação do sujeito na organização social moderna são afetados pela relação com a cidade"[35].

Esses processos de identificação, para o sujeito imigrante que (se) significa na/pela cidade, envolvem a exposição à alteridade, ao universo simbólico do outro e, também, a inscrição no espaço do outro – na compreensão ampla que estamos fazendo do termo *espaço*. Ao mesmo tempo, esses processos estão atravessados por uma série de imaginários e pré-construídos que, como já antecipamos, envolvem não apenas o outro, mas também a si mesmo.

Cabe apontar que quando falamos em processo de inscrição estamos trazendo as reflexões desenvolvidas por Celada e Payer (2016), a partir das quais compreendemos que essa inscrição se dá enlaçada à subjetivação, isto é, à entrada no plano simbólico, que sempre decorre

[35] Voltaremos sobre essa afirmação no capítulo 6 ao analisar os processos de identificação dos sujeitos brasileiros imigrantes em relação à cidade.

do encontro com o outro, e aos processos de identificação[36]. Embora as autoras foquem, no texto mencionado, nas práticas de ensino/aprendizagem, trazem elementos interessantes para pensar possíveis deslocamentos que nos ajudam a refletir sobre nosso objeto de estudo, uma vez que a imigração, no caso que estamos analisando, implica também a inscrição em uma outra ordem linguística – a da língua estrangeira – numa outra ordem nacional, como já apontamos no segundo capítulo, e na ordem própria da cidade, no caso, Buenos Aires, em cujo espaço os sujeitos em condição de imigração realizam práticas discursivas. Nessas condições, de acordo com as autoras, o sujeito significa no *entremeio*, "enunciando numa língua que está atravessada por outra" (ib., p. 29), ao que poderíamos acrescentar que o sujeito imigrante também significa no *entremeio* das cidades: de um lado, a cidade de origem que aparece nos discursos como espaço de referência e, do outro, a cidade de Buenos Aires, constituída como um ponto de tensão entre a cidade desejada, imaginada e a cidade vivenciada com a qual o imigrante tem que se enfrentar para nela ocupar um lugar.

A noção de *entremeio* foi utilizada por Orlandi (2007c) para caracterizar epistemologicamente a AD como uma disciplina que não acumula conhecimento de forma positiva e que não pode ser entendida como uma área de conhecimento interdisciplinar na medida em que não se configura entre disciplinas, mas na relação contraditória da linguagem com a exterioridade. A partir dessa concepção, o termo *entremeio* foi desterritorializado por Celada (2002) para pensar as relações de continuidade/descontinuidade e contradição às quais o sujeito brasileiro no processo de aprendizado de espanhol está submetido. Nesse processo, o sujeito se inscreve na ordem da língua estrangeira e esse estar entre-línguas (quer dizer, submetido ao funcionamento específico de cada uma delas) o expõe a um real e, por conseguinte, a deslizes, atos falhos e equívocos (CELADA; PAYER, 2016). Entendemos que esse conceito é relevante para pensar não apenas no sujeito aprendiz, uma vez que esse estar entremeio não se dá somente no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira, mas também em muitas outras práticas linguageiras que exigem do sujeito a enunciação nessa outra língua, como é o caso que nos cabe analisar neste trabalho onde, além disso, ditas práticas se dão no espaço do outro. Assim, como afirmam Celada e Payer (ibidem, p. 29), um imigrante num determinado país também está no entremeio, "à mercê do roçar entre o que é possível numa e impossível na outra(s) [língua]", e, portanto, exposto ao real, sujeito a equívocos e contradições. Com isso, fica claro que a inscrição na língua e no universo simbólico do outro não implica nunca um abandono do próprio, pois não há fronteiras fechadas entre as línguas,

[36] Ampliaremos a discussão sobre a questão da identificação, como é discutida a partir da AD, na secção 3.6. deste capítulo.

mesmo que imaginariamente acreditemos que elas são espaços homogêneos e evidentemente delimitados. Da mesma forma, as fronteiras empíricas entre cidades ou entre países não apagam a relação do sujeito com seus espaços de referência. Nesse sentido, parafraseando as autoras, poderíamos dizer que o sujeito imigrante, sujeito do entremeio, está *à mercê de roçar entre o que é possível num e impossível em outro espaço*.

Pensando ainda na dimensão discursiva da cidade, Zoppi Fontana (1998, p. 52) propõe o paradoxo *cidade una/cidade fluida* que nos ajuda a enxergar o real da cidade e o imaginário como efeito desse real. De acordo com a autora, a *cidade una* recobre "as representações homogeneizantes que tentam fixar e sistematizar determinados sentidos, disciplinarmente identificados (racionais, funcionais, higiênicos, econômicos) para o espaço urbano". Por sua vez, a noção de *cidade fluida* remete às "múltiplas representações de origens diversas que, através de um movimento constante de interpretação, re-significam o espaço urbano sem desconhecer ou apagar sua heterogeneidade constitutiva". Retomando esse paradoxo, Mariani (1998a, p. 19) aponta que o real da cidade implica a irrupção, nessa *cidade una*, cidade imaginária, das "contradições, os equívocos históricos que, fraturando as regularizações propostas (e impostas) pelo Aparelho de Estado, tocam no 'nervo' urbano" e conclui que tratar do real da cidade é "mapear o modo como os sujeitos, na posição de usuários deste espaço, circulam e imprimem suas marcas" (idem.). Dessa forma, acreditamos que seja possível afirmar que o sujeito imigrante, entendido como um sujeito entre-espaços, constituído e afetado ainda pelo lugar de onde ele vem, está exposto, também, ao real da cidade que irrompe no seu discurso através de atos falhos, contradições e equívocos que se mostram nos modos de dizer a cidade. No encontro com esse espaço, o sujeito não deixa de estar afetado também pelo imaginário da cidade desejada, aquela que o fez migrar e que ele continua buscando, imaginário que é preciso atravessar para poder "se enfrentar" ao real e se inscrever nesse espaço outro[37].

Nesse ponto, se nos propomos a analisar os processos de identificação dos sujeitos em condição de imigração em Buenos Aires, entendendo-os em relação a uma inscrição do sujeito na ordem da língua e na ordem de um espaço outro, e se compreendemos que esses processos se mostram pelos modos de dizer desses sujeitos, atravessados pelo funcionamento do real, do imaginário e do simbólico, então é fundamental desenvolver teoricamente essas noções. Para isso, vamos recorrer, num primeiro momento, aos postulados da psicanálise, principalmente de

[37] Convém esclarecer que quando falamos de "atravessar" o imaginário não estamos sugerindo que seja possível "se livrar" dele, uma vez que é impossível que o sujeito escape de seus efeitos. No entanto, entendemos que a reflexão proposta aponta a pensar os processos de imigração no sentido de criar possibilidades de atravessar o imaginário – que está sempre em funcionamento – para o sujeito não ficar "preso" nele.

Lacan ([1956] 2003; [1965] 1998; [1966] 1998; [1972-1973] 1985) , em relação a esses termos, para depois refletir sobre como eles foram deslocados para a AD, levando em consideração os pontos de contato e de afastamento entre ambas as disciplinas. Na interlocução entre elas cobra relevância, como sabemos, a concepção do sujeito que, como aponta Leandro Ferreira (2010) está alicerçada na tríade real, simbólico e imaginário. Dessa forma, procuramos que essa reflexão nos permita, também, compreender melhor as particularidades desse sujeito do entremeio que é o imigrante, quem, pelo fato de ser sujeito, já é um ser em falta marcado pela incompletude, mas cujas faltas se acentuam no processo de imigração.

3.2 A TRÍADE REAL, SIMBÓLICO E IMAGINÁRIO NA PSICANÁLISE: UMA RELAÇÃO CONSTITUTIVA

Tanto a psicanálise como a AD compartilham o interesse pela questão do sujeito da linguagem, isto é, um sujeito submetido às leis da linguagem que o constituem (MORALES, 2002). Em Lacan, esse processo de constituição se entrelaça ao funcionamento dos três registros da realidade humana: o real, o simbólico e o imaginário, fundamentais, também, para compreender os processos de identificação do sujeito. A reflexão sobre os três registros é retomada e ressignificada pela AD, como discutiremos adiante, ainda neste capítulo.

Começamos por apontar que, mesmo que os três registros mencionados não admitam uma posição de hierarquia entre eles, seu estudo na teoria lacaniana não surgiu de forma simultânea. Ao contrário, foi resultado de um trabalho feito ao longo dos anos que implicou revisões e releituras não apenas da sua obra, mas também da obra freudiana. Vejamos, de forma breve, o percurso realizado[38].

Lacan expôs pela primeira vez sua teoria sobre o estádio do espelho em um congresso da Associação Psicanalítica Internacional em 1936 e, dois anos mais tarde, em um artigo para a *Encyclopédie Française*, no qual explicava a identificação da criança com uma imagem externa. O autor chamou de "o imaginário" ao registro em que tem lugar essa identificação.

Com o passar dos anos e do desenvolvimento teórico do psicanalista, a questão do estádio do espelho foi reformulada e, a partir de 1951, Lacan embarca em um processo de releitura de Freud, focado principalmente nas referências à linguagem que apareciam na obra do austríaco. Isso forneceu ferramentas ao psiquiatra francês para defender a ideia da opacidade entre significante e significado e a prevalência do primeiro sobre o segundo e, com isso, dar

[38] Para a realização desse percurso nos baseamos principalmente em Leader e Groves (2008).

cada vez mais espaço na sua obra para o registro simbólico como organizador das redes sociais e culturais nas quais uma criança nasce, o que o fez repensar também o processo de identificação descrito na teoria do estádio do espelho.

Já em 1953, Lacan inclui o real como parte integrante dos registros da realidade humana, caracterizando-o como aquilo que não pode ser simbolizado, que não pode ser raciocinado e que, portanto, está excluído de nossa realidade.

Embora nas primeiras teorizações sobre os três registros Lacan tenha dado mais importância ao registro simbólico como estruturante dos outros dois, no seu seminário "RSI", realizado entre 1974 e 1975, estabeleceu uma espécie de equivalência entre eles, destacando a relevância no modo como os três registros estavam ligados. O funcionamento desses três registros foram fundamentais na teoria lacaniana, principalmente para sua aplicação na clínica e na análise psicanalítica, e especialmente para o tratamento da psicose. Obviamente, não é esse nosso ponto de interesse, mas consideramos importante fazer uma descrição desses três registros pela importância que eles têm no desenvolvimento de certos conceitos relevantes para a AD em general e para nossa pesquisa em particular.

Como já foi mencionado, Lacan entende o real como aquilo que é excluído da realidade e sobre esse ponto é importante estabelecer uma primeira distinção entre real e realidade, termos que do ponto de vista do senso comum podem se apresentar como equivalentes, mas que na perspectiva psicanalítica se referem a questões divergentes. No tocante a essa questão, Sercovich (1977) aponta que, no uso corriqueiro, o real se opõe ao imaginário assim como o realmente existente se opõe à fantasmagoria. Porém, para Lacan, o que chamamos de "realidade" é uma combinação entre o imaginário e o simbólico. Imaginário no sentido que o próprio *eu* se constitui a partir de uma representação imaginária de unidade e completude segundo a qual raciocinamos os nossos atos e construímos e percebemos a realidade. Simbólico, porque somos sujeitos de linguagem e quase tudo que nos rodeia tem um significado para nós. O real seria então, justamente, aquilo que escapa, que não pode ser simbolizado, que não é abrangido pela linguagem e, portanto, está excluído de nossa realidade, mas que retorna como falta**:**

> O real promove a escrita da falta de um significante e, paradoxalmente, é inapreensível, não se dá a ver, a escutar, não se apreende, escapa sempre. O real só é apreensível pela via do imaginário, pelas tentativas de produção de sentidos que deem conta dessa falta (de um significante) que nos funda como sujeitos. (MARIANI, 2010, p. 122)

Essa noção de real nos leva à apropriação que dela faz a AD quando aponta para o real da língua para mostrar uma impossibilidade de dizer tudo na/pela língua, para expor sua

incompletude e para assumir o equívoco como elemento constitutivo do discurso, como detalharemos adiante. Por outra parte, à ideia exposta por Mariani acerca do imaginário como via de acesso ao real acrescentamos o enlaçamento também com o simbólico, na medida em que, como propõe Leandro Ferreira (2010), não é possível apreender o real a não ser pelo simbólico. Vemos, mais uma vez, a relevância de considerar os três registros na sua imbricação constitutiva.

No que se refere aos registros imaginário e simbólico, eles se encontram enlaçados na medida em que a relação com a imagem está estruturada pela linguagem. Quer dizer, o processo de identificação se dá pela imagem, mas não apenas por ela. É também a partir das palavras dos outros que se constitui a imagem, visto já ser a criança, antes mesmo de nascer, falada pelos pais, pela família, pelo entorno que vai tecendo uma rede simbólica para ela. Ou seja, antes de aprender a falar, a dimensão simbólica já está operando, ainda que a criança não tenha consciência disso ou não compreenda, na primeira etapa da sua vida, a fala dos outros. É nesse sentido que Lacan afirma que o sujeito é servo da linguagem, dado que "a linguagem com sua estrutura precede à entrada que faz nela cada sujeito num momento do seu desenvolvimento mental" (LACAN [1956] 2003, p. 475, tradução nossa).

A criança atravessa, assim, uma identificação imaginária com a imagem, mas também uma identificação simbólica com as palavras dos pais e essa junção vai conformando uma identidade que é construída de fora, provinda de uma imagem externa ao sujeito e da forma em que ele é falado pelos outros. Essa identidade, como veremos mais na frente, é produzida imaginariamente como uma totalidade homogênea.

Surge dessa reflexão a distinção que Lacan faz entre o *eu ideal* e o *ideal do eu* segundo a qual o primeiro seria a imagem que o sujeito assume de si mesmo, enquanto o *ideal do eu* seria a identificação simbólica com um elemento significante. Essa identificação simbólica se dá através de um processo inconsciente que evita que o sujeito permaneça "preso" na imagem e outorga uma base para enraizar o sujeito, pois lhe indica a forma por meio da qual ele é olhado pelos outros e o insere numa estrutura simbólica através da linguagem. No entanto, como sustenta Lacan, a identidade que a linguagem nos dá não é algo que podemos assumir como próprio, porque a linguagem não nos pertence, ela é preexistente a nós, e as palavras que utilizamos são também utilizadas por outros e formam parte de uma ordem simbólica. Lacan ([1956], 2003) destaca, nesse sentido, que uma das propriedades do significante é que ele se constitui de acordo com as leis de uma ordem fechada a cujas imposições estamos assujeitados. Introduz, assim, a noção de *cadeia significante*, representada como uma série de anéis cujo colar se une no anel de um outro colar feito de anéis (cf. p. 481). E dado que cada significante

pertence a uma série, ele não pode ser considerado de forma isolada, pois "ele apenas pode produzir significado na relação com outro ou com outros significantes" (SILVEIRA, 2002, p. 120). Observa-se nesse argumento a influência saussureana em relação à noção de valor, segundo a qual o valor de um signo, dentro de um sistema, se define por sua diferença com os outros elementos. De acordo com Saussure ([1973] 2006, p. 134), o conteúdo de uma palavra "só é verdadeiramente determinado pelo concurso do que existe fora dela. Fazendo parte de um sistema, está revestida não só de uma significação como também, e sobretudo, de um valor". Os valores, para o autor, "são puramente diferenciais, definidos não positivamente por seu conteúdo, mas negativamente por suas relações com os outros termos do sistema. Sua característica mais exata é ser o que os outros não são" (ibidem, p. 136).

De acordo com Silveira (ibidem), esse funcionamento assemelha-se ao da mercadoria, cujo valor não está nela mesma, mas na relação com outras mercadorias. Assim, tanto o significante quanto a mercadoria não podem ser totalizadas, produzir um significado único. Porém, pode acontecer que a série infinita seja interrompida e que um significante assuma um efeito de "totalização" da série, transformando-se no que Lacan chama de significante-mestre.

Com a noção de cadeia de significantes, Lacan, por um lado, traz a questão da metáfora e da metonímia – presentes no funcionamento dessa cadeia – e, por outro, questiona a ideia de que o sentido está nas palavras e de que entre significante e significado há uma relação de transparência. Para ele, "é na cadeia de significantes onde o sentido insiste, mas nenhum dos elementos da cadeia consiste na significação da que é capaz no momento mesmo" (LACAN, [1956], 2003, p. 482, tradução nossa).

Dessa forma, frisa a opacidade da língua e, também, a supremacia do significante sobre o significado, dado que o significado se estabelece a partir a relação entre os significantes de um determinado sistema linguístico que se articulam numa cadeia. Esses aspectos são retomados por Pêcheux entendendo, por um lado, que essa supremacia é exercida no quadro de uma formação discursiva determinada e, por outro, compreendendo que:

> [...] uma palavra, uma expressão ou uma proposição não tem *um* sentido que lhe seria "próprio", vinculado a sua literalidade. Ao contrário, seu sentido se constitui em cada formação discursiva, nas relações que tais palavras, expressões ou proposições mantêm com outras palavras, expressões ou proposições da mesma formação discursiva. (PÊCHEUX, [1975], 2014, p. 147-148)

Um outro aspecto que é importante destacar na teoria lacaniana em relação ao registro simbólico é que ele inclui a dimensão da perda, da falta, aspecto que o registro imaginário tenta mascarar. Assim, para entender esse funcionamento devemos nos remeter às considerações

lacanianas sobre o registro imaginário e seu papel na constituição da identidade e da subjetividade do sujeito.

Esse registro remete, principalmente, à prevalência da relação com a imagem de um semelhante (SERCOVICH, 1977). A criança, na etapa pré-edipiana, constrói seu *eu* a partir de imagens que provém de fora, seja da sua própria imagem no espelho ou dos outros seres humanos com os quais tem contato. Quer dizer, o ser humano, não pode olhar a si mesmo de forma completa, mas de forma fragmentada. Somente se olhando no espelho consegue se ver, e é, então, uma imagem externa a que lhe devolve uma tranquilizadora forma unitária e completa. Nesse sentido, nosso *eu* é sempre produto do olhar dos outros, sejam esses outros nossos semelhantes o aquela imagem própria que nos olha no espelho.

Cabe salientar, no entanto, que "nem todas as imagens do mundo são constitutivas do eu. O *eu* só percebe as imagens em que se reconhece, ou seja, imagens pregnantes que, de perto ou de longe, evocam apaixonadamente a figura humana do outro, seu semelhante" (NASIO, [1988] 1997, p. 117).

Produz-se, assim, uma primeira identificação que contribui, entre outras coisas, para o desenvolvimento das funções motoras, na medida em que a criança começa a "imitar" os movimentos dos outros indivíduos da sua espécie, inscrevendo-se assim numa ordem de identificação homeomórfica (LACAN [1966] 1998). Essa etapa é denominada por Lacan como *estádio do espelho*, onde a imagem torna-se central para a estruturação do sujeito, uma vez que, na imagem que vem de fora, ele pode se ver como uma unidade completa. É por isso que se afirma que o efeito de completude provém de uma alienação essencial "fundante do sujeito psíquico" (CHNAIDERMAN, 1998, p. 54), que se dá pelo viés do imaginário "que opera com o fim de ocultar uma perturbadora desunião" (LEADER; GROVES, 2008, p. 24).

A importância do estádio do espelho em Lacan radica também em que, como afirma Mariani, é o momento em que se forja a divisão do sujeito consciente e inconsciente:

> Sendo especular, trata-se de uma captura imaginária, logo, essa instância do "eu" é situada por Lacan em uma ficção. O "eu" autônomo, da consciência, é uma instância imaginária: nós nos reconhecemos e, ao mesmo tempo, nos estranhamos nesse "eu". O estádio do espelho é um momento crucial em que passa a operar a divisão entre o "eu" (*moi*), em sua captura imaginária, e o sujeito do inconsciente (*je*). (MARIANI 2016, p. 45)

O *eu* consciente, formado a partir do "olhar do outro", está afetado pelo registro imaginário na medida em que funciona graças a essa ilusão de coerência e completude, efeito de evidência que faz com que cada um de nós acreditemos que temos *nossa* identidade

essencial, mesmo tendo atravessado essa divisão entre consciente e inconsciente. Em outras palavras,

> [...] embora partido, cindido, o sujeito vivencia sua própria identidade como se ela estivesse reunida e "resolvida" ou unificada, resultado da fantasia de si mesmo como uma "pessoa" unificada, formada na fase do espelho. Nisso consiste a origem contraditória da "identidade" (CORACINI, 2007, p. 61).

Quer dizer, é essa identificação primeira, especular, a que lhe confere ao sujeito sua "identidade". O estádio do espelho deve ser entendido, então, "como uma identificação, [...] ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem" (LACAN [1966] 1998, p. 97). Porém, não é apenas a identificação imaginária a que opera no sujeito na constituição de sua identidade, porque assim como através dessa identificação imaginária com a imagem do outro se constitui o *eu*, existe a identificação simbólica que está na origem do sujeito do inconsciente (NASIO, [1988] 1997).

Essas duas identificações encontram-se entrelaçadas, pois "a formação do *eu* no 'olhar' do outro inicia a relação da criança com os sistemas simbólicos, que passam a constituí-la de modo inconsciente. Dá-se, assim, a sua entrada nos vários sistemas de representação simbólica" (CORACINI, 2007, p. 61). Como já frisamos anteriormente, o sujeito, antes de nascer, já é falado por outros e afetado pelos dizeres que o antecedem, ou seja, já está imerso dentro de uma estrutura simbólica que regula também sua estruturação imaginária e que, tal como acontece nesse registro, também vem de fora, do Outro. Note-se que, desta vez, estamos escrevendo "Outro" com maiúsculo, seguindo a distinção proposta por Lacan para se referir a uma alteridade que não é o semelhante – como acontece no caso da identificação imaginária com o outro (com minúscula) –, mas uma segunda alteridade, um "grande Outro" que corresponde à identificação simbólica.

Althusser (1985) esclarece que, para Lacan, os dois momentos de identificação (imaginária e simbólica) são governados por uma única Lei, a lei do Simbólico. Isso significa que não pode se estabelecer uma ordem cronológica – primeiro a imagem e depois a linguagem – entre essas duas identificações porque o próprio estádio do espelho que acabamos de descrever, também

> [...] está marcado e estruturado, em sua dialética, pela própria dialética da Ordem Simbólica, ou seja, da Ordem humana, da norma humana (as normas dos ritmos temporais da alimentação, da higiene, dos comportamentos, das atitudes concretas do reconhecimento – sendo a aceitação, a recusa, o sim ou o não ditos à criança apenas os detalhes, as modalidades empíricas dessa Ordem constituinte, Ordem da Lei e do Direito de assinação atributiva ou excludente) sob a própria forma da Ordem do significante, ou seja, sob a forma de uma Ordem formalmente idêntica à ordem da linguagem. (ALTHUSSER, 1985, p. 65)

O indivíduo, portanto, tem que se submeter a uma lei, à lei do significante que lhe diz que não pode tudo, que existem proibições que tem que "acatar" para se tornar sujeito. Na teoria psicanalítica, esse processo se explica pelo complexo de Édipo e pela última etapa dele, a "castração". Resumidamente, o complexo de Édipo implica um processo pelo qual a criança constrói seu progenitor, geralmente do sexo oposto, como objeto de desejo. Independentemente do sexo biológico da criança, todo esse processo se ordena, como explica Althusser (1985), em torno do significante falo. No caso do menino, tendo como objeto de desejo à mãe, ele tem que "aceitar" (entre aspas, pois trata-se de um processo inconsciente) que não é seu falo o que a mãe deseja, mas o falo do pai. Ou seja, deve assumir que não tem o mesmo direito que o pai tem sobre sua mãe. No caso da menina, ela não "aceita" apenas não ter o falo do pai, mas também não ter o direito ao falo do pai que a mãe tem.

Podemos observar que o processo descrito tem como resultado a entrada da criança no universo simbólico, na ordem da lei e, com isso, na linguagem. Mas, além de estar marcado pela proibição e pela lei, esse momento está fundamentalmente sinalizado pela falta, pela perda (do falo), pela incompletude. Eis o que leva à condição inevitável de todo ser humano: ele é incompleto, sempre haverá alguma coisa, um resto, que o sujeito não pode possuir. Porém, essa incompletude é mascarada pelo imaginário que faz com que o sujeito se assuma imaginariamente como um ser completo, ocultando assim sua natureza fragmentada.

Se consideramos, como afirma Mariani (2006), que a subjetividade pode ser compreendida como o resultado da entrada do bebê no campo da lei enquanto lei da linguagem, devemos sublinhar, então, que a identificação simbólica se corresponde com a instauração do *eu* e, ao mesmo tempo, com a divisão subjetiva no aparelho psíquico que conforma os registros consciente e inconsciente, sendo este último, como afirma Lacan ([1965] 1998, p. 882), "estruturado como uma linguagem". Com essa frase, o autor não está se referindo à estrutura no sentido dado pela Linguística, com suas leis e suas regras lógicas que excluem o sujeito, mas no sentido psicanalítico que implica um sujeito descentrado ou, em outras palavras, um sujeito que não é centro nem é origem do sentido, uma vez que a linguagem com sua estrutura existe antes mesmo da entrada do sujeito nela. Essa entrada do sujeito na linguagem é marcada por uma falta constitutiva, por um *furo fundante*. Leandro Ferreira (2010) explica, seguindo a Lacan, que é nesse furo que nasce o sujeito do inconsciente. O furo, como um lugar vazio, resiste à simbolização, marca uma impossibilidade, articulando-se, dessa forma, com a noção de real que se concebe, na psicanálise, como núcleo do inconsciente. Em resumo, o inconsciente se estrutura a partir da falta e o real é seu núcleo.

Por outro lado, a autora explica que os efeitos da estrutura do inconsciente se manifestam na *alíngua*, termo criado por Lacan para se referir à língua materna e sua função constitutiva de falar o sujeito antes mesmo de que ele possa falar. A grafia do termo, que junta o artigo com o substantivo, justifica-se como forma de distinguir a língua da linguística de a língua do inconsciente. Em relação com a questão dos efeitos, Lacan diz:

> Alíngua nos afeta primeiro por tudo que ela comporta como efeitos que são afetos. Se se pode dizer que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, é no que os efeitos de alíngua, que já estão lá como saber, vão bem além de tudo que o ser que fala é suscetível de enunciar. É nisto que o inconsciente, no que aqui eu o suporto com sua cifragem, só pode estruturar-se como uma linguagem, uma linguagem sempre hipotética com relação ao que a sustenta, isto é, alíngua." (LACAN, 1985, p. 190).

Observa-se ali, então, o elo entre a estrutura do inconsciente como uma linguagem e a alíngua que não é simbolizável, mas que está ligada ao significante e que, como vimos, remete a uma falta primordial na constituição do sujeito que o conforma como um sujeito dividido e que funciona como motor dessa estrutura. Interessa-nos acrescentar, junto com Morales (2002), que a *alíngua* outorga à língua o estatuto do não todo, já que nela algo falta – o que, como podemos observar, remete ao real –, mas essa falta pode ser reconhecida na materialidade da língua através do equívoco (o lapso, o ato falho, o chiste) que, como sabemos, escapa ao sujeito. Nesse sentido, Leandro Ferreira (2010, p. 9) afirma que "o real escapa à simbolização e se situa à margem da linguagem" e acrescenta: "não há meio de apreendê-lo a não ser pelo simbólico". Quer dizer, por um lado, o real, apesar de ser mascarado pelo imaginário, é impossível de ser simbolizado, mas, por outro, ele "não cessa de insistir [...] comparecendo como sintoma, como expressão de realização do desejo" (MORALES, 2002, p. 67) e se manifesta no simbólico como falha na língua.

O anterior nos mostra, mais uma vez, a articulação que existe, na teoria lacaniana, entre os registros real, simbólico e imaginário na constituição do sujeito. Esse sujeito da psicanálise é, então, um sujeito submetido à linguagem, descentrado, dividido entre consciente e inconsciente, concebido e afetado pela falta e constituído através de identificações simbólicas e imaginárias. Essas identificações, de acordo com o que fomos desenvolvendo neste capítulo, se produzem pela intervenção do outro, isto é, pelo olhar do outro – registro imaginário – e pelas palavras do Outro – registro simbólico –, e são essas identificações as que vão constituindo nossa subjetividade e instaurando no sujeito a ilusão de uma identidade que "não é inata nem natural, mas naturalizada através de processos inconscientes" (CORACINI, 2007, 61).

Essas identificações que se produzem no processo de constituição do sujeito não acontecem uma vez e para sempre, pois durante toda a vida o sujeito continua a se identificar com o outro e sempre estará atravessado pelos três registros lacanianos que descrevemos aqui. É por isso que, na perspectiva discursiva que assumimos neste trabalho, as considerações realizadas são fundamentais nos processos de produção de sentidos pois, como afirma Mariani (2016, p.38-39), "se estamos no simbólico, estamos no campo dos sentidos e já nos encontramos no jogo das formações imaginárias, interpelados pela ideologia e afetados pelo inconsciente, sofrendo os efeitos da divisão entre o *moi* ("eu") e o *je* (sujeito do inconsciente)".

A seguir, tentaremos explicar como a questão dos três registros lacanianos é apropriada pela análise do discurso e por que essa reflexão é fundamental para abordar as análises que propomos realizar neste trabalho.

3.3 A ANÁLISE DO DISCURSO NA INTERFACE COM A PSICANÁLISE: APROPRIAÇÕES E DESLOCAMENTOS

As noções de real, simbólico e imaginário desenvolvidas pela psicanálise são ressignificadas na análise do discurso de acordo com os objetivos específicos dessa disciplina de entremeio. A principal característica que elas assumem no campo da AD, segundo Orlandi (2007 d), consiste na sua articulação não mais com o inconsciente, como acontece na psicanálise, mas com o conceito de ideologia – retomando-o do trabalho de Althusser – e com a determinação histórica.

A reflexão sobre o sujeito, como aprofundaremos adiante, também adquire matizes particulares na AD, na medida em que, embora se leve em consideração a concepção de sujeito dividido da psicanálise, ele é pensado a partir do processo de interpelação ideológica. Quer dizer, ideologia e sujeito passam a ser elementos indissociáveis e fundamentais na produção de sentidos. Ao mesmo tempo, assim como na psicanálise vimos que o sujeito "resolve" a sua natureza fragmentada através do funcionamento do imaginário que lhe garante uma ilusória unidade, na análise do discurso o funcionamento do imaginário permite, não apenas a aparência de unidade do sujeito, mas também dos sentidos, sendo essa ilusão considerada como um efeito ideológico.

Já em relação ao real, quando descrevemos os três registros lacanianos, dissemos que ele era entendido como aquilo que estava fora de nossa realidade, excluído pelo fato de ser inapreensível, impossível de ser simbolizado. Esse real, então, é constitutivo da língua e do sujeito. No nível do discurso, isso explica "a descontinuidade, a dispersão, a incompletude, a

falta, o equívoco, a contradição, constitutivas tanto do sujeito como do sentido" (ORLANDI, 2007a, p. 73-74). Mas esse registro do real não tem um funcionamento autônomo, pois se articula com o simbólico e com a instância do imaginário "transformando", no nível das representações, a dispersão em unidade não contraditória, produzindo um efeito de completude que se apresenta como evidência.

A noção de real na AD é trabalhada por Gadet e Pêcheux ([1981] 2004) a partir da leitura de Milner, quem utiliza esse termo da psicanálise para expressar a incompletude e a impossibilidade de dizer tudo na/pela língua. Assumir esse real torna-se fundamental no quadro teórico da AD para elaborar uma noção de língua que se afasta da sua compreensão como estrutura fechada e homogênea, admitindo a falha como um elemento próprio da ordem da língua. No entanto, os autores criticam em Milner a sua recusa a considerar a existência de um real da história e, consequentemente, a percepção desse real como contradição, tal como o percebe o materialismo histórico.

Nesse ponto, é importante destacar que na AD a noção de real experimenta um desdobramento entre o real da língua, o real do sujeito e o real da história. Em todos eles, aponta Leandro Ferreira (2010, p. 9), "estão presentes o traço da incompletude e da não-sistematicidade". Isso responde ao fato de que o real, para Pêcheux (2012, p.43), é "constitutivamente estranho à univocidade lógica, e um saber que não se transmite, não se aprende, não se ensina, e que, no entanto, existe produzindo efeitos".

Nesse desdobramento, o real da língua tem relação com o funcionamento da ordem significante marcado pela falha, ou, em outras palavras, pelo "impossível de dizer e impossível de não dizer que irrompe na estrutura da língua" (MORALES, 2002, p. 65). O real do sujeito, por sua vez, refere-se ao sujeito do inconsciente e a sua fragmentação – acobertada por uma unidade imaginária –. Já o real da história é da ordem dos processos sócio-históricos e é também o lugar do equívoco, afetando dessa forma o real da língua, na medida em que o equívoco afeta a língua pelo atravessamento da história e do inconsciente no discurso.

Essa noção de equívoco, muito cara para a AD e para compreender o conceito do real, foi definido por Gadet e Pêcheux ([1981] 2004) como "o ponto em que o impossível (linguístico) vem aliar-se à contradição (histórica); o ponto em que a língua atinge a história". Assim, entendemos que o equívoco, apesar de estar ligado à ordem significante, não diz apenas respeito ao real da língua, mas também da história e, portanto, da contradição. Esse equívoco que toca a história, diz Orlandi (2007c), é o que constitui a ideologia, conceito que é trabalhado na AD pelo viés da interpelação constitutiva do sujeito, que é da ordem do inconsciente. Entendemos que é seguindo esse percurso que Orlandi afirma, no prólogo do livro de Pêcheux

(2012), *O discurso: estrutura ou acontecimento*, que ideologia e inconsciente se ligam materialmente na região do equívoco, quer dizer, numa área que está fora do controle do sujeito e que, não obstante, o constitui.

Orlandi aponta também uma importante distinção na forma de compreender a falha e o equívoco:

> A língua é capaz de falha. Essa possibilidade – a da falha - é constitutiva da ordem simbólica. Por seu lado, o equívoco já é fato de discurso, ou seja, é a inscrição da língua (capaz de falha) na história que produz o equívoco. Este se dá portanto no funcionamento da ideologia e/ou do inconsciente. O equívoco é a falha da língua, na história. (ORLANDI, 1999, p. 13)

Assim, associando a falha à língua e o equívoco ao discurso, a autora vai compreender a produção de sentidos necessariamente marcada pelo equívoco. Ao mesmo tempo, é através do equívoco que podemos observar o funcionamento do real da língua na materialidade discursiva, portanto, a AD não propõe negar o equívoco, mas pelo contrário, trabalhá-lo na sua relação constitutiva com a linguagem (ORLANDI, 2007c). Por outro lado, esse real, que nos marca a impossibilidade de dizer tudo na/pela língua, é também o que possibilita as derivas do sentido, a desestruturação que habilita a transformação, já que a exposição ao equívoco implica, como diz Pêcheux, que

> Todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro. [...] Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação. (PÊCHEUX, 2012, p. 53)

Com isso, podemos afirmar que a língua com a que a AD trabalha contêm em si a possibilidade de falha e conforma, como diz Leandro Ferreira (2010), a via de acesso ao discurso, região heterogênea afetada pela historicidade. Mas é justamente por essa possibilidade de falha, de equívoco, enfim, pelo que é mais próprio à língua – seu real –, que existe a possibilidade de deslizamentos de sentidos e lugar para a interpretação. Sendo assim, se estamos falando de sentidos e interpretação é porque estamos no terreno do simbólico, que implica, logicamente, a existência de um sujeito que, diante de qualquer objeto simbólico, "é instando a interpretar (a dar sentido) determinado pela história, pela natureza do fato simbólico, pela língua" (ORLANDI, 2007c, p. 133). Esse processo de interpretação é opaco para o sujeito, quem, pelo funcionamento da ideologia, tem a ilusão de que os sentidos só podem ser aqueles porque há uma imaginária linearidade entre linguagem, pensamento e mundo. Eis um dos aportes que faz a AD na sua releitura da teoria lacaniana dos três registros que, como vimos, não inclui a ideologia como elemento fundamental na constituição do sujeito. No caso da AD,

considera-se que o sujeito se constitui como tal através da interpelação ideológica, o que implica a submissão à língua e a determinação pelas formações ideológicas e discursivas nas quais se inscreve. É por isso que Pêcheux nos diz, como afirma Orlandi (2007a, p. 17), que "não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido".

Desse modo, o sujeito só pode enunciar a partir de sua relação com o simbólico que se dá a partir de um processo de subjetivação que implica o assujeitamento à língua na história (ORLANDI, 1999). Isso nos convida a pensar, tomando em conta o nosso objeto de estudo, nas consequências que traz para um sujeito, que já está inscrito na ordem simbólica da sua própria língua, a inscrição numa outra ordem significante, não apenas da língua estrangeira, mas também de um outro espaço, o espaço da cidade, que é, como já analisamos, um espaço simbólico com discursos que o atravessam e onde os sujeitos realizam práticas significantes. A entrada nesse universo simbólico envolve, logicamente, a exposição à alteridade e reclama novos processos de identificação do sujeito nessa outra língua, nesse outro espaço.

Com Lacan vimos que a identificação simbólica e imaginária do sujeito resulta na constituição do *eu* a partir do "olhar" do outro e que, do ponto de vista do simbólico, esse processo dá lugar à divisão do sujeito entre consciente e inconsciente. Isso significa que o sujeito, para conformar seu *eu*, tem que se submeter à lei do significante. No caso da língua estrangeira, entendemos que para nela enunciar, o sujeito deve atravessar um novo processo de identificação simbólica, isto é, se inscrever na ordem dessa língua outra, se submeter a essa lei. Esse processo de subjetivação, no caso da língua estrangeira, "diz respeito à qualificação do sujeito pela sua relação constitutiva com o simbólico, isto é, diz respeito a sua subjetividade" (CELADA, 2013, p. 54). Além disso, no caso específico de sujeitos em condição de imigração, a submissão não se dá apenas em relação à língua, mas também às leis do Outro, o que implica considerar, literalmente, as leis que regem administrativa e juridicamente o país enquanto Estado, mas também às inúmeras leis não escritas que atravessam a vida cultural de uma determinada sociedade em um momento histórico dado. Sem dúvida, a forma de vivenciar esse confronto entre as diversas ordens simbólicas às quais o sujeito imigrante está exposto é a peça-chave para compreender os processos de identificação que experimenta e que se manifestam nas suas práticas discursivas.

Por outro lado, não podemos esquecer a relevância que tem nesses processos a instância do imaginário, registro descrito por Lacan que na AD ganha sua própria especificidade. De acordo com Orlandi (2007a, p. 42),"o imaginário faz necessariamente parte do funcionamento da linguagem", o que supõe que a imagem construída sobre si e sobre o outro possui uma

importante força na constituição do dizer dos sujeitos, isto é, forma parte das condições de produção dos discursos. Isso nos permite analisar os sentidos que são produzidos, estabelecendo relações com a historicidade e com a memória, uma vez que, como afirma a autora, o imaginário que determina os dizeres dos sujeitos

> [...] não 'brota' do nada: assenta-se no modo como as relações sociais se inscrevem na história e são regidas, em uma sociedade como a nossa, por relações de poder. A imagem que temos de um professor, por exemplo, não cai do céu. Ela se constitui nesse confronto do simbólico com o político, em processos que ligam discursos e instituições. (ORLANDI, 2007a, p. 42)

Vemos assim a relevância que tem, para a AD, o registro do imaginário nas condições de produção dos discursos. Além disso, a noção do imaginário torna-se fundamental, também, para trabalharmos a questão da subjetividade e da identidade. Com respeito ao primeiro ponto, entendemos junto com Sercovich (1977, p. 49, tradução nossa) que "o imaginário em suas múltiplas manifestações constitui o sujeito: as imagens conformam a subjetividade". Em relação à identidade, como observamos ao explicar os postulados de Lacan sobre os três registros, ela mantém uma profunda relação com o imaginário na constituição (incompleta) do sujeito da linguagem. Cabe lembrar que a identificação imaginária que se produz no estádio do espelho deriva na constituição da identidade do sujeito afetada pela falta. A partir daí, a AD assume "a falta, o equívoco, a contradição e a incompletude como constitutivos da linguagem, do discurso e, portanto, do sujeito" (CORACINI, 2007, p. 43), articulando, assim, o real com a instância do imaginário que, como já dissemos, transforma a dispersão em unidade não contraditória. Nesse marco, a identidade também se apresenta sob a ilusão de totalidade que faz com que cada um de nós acreditemos que temos uma identidade essencial, única e consciente.

Essa evidência da identidade posta em relação com a linguagem e com o funcionamento do imaginário é fundamental na produção de sentidos em função da construção das diversas imagens de si, do outro e dos objetos do discurso que participam nesse processo, e que se constituem como componentes cruciais nas condições de produção dos discursos. Isso ocorre porque, como afirma Orlandi, são essas imagens projetadas nos discursos as que produzem significado em um contexto sócio-histórico determinado. Não se trata, então, de analisar os sujeitos empíricos, mas a forma em que eles se projetam discursivamente, pois "são essas projeções que permitem passar das situações empíricas -os lugares dos sujeitos- para as posições dos sujeitos no discurso. Essa é a distinção entre lugar e posição" (ORLANDI, 2007a, p. 40).

Depreende-se daí a necessidade de atentar, nas análises dos discursos – junto com a materialidade da língua e a formação social em que um enunciado é produzido –, para o

mecanismo imaginário que funciona na produção desses discursos. Esse mecanismo implica, segundo Pêcheux ([1969], 1997), a existência de dois elementos, A e B, que designam determinados lugares dentro de uma formação social que estão representados (presentes, mas transformados) nos processos discursivos, de forma tal que "o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a *si* e ao *outro*, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro" (PÊCHEUX, [1969] 1997, p. 82, grifos do autor). Pêcheux distingue, assim, as *situações* (objetivamente definíveis) que se dão no marco de qualquer formação social e as *posições* (representações dessas situações).

O autor designa essas formações imaginárias, presentes em todo processo discursivo, através de uma série de questões implícitas, associadas ao jogo de imagens que funciona no discurso e que podemos resumir da seguinte forma:

1) Imagem que A tem de si >> quem sou eu para lhe falar assim?

2) Imagem que A tem de B >> quem é ele para que eu lhe fale assim?

3) Imagem que B tem de si >> quem sou eu para que ele me fale assim?

4) Imagem que B tem de A >> quem é ele para que me fale assim?

5) Imagem que A tem do Referente >> de que lhe falo assim?

6) Imagem que B tem do Referente >> de que ele me fala assim?

Devemos acrescentar nesse jogo imaginário, como bem aponta Orlandi (2007a, p. 39), a antecipação das representações imaginárias do receptor, uma vez que "o sujeito dirá de um modo ou de outro, segundo o efeito que pensa produzir em seu ouvinte". Essas antecipações podem render várias projeções, dentre as quais, podemos mencionar:

7) Imagem que A tem da imagem que B tem de A.

8) Imagem que A tem da imagem que B tem de B.

9) Imagem que A tem da imagem que B tem do Referente.

Cabe destacar que todas essas imagens que determinam a produção dos discursos estão ligadas a certas formações ideológicas e são atravessadas pelo já dito e pelo já ouvido. Isso acontece porque as chamadas *formações imaginárias* provêm de "processos discursivos anteriores que deixaram de funcionar, mas que deram nascimento a 'tomadas de posição' implícitas que asseguram a possibilidade do processo discursivo em foco" (PÊCHEUX, [1969] 1997, p. 85).

É necessário esclarecer que em nosso trabalho será importante também considerar as especificidades das condições de produção de nosso corpus, o que implica levar em conta uma instância de interlocução específica – a entrevista –, que nos traz determinados elementos que

não podemos obviar, mas que remetem a contextos mais amplos. Cabe lembrar que, no quadro teórico da análise do discurso, Pêcheux ([1969], 1997, p. 74) designa "o *processo de produção* como o conjunto de mecanismos formais que produzem um discurso de tipo dado, em "circunstâncias" dadas"; e chama de *condições de produção* às "circunstâncias" desse discurso. O autor considera que essas condições são constitutivas do sentido e, assim sendo, são as que permitem a formulação e a compreensão dos discursos. Por sua vez, Courtine (2009) aponta que essas "circunstâncias" não devem ser entendidas apenas como a situação concreta de comunicação em que os sujeitos interagem, pois elas implicam vários elementos complexos como as posições ideológicas dos protagonistas, o objeto do discurso, o processo sócio-histórico no qual os enunciados são produzidos, as formações imaginárias que designam o lugar que os interlocutores se atribuem entre si, a memória discursiva etc. A partir dessas considerações, Orlandi (2007a) vai distinguir o contexto imediato, entendido em seu sentido estrito, que envolve a situação de interlocução, a circunstância de comunicação e instanciação de linguagem, do contexto no sentido lato, que diz respeito às determinações histórico-sociais, ideológicas etc., que constituem as condições de produção em sentido amplo. A situação de entrevista formaria parte, seguindo Orlandi, das condições de produção em sentido estrito, mas entendendo que ditas condições vão muito além das circunstâncias de enunciação. Cabe aqui, portanto, trazer a distinção que a autora faz entre o outro – interlocutor efetivo ou virtual – e o Outro – isto é, a historicidade concebida como interdiscurso:

> De um lado, a historicidade como relação às condições de produção do dizer, no processo de sua formulação que define o quem, o para quem, o onde, etc. sob o modo das formações imaginárias. [...] De outro, a historicidade aparece enquanto interdiscurso, enquanto constituição (e não formulação) do dizer, ou melhor, como o conjunto do dizível e do interpretável. Nesse caso, o Outro não é o interlocutor, mas o lugar da alteridade constitutiva, presença do outro sentido no sentido, presença da ideologia (ORLANDI, 2007c, p. 75).

Tendo em vista essas considerações, devemos ressaltar que as imagens sugeridas acima não apontam para a instância da interlocução, quer dizer, o momento da entrevista onde participam o sujeito-entrevistado e o sujeito-entrevistador, porque não estamos pensando nos sujeitos empíricos "reais", e sim nas posições que ocupam no discurso, constituindo-se como sujeito-brasileiro em condição de imigração em Buenos Aires que, atravessado pela historicidade, fala sobre si mesmo, sobre um outro, sujeito-argentino que ocupa o lugar da alteridade, e sobre seu país e o país / cidade hospedeiro(a) como referentes discursivos.

Isso não implica negar o mecanismo imaginário e as antecipações imaginárias que entram em jogo no momento da entrevista porque, como afirma Orlandi (2007a, p. 42), "na análise do discurso, não menosprezamos a força que a imagem tem na constituição do dizer".

Portanto, não podemos eludir o fato de que o entrevistado produz imagens do sujeito interlocutor, um sujeito que, em nosso caso, forma parte do grupo social ao qual ele se referirá durante a entrevista como objeto de discurso. Entendemos, junto com Coracini (2007, p. 121), que "fica sempre no entrevistado a pergunta: O que será que ela (pesquisadora) gostaria que eu dissesse?". Assim, não podemos perder de vista essa questão, especialmente quando o entrevistado é questionado sobre sua opinião sobre os argentinos, considerando que a pesquisadora é argentina, uma vez que isso trará consequências no seu dizer, pois logicamente não é igual para um brasileiro falar dos argentinos para um outro brasileiro do que falar dos argentinos para uma argentina que, ademais, está ouvindo seu discurso como objeto de pesquisa. Tudo isso condiciona o sujeito nos seus modos de dizer. Observa-se que, em alguns casos, essas condições de enunciação atravessam os discursos, mais ou menos explicitamente. Só para mostrar um exemplo do que estamos comentando, observemos a seguinte sequência discursiva:

> **SD 1** – […] el argentino no tiene la conciencia de que Argentina es un país chico. *Todos* megalomaníacos. Es horrible que *te* diga eso. (PATRÍCIA)[39]

É interessante notar o uso do pronome de complemento indireto de segunda pessoa nesse enunciado, que mostra que o horrível não é dizer "isso" [que o argentino não tem a consciência de que Argentina é um país pequeno e que os argentinos são todos megalomaníacos], mas sim "dizer isso *a você*" que é argentina e, portanto, megalomaníaca como todos os que se enquadram dentro desse conjunto. Esse exemplo nos mostra o funcionamento de uma antecipação que corresponde, se tomamos as formulações feitas nas enumerações precedentes, à imagem que A tem da imagem que B tem de A. Quer dizer, o sujeito está antecipando que o que está dizendo sobre os argentinos é uma opinião negativa e que isso pode contribuir para que sua interlocutora construa uma imagem negativa dela ou se sinta constrangida por esse comentário. Dessa forma, antecipa-se assumindo, antes de que o outro diga qualquer coisa, que é consciente de que o que está dizendo "é horrível". É possível pressupor que essa formulação não tivesse tido lugar, ou seria dita de outra forma, se o interlocutor empírico fosse um brasileiro.

Portanto, entendemos que ao longo do trabalho podem vir a surgir elementos interessantes para nossa análise relacionados com o que Orlandi chama de *condições de produção do dizer*, como a sequência que acabamos de comentar, mas lembramos que essas particulares condições de enunciação não impedem observar o funcionamento de outras

[39] SD 1 – [...] o argentino não tem a consciência de que a Argentina é um país pequeno. Todos megalomaníacos. É horrível que eu te diga isso. [Em todas as sequências discursivas os grifos são nossos].

imagens constituídas independentemente de dita situação concreta onde o discurso é produzido, porque como afirma Orlandi (2007a), o imaginário não "brota" do nada, mas deve ser posto em relação com a memória e com as formações discursivas e ideológicas nas quais o sujeito se inscreve.

Essa afirmação exige fazer uma reflexão sobre outros dois conceitos centrais na teoria discursiva: *intradiscurso* e *interdiscurso*. Quando a autora fala da força da imagem na constituição do dizer, está se referindo ao funcionamento do registro imaginário – do *eu* da teoria psicanalítica – na instância da formulação do enunciado, na dimensão horizontal do dizer, no fio do discurso, isto é, no intradiscurso. Nessa linha, Serrani também entende o intradiscurso de forma articulada com as representações que funcionam, na formulação do discurso, ligadas ao imaginário:

> [...] no intradiscurso, na cadeia, estuda-se a construção de representações de semelhanças e diferenças. Tendo como referência a teoria lacaniana da subjetividade, pode se dizer que essas representações correspondem predominantemente ao registro imaginário do eu (enquanto *ego*) do dizer. Ao tecido do representável que constitui a realidade para um sujeito, corresponde o domínio das relações de semelhança e dessemelhanças, das propriedades atribuídas a objetos que são, dessa forma, organizados em classes, localizados em um espaço e um tempo. Esse âmbito dos registros em que os objetos *se ligam* é o imaginário" (SERRANI-INFANTE, 1998, p. 234, grifos da autora).

Por outro lado, como afirma Orlandi (2007c, p. 76), o intradiscurso nos dá a materialidade discursiva cujas condições de produção são tangíveis nas formações imaginárias projetadas, mas não nos leva ao sentido, uma vez que a constituição deste "se dá fora de nosso alcance direto, na relação com o interdiscurso. Este se apresenta como uma história que não se situa. Ele não está alocado em lugar nenhum. É uma trama de sentidos". É por isso que, ainda segundo a autora, é o interdiscurso o que sustenta a possibilidade mesma do dizer, baseada no conjunto de dizeres já ditos e esquecidos que determinam nosso discurso, sob a ilusão de que somos nós que inauguramos, pela primeira vez, esses dizeres quando, na verdade, eles são exteriores aos sujeitos. Nesse sentido, afirma que "é inscrevendo-se no já dito que o sujeito re-significa e se significa" (ORLANDI, 2012, p. 12). A autora equipara a relação entre o já dito e o que se está dizendo (o enunciado) com a relação entre o interdiscurso (dimensão vertical), ou seja, as formulações feitas e esquecidas que determinam nosso dizer, e o intradiscurso, (eixo horizontal da formulação).

Além disso, em termos de Courtine (2009), esse interdiscurso se constitui como o lugar em que o sujeito se apropria de certos sentidos determinados pelas formações discursivas nas que se inscreve e, portanto, o intradiscurso da sequência discursiva que ele produza, estará inscrito, pela interpelação ideológica, nessas formações discursivas que autorizam ou não

determinados dizeres. Cabe lembrar que as formações discursivas são definidas por Pêcheux ([1975], 2014, p. 147) como "aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito". Isso significa que o sujeito não é completamente livre para dizer o que quer porque está assujeitado às coerções da FD e da formação ideológica (FI) na qual se inscreve, já que "é no interior de uma FD que se realiza o "assujeitamento" do sujeito (ideológico) do discurso" (COURTINE, 2009, p. 73). Nesta perspectiva, é pelo funcionamento da ideologia que o sujeito tem a ilusão de criar sentidos de acordo com suas intenções e manter o controle sobre eles. Porém, na AD sustentamos que os sentidos não são inerentes às palavras ou às coisas que elas designam, mas são históricos e ideológicos, e respondem a determinadas formações discursivas com as quais o sujeito pode se identificar ou não.

Isso acontece porque todo discurso, pelo fato de estar inserido em um processo discursivo, é determinado pelos pré-construídos, definidos por Pêcheux ([1975], 2014) como elementos produzidos em outros discursos anteriores e independentemente do enunciado, e que se reproduzem sob a determinação do interdiscurso ou memória do dizer, uma memória que os sujeitos não controlam. Segundo o autor, o pré-construído remete "àquilo que todo mundo sabe", isto é, aos conteúdos de pensamento do "sujeito universal" e que se apresenta sob a forma das evidências. A noção de pré-construído interessa para nosso trabalho porque constitui, como diz Indursky (2011) um dos funcionamentos discursivos através do qual podemos observar como se materializa a memória no discurso, através, por exemplo, da repetibilidade, da regularização. O interdiscurso, segundo a autora, "abarca a memória discursiva referente ao complexo de todas as FD. Ou seja, a memória que o interdiscurso compreende é uma memória ampla, totalizante e, por conseguinte, saturada" (INDURSKY, 2011, P. 88), na qual é possível perceber os ecos da memória social e coletiva que nos precede e que contribui para a conformação de nossas representações sobre o outro.

Podemos observar, a partir do que foi desenvolvido nesta seção, que a apropriação que a AD faz da teoria psicanalítica em relação aos conceitos de imaginário, real e simbólico são fundamentais não apenas para entender os deslocamentos em torno dessas noções, mas também para compreender como elas se articulam com as questões medulares da teoria discursiva. Uma dessas questões é, sem dúvida, a noção de sujeito, onde se entrelaçam também as dimensões do real, o imaginário e o simbólico. Propomos, a seguir, refletir sobre essa noção com o objetivo de, por um lado, chegar a esboçar algumas especificidades sobre o sujeito estrangeiro e, por outro, compreender aspectos chave para o nosso trabalho como a identidade e os processos de identificação.

3.4 O SUJEITO E A FALTA COMO LUGAR DO (IM)POSSÍVEL

No desenvolvimento teórico realizado ao longo deste capítulo pudemos observar o diálogo entre a psicanálise lacaniana e a análise do discurso em torno das noções de real, simbólico e imaginário, estabelecendo pontos de contato e de afastamento. Dado que o funcionamento desses registros é constitutivo do sujeito, noção central para ambos os campos teóricos, consideramos pertinente nesse momento desenvolver algumas reflexões em torno dela para demarcar a forma como a estamos entendendo nesse trabalho. Isso nos dará o embasamento necessário para compreender a especificidade do sujeito em condição de imigração, que constitui um eixo central em nosso trabalho.

Um dos pontos centrais no qual a AD e a psicanálise se encontram é na consideração de um sujeito da linguagem construído imaginariamente como uma unidade dotada de autonomia e "dono" das suas palavras e dos sentidos que elas produzem, mas que também se encontra descentrado e cuja intencionalidade é posta em questão. Trata-se, como aponta Leandro Ferreira (2010), de um sujeito determinado por uma estrutura, cujas fronteiras não são fechadas e cujo território não é homogêneo.

A AD se distancia da psicanálise ao introduzir a questão da determinação da ideologia e da interpelação ideológica como processo fundamental para a configuração do sujeito, a partir do qual ele se conforma como assujeitado. Cabe lembrar que o conceito de ideologia, central no desenvolvimento teórico da AD, é trazido por Pêcheux a partir de sua leitura de Althusser, quem entende que

> O indivíduo *é interpelado como sujeito (livre) para livremente submeter-se às ordens do Sujeito, para aceitar, portanto (livremente) sua submissão*, para que ele "realize por si mesmo" os gestos e atos de sua submissão. *Os sujeitos se constituem pela sua sujeição*. (ALTHUSSER, [1970], 1995, p. 104, grifos do autor)

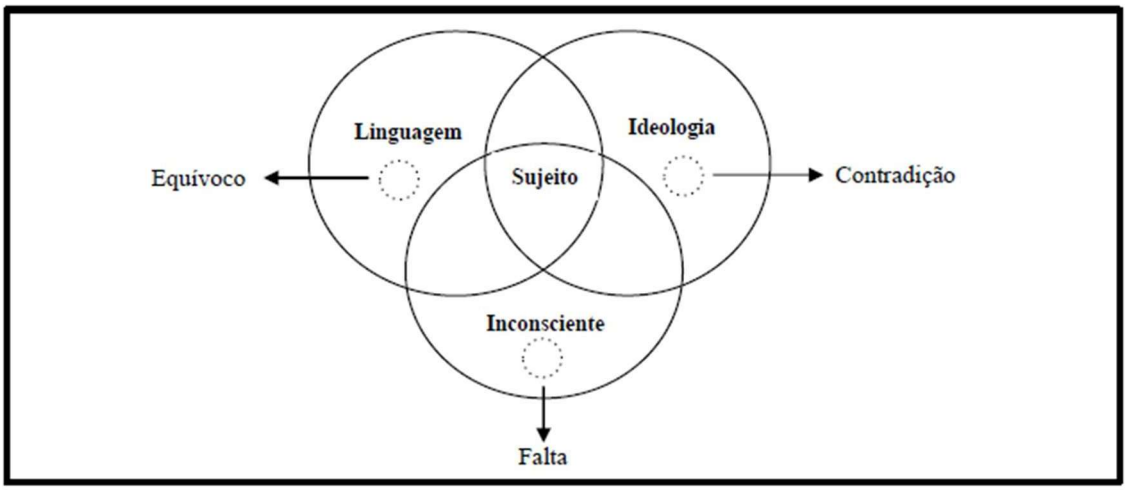
Pêcheux se apropria da tese althusseriana de que a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos e acrescenta que é por meio dessa interpelação que o sujeito se identifica "livremente" com as formações ideológicas e discursivas que o dominam. Essa identificação, de acordo com o autor, se dá através da estrutura discursiva da forma-sujeito na qual o sujeito encontra um lugar de dizer a partir das formações discursivas nas quais se inscreve, embora essa identificação seja de caráter inconsciente e o sujeito tenha a ilusão de ser o centro e a origem do sentido. Orlandi (1999, p. 14) destaca, nesse ponto, que "quanto mais centrado o sujeito, mais ideologicamente determinado, mais cegamente preso a sua ilusão de autonomia". Quer dizer, o sujeito do discurso não é consciente de sua sujeição e isso acontece porque, como

aponta Pêcheux ([1975] 2014), ele é afetado por dois esquecimentos: o esquecimento n° 1 apela para a natureza inconsciente e ideológica do discurso, pois é por sua causa que o sujeito tem a ilusão de ser fonte exclusiva do sentido de seu discurso, esquecendo-se de que não pode, por definição, colocar-se no exterior da formação discursiva que o domina e a partir da qual enuncia o que pode e deve ser dito nessa FD. A relação desse esquecimento com a ordem do inconsciente se explica, de acordo com Morales (2002, p. 55), "porque é fundamental que alguém 'esqueça' que é socialmente determinado para poder constituir-se como sujeito". Já o esquecimento nº 2, que apela ao sistema pré-consciente, é aquele pelo qual o sujeito seleciona um enunciado e não outro no interior da formação discursiva que o domina, tendo a ilusão de ter o controle do sentido do que diz e de que seu discurso é um reflexo transparente da realidade, como se houvesse "uma relação direta, termo-a-termo entre linguagem, pensamento e mundo" (ORLANDI, 2007c, p. 89).

O anterior expõe a articulação que se produz na AD entre ideologia e inconsciente na formulação do conceito de sujeito com o qual trabalha. Se, por um lado, temos um sujeito determinado ideologicamente que se constitui como assujeitado, por outro, temos um sujeito do inconsciente que, pelo funcionamento do imaginário, do simbólico e do real, é, como sustenta Leandro Ferreira (2010), movido pelo desejo, marcado pela falta e submetido ao discurso do Outro. A partir destas considerações, a autora ressalta que o assujeitamento, representado pela ideologia, e o desejo, representado pelo inconsciente, se encontram e se constituem na linguagem. Para ilustrar a natureza intervalar desse sujeito do discurso afetado pela ideologia, pelo inconsciente e pela linguagem, a autora traz a imagem do *nó borromeano*, introduzido por Lacan na psicanálise, que simboliza esse lugar no entremeio das três noções onde o sujeito se instala e pelas quais é simultaneamente afetado. Leandro Ferreira (2010, p. 5) acrescenta que sendo o sujeito um ser em falta cada uma dessas três ordens deixa um furo: "o furo da linguagem, representado pelo equívoco; o furo da ideologia, expresso pela contradição, e o furo do inconsciente, trabalhado na psicanálise".

Na sua análise do esquema do *nó borromeano* proposto por Leandro Ferreira, Nascimento (2020) introduz a falta como furo do inconsciente e reformula dito esquema que mostra o laço de interligação constitutiva entre os elementos e os furos correspondentes:

Figura 2 – Reformulação do *nó borromeano* lacaniano



Fonte: Nascimento (2020, p. 36).

O equívoco, a contradição e a falta são, como já foi mencionado, constitutivos do discurso e do sujeito e esses furos, longe de ser considerados defeitos são, paradoxalmente, fundamentais para que exista a possibilidade de interpretação e de deslizamentos do sentido. Nas palavras de Leandro Ferreira:

> [...] a falta é algo que nos completa pela ausência – é "a presença na ausência", a que faz referência Lacan. Se não houvesse a falta, se o sujeito fosse pleno, se a língua fosse estável e fechada, se o discurso fosse homogêneo e completo, não haveria espaço por onde o sentido transbordar, deslizar, desviar, ficar à deriva. A falta é, então, tanto para o sujeito quanto para a língua, o lugar do possível e do impossível (real da língua); impossível de dizer, impossível de não dizer de uma certa maneira – o não-todo no todo, o não-representável no representado. (LEANDRO FERREIRA, 2010, p. 5-6)

Assim, a incompletude, traço fundamental do sujeito e do sentido que, como vimos, é imaginariamente resolvida sob a ilusão de unidade, constitui-se como espaço de possibilidades para o sujeito concebido pela AD que, como sabemos, é um ser desejante e interpelado ideologicamente. Observamos recentemente que essa interpelação é a que faz que o indivíduo se subjetive e mencionamos que dessa interpelação resulta uma forma-sujeito acorde às formações discursivas com as quais se identifica.

Interessa-nos acrescentar que Orlandi (1999) contempla um segundo momento – o primeiro seria a interpelação ideológica – no qual o indivíduo, já-sujeito, submete-se à individuação pelo Estado, produzindo diferentes efeitos nos processos de identificação. Quer dizer, o Estado estabelece as formas concretas, individualizadas, que os sujeitos devem assumir em um momento histórico dado. Na forma social capitalista, diz a autora, o Estado, com suas instituições, individualiza a forma-sujeito histórica de um indivíduo livre de coerções e autônomo, portanto, responsável de suas ações. Em outras palavras, trata-se de um sujeito

jurídico com direitos e deveres que, enquanto tal, deve responder diante do Estado e dos outros indivíduos.

Levando em conta essas considerações, cabe questionar-nos sobre o que acontece, então, com esse sujeito jurídico, já individualizado pelo Estado, mas que, ao atravessar um processo de imigração, vê-se afetado pelas determinações do novo espaço e das instituições que o regem, submetendo-se a uma individuação diferente que, em muitos casos, modifica seus direitos e deveres, diferenciando-o dos outros sujeitos com os quais convive. Assim, consideramos pertinente, depois de ter refletido sobre o conceito de sujeito com o qual estamos trabalhando, adentrar-nos nas especificidades do sujeito imigrante, em consonância com nosso objeto de estudo, no intuito de compreender melhor as diversas determinações que o afetam e que conformam as condições de produção de seu dizer.

3.5 NASCER ESTRANGEIRO, TORNAR-SE IMIGRANTE

No segundo capítulo desenvolvemos uma análise sobre as noções de *estrangeiro* e *imigrante* e observamos que as definições dicionarizadas desses termos não davam conta da complexidade dos fenômenos que envolvem nem dos contextos sócio-políticos e históricos específicos. Além disso, nas condições migratórias particulares dos brasileiros em Buenos Aires observamos que os sujeitos ocupam, ao mesmo tempo, o lugar social de estrangeiros e imigrantes. Essa condição, mais ou menos temporária ou mais ou menos permanente, envolve, por um lado, uma dimensão política que aponta para uma inscrição numa ordem nacional diferente e, por outro, uma reconfiguração subjetiva do sujeito a partir da exposição à alteridade e do encontro com um outro, com outra língua, outra cultura e outra cidade. Dessa forma, entendemos que tanto as determinações da experiência migratória quanto aquelas que dizem sobre a constituição identitária do sujeito afetam os discursos dos estrangeiros em condição de imigração.

Em relação à reconfiguração subjetiva mencionada em função da exposição à alteridade convém trazer, mais uma vez, os aportes da psicanálise. Mas antes disso, cabe lembrar que, quando analisamos, no capítulo 2, as definições dicionarizadas do termo *estrangeiro*, observamos uma regularidade que remetia a uma negatividade, ao que não é, à falta. Reparamos também que *estranho* estava na origem etimológica dessa palavra. Essa aproximação primária do termo, que define o estrangeiro como aquele que é natural de outro país que não é o seu, merece ser ampliada, pois é claro que a forma segundo a qual propomos trabalhar essa noção aqui vai muito além de uma definição que limita a estrangeiridade a algo que viria de fora dos

limites fronteiriços de um estado nacional, definição que, por sua vez, pressupõe uma idílica unidade nacional homogênea que apaga as diferenças entre os "nacionais", como se eles fossem um bloco compacto isento de contrastes, oposições e conflitos. A estrangeiridade não é, então, uma mera questão geográfica. Ela abarca também diferenças culturais, de língua, de alimentação, de espaço físico, de horários, de costumes, de modos de viver, de se relacionar etc. Tudo isso que conforma a base de sustentação de qualquer pessoa se modifica no estrangeiro, esse porto seguro se dissolve e o sujeito tem que construir, de novo, seus próprios alicerces. É por isso que a condição de estrangeiridade vinculada à imigração mexe na constituição da subjetividade do sujeito e o condena, consciente ou inconscientemente, a uma nova falta, a um vazio, a uma ausência ineludível, com a que ele tem que se enfrentar porque, mesmo que não queira, o contexto em que ele habita e/ou os sujeitos com os que convive lhe lembrarão sua condição de estrangeiro. É no embate com essa "angústia do estrangeiro" (AMATI-MEHLER, J.; ARGENTIERI, S.; CANESTRI, J., 2005) que ele vai ter que descobrir ou desenvolver ferramentas que lhe permitam lidar, pelo menos um pouco, com essas ausências, sem, no entanto, que possa se esquivar delas.

Como aponta Figueiredo (1998), esse processo de constituição e reconstituição da subjetividade do sujeito ocorre a partir do encontro, mais ou menos traumático, com o outro, do reconhecimento da sua existência. Assim, sempre somos estrangeiros em relação ao olhar de um outro, ou seja, é necessária essa alteridade para constituir-nos como estrangeiros e é a partir daí que podemos compreender a constituição simultânea da alteridade e do próprio *eu*.

Do ponto de vista da psicanálise, tal como foi desenvolvido neste capítulo, o *eu* não é tomado como uma entidade unitária, idêntica a si mesma, mas dividida entre consciente e inconsciente, esse outro dentro de nós que resulta estranho e familiar ao mesmo tempo. O próprio *eu* é, assim, "esse estrangeiro, esse outro que somos nós" (SANTOS SOUZA, 1998, p. 155). Isso significa que todo processo de subjetivação procede do encontro com o outro, e é condição para o acesso ao *eu*, independentemente das fronteiras geográficas reais. Esse encontro de opostos foi definido por Freud com o termo alemão *unheimlich*, conceito de difícil tradução que expõe uma ambivalência entre o familiar (*heimlich*) e o estranho, entre o conhecido e o desconhecido, o íntimo e o alheio "a quem estamos mais ligados que a nós mesmos, ainda que não queiramos saber nada disso" (SANTOS SOUZA, 1998, p. 158), que serve para ilustrar o estrangeiro que nos constitui. O sujeito, dessa forma, não pode ser entendido como uma unidade acabada que circunstancialmente se encontra em uma situação de estrangeiridade por uma mudança de país, pois ele é, constitutivamente, heterogêneo, habitado

pelo inconsciente, esse outro em nós que lhe permite a Freud afirmar que o exílio é a estrutura do sujeito (KOLTAI, 1998)[40].

Nessa perspectiva, como afirma Hassoun (1998, p. 84), nascer no estrangeiro "é uma prova da qual nenhum sujeito escapa", na medida em que para se subjetivar, para ser sujeito, deve passar por esse encontro com o outro dentro dele. Contudo, além desse exílio constitutivo, esse sujeito clivado, dividido, *já-estrangeiro*, pode se deparar, voluntariamente ou não, diante de uma nova situação de estrangeiridade quando, efetivamente, traspassa as fronteiras do seu lar, da sua terra, da sua língua para se estabelecer em um outro espaço, e se torna inevitavelmente *o outro*, não para si próprio, mas para toda uma comunidade: torna-se imigrante. Logicamente, esse complexo movimento pode motivar — e isso depende muito das condições em que esse deslocamento se produz — sentimentos (des)encontrados que vão da fascinação à rejeição, do encantamento à decepção, da percepção de liberdade absoluta à angústia. É tudo isso, possivelmente, o que leva Kristeva (1994, p. 11) a colocar uma pergunta tão simples quanto complexa de responder: "Existem estrangeiros felizes?". Se, por um lado, aponta a autora, o estrangeiro se embriaga com a sensação de liberdade e independência que lhe outorga a saída do seu entorno, dos seus pais, do lar materno, esse exílio o leva, por outro lado, à orfandade, à solidão.

Além disso, não podemos subestimar a dimensão política dos processos migratórios que implicam, como vimos, a inscrição numa ordem nacional diferente e uma nova individuação do Estado para esse estrangeiro que se tornou imigrante. Dessa forma, a questão da estrangeiridade vinculada à imigração, fundamental para nossa pesquisa, pode ser vista e analisada, também, a partir de critérios históricos e sócio-políticos que envolvem, faz muitos anos, a questão da imigração como um "problema" a ser resolvido. Apenas para pensarmos em alguns exemplos, podemos retomar o que tão bem descreve Payer (2006) sobre a imigração italiana no Brasil, entre 1880 e 1930, ao analisar historicamente os processos de interdição das línguas dos imigrantes a partir de diversas políticas de nacionalização desenvolvidas durante esse período da instauração da República no país. Também podemos pensar na chamada "má imigração" na Argentina, sobre a qual comentamos no segundo capítulo. Lembramos que essa foi a forma como a elite argentina da época chamou os estrangeiros que estavam envolvidos em movimentos anarquistas, socialistas e sindicais. Contra eles se sancionou, em 1902, a "Ley de

[40] O inconsciente como o outro em nós que nos resulta estranho e familiar ao mesmo tempo é, justamente, o mais inacessível. Nesse sentido, Koltai (1998, p. 111), a partir de seu lugar como psicanalista, afirma que "o que se espera de uma análise é justamente poder se aproximar um pouco desse segredo que nos habita e do qual nada sabemos".

Residencia" que autorizava o governo a expulsar os estrangeiros cuja conduta comprometesse a segurança nacional ou perturbasse a ordem pública. Um processo semelhante se deu no Brasil, onde se formulou, em 1921, a "lei dos indesejáveis", que regulava a proibição de imigração e a expulsão de estrangeiros num contexto de crescimento das mobilizações de operários e das organizações sindicais (PAYER, 2006).

Mas também não nos faltam exemplos recentes: as ondas migratórias na Europa, nas quais refugiados asiáticos e africanos atravessam o mar para fugir da fome e da guerra; a cruel separação de mais de 2600 crianças de seus pais nas fronteiras dos Estados Unidos, em um claro gesto de tolerância zero à imigração por parte do governo de Donald Trump; a crise dos refugiados venezuelanos que, em muitos casos, atravessam as fronteiras e chegam aos países vizinhos, como no caso do Brasil, "com necessidades urgentes de assistência humanitária, sem acesso a comida, saúde e outros serviços básicos e expostos a diversos tipos de violência", de acordo com UNICEF[41], entre tantos outros exemplos.

Essa dimensão da imigração e da estrangeiridade, impactante e mobilizadora pelo ódio que mostra nas suas expressões mais extremas de racismo, xenofobia, rejeição ao outro, ao que vem de fora, sem dúvida mereceria uma análise mais aprofundada que excede os limites deste trabalho. No entanto, será que tudo isso, em algum ponto, não ressoa na memória do que é ser imigrante? Será que não forma parte do imaginário do imigrante que, estando nessa posição, percebe-se a si mesmo como o outro, o diferente, e, portanto, suscetível de sofrer essa rejeição? Por que incomoda (ou não) ser reconhecido como estrangeiro? Que memórias carregam esses significantes? Como isso se expressa no discurso? E, pensando especificamente no nosso objeto de estudo, o que significa ser brasileiro na Argentina?[42]

Essas questões são relevantes para pensar como o discurso sobre a imigração – que, como afirma Payer (2016), estrutura-se com base na polarização imaginária entre identidade e alteridade –, afeta a relação do sujeito em condição de imigração com o outro. Cabe assinalar, nesse sentido, que é importante pensar também nas especificidades de quem é esse outro, pois são os discursos sobre esses diferentes outros os que contribuem para produzir determinadas representações, muitas vezes estereotipadas, que podem afetar os processos de identificação do

[41] Disponível em: https://www.unicef.org/brazil/crise-migratoria-venezuelana-no-brasil. Acesso em: 4 jul. 2021.

[42] Uma questão que se mostrou interessante para o nosso trabalho foi observar como ecoa, no discurso dos brasileiros, a forma em que a imigração brasileira é tematizada atualmente na Argentina, especialmente na mídia hegemônica, que tenta colocar na agenda a questão da "onda" de brasileiros imigrantes que vão para Argentina para estudar Medicina. Vemos, nesse fenômeno, uma brecha entre a representação que o argentino tem do brasileiro no Brasil – associado em geral à praia, às férias – e do brasileiro imigrante. Em outros termos, o que acontece, na representação dos argentinos, quando *esse brasileiro deixa a praia e a caipirinha para vir estudar na minha universidade e usufruir do meu sistema educativo?*

sujeito estrangeiro. Em outras palavras, não é igual ser brasileiro na Argentina do que ser boliviano na Argentina, ou chinês, ou inglês, só para colocar alguns exemplos. Às representações hegemônicas sobre esses países e essas nacionalidades, têm consequências na forma em que os imigrantes são recebidos (ou rejeitados), da mesma maneira em que eles também estão atravessados pelas representações dominantes sobre a Argentina e seus habitantes. Cabe notar também que essas representações hegemônicas estão sustentadas pelas relações de poder político, comercial e econômico que configuram um cenário internacional de vínculos assimétricos que contribuem para a manutenção da hierarquização de determinados países e da subordinação de outros, trazendo como consequência a (des)valorização dos sujeitos e de suas vidas de acordo com o lugar de onde vêm.

A princípio podemos dizer que, comparando com as situações de segregação e xenofobia extrema que existem no mundo, a relação entre Brasil e Argentina não é particularmente conflituosa, embora esteja atravessada por um imaginário de rivalidade. Porém, isso não nos deve levar ao outro extremo de pensar que, por isso, o processo migratório se desenvolverá sem conflitos ou que a própria subjetividade do imigrante não se verá afetada nessa nova posição. Por isso, procuraremos observar nos discursos dos sujeitos brasileiros o funcionamento dos imaginários sobre dita condição, que envolve as projeções sobre o modo como eles imaginam que são percebidos pelos outros enquanto brasileiros em condição de imigração, assim como a forma como eles falam de si mesmos.

Esses aspectos tornam-se fundamentais para compreender os processos de identificação desses sujeitos com o outro e seu espaço. Dado o lugar central que essa noção tem para o nosso trabalho, consideramos apropriado aprofundar agora a reflexão teórica sobre ela, colocando-a em relação com a questão da identidade e com as dimensões do real, imaginário e simbólico, já desenvolvidas neste capítulo.

3.6 OS PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO E A ILUSÃO SUBJETIVA DA IDENTIDADE

No começo deste capítulo mencionamos que entendíamos os processos de identificação dos brasileiros em condição de imigração em Buenos Aires em relação com a inscrição desses sujeitos na ordem da língua e do espaço do outro. A partir do desenvolvimento das noções de real, simbólico e imaginário observamos que as identificações sempre se produzem pela exposição à alteridade, pela intervenção do outro e que são essenciais para a constituição do eu, levando à instauração da ilusão de uma identidade. Com isso demostramos a estreita relação

que existe entre identidade e processos de identificação e como esses conceitos se articulam, dentro do quadro teórico da AD, com o sujeito da linguagem e a produção de sentidos.

Nessa secção propomos aprofundar a explanação sobre essa relação para, finalmente, delimitar de que modo trabalharemos a questão dos processos de identificação nas análises do corpus.

Como sujeitos da linguagem que somos, estamos atravessados por múltiplos discursos que se entrelaçam uns com outros conformando uma rede que sustenta nosso dizer e que, como afirma Coracini (2007, p. 9), "é conformada por valores, crenças, ideologias, culturas que permitem aos sujeitos ver o mundo de uma determinada maneira e não de outra, que lhes permitem ser, ao mesmo tempo, semelhantes e diferentes". Apesar disso, e como já foi apontado, vivemos sob a ilusão de ter uma identidade única que, na verdade, é "constituída de representações imaginárias que se imprimem no e pelo espelho do olhar do outro" (ibid., p. 10). Dessa forma, quando pensamos nas representações que fazemos do outro, no caso, do estrangeiro, e nas que ele faz de nós, temos que considerar que essas representações não são produto de nossas intenções conscientes, mas, como já adiantamos, das diversas identificações que se produzem em relação com determinadas formações discursivas, identificações que, no processo de imigração e de inscrição em uma outra língua, podem vir a se modificar, produzindo transformações ao colocar o sujeito em contato com outros dizeres e, portanto, com outras redes de memória.

Nesse processo de inscrição do sujeito no espaço do outro – entendendo o espaço da forma como foi explicado no início desse capítulo – as representações de si e da diversidade poderão assumir, como bem aponta Serrani (1998), a forma de estereótipos, idealizações, etnocentrismos, exotismos, entre outros. Ditas representações devem ser analisadas, como defende a autora (1998, p. 257), "como meios imaginários nos quais se imbricam as questões simbólica (do sujeito do inconsciente) e ideológica (do interdiscurso)"[43]. Isso expõe a relevância de considerar as especificidades da identificação imaginária e da identificação simbólica, trazidas do campo da psicanálise para a análise do discurso, na constituição do sujeito e na produção de sentidos.

A identificação imaginária, que se dá a partir da relação do eu com a imagem, implica que a relação do sujeito com os outros não diz respeito da "pessoa exterior do outro, ou aquilo

[43] Um exemplo desse tipo de análise poderia ser o realizado por Zoppi Fontana e Celada (2009) no qual, ao analisar os processos de identificação-subjetivação que afetam as práticas enunciativas de sujeitos imigrantes argentinos no espaço de enunciação brasileiro, as autoras analisam duas cenas que mobilizam determinados imaginários (por exemplo, "os argentinos são/somos mais formais"; "os brasileiros são/somos mais informais") que se relacionam com a formulação de uma série de imagens estereotipadas sobre os argentinos.

em sua pessoa que me é dado perceber conscientemente, mas a representação psíquica inconsciente desse outro" (SERRANI, 1997, p. 8), do mundo externo que é composto fundamentalmente de imagens inscritas no inconsciente (SERRANI, 1998). É nesse sentido que Celada e Payer (2016, p. 33) afirmam que a identificação imaginária "pode funcionar como uma idealização, ou como um estereótipo que não necessariamente propicia a identificação simbólica".

Já a identificação simbólica, da forma como a estamos compreendendo aqui, implica a inscrição do sujeito da linguagem na ordem de uma língua para enunciar nela e para

> [...] produzir sentido a partir de uma posição ideologicamente delimitada em relação com outras posições presentes no interdiscurso, configurado pelo espaço de enunciação definido em condições de produção concretas e historicamente determinadas para uma formação social (ZOPPI FONTANA; CELADA, 2009, p. 163, tradução nossa).

Vemos assim que os processos de identificação que se dão, como temos visto a partir da psicanálise, na própria constituição do sujeito, continuam se produzindo ao longo da vida e funcionando discursivamente nas posições que o sujeito ocupa no interdiscurso. Dessa forma, chegamos à seguinte definição, filiada teoricamente à análise do discurso, proposta por Zoppi Fontana e Celada:

> Do ponto de vista discursivo, os processos de identificação são processos de produção de sentidos através dos quais, por sua inscrição na língua e numa determinada posição discursiva no interdiscurso (identificação simbólica), o sujeito interpreta como evidente e necessária sua particular relação significativa com os outros e com a realidade que o circunda (identificação imaginária); desta forma, a identidade se constitui como ilusão subjetiva (em seus efeitos de unidade imaginária ou ego). (ZOPPI FONTANA; CELADA, 2009, p. 162, tradução nossa)

As autoras acrescentam que essas posições a partir das quais o sujeito produz sentido mantêm uma relação contraditória e instável no interdiscurso, o que abona a caracterização da identidade não apenas como ilusão subjetiva, mas também como provisória. Assim, a identidade é trabalhada, na análise do discurso, como constitutivamente heterogênea, não-fixa, e afetada por diversas contradições. É por isso que ela é definida como um "feixe de traços instáveis de processos de identificação" (ZOPPI FONTANA; CELADA, 2009, p. 163, tradução nossa), e pode ser analisada no seu funcionamento imaginário – que provê a ilusão de uma identidade evidente e estável – e no seu funcionamento simbólico, onde, pelos efeitos do interdiscurso, podemos observar sua instabilidade constitutiva, sua incompletude e contradições (ZOPPI FONTANA, 2005).

Apesar da instabilidade mencionada, Zoppi Fontana (2005) afirma que o que se produz a partir da inscrição dos sujeitos nas formações discursivas no interdiscurso é um efeito de

fixação e estabilização – embora provisório – dos processos de identificação no marco de determinadas condições de produção. No entanto, sabemos que a relação entre formações discursivas não está isenta de contradições e isso afeta as identidades e imprime nelas o traço da heterogeneidade constitutiva. Assim, embora o termo identidade remeta, no senso comum, à ideia de unidade e estabilidade, ao que seria o reduto mais essencial do ser humano, na perspectiva discursiva aponta para a ordem das representações, para o funcionamento do imaginário. Como diz Orlandi:

> Ao afirmar que a identidade é um movimento na história, estou dizendo que ela não é sempre igual a si mesma. Isto é, ela não é homogênea e ela se transforma. Não há identidades fixas e categóricas. Esta é uma ilusão – a da identidade imóvel – que, se de um lado, é parte do imaginário que nos garante uma unidade necessária nos processos identitários, por outro lado, é ponto de ancoragem de preconceitos e de processos de exclusão. (ORLANDI, 1998 a, p. 204)

Levando em conta essa afirmação e voltando para o nosso objeto de estudo, consideramos que nos discursos dos imigrantes brasileiros é possível observar o funcionamento da identidade e dos processos de identificação na sua dimensão imaginária, a partir das imagens que projeta o sujeito do discurso sobre si mesmo e sobre o outro e que se apresentam como imagens fixas e evidentes, que podem chegar, em alguns casos, a reproduzir imagens estereotipadas sobre essas supostas identidades nacionais.

Cabe salientar, entretanto, que, embora essas imagens sejam ilusórias, elas são fundamentais na produção de sentidos e na interpretação dos discursos desses sujeitos, uma vez que elas conformam suas condições de produção. Ao remeter os discursos a suas condições de produção e ao compreender o imaginário como parte integrante delas, além de ficar exposta a relação que existe entre o imaginário e o simbólico, compreende-se que os processos de identificação dos sujeitos e sua inscrição em determinadas formações discursivas estão atravessadas pelo imaginário. Em outras palavras, entendemos que as projeções imaginárias estão na raiz dos processos de identificação, daí sua relevância conceitual.

Pelo exposto, concordamos com De Nardi (2007) quando diz que, pensando no caráter lacunar da identidade e nela como resultado de identificações que nunca cessam de se produzir, é que optamos por falar justamente de processos de identificação. Ao mesmo tempo, apoiamo-nos na proposta de Coracini (2003) de postular a identificação em termos de momentos que podem ser capturados no marco de um constante movimento, de modificações permanentes. Nesse sentido, acreditamos que não é possível simplesmente dizer se um sujeito se identifica ou não com o outro (sua língua, sua cultura, seus espaços etc.), pois assim como a identidade não é singular, fixa e homogênea, a identificação também não é. Assim, falamos de processos

de identificação para dar conta de sua complexidade, de sua heterogeneidade, de sua movência. No entanto, ainda é necessário fazer algumas ressalvas sobre o modo como propomos trabalhar com essa noção.

3.6.1 As diferentes acepções da identificação

Tendo refletido sobre a forma em que na análise do discurso entendemos a questão da identidade e dos processos de identificação, parece-nos pertinente trazer, neste ponto, uma contribuição de Payer (2013) que nos levou a redefinir no nosso trabalho a forma de abordar os processos de identificação nas análises das sequências discursivas.

No artigo "Processos, modos e mecanismos da identificação entre o sujeito e a(s) línguas", a autora assinala a existência de duas acepções da identificação, uma das quais observa a identificação do sujeito com o sentido, enquanto a outra se foca na identificação do sujeito com a(s) língua(s).

A primeira se refere à identificação tal como é trabalhada por Pêcheux ([1975] 2014), isto é, em relação à interpelação ideológica a partir da qual os sujeitos assumem posições em determinadas FD com base nas quais enunciam e produzem sentidos que não são individuais, mas sócio historicamente determinados. Nesse processo, e pelo funcionamento dos esquecimentos, o sujeito acredita ser fonte e origem dos sentidos, que se apresentam para ele como evidentes. Nessa perspectiva, de acordo com Magalhães e Mariani (2010), o analista vai observar no dizer traços de identificação com determinadas FD, assim como traços do registro inconsciente e do assujeitamento ideológico.

Pensar a identificação nesse marco exige considerar as diferentes modalidades de tomada de posição possíveis: a identificação, a contraidentificação e a desidentificação. Essas identificações, convém frisar, não são conscientes nem fixas. Cabe salientar também, como afirma De Nardi (2007, p. 75-76), que "assumir uma posição não é estar aprisionado a ela, já que a própria FD comporta a heterogeneidade. Não se pode esquecer que a identificação do sujeito com uma determinada FD é sempre um processo marcado pela falha".

Na segunda acepção, que é a que desenvolve Payer (2013), a identificação é entendida a partir da relação do sujeito com a(s) língua(s), quer dizer, com as formas materiais de línguas específicas, trabalhadas em sua historicidade, e cujas identificações formam parte do processo de significação. Essas identificações são observadas a partir de diversos mecanismos presentes na forma material da língua que, junto com as particulares condições de produção desses discursos, nos permitem produzir gestos de interpretação sobre a identificação dos sujeitos com

as línguas. Nesse marco, o que se procura observar são modos de dizer que revelam um modo de o sujeito estar numa língua específica com a qual estabeleceu uma determinada relação ao longo de sua história. Quer dizer, trata-se de uma acepção da identificação voltada sobre a base linguística e a forma material, que nos permite assinalar pontos nessa materialidade que remetem à relação do sujeito com o sentido onde está envolvida a historicidade. Entendemos que essa forma de abordar a identificação não exclui a questão da relação interpelação-identificação, mas se volta para uma reflexão sobre o modo singular como cada sujeito, no seu estar entre-línguas, encara essa relação a partir dos movimentos de identificação que realiza ao se dizer na(s) língua(s). Em relação a esse ponto, concordamos com Grigoletto (2013, p. 27) quando diz que "o sujeito postulado como singularidade, na concepção psicanalítica de sujeito do inconsciente, não deixa de ter relação com o sujeito pensado como posição a ser ocupada por qualquer um por meio da interpelação ideológica".

Payer assinala também que assim como na identificação sujeito/sentido os imaginários sobre o objeto do discurso formam parte do processo discursivo e da disputa pelo sentido entre formações discursivas, a(s) língua(s) – na sua forma material – é(são) objeto também do funcionamento das diversas imagens que os sujeitos projetam sobre ela(s). Assim, na identificação com a(s) língua(s) também intervêm as projeções imaginárias na produção de sentidos.

Poderíamos acrescentar, ainda, uma outra acepção, que se relaciona com a dimensão das identificações trabalhadas pela psicanálise – identificação imaginária e identificação simbólica –, mas atravessada pelo filtro discursivo, como vimos na seção anterior a partir de Serrani (1997, 1998), Celada e Payer (2016) e Zoppi Fontana e Celada (2009). Acreditamos que esta perspectiva nos dá ferramentas para pensar as identificações do sujeito no nível do sentido, como trabalha Pêcheux, não nos focalizando apenas na relação com a língua como objeto do discurso, mas também com outras dimensões que dizem respeito da relação do sujeito em condição de imigração com a alteridade e com o espaço do outro.

Nesse sentido, parece ser plausível deslocar a teorização lacaniana sobre a identificação imaginária e a identificação simbólica, necessárias para a constituição do *eu*, para pensar a constituição do sujeito imigrante. Isso não significa, entretanto, uma tentativa de estabelecer uma equivalência com essas identificações primeiras que ocorrem no estádio do espelho e na etapa da castração, mas um gesto teórico que nos permita analisar os diferentes movimentos que o sujeito imigrante realiza, em contextos e circunstâncias históricas determinadas, nesse encontro com o outro que acarreta a injunção a novas identificações, com outros referentes. Nesse marco, e de acordo com as considerações expostas no começo deste capítulo, a cidade

ganha relevância como um espaço que, no contexto de imigração, se constitui não apenas como objeto discursivo, mas também como objeto de desejo, como também o faz o outro, o sujeito do (não) acolhimento, com quem o imigrante é instado a se identificar. Os processos de identificação, nessas particulares condições, dizem sobre os diferentes movimentos do imigrante sobre as "mexidas" que afetam a subjetividade de um sujeito que, lidando com o imaginário, procura encontrar um lugar nesse universo de sentidos para nele enunciar, mesmo que essa procura se dê no nível do inconsciente. Entendemos que, nesse processo, as projeções imaginárias cumprem um papel fundamental uma vez que o sujeito, especialmente em condição de imigração, constantemente elabora e reelabora imagens sobre quem e como é esse outro, projetando-o geralmente como portador de uma identidade essencial, "carregando-o" de significações em função das formações discursivas nas quais o sujeito está inscrito e a partir das quais se conformam as representações que tem sobre ele. Porém, como fundamentamos anteriormente, o outro não é uma entidade objetivável, logicamente descritível, ele é a imagem que o sujeito faz dele.

Cabe esclarecer que a perspectiva assumida aqui não implica desconsiderar as outras acepções. Nossa proposta é produzir certos deslocamentos que nos permitam adequá-las a nosso objeto de estudo. No caso da primeira acepção, é inegável que a relação sujeito/sentido é constitutiva de todo processo discursivo, porém, entendemos que não podemos pensar a identificação do sujeito em condição de imigração com o outro, com seu espaço, com sua língua etc., nos termos em que Pêcheux trabalha com as diferentes modalidades de identificação (contraidentificação, desidentificação) com as formações discursivas, já que consideramos que não podemos entender uma língua, uma cidade, uma nacionalidade, como uma FD. Considerando as formações discursivas como "condensações de regularidades enunciativas no processo – constitutivamente heterogêneo e contraditório – da produção de sentidos no e pelo discurso, em diferentes domínios de saber" (SERRANI, 2000, p. 111), compreendemos que algumas dessas regularidades podem ser identificadas em línguas diversas e, ainda que seja a partir de formas diferentes, podem apontar para efeitos de sentidos similares. Em outras palavras, os saberes de uma FD transcendem os limites das línguas, embora adquiram numa língua específica formas particulares ou possam propiciar certos deslocamentos nos modos de dizer. Por outro lado, uma mesma língua pode dar corpo e forma a FD diferentes, já que nela se materializam discursos diversos, uma vez que, como diz Pêcheux ([1975] 2014, p. 81), "a língua se apresenta, assim, como a base comum de processos discursivos diferenciados"

Isso não significa, entretanto, desconsiderar que os sujeitos entrevistados estão inscritos em FD diversas ou em posições diversas no interior de uma FD, enunciando sobre diferentes

objetos discursivos, como ser, as línguas, a cidade, os outros etc. Assim, embora compreendamos que podemos ter sim discursos sobre as línguas, a nação, a cidade, organizados a partir de regularidades que nos levem a uma FD, esse não será o foco de nossa abordagem, exceto em alguns casos específicos em que o consideremos relevante para a análise.

Em relação à segunda acepção, focada na relação sujeito/língua, parece-nos produtiva a forma em que se trabalha a identificação a partir da sua manifestação no tecido discursivo, através de modos e mecanismos específicos. Payer (2013, p. 188) afirma que nesse tecido se manifestam "pontos de tensões, de estranhamento ou de adesões em relação à língua, e entendemos essa manifestação como sintoma de algo significativo em relação à história do sujeito com a língua". Embora nosso trabalho não esteja orientado especificamente à análise de dita relação, acreditamos que esses pontos de tensões, estranhamento e adesões que menciona a autora podem se manifestar, nos discursos de sujeitos em condição de imigração, não apenas em relação à língua, mas *na* língua em relação a outros objetos, mostrando através deles marcas dos processos de identificação.

Retomando o que foi colocado até aqui, propomos, então, pensar os processos de identificação em relação com diversos objetos discursivos atentando para a forma em que isso se mostra na língua, no simbólico, e para o jogo das formações imaginárias que intervêm nesses processos. Isso implica considerar a ligação entre a ideologia e o inconsciente que, como afirma Barbai, "desdobra a produção do sujeito em dois lugares: há a identificação simbólica e a identificação imaginária". Esse processo exige considerar um sujeito que, ao mesmo tempo que ocupa determinadas posições a partir de sua interpelação ideológica, é um sujeito do inconsciente que se liga à ideologia pelo desejo (HARTMANN, 2005, apud GRIGOLETTO, 2013) e que enuncia na língua estrangeira afetado pelo real.

Assim, atentando para o fato de que a imigração com a que estamos trabalhando requer a inscrição numa língua estrangeira e em novas discursividades, propomos, para finalizar este capítulo, tecer algumas reflexões sobre o que implica para o sujeito em condição de imigração – particularmente para um brasileiro em Buenos Aires – enunciar nessa língua outra.

3.7 DIZER(-SE) NA LÍNGUA DO OUTRO: A ENUNCIAÇÃO EM LÍNGUA ESTRANGEIRA

Pensar a inscrição do sujeito na língua estrangeira exige discorrer sobre a relação entre as línguas que habitam esse sujeito, dentre as quais nos focalizaremos na língua materna e a língua estrangeira. A relação entre elas é, como aponta Coracini (2003), conflituosa, pois

constitui uma experiência mobilizadora que "mexe" com a dimensão identitária do sujeito, especialmente se esse encontro se dá em condições de imigração. Serrani (1998, p. 256) afirma, nesse sentido, que "o encontro com segundas línguas talvez seja uma das experiências mais visivelmente mobilizadoras de questões identitárias no sujeito". De fato, a relação que se estabelece com uma língua e uma cultura alheias suscita diversos tipos de reações, confrontos e questionamentos, afetando a constituição da subjetividade e a filiação de sentidos nas quais o sujeito se inscreve. Isso acontece, principalmente, pelo embate que se dá entre a língua estrangeira e a língua materna, caracterizada por Serrani (2003, p. 285) "como aquela que teceu o inconsciente e as memórias discursivas que constituem a denominada 'identidade sócio-cultural' do sujeito" e também como aquela que "para cada um, constitui a língua da estrutura simbólica fundamental" (SERRANI, 2000, p. 118). Além disso, podemos pensar, junto com Aiub (2016), a língua materna como a língua que estrutura os modos de dizer do sujeito, diante da qual a língua estrangeira provoca uma tendência à irregularidade, gerando uma estranheza em relação a esses outros modos de dizer.

Nesse sentido, é importante diferenciar não apenas a língua materna da língua estrangeira, mas também da língua nacional e, para isso, apoiamo-nos nas reflexões que Payer e Celada realizaram ao longo de diversos trabalhos (PAYER, 2005; PAYER, 2006; PAYER e CELADA, 2011; CELADA e PAYER, 2016). A distinção que as autoras fazem, e que aqui defendemos, implica observar as nuances entre essas diversas línguas "como conceitos diferentes, como materialidades distintas e como dimensões da linguagem que operam diferentemente nos enlaces do sujeito às materialidades lingüístico-discursivas, no funcionamento da memória discursiva das línguas" (PAYER; CELADA, 2011, p. 4).

Quando falamos de língua materna, estamos nos referindo ao que Payer e Celada (2011) entendem como aquela que remete a materialidades linguísticas associadas com a mãe, com a casa paterna, com os primeiros contatos da criança com os sons da língua que chegam de seu entorno mais próximo, com o afeto etc. A língua nacional, por sua vez, é a língua da correção, da norma, a língua que se espera que o sujeito aprenda na escola no processo de alfabetização. Nas palavras das autoras:

> [A língua nacional] é a língua elevada a esta categoria pelo Estado Nacional, formadora dele, minuciosamente cultivada e difundida, portanto, na construção da Nação, na alfabetização (dos estrangeiros, mas também de outros) e na escrita através da escola e da literatura. Língua gramatizada, de difícil acesso a alguns sujeitos, língua na qual muitos deveriam (ou talvez gostariam) de dizer, mas não podem" (PAYER; CELADA, 2011, p. 6)

Essas línguas que habitam o sujeito da linguagem encontram-se numa relação de tensão que envolve um complexo processo que diz respeito à história e à constituição da subjetividade.

Através da análise histórica da questão das línguas dos imigrantes italianos no Brasil, Payer (2006) observa que dita tensão foi sustentada pelo Estado no processo de consolidação nacional através da interdição das línguas dos imigrantes que, apesar do silenciamento, deixaram seus vestígios e traços de memória. Esse processo, que também podemos observar no caso da Argentina, esteva baseado num ideal de unidade e de homogeneização da população num contexto de grandes ondas migratórias que, para a elite governante, atentavam contra a construção da "identidade nacional" ainda em etapa de gestação e contra uma ilusória unidade linguística que negligenciava – e ainda o faz – as línguas indígenas, as línguas dos imigrantes, as línguas de fronteira etc.

Essas considerações, apresentadas de forma muito resumida, permitem-nos afirmar junto com Payer (2005, p. 7) que "se é verdade que a língua materna constitui o sujeito, não é menos verdadeiro que a língua nacional também o constitui, com igual ou maior força de interpelação". Assim, apesar de constituírem materialidades diferentes e funcionamentos discursivos distintos em relação à ordem da memória, elas se encontram enlaçadas e funcionam no mesmo sujeito.

Da mesma forma, a língua estrangeira também implica um funcionamento diferente e exige do sujeito a inscrição em outras redes de memória, assim como novos processos de identificação com essa outra ordem para nela tomar a palavra e poder enunciar. Estamos considerando aqui que esses processos não são equivalentes à subjetivação primeira que atravessa o sujeito da linguagem e que, como vimos a partir da psicanálise, é estruturador do *eu*. No caso do encontro com a língua estrangeira não se dá uma nova subjetivação que viria a substituir essa primeira, pois esse sujeito já se encontra subjetivado na sua língua materna. O que sim é possível observar nesse embate são determinados processos que promovem diversos movimentos de identificação, de ruptura, de resistência etc., que mexem com as identificações que já existem no sujeito com as diversas línguas que o habitam.

Dentre elas, é claro que a língua materna ocupa um lugar fundamental, uma vez que ela representa o primeiro contato com a linguagem, aquele da identificação simbólica que explicamos a partir dos registros lacanianos, o qual é insubstituível e incomparável com a relação que o sujeito pode estabelecer com uma língua estrangeira, por mais familiar que esta seja para ele. Fica o questionamento que Coracini (2003, p. 149) nos traz: "Quantas vezes nos deparamos com situações [...] em que a língua estrangeira, por mais desenvoltura que tenhamos, não é capaz de dizer o que gostaríamos ou da maneira como seríamos capazes em nossa língua materna?". O sujeito enfrenta-se com a angústia da impossibilidade do dizer da mesma forma que o faria em sua língua materna, à impossibilidade de traduzir e produzir os mesmos

significados, não apenas porque não tem o "controle" da materialidade linguística, mas também porque não pode "dominar" os sentidos que se inscrevem na memória da língua estrangeira (DE NARDI, 2009), o que o deixa oscilando em um espaço de incerteza entre a língua materna e a língua estrangeira, numa posição de entremeio que o desestabiliza e que o expõe à impossibilidade de dizer, à falta, ao real da língua.

Esse 'não pode dizer tudo' não tem a ver apenas com o conhecimento da língua estrangeira em termos de gramática, léxico etc., mas, especialmente com o fato de que o sujeito, que já se encontra inscrito nas redes de memória e nas filiações de sentido de sua própria língua, expõe-se a outras e diferentes filiações de sentidos na língua estrangeira, sentidos que lhe resultam estranhos, alheios, e com os quais pode se identificar ou não, sentir-se reconhecido ou não. Portanto, poderá estabelecer com essa língua relações de rejeição, de resistência, de atração, de fascinação etc. E, seja qual for a relação que o sujeito tenha com essa língua, o que se evidencia é que essa relação produzirá determinados efeitos "na relação constitutiva do sujeito com o simbólico" (CELADA, 2008a, p. 149).

Essa relação pode se dar tanto no processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira quanto no processo de imigração, que é o caso que estamos tralhando aqui. Porém, em ambas as situações, o sujeito se vê obrigado a enunciar numa língua que não é a materna e, portanto, a retornar simbolicamente àquele momento em que não sabia falar, em que não conseguia se fazer entender, o estágio do *infans*, como diz Revuz (1998). Isso traz, sem dúvida, uma inquietação na estrutura psíquica do sujeito, que deverá traspassar a barreira que implica a concepção instrumental da língua para poder se constituir como sujeito na língua estrangeira, não apenas pela fluência que ele consiga atingir, mas também porque, como afirma a autora, "quanto melhor se fala uma língua, mais se desenvolve o sentimento de pertencer à cultura, à comunidade de acolhida, e mais se experimenta um sentimento de deslocamento em relação à comunidade de origem" (REVUZ, 1998, p. 227).

Por outro lado, o encontro com a língua estrangeira coloca em causa a dimensão imaginária na medida em que as imagens projetadas sobre a outra língua e sobre a própria incidem também no processo de inscrição nessa outra ordem linguística. No caso que nos concerne, Celada (2002) trabalhou amplamente a relação do brasileiro com a língua espanhola e propôs a caracterização desta como uma língua singularmente estrangeira para o brasileiro. De acordo com a autora, o imaginário de transparência entre ambas as línguas ajudou a criar a ilusão da competência espontânea, o que, pensando em nosso objeto de estudo, entendemos que pode contribuir a subestimar as dificuldades e as resistências que o sujeito em condição de imigração enfrentará nesse processo de inscrição na língua do outro.

Consideramos que um dos elementos que incidem nessa subestimação do que implica enunciar em língua estrangeira – e particularmente, em espanhol para os brasileiros – tem a ver com uma visão instrumental da língua sustentada em discursos geralmente associados à aprendizagem de línguas estrangeiras que, num contexto de crescente globalização, vendem idiomas como se fossem mercadorias e proclamam a importância de sua aprendizagem como um passaporte para ser cidadão do mundo, como se fosse um deslocamento isento de conflitos. Porém, quando indagamos sobre esses assuntos, percebemos que existe uma grande dimensão — enorme, aliás — que é apagada no processo de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras, especialmente por aqueles "vendedores de elixires" que, sem maior reflexão sobre o tema, prometem o bilinguismo como a chave do sucesso. Como aponta Celada (2008a), na sociedade contemporânea, observa-se uma tendência a justificar a aprendizagem de línguas estrangeiras como resposta às necessidades de um sujeito que, para atender às exigências do mercado, deve aprender rapidamente a falar outros idiomas, deve ser "bilingue". Isso, claro, alimenta toda uma indústria de escolas e cursos que prometem o domínio da língua estrangeira em um tempo muito curto. Tais visões contribuem para a construção de um imaginário sobre o que é a língua estrangeira – uma mercadoria que se pode comprar e "dominar" facilmente – e apagam uma dimensão muito importante que diz respeito ao conflito inerente à subjetivação do indivíduo na língua estrangeira, que, em condição de imigração, vê-se acrescentado pela posição de estrangeiro do sujeito, posição que implica ser sempre "o diferente", "o outro", e que se manifesta, especialmente, na língua.

A escritora argentina, Sylvia Molloy (2016), atravessada desde a infância pelo espanhol, o inglês e o francês, afirma, por exemplo, que o sotaque delata o falante: *ele não é de aqui*. Trata-se de uma relação que não é simétrica, na medida em que o sotaque diz muito sobre um (o estrangeiro) e quase nada sobre o outro (o nativo). Isso nos lembra as reflexões de Melman, quem, ao falar do bilinguismo, aponta que sempre o uso de duas línguas é dessimétrico, sendo uma considerada como língua de mestre e a outra como língua de escravo. Uma das consequências disso tem a ver com que

> [...] o significante perde ali sua faculdade de representar o sujeito para um outro significante, a fim de ganhar uma função de designação. Neste sistema, transforma-se no signo que designa, que denuncia para alguém um sujeito que se origina de um lugar não mais Outro, mas Estrangeiro (MELMAN, 1992, p. 17)

Retomando o trabalho de Melman e, particularmente, a questão da designação, Celada (2002) reflete sobre a questão do sotaque do estrangeiro e aponta que dito sotaque exerce um "efeito de designação" sobre o sujeito, impondo-lhe determinados limites.

A condição de estrangeiro fica exposta imediatamente e isso o coloca em uma posição de alteridade de acordo com a qual está autorizado a dizer algumas coisas e não outras, como veremos nas análises do capítulo 6. Além disso, esse outro lugar ao qual o estrangeiro pertence pode ser um *lá* prestigioso ou repulsivo para as pessoas locais que habitam o espaço de chegada do imigrante; e essa representação sobre o lugar de origem do estrangeiro também determinará a forma segundo a qual ele será observado e tratado. Mas, independentemente disso, o aspecto que sobressai é que é a sua língua que o delata, e que, além do movimento físico e concreto de ir de um país para o outro, a estrutura interna do sujeito também muda na medida em que ele deve começar a se inscrever numa língua outra.

O sujeito em condição de imigração se encontra, assim, numa posição de entremeio entre sua língua e a língua do outro (e das outras línguas que o habitam) e, nesse processo, ele pode experimentar sua inscrição na língua do outro como uma perda, mas também "como uma operação salutar de renovação e de relativização da língua materna, ou ainda como a descoberta embriagadora de um espaço de liberdade" (REVUZ, 1998, p. 224). São muitos os relatos de sujeitos que encontram na língua estrangeira um lugar para enunciar coisas que na sua própria língua estão interditadas. O caso mais típico tem a ver com a utilização da linguagem obscena ou vulgar e até mesmo com a expressão de emoções que na língua materna teriam uma grande carga significativa. Segundo Coracini (2003), isso acontece porque a língua estrangeira não é moldada pelos interditos e, também, pelo desconhecimento do peso de alguns vocábulos ou pelos aspectos culturais que eles veiculam. Nos termos da AD, poderíamos pensar isso como uma consequência do fato de o sujeito não estar inscrito nas redes de memória da língua estrangeira, o que não tem a ver com o conhecimento cognitivo que o indivíduo pode ter do léxico específico dessa língua.

Kristeva afirma que uma nova língua pode levar o sujeito a cometer as mais imprevisíveis audácias porque ela revela uma leveza em que as proibições não provocam medo. Segundo a autora, isso se dá, em parte, porque "a língua estrangeira permanece uma língua artificial" (KRISTEVA, 1994, p. 38) e, poderíamos acrescentar, como mero instrumento que o sujeito "pega emprestado" para se comunicar; instrumento que, no seu imaginário, é possível controlar e dominar de acordo com o nível de fluência adquirido. A autora descreve esse processo com exemplos bem elucidativos:

> Você se aperfeiçoa num outro instrumento, como nós nos expressamos com a álgebra ou o violino. Pode se tornar um virtuose com esse novo artifício que, aliás, proporciona-lhe um novo corpo, igualmente artificial, sublimado [...]. Você tem o sentimento de que a nova língua é a sua ressurreição: nova pele, novo sexo. Mas a ilusão se despedaça quando você se ouve, no momento de uma gravação, por exemplo, em que a melodia de sua voz lhe volta esquisita, de parte alguma, mais próxima da

> gagueira de outrora do que do código atual. Sua falta de jeito tem encanto, dizem. Pode até mesmo ser sensual, supervalorizam os sedutores. Ninguém corrige os seus erros, para não feri-lo [...]. Mesmo assim, exprimem a sua irritação, apesar de tudo. Às vezes, uma sobrancelha levantada ou um enfático "como?" fazem-no compreender que "você jamais conseguirá". (KRISTEVA, 1994, p. 22-23)

Vemos, então, que um gesto, uma palavra, a própria escuta do sotaque, ressaltam para o sujeito sua condição de estrangeiro, do diferente, de quem não pertence, mesmo que essa não seja a "intenção" do interlocutor, e embora ele tenha uma imagem muito positiva desse estrangeiro, pois como sabemos, o estrangeiro também provoca curiosidade, fascinação e atração pelo desconhecido e o exótico.

É interessante retomar aqui um fragmento do livro *A Babel do inconsciente*, que nos traz uma perspectiva psicanalítica que nos ajuda a pensar essa relação do sujeito com a língua estrangeira:

> Com a aquisição de uma nova língua, de fato, não se verifica apenas um enriquecimento do patrimônio léxico e sintático, mas cria-se uma pequena revolução interna; por reflexo, também a primeira língua é modificada no vasto "sistema" de relações e conexões que passa a existir. Talvez seja exatamente esse profundo processo de mudança (e nós como psicanalistas sabemos o quanto é doloroso mudar) que torna tão difícil, às vezes, vencer as resistências que se opõem ao aprendizado de um novo idioma. (AMATI-MEHLER; ARGENTIERI; CANESTRI, 2005, p. 150)

Essa reflexão nos coloca diante da discussão sobre as visões instrumentais do ensino de línguas estrangeiras que reduzem um processo tão complexo como é falar uma língua outra a um saber quase conteudista, limitado à gramática e ao vocabulário, "saber" que dificilmente prepara o sujeito para "viver" na língua estrangeira, pois, como afirma Melman (1992, p. 15), "saber uma língua é muito diferente de conhecê-la. Saber uma língua quer dizer ser falado por ela, que o que ela fala em você se enuncia por sua boca, como destacado, a título do 'eu'". De acordo com os autores de *A Babel do inconsciente*, uma nova língua provoca uma revolução dolorosa, pois afeta também a relação com a língua materna e pode provocar resistências que impedem ou dificultam a subjetivação na língua estrangeira.

Assim, uma nova língua não comporta somente novos léxicos e uma sintaxe diferente, implica também a inscrição em outras redes de memória, novas formas de dizer, de significar e significar-se, e até outras concepções de mundo. Portanto, a inscrição em uma língua estrangeira será portadora de novas vozes, novos confrontos que alterarão "a constituição da subjetividade, modificando o sujeito, trazendo-lhe novas identificações, sem que, evidentemente, ocorra o apagamento da discursividade da língua materna que o constitui" (CORACINI, 2003, p. 153).

Fica claro, então, que há elementos da ordem do inconsciente, do ideológico e do afetivo, que intervêm no processo de inscrição do sujeito na língua estrangeira e que vai ser

determinante na maneira como se levará a cabo esse encontro. Isso porque a língua não é um mero código ou um simples instrumento de comunicação, mas está ligada a um sistema de valores associado às palavras, às formas de designar as coisas, que estrutura a identidade do sujeito e a relação que ele mantém consigo mesmo e com os outros. Quer dizer, trata-se de processos complexos através dos quais o sujeito "toma a palavra" (SERRANI 1998) na língua do outro, o que implica se inscrever na discursividade dessa língua para se dizer a partir dela, produzir sentidos e se identificar com os sentidos que ela mobiliza. Cabe frisar, como já adiantamos, que esses processos de identificação não podem ser analisados em termos binários de identificação/não identificação, mas pensando nas diferentes e complexas dimensões implicadas na experiência de estrangeiridade e nas especificidades desses momentos de identificação que podem ser capturados em relação à língua, aos traços culturais, aos espaços do outro.

Assim, recapitulando o que foi discutido até aqui, podemos afirmar que qualquer sujeito, para se constituir como tal, atravessa uma identificação imaginária e uma identificação simbólica, mas que ao longo da vida continua atravessando diversos processos de identificação. No caso específico dos brasileiros em Buenos Aires, que é o foco de nosso trabalho, a condição de imigrante o faz atravessar novos processos de identificação que se relacionam com a sua exposição à alteridade e com a inscrição na ordem da língua estrangeira e na ordem de um espaço outro, a cidade de Buenos Aires, espaço simbólico significante que se enquadra dentro de uma ordem nacional que tem suas leis, seu modo de funcionamento específico, sua história etc.

A partir de nossa inscrição teórica na análise do discurso, compreendemos que esses processos de identificação se mostram através das práticas discursivas, nos modos de dizer dos sujeitos – sempre postos em relação com a história, com a memória e com a ideologia – e, especificamente, a partir de determinados mecanismos discursivos materializados na língua. Nesses modos de dizer podemos observar o funcionamento das dimensões do simbólico, do imaginário e do real que atravessam o sujeito da linguagem.

Consideramos também que esses mecanismos produzem determinados efeitos, deslizamentos de sentidos que nos darão as "pistas" para analisar os processos de identificação. Convém esclarecer, no entanto, que esses mecanismos não são categorias pré-definidas ou uma série determinada de elementos dados *a priori* cuja presença procuraremos em nosso corpus. O que objetivamos, em nosso gesto de interpretação, é observar, nas sequências discursivas, aqueles mecanismos que, no conjunto e em relação com a exterioridade, se tornam significativos para responder às perguntas de pesquisa. Mas, antes de passar para a análise do

corpus, especificaremos, no próximo capítulo, os procedimentos metodológicos e analíticos adotados na pesquisa, assim como os instrumentos e as condições de produção de dito corpus.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANALÍTICOS

Neste capítulo detalhamos e justificamos os procedimentos metodológicos e analíticos que guiam nosso trabalho, e explicitamos os instrumentos e as condições de produção do corpus, que está composto por sequências discursivas obtidas a partir de entrevistas realizadas com imigrantes brasileiros em Buenos Aires, o que nos leva a refletir sobre a utilização de entrevistas discursivas no marco da pesquisa em análise do discurso. Além disso, explicitamos os objetivos e perguntas de pesquisa, assim como a forma como organizamos a análise das sequências.

4.1 OS INSTRUMENTOS E AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO CORPUS

Nesta pesquisa propomos analisar um *corpus* discursivo, definido por Courtine (2009, p. 54) como "um conjunto de sequências discursivas, estruturado segundo um plano definido em relação a um certo estado das condições de produção do discurso". No nosso caso, delimitaremos um campo discursivo de referência constituído pelos discursos de sujeitos brasileiros em condição de imigração em Buenos Aires.

Utilizaremos, para esse fim, uma seleção de sequências obtidas em entrevistas discursivas, realizadas a partir de um roteiro de perguntas de caráter aberto aplicado de forma flexível. Trata-se de perguntas norteadoras que têm o objetivo de deixar falar o entrevistado e permitir-lhe criar sua própria narrativa.

Vamos trabalhar, portanto, com um *corpora* experimental, isto é, produzido a partir de uma pesquisa empírica. Dizemos que se trata de um *corpora* experimental para diferenciá-lo dos *corpus* constituídos a partir de arquivos, habitualmente utilizados na análise do discurso. Esses últimos se conformam a partir de materiais discursivos já existentes, como documentos, livros, artigos de jornais etc., que circulam no meio social. No caso do *corpus* experimental, que é o que estamos propondo para nosso trabalho, o material discursivo é gerado especialmente para a pesquisa pelo analista.

Considerando o que pretendíamos analisar, acreditamos que não era necessário constituir um *corpus* de discursos provenientes de sujeitos cujo processo de imigração tenha acontecido nas mesmas condições; nosso foco de atenção não esteve limitado, portanto, a participantes adscritos a um mesmo lugar social. Ao mesmo tempo, ter uma maior abertura nesse sentido funcionou não apenas como forma de fazer mais viável a pesquisa, mas também como um elemento enriquecedor com vistas a mostrar as possíveis regularidades ou

deslocamentos nos imaginários dos sujeitos, partindo de uma seleção relativamente heterogênea de discursos.

Seguindo o levantamento das formas de organização das sequências discursivas realizado por Courtine (2009), podemos afirmar que se trata de um *corpus* de tipo complexo, o que implica que nele são combinadas diversas formas e dimensões. Em concreto, trata-se de um corpus constituído por várias sequências discursivas, produzidas por diferentes locutores, a partir de posições ideológicas heterogêneas e formações discursivas diversas.

Para a participação nas entrevistas, convidamos brasileiros que, no momento da sua realização, estavam morando em Buenos Aires. A seleção dos sujeitos de pesquisa se deu principalmente através da minha rede pessoal de contatos e, secundariamente, a partir de indicações das pessoas entrevistadas. Em menor medida, alguns sujeitos foram contatados sem indicação nem conhecimento prévio a partir de páginas de internet e redes sociais vinculadas a locais de fomento da cultura e da gastronomia brasileira em Buenos Aires.

O primeiro contato com os entrevistados foi realizado de forma escrita por e-mail, Whatsapp ou mensagem nas redes sociais, dependendo do caso. Nessa primeira comunicação realizei uma apresentação, indicando a natureza da pesquisa, a duração estimada da entrevista e o caráter anônimo dela. Foi fundamental apresentar ao entrevistado os motivos e as características da entrevista com clareza, ficando à disposição para tirar todas as dúvidas que pudessem surgir.

No total, foram realizadas nove entrevistas em profundidade, individuais, todas elas concretizadas de forma presencial em Buenos Aires. A primeira foi efetuada como entrevista piloto no mês de abril de 2018 e serviu como amostra para exemplificar os procedimentos de análise na instância de qualificação do projeto. As oito entrevistas restantes foram realizadas nos meses de abril e maio de 2019, após aprovação do Comitê de Ética da Universidade Federal de Pernambuco[44].

No ato das entrevistas, foram assinados os TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), documento solicitado pelo Comitê de Ética, que inclui as informações correspondentes à pesquisa, garante a confidencialidade e serve como prova do consentimento

[44] O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética no dia 14 de março de 2019. Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE): 06688819.1.0000.5208. Número de parecer: 3.197.756. Posteriormente, a partir da qualificação da tese e das sugestões realizadas pela banca, fizemos uma emenda para solicitar a dito Comitê a alteração do título do trabalho, a qual foi aprovada. Cabe esclarecer que, embora tenha havido uma reformulação dos objetivos, com vistas a precisar melhor questões teórico-analíticas desenvolvidas na tese, o objetivo geral do trabalho não foi alterado significativamente, o que não implicou, portanto, mudanças que pudessem configurar alterações nos procedimentos metodológicos adotados, mantendo-se a mesma proposta de pesquisa submetida e aprovada pelo CEP e a partir da qual se produziram as entrevistas e a escrita da tese.

da participação do entrevistado. A duração estimada das entrevistas foi de 30 a 40 minutos e se solicitou autorização aos entrevistados para que elas fossem gravadas para posterior transcrição.

Cabe esclarecer que as entrevistas são anónimas, porque o que nos interessa, a partir de nossa inscrição teórica, não é o sujeito empírico, com existência individual, mas um sujeito que, mesmo falando a partir de um lugar social determinado, insere seu discurso numa rede maior, que o excede, exterior a ele, atravessada pela memória discursiva e determinada pelas formações discursivas e ideológicas nas que está inscrito. Portanto, em todos os casos os nomes utilizados para nos referir aos entrevistados são fictícios.

Uma das questões que se mostrou significativa no momento da realização das entrevistas foi a importância de criar um espaço de diálogo e confiança com o entrevistado. Cabe mencionar que, mesmo havendo entrado em contato por indicação de alguma pessoa em comum, em nenhum caso eu conhecia as pessoas que iria entrevistar nem tinha muita informação sobre elas, além de questões básicas como idade aproximada, tempo de permanência em Buenos Aires ou área de trabalho ou estudo. Por outro lado, e apesar de não ter conhecimento prévio do outro, mostrou-se conveniente tentar produzir um clima de cordialidade e simpatia durante a entrevista e não simplesmente "aplicar" o questionário como se fosse um interrogatório. Isso foi fundamental para o sucesso das entrevistas, pois ajudou a gerar uma atmosfera de empatia essencial para que o sujeito se sentisse à vontade para falar, sem pressões, especialmente considerando que as experiências que iria relatar poderiam provocar diversas emoções.

Além disso, no momento da entrevista, perguntei aos entrevistados em que língua preferiam realizar nossa conversa. Sete deles escolheram falar em espanhol, enquanto apenas dois optaram pelo português.

O detalhamento das condições em que ocorreram as entrevistas nos permitem configurar um panorama dessa instancia de enunciação, entendendo-a, junto com Guimarães (2005, p. 8) como um "acontecimento no qual se dá a relação do sujeito com a língua". Os trabalhos do autor (2014; 2005) nos ajudam a pensar a produção dos discursos dos sujeitos brasileiros em condição de imigração no marco do que ele chama de espaços de enunciação, a partir do qual podemos entender o funcionamento das línguas em relação a seus falantes e considerando seu caráter político. Segundo Guimarães,

> Os espaços de enunciação são espaços de funcionamento de línguas, que se dividem, redividem, se misturam, desfazem, transformam por uma disputa incessante. São espaços "habitados" por falantes, ou seja, por sujeitos divididos por seus direitos ao dizer e aos modos de dizer. São espaços constituídos pela equivocidade própria do acontecimento: da deontologia que organiza e distribui papéis, e do conflito,

> indissociado desta deontologia, que redivide o sensível, os papéis sociais. (GUIMARÃES, 2005, p. 18)

Vários elementos dessa definição merecem ser destacados. Por um lado, aponta-se que esses espaços são objeto de disputa em relação com as línguas, confirmando assim seu atravessamento político. Por outro lado, nessa disputa se determina uma desigualdade que estabelece quem tem direito a dizer e como (inclusive em que língua), e quem não. No tocante a esse ponto, Zoppi Fontana e Celada (2009) acrescentam que essa distribuição desigual instaura uma hierarquia entre as diferentes línguas (materna, nacional[45], oficial, franca, segunda, estrangeira/s etc.), dividindo-as em função da atribuição de diferentes sentidos.

Da definição de Guimarães surge também uma aproximação ao que ele entende por *falantes*, conceito que é ampliado pelo autor ao defini-los como uma categoria linguística e enunciativa ao invés de uma figura empírica. Nas suas palavras,

> Os falantes não são os indivíduos, as pessoas que falam esta ou aquela língua. Os falantes são estas pessoas enquanto determinadas pelas línguas que falam. Neste sentido falantes não são as pessoas na atividade físico-fisiólogica, ou psíquica, de falar. São sujeitos da língua enquanto constituídos por este espaço de línguas e falantes que chamo espaço de enunciação. (GUIMARÃES, 2005, p. 18)

Assim sendo, os espaços de enunciação podem ser constituídos por diversas línguas que afetam os falantes. Nesse sentido, Zoppi Fontana e Celada (2009, p. 162, tradução nossa) apontam que "as relações estabelecidas entre as línguas e seus falantes num espaço de enunciação determinado participam efetivamente dos processos de identificação/subjetivação social dos indivíduos nesse espaço, isto é, da constituição de sua identidade". As autoras analisam esses processos focando especificamente nas práticas enunciativas de sujeitos imigrantes argentinos no espaço de enunciação brasileiro, entendendo esse espaço dentro de um contexto de integração regional mais amplo no marco do Mercosul. No nosso caso, o foco da análise está nessa mesma relação, porém de modo inverso, isto é, observando as práticas enunciativas de sujeitos imigrantes brasileiros no espaço de enunciação argentino. Em ambos os casos esse vínculo se dá "num contexto de relações de rivalidade especular entre Brasil e Argentina" (ZOPPI FONTANA, 2016, p. 134, tradução nossa). Dessa forma, entendemos que as línguas que participam nesse particular espaço de enunciação constituem seus falantes de formas diversas e incidem nos seus processos de identificação.

Os sujeitos entrevistados para nossa pesquisa podem ser considerados então, nos termos propostos por Guimarães, como falantes num espaço de enunciação. Nesse marco, a instância

[45] Cabe lembrar que a distinção entre língua materna, língua nacional e língua estrangeira, apoiada nos trabalhos de Payer e Celada, foi abordada no capítulo 3.

da entrevista constituiria, de acordo com a seguinte definição, *uma cena enunciativa*, na qual os falantes assumem a palavra para enunciar:

> Uma cena enunciativa se caracteriza por constituir modos específicos de acesso à palavra dadas as relações entre as figuras da enunciação e as formas linguísticas. [...] Cenas são especificações locais nos espaços de enunciação. A cena enunciativa é assim um espaço particularizado por uma deontologia específica de distribuição dos lugares de enunciação no acontecimento. Os lugares enunciativos são configurações específicas do agenciamento enunciativo para "aquele que fala" e "aquele para quem se fala". Na cena enunciativa "aquele que fala" ou "aquele para quem se fala" não são pessoas mas uma configuração do agenciamento enunciativo. São lugares constituídos pelos dizeres e não pessoas donas de seu dizer. Assim estudá-la é necessariamente considerar o próprio modo de constituição destes lugares pelo funcionamento da língua. (GUIMARÃES, 2005, p. 23)

A cena enunciativa deve ser compreendida, então, na sua articulação com o espaço de enunciação, e os lugares enunciativos como a configuração do agenciamento enunciativo que faz com que o falante, num determinado espaço de enunciação, se transforme, por esse agenciamento, em locutor. O autor distingue, a partir daí, dois tipos de locutores: o Locutor com maiúscula, que corresponde ao "lugar que se representa no próprio dizer como fonte deste dizer" (GUIMARÃES, 2005, p. 23), ou seja, como origem do que enuncia; e o locutor-x, que sempre vem predicado por um lugar social (por exemplo, locutor-presidente, locutor-jornalista etc.) que afeta sua enunciação e que determina o que pode dizer, de que modo e em que língua. Assim, o Locutor está sempre afetado pelos lugares sociais que ocupa e, em consequência, para se constituir como Locutor só pode enunciar a partir de um lugar social, por exemplo, em nosso caso, como locutor-brasileiro ou, melhor ainda, locutor-imigrante brasileiro, falando para um locutor-entrevistador argentino, o que sem dúvida afeta o dizer do sujeito de acordo com as projeções imaginárias em jogo.

Estas considerações nos permitem entender a entrevista discursiva como uma cena enunciativa particular, no contexto de um espaço de enunciação onde o Locutor é afetado pelo lugar social que ocupa, a partir do qual ele estará autorizado a dizer ou não de determinados modos. Nesse sentido, a entrevista não é apenas uma ferramenta metodológica, mas uma condição de produção para esse dizer. Nesse ponto, consideramos pertinente fazer uma breve reflexão sobre as particularidades das entrevistas discursivas como primeira instância para a subsequente construção do corpus.

Cabe lembrar que a análise do discurso se afasta da concepção empirista do sujeito, o que reforça a argumentação de Guimarães recentemente exposta. Isso não significa, no entanto, que os lugares sociais dos sujeitos não devam ser considerados, mas que esse lugar está articulado com sua posição discursiva. Nesse sentido, observamos no capítulo anterior a caracterização de Orlandi (2007a) sobre o contexto no sentido estrito, no nosso caso, a cena

enunciativa da entrevista, que remete sempre ao contexto em sentido lato, isto é, considerando as determinações histórico-sociais, ideológicas etc.

Pensando agora especificamente nas entrevistas discursivas, destacamos um elemento que, ao nosso ver, torna-se fundamental nesse contexto imediato e que diz a respeito "das expectativas e representações entre os interlocutores como constitutivas da produção dos dizeres dos entrevistados" (ZIMMERMANN e SILVA, 2014, p. 33). Trata-se do mecanismo de antecipação, que permite relacionar o contexto imediato com o contexto em sentido lato. De acordo com Orlandi, esse mecanismo, que se articula com o jogo das formações imaginárias tal como desenvolvemos no capítulo 3 a partir de Pêcheux, é um dos fatores que constitui as condições de produção dos discursos.

> Segundo o mecanismo de antecipação, todo sujeito tem a capacidade de experimentar, ou melhor, de colocar-se no lugar em que o seu interlocutor 'ouve' suas palavras. Ele antecipa-se assim a seu interlocutor quanto ao sentido que suas palavras produzem. Esse mecanismo regula a argumentação, de tal forma que o sujeito dirá de um modo, ou de outro, segundo o efeito que pensa produzir em seu ouvinte. Este espectro varia amplamente desde a previsão de um interlocutor que é seu cúmplice até aquele que, no outro extremo, ele prevê como adversário absoluto. Dessa maneira, esse mecanismo dirige o processo de argumentação visando seus efeitos sobre o interlocutor (ORLANDI, 2007a, p. 39).

Além dos mecanismos de antecipação, a autora assinala outros dois fatores como constituintes das condições de produção: por um lado, a relação de sentidos, que implica que todo discurso forma parte de um processo discursivo mais amplo e, portanto, sempre remete a outros discursos e, por outro, a relação de forças segundo a qual o lugar a partir do qual o sujeito fala é constitutivo de seu dizer. Esses três elementos formam parte do que na AD chamamos de formações imaginárias que é, segundo a autora, o que permite "passar das situações empíricas – os lugares dos sujeitos – para as posições no discurso" (ORLANDI, 2007a, p. 40).

Cabe destacar que, embora o mecanismo de antecipação possa se apresentar de forma mais ou menos ostensiva, ela está sempre em funcionamento, apesar de não existir um controle consciente dos interlocutores. Nas análises das sequências, iremos apontando, quando for necessário, a forma como esse mecanismo se materializa na língua.

Em resumo, entendemos que, diferentemente de outras modalidades de pesquisa nas quais a entrevista constitui um diálogo com "informantes" para coletar determinados dados, na entrevista discursiva o que interessa não é informação ou o conteúdo do que os indivíduos dizem, mas seu funcionamento discursivo e os efeitos de sentido produzidos, tomando em consideração suas condições de produção, o complexo jogo de projeções imaginárias, a posição discursiva dos sujeitos etc. Essa instancia é, portanto, também constitutiva do sentido.

Para a realização de nossas entrevistas, elaboramos um roteiro de perguntas norteadoras que, embora inicialmente fossem as mesmas para todos os entrevistados, com o decorrer do diálogo foram sendo adaptadas de acordo com o surgimento de aspectos que consideramos oportuno aprofundar. Esse roteiro inicial funcionou como uma base norteadora cujo objetivo era permitir ao entrevistado fazer uma narrativa de si, da sua relação com a língua e a cultura materna e estrangeira, com sua experiência enquanto imigrante e estrangeiro, assim como perguntas que trouxessem à tona os imaginários de si, do outro e dos diferentes espaços. O caráter do roteiro se propôs, desde o começo, como uma estrutura flexível e, por essa razão, não necessariamente as perguntas foram realizadas na sequência estabelecida inicialmente. Priorizamos, nesse sentido, o objetivo de deixar o entrevistado falar, tentando manter um diálogo o mais natural e fluido possível, dentro dos limites próprios da instância *per se* artificial da entrevista. A seguir, apresenta-se o roteiro de perguntas:

Sobre a Argentina e Buenos Aires:

- Há quanto tempo que mora em Buenos Aires?
- Por que você veio para a Argentina?
- O que você sabia sobre a Argentina antes de vir para cá?
- Qual foi sua primeira impressão quando chegou em Buenos Aires?
- Já conhecia alguém daqui antes de vir morar em Buenos Aires?
- A imagem que você tinha antes de vir e a que você tem agora é a mesma? O que mudou?
- Que é o que te faz permanecer na Argentina?
- Como se sente/sentiu tratado pelas instituições do Estado (migrações, registro civil, universidade, funcionários públicos, etc.)?
- Como se sente/sentiu tratado pelos argentinos?
- Como foi seu processo de adaptação? Lembra de alguma situação que possa contar?
- Se sentiu excluído em algum contexto? Lembra alguma situação que possa contar?

Sobre a língua:

- Você já falava espanhol antes de viajar para Argentina?
- Já fez aulas de espanhol? Se sim, como foi essa experiência?
- Se já falava espanhol antes de migrar, sentiu alguma diferença entre o que você aprendeu e a forma de falar dos portenhos?
- Qual era sua percepção sobre a língua antes de ir para Argentina?

- Lembra de alguma situação na qual teve alguma dificuldade para entender ou se fazer entender em Buenos Aires?
- Em que contextos você fala espanhol e em quais fala português? (por exemplo, como fala com seus animais, com as crianças, no trabalho etc.).
- As pessoas desconhecidas com quem você fala em espanhol no dia-a-dia reconhecem que você é estrangeiro? Quais comentários você recebe?
- Existe alguma situação ou assunto que você prefira utilizar uma das línguas em especial?

Sobre a cultura e a sociedade:

- Tinha alguma imagem ou referência sobre a cultura e a sociedade argentina antes de vir morar aqui?
- Essa percepção se confirmou ou se modificou morando nesse país?
- Você percebe diferenças culturais muito marcantes entre Brasil e Argentina? Quais?
- Como acha que os argentinos enxergam os brasileiros? E ao contrário?
- O que pensam seus amigos e familiares brasileiros sobre os argentinos?
- O que mais chamou sua atenção sobre a vida na Argentina?
- O que mais gosta daqui? E o que menos gosta?
- De que coisas sente falta do seu país?
- Na sua opinião, como são os argentinos com os imigrantes?

Sobre o Brasil

- Como é/foi voltar para o seus país? (por exemplo, quando volta para lá nas férias ou em outras ocasiões)
- Tem intenção de voltar a morar no Brasil?
- Qual é o contato que mantém com o Brasil estando na Argentina?
- De que coisas do Brasil sente falta?
- Tem contato com outros brasileiros na Argentina?

Posteriormente, as entrevistas foram transcritas na íntegra para facilitar a seleção das sequências discursivas que constituem o *corpus,* o que nos permitiu avançar na análise e interpretação desses discursos, de acordo com nossos objetivos e seguindo o procedimento analítico que detalhamos a continuação.

4.2 PERGUNTAS DE PESQUISA E PROCEDIMENTO ANALÍTICO

Tendo explicitado as condições de produção de nosso corpus, torna-se necessário especificar agora algumas questões relativas ao procedimento de análise desse material.

Em primeiro lugar, é importante lembrar que para a AD os sentidos não são "criados" pelos sujeitos nem dependem das suas intenções. A AD não trabalha com a análise de conteúdo do texto, mas com os efeitos de sentido do/no discurso, ou seja, o analista trabalha sobre sequências discursivas, descrevendo-as e interpretando-as a partir de suas perguntas de pesquisa e de uma necessária relação desse dizer com a exterioridade que lhe é constitutiva. O que interessa, então, é como um determinado discurso produz sentidos em função das suas condições de produção históricas e ideológicas, que incluem, como temos visto, as condições específicas da enunciação, isto é, de seu contexto imediato, e as condições de produção em sentido lato, nos termos que Orlandi (2007a) propõe, isto é, levando em conta o contexto sócio-histórico e ideológico da produção dos discursos, o que implica considerar não apenas o que é dito, mas também os não-ditos e o que foi dito antes, em outros lugares, e foi esquecido pelo sujeito, criando a ilusão de que ele é a origem desse dizer. A dimensão ideológica é, nesse sentido, fundamental para compreender as filiações do sujeito a determinados sistemas de ideias que determinam sua representação de si e dos outros, mesmo que ele não seja consciente disso.

Seguindo os apontamentos que Orlandi traz na sua obra, *Análise do discurso: princípios e procedimentos* (2007a), trabalho que funciona como alicerce fundamental para a pesquisa em AD e que traz importantes esclarecimentos sobre determinados critérios que devem ser considerados para desenvolver análises no marco da teoria, devemos considerar que o analista irá interpretar os efeitos de sentido dos enunciados selecionados como sequências discursivas, de acordo com seus objetivos e a partir das perguntas de pesquisa formuladas. Essas questões iniciais são as que desencadeiam a análise e a construção de um dispositivo analítico determinado que orienta a pesquisa. Retomamos, então, os objetivos e as perguntas de pesquisa que guiam nosso trabalho:

Objetivo geral:

Analisar os processos de identificação dos brasileiros em condição de imigração em Buenos Aires, a partir de sua inscrição na ordem da língua estrangeira e na ordem de um espaço outro.

Objetivos específicos:

- Analisar as condições de produção específicas da imigração brasileira em Buenos Aires, no intuito de delimitar o marco sócio-histórico em que os discursos dos sujeitos brasileiros em condição de imigração são produzidos;
- Observar as particularidades do sujeito brasileiro em condição de imigração em Buenos Aires, procurando compreender os efeitos dessa estrangeiridade na forma de constituição discursiva de sua subjetividade e nos processos de identificação com o outro e seu espaço;
- Analisar, nos modos de dizer desses sujeitos, o atravessamento do real, do imaginário e do simbólico e seu funcionamento.
- Contribuir para o desenvolvimento metodológico no quadro teórico da análise do discurso de linha pecheuxtiana a partir de uma proposta de análise dos processos de identificação baseada na observação dos mecanismos presentes nos discursos e de seus efeitos.
- Realizar um aporte aos estudos sobre imigrantes e imigração no campo teórico da AD, objetivando, particularmente, a promoção de pesquisas que apontem para um processo de integração no espaço latino-americano.

Perguntas de pesquisa:

- Como se manifestam discursivamente os processos de identificação dos sujeitos brasileiros em condição de imigração em Buenos Aires em relação à língua, ao outro e a seu espaço?
- De que modo as projeções imaginárias sobre si, sobre o outro e seus espaços afetam esses processos de identificação?
- Em que medida a experiência de imigração e a condição de imigrante afeta a constituição subjetiva do sujeito e suas práticas discursivas?

Voltando para Orlandi (2007a, p. 27), concordamos com ela quando diz que não existe uma "receita" única para desenvolver a análise, pois "cada material de análise exige que seu analista, de acordo com as questões que formula, mobilize conceitos que outro analista não mobilizaria, face a suas (outras) questões". A autora distingue, assim, o dispositivo teórico do dispositivo analítico, entendendo esse último como "o dispositivo teórico já 'individualizado' pelo analista em uma análise específica" (ibid.), de acordo com suas perguntas iniciais.

O analista, portanto, é um intérprete que busca identificar como um discurso funciona produzindo efeitos de sentido, não procurando o sentido "verdadeiro" ou "oculto" no texto, mas realizando gestos de interpretação coerentes com seu dispositivo teórico e analítico e entendendo que não existe apenas uma única interpretação possível e que todo enunciado é sempre suscetível de tornar-se outro. Quer dizer, a interpretação não se fecha, permanece aberta ao simbólico. É por isso que afirmamos que a pesquisa em AD é de caráter qualitativo e interpretativo, quer dizer, a preocupação não está no número de sujeitos entrevistados ou na quantidade de sequências elaboradas, assim como também não está nos dados coletados, mas na interpretação atribuída aos dizeres desses sujeitos no processo discursivo.

O trabalho de interpretação se dá, na perspectiva de Orlandi, em dois momentos diferentes da pesquisa. Por um lado, o sujeito que fala — em nosso caso, o entrevistado — realiza um gesto de interpretação que o analista deve descrever. Por outro, o próprio analista está envolvido na interpretação porque não pode descrever sem interpretar. Quer dizer, o analista não é neutro, não pode se colocar "fora da história, do simbólico ou da ideologia" (Orlandi 2007a, p. 61), mas sim deve se colocar "em uma posição deslocada que lhe permite contemplar o processo de produção de sentidos em suas condições". Além disso, temos que considerar que na própria construção do *corpus* já há uma atividade de análise. A decisão sobre o que forma parte do corpus está fundamentada em nossas perguntas de pesquisa e nos conceitos teóricos que nos interessa mobilizar.

Seguindo a proposta de Orlandi (2007a), realizamos um primeiro movimento que consistiu em passar da superfície linguística para o objeto discursivo. Em outras palavras, do corpus bruto, isto é, da totalidade das entrevistas realizadas e transcritas, fizemos um recorte — que já é uma interpretação —, conformando as sequências discursivas que nos permitiram, através da análise, aproximar-nos a nossos objetivos e às respostas para nossas perguntas iniciais. Esse é nosso objeto discursivo, e nele pretendemos identificar, relacionando o discurso com sua exterioridade, determinadas regularidades, tanto de índole temática quanto dos mecanismos discursivos presentes nas formulações, lembrando, como diz Orlandi (2007c, p. 88), que a tarefa do analista de discurso "é explicitar os processos de significação que trabalham o texto: compreender como o texto produz sentidos, através de seus mecanismos de funcionamento".

Do ponto de vista temático, observamos certas recorrências nos discursos dos entrevistados que, observadas em seu conjunto, tornaram-se significativas e mostraram um caminho para organizar as análises a partir de determinados blocos temáticos. Esses blocos não funcionaram como um *a priori*, mas foram estabelecidos a partir do que o próprio corpus nos

"falava". Ao mesmo tempo, visando o objetivo de analisar os processos de identificação dos sujeitos em condição de imigração e após nos debruçarmos sobre o corpus chegamos à conclusão de que esses blocos temáticos indicavam objetos de identificação diferentes que nos permitiriam constituir dois grandes eixos: de um lado, a identificação do sujeito imigrante com o(s) outro(s) – no caso, os portenhos, sujeitos do (não) acolhimento –; e do outro, a identificação do sujeito com o espaço da cidade. Essas identificações, nas variadas formas de sua produção, se materializam nos dizeres dos sujeitos quando eles falam sobre diferentes objetos de discurso: os relacionamentos, a amizade, a língua, a própria condição de estrangeiridade etc. Ao mesmo tempo, essas identificações colocam em jogo uma serie de projeções imaginárias e se inscrevem no simbólico, sempre atravessadas pela ideologia e pela historicidade.

Também observamos regularidades na materialidade linguística, a partir das quais pudemos constatar o funcionamento de determinados mecanismos discursivos. Assim, para analisar os processos de identificação dos sujeitos em condição de imigração a partir de suas práticas discursivas, propomos olhar nas sequências o funcionamento desses mecanismos, observando os efeitos e deslizamentos de sentido que eles produzem, atentando para o atravessamento das dimensões do real, do imaginário e do simbólico.

Essa proposta de análise está inspirada, como mencionamos no capítulo 3, nos trabalhos de Payer (2006, 2013, 2014), base teórica muito produtiva para efetuar um gesto de interpretação em torno dos processos de identificação dos sujeitos migrantes. A autora trabalha os mecanismos como formas em que os processos de identificação aparecem no discurso; ou seja, como marcas da relação do sujeito com a língua na materialidade da linguagem. Ela afirma que, através desses mecanismos,

> [...] manifesta-se, na materialidade do discurso, o funcionamento de um processo de identificação dos sujeitos em relação à(s) língua(s) e às formas linguísticas presentes em sua história e nas práticas discursivas atuais. Em outras palavras, os processos de (des)identificações que se formam pela historicidade entre os sujeitos e as línguas/formas materiais vêm manifestar-se no tecido discursivo, dando sinais de diversos modos pelos quais ocorre essa relação, através de certos mecanismos específicos pelos quais se expõem essas identificações/relações constituídas com a língua. (PAYER, 2014, p. 100)

Cabe lembrar que, como vimos no capítulo anterior, a forma segundo a qual Payer trabalha a identificação através desses mecanismos se enquadra na acepção da identificação focada na relação sujeito/língua, ou dito de outro modo, do sujeito com as formas materiais de uma língua específica, de várias línguas, ou até as variedades de uma mesma língua, com as quais o sujeito tem uma história e estabelece diversas relações que afetam seus modos de dizer. Entendemos que esse olhar não exclui a questão da relação identificação-interpelação no sentido em que é trabalhada por Pêcheux, mas aponta para uma singularização do modo como

cada sujeito se enfrenta a essa relação específica e produz sentidos se inscrevendo nas formas materiais das línguas que o atravessam.

Partindo dessa base, nossa proposta é observar os mecanismos que aparecem no tecido discursivo não para trabalhar somente a relação do sujeito com a língua, mas também em referência a outros objetos de discurso que apontam, segundo a nossa análise, para os dois eixos principais que definimos como *o outro* e *a cidade*.

Sintetizando, então, o que estamos entendendo por mecanismos discursivos, diremos que eles são marcas na materialidade da língua que nos permitem analisar os processos de identificação do sujeito, atravessados pelos registros do imaginário, do simbólico e do real. Quanto ao primeiro registro, entendemos que no discurso é possível encontrar marcas que remetem a determinados imaginários sobre si e sobre o outro, assim como sobre seus espaços, a partir dos quais se pode identificar o funcionamento de certos pré-construídos e imagens estereotipadas que, no processo de imigração, podem ser reproduzidos ou transformados. Esses elementos, postos em relação com as condições de produção da imigração dos brasileiros em Buenos Aires e com as condições de produção dos discursos, contribuem para uma melhor compreensão dos processos de identificação desses sujeitos. Em relação ao simbólico, recorremos mais uma vez a Payer (2016, p. 356) quem aponta que imigrar é um "processo significativo que imprime traços na relação com o simbólico, pelo processo necessário de integração aos sentidos e à língua outra. Esse processo vai se acompanhando de modos específicos de identificação com formas de ouvir e de dizer". Portanto, a inscrição simbólica na ordem da língua e na ordem do espaço do outro se manifestará, também, na materialidade linguística. Finalmente, acreditamos que certos mecanismos discursivos apontam para o real, para algo que não pode ser simbolizado, que não é dito, mas que retorna sob diversas formas, produzindo diferentes efeitos de sentido.

Consideramos que a forma de definir os mecanismos pode variar de acordo com o material trabalhado e, também, com os objetivos da pesquisa. Payer (2006, 2013), por exemplo, analisa mecanismos tais como a retração da palavra, o desfocamento de sentidos, o desdobramento na imagem dos interlocutores, a diluição de fronteiras das línguas etc. Entendemos que o que a leva a definir esses mecanismos e não outros é, por um lado, a repetição observada no corpus que a pesquisadora constrói e, por outro, o fato de serem mecanismos que mobilizam uma análise produtiva em relação às questões de pesquisa que propõe. Nesse sentido, não procuramos que nossa análise aborde necessariamente os mesmos mecanismos, já que eles dependerão das condições específicas de nosso corpus e dos objetivos de nosso trabalho. Podemos salientar, entretanto, que alguns mecanismos se apresentaram de forma

recorrente e que é neles que vamos nos focar, indicando, quando for necessário, a presença de outros mecanismos secundários.

Por último, é importante aclarar que esses mecanismos podem funcionar de forma enlaçada. Assim, embora devamos trabalhá-los separadamente de acordo com critérios analíticos, compreendemos a estreita relação que há entre eles.

4.3 APRESENTAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

Para finalizar esta primeira parte, traçaremos aqui um breve perfil dos sujeitos entrevistados, identificados com um nome fictício. As entrevistas foram realizadas na Cidade de Buenos Aires no período entre 23/04/2019 e 10/05/2019. Como temos dito antes, a partir de nossa inscrição teórica na análise do discurso não vamos olhar para a existência individual do sujeito empírico e sim para a forma como ele, sempre atravessado pelo inconsciente e pela ideologia e inscrito em processos históricos, se projeta no discurso. Porém, isso não implica negar a relevância do lugar social dos sujeitos e da experiência da imigração, pois, como temos visto, tudo isso forma parte das condições de produção de seus discursos.

ANA

Graduada em Ciências da Educação e Pedagogia.

Coordenadora pedagógica de um centro cultural dedicado à difusão da língua e da cultura brasileira.

Cidade de origem: São Paulo.

Idade aproximada: 35 anos.

Ana foi para Argentina pela primeira vez em 2007 por indicação de uma professora com o objetivo de fazer um mestrado em Psicopedagogia e Psicanálise. Em 2011 voltou para sua cidade de origem, São Paulo, para fazer um estudo de campo para sua pesquisa de mestrado e continuou trabalhando lá. Em 2015 decidiu voltar para Buenos Aires por conta de um relacionamento com quem é hoje seu marido, um israelense que mora nessa cidade. Hoje Ana trabalha no Ministério da Educação da Argentina e em uma instituição dependente da Embaixada do Brasil em Buenos Aires. Fez um curso intensivo de espanhol no Instituto Cervantes durante seis meses quando tomou a decisão de ir morar na Argentina pela primeira vez.

FERNANDA

Licenciada em Letras Português.

Funcionária administrativa no consulado do Brasil em Buenos Aires.

Cidade de origem: Rio de Janeiro.

Idade aproximada: 39 anos.

Fernanda chegou na Argentina há 10 anos para fazer um curso de 2 meses sobre terapias corporais e psicológicas, mas decidiu ficar para continuar com sua formação. Começou a trabalhar, deu aulas de português e há um ano começou a trabalhar no consulado. Nunca tinha estudado espanhol antes de chegar à Argentina.

ISABELA

Socióloga e cientista política.

Professora de português para estrangeiros em um centro cultural dedicado à difusão da língua e da cultura brasileira

Cidade de origem: Rio de Janeiro.

Idade aproximada: 62 anos

Isabela mora em Buenos Aires há 23 anos. É socióloga e cientista política, mas também fez uma especialização para poder ser professora de português língua estrangeira. Decidiu viajar para Argentina porque, em uma viagem para Florianópolis, se apaixonou por um argentino. Viveram um relacionamento à distância por algum tempo, em seguida, viveram juntos na cidade de Florianópolis e, em virtude de problemas pessoais de seu companheiro, tomou a decisão de ir viver com ele em Buenos Aires. Quando imigrou para a capital argentina Isabela falava muito pouco espanhol e sua filha, de 15 anos, não falava nada. Já morando na Argentina teve um outro filho. Hoje, Isabela trabalha como professora de português.

JOÃO

Estudante de Medicina na Universidade de Buenos Aires.

Cidade de origem: Campinas, São Paulo.

Idade aproximada: 23 anos.

João foi morar em Buenos Aires há um ano e meio para estudar Medicina. Chegou no país sem nunca ter estudado espanhol. Divide apartamento com outros estudantes brasileiros. Além de estudar, João trabalha em uma companhia dando assistência em português para clientes com cartões de crédito premium com urgências e emergências médicas.

LUCAS

Estudante de Medicina na Universidade Barceló.

Cidade de origem: Palmeira das Missões, Rio Grande do Sul.

Idade aproximada: 24 anos.

Lucas mora em Buenos Aires há 5 anos e, antes disso, morou 2 anos em Curitiba, onde tentou fazer o ingresso no curso de Medicina. Como não conseguiu ingressar no curso de medicina em uma universidade brasileira, decidiu ir para Buenos Aires para estudar em uma universidade particular. Nunca tinha estudado espanhol antes de viajar para Argentina. Além de estudar, agora se dedica a um micro empreendimento de elaboração e venda de comida saudável.

LARISSA

Dona de casa.

Cidade de origem: Curitiba, Paraná.

Idade aproximada: 47 anos.

Larissa foi morar na Argentina há 27 anos acompanhada de uma tia porque tinha parentes brasileiros que moravam na Área Metropolitana de Buenos Aires. Ela chegou procurando uma mudança de vida e decidiu ficar. Conseguiu trabalho como balconista em uma loja de móveis e foi morar na Capital Federal. Casou-se com um argentino e teve um filho. Atualmente é dona de casa. Nunca estudou espanhol.

PATRÍCIA

Escritora e Mestre em Belas Artes.

Cidade de origem: Rio de Janeiro.

Idade aproximada: 42 anos.

Patrícia mora em Buenos Aires há 3 anos. Decidiu se mudar porque se apaixonou por um argentino. Fez curso de desenho industrial e um mestrado em Belas Artes. Morou em Nova Iorque, na Europa e em São Paulo. Atualmente trabalha como escritora e tem dois filhos brasileiros, gêmeos, de 8 anos de idade, que moram com ela e seu atual marido. Quando chegou à Argentina não falava espanhol.

LAURA

Licenciada em Letras Espanhol.

Professora de Português para estrangeiros e professora de teatro.

Cidade de origem: Recife, Pernambuco.
Idade aproximada: 34 anos.

Laura mora em Buenos Aires há cinco anos. Inicialmente, foi para essa cidade para fazer uma pós-graduação, mas depois passou no concurso da Embaixada do Brasil em Buenos Aires e decidiu ficar. Ela não mora dentro da cidade de Buenos Aires, mas na área metropolitana conhecida como "conurbano", que é a região que circunda a capital. Antes de ir para Argentina já falava espanhol, pois tinha feito a licenciatura em Letras Espanhol.

VITÓRIA

Estudante de Nutrição.
Garçonete.
Cidade de origem: Curitiba, Paraná.
Idade aproximada: 22 anos.

Vitória mora na Argentina há 4 anos. Seu pai é brasileiro, sua mãe é argentina e tem outros parentes na província de Corrientes. Decidiu ir para Buenos Aires para estudar Medicina na Universidade de Buenos Aires, junto com a irmã que ia fazer um outro curso. Começou o curso, mas depois de dois anos mudou para Nutrição numa universidade particular. Atualmente mora com a irmã e a mãe, estuda na universidade e trabalha como garçonete em um restaurante brasileiro em Palermo. Antes de ir para Argentina tinha estudado espanhol na escola.

5 OS PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO NA RELAÇÃO COM O OUTRO

Como foi explicitado na descrição metodológica, a partir das entrevistas realizadas com os sujeitos brasileiros em condição de imigração em Buenos Aires, selecionamos uma série de sequências discursivas que constituem o corpus sobre o qual nos debruçaremos neste capítulo, procurando observar, a partir das reflexões teóricas desenvolvidas até aqui, os mecanismos presentes nessa materialidade discursiva que remetem aos processos de identificação desses sujeitos com o outro, quer dizer, com aquele sujeito que, na cidade de Buenos Aires, ocupa o lugar de nativo desse espaço. Nos ocuparemos também de observar, nos dizeres dos brasileiros, as diversas projeções imaginárias que se colocam em jogo e que, em alguns casos, respondem à vivência da experiência migratória, enquanto em outros funcionam na reprodução de determinadas imagens estereotipadas.

Gostaríamos de começar destacando que, como analisamos no segundo capítulo, a diferença de outros tipos de migrações, em geral os brasileiros que moram em Buenos Aires fizeram esse deslocamento de forma não forçada. No caso específico dos sujeitos entrevistados, seis deles foram para Buenos Aires com o objetivo de fazer cursos de graduação ou pós-graduação; uma para fazer um curso de curta duração, mas acabou ficando; duas fizeram essa mudança por terem se apaixonado por um argentino; e apenas uma viajou sem um objetivo definido previamente, além de tentar fazer uma mudança de vida. Nesse último caso, essa pessoa já tinha família na Argentina. O que queremos dizer com isso é que a motivação principal está marcada pelo anseio de "progresso" profissional ou por questões afetivas que, na representação desses sujeitos, não poderiam conquistar no seu próprio espaço. Cabe notar, porém, que em alguns casos, mesmo depois de terem atingido o objetivo pelo qual fizeram o deslocamento de país, decidiram ficar, seja porque conseguiram se inserir no mercado de trabalho, seja porque formaram uma família.

É interessante apontar essas particularidades para colocá-las em relação com os dizeres desses sujeitos sobre sua experiência migratória, sobre seu dia a dia nesse espaço e, também, sobre os argentinos. Nesse sentido, a primeira questão que nos chamou a atenção é que, na grande maioria das entrevistas, destaca-se a dificuldade dos imigrantes para fazer amizade com os argentinos o que, como veremos, alimenta determinados imaginários sobre si mesmos e sobre esses outros, representados como fechados ou pouco dispostos a estabelecer novos relacionamentos. Entendemos com Coracini (2007) que é impossível falar do outro (no caso, que um brasileiro fale dos argentinos) sem falar ao mesmo tempo de si e vice-versa, uma vez que as representações da alteridade costumam estar baseadas nas referências do próprio

universo do falante. Por isso, é tão comum observar nos discursos dos entrevistados, comparações explícitas ou implícitas ancoradas nas imagens, por vezes estereotipadas, de si e do outro. Parece-nos interessante, seguindo o procedimento da autora no seu capítulo "A celebração do outro na constituição da identidade do brasileiro" (2007, pp. 59-78), retomar como subtítulos determinados enunciados – de forma literal ou parafraseados – que se repetem nas falas da maioria dos sujeitos entrevistados e que refletem as projeções imaginárias mais marcantes observadas nos discursos dos entrevistados.

Para facilitar a compreensão por parte dos leitores brasileiros, optamos por traduzir as sequências discursivas e colocar a tradução em nota de rodapé quando elas tivessem sido produzidas em espanhol. Por outro lado, os trechos retomados nas análises poderão aparecer na sua versão original em espanhol quando for necessário observar determinadas formas de dizer relevantes para os efeitos da análise.

5.1 O FUNCIONAMENTO DO IMAGINÁRIO NOS DISCURSOS DOS IMIGRANTES BRASILEIROS

5.1.1 "Os argentinos são fechados. É difícil fazer amizade com argentinos"

Como foi adiantado, ao longo das entrevistas é possível observar que, em várias oportunidades, aparecem referências às dificuldades de adaptação dos brasileiros em condição de imigração em Buenos Aires relacionadas com questões de socialização atribuídas à dificuldade para fazer amizade com argentinos.

É marcante a recorrência de enunciados, como os que analisaremos em seguida, que se referem ao caráter fechado dos argentinos para fazer amizade, à barreira que limita até onde eles permitem o acesso do outro, e à distinção entre duas categorias: "amigos" e "conhecidos", que parecem marcar uma hierarquia nos relacionamentos que também produz um efeito limitante na medida em que o acesso à intimidade está vedado para o estrangeiro, deixando as possibilidades de aproximação num nível superficial, não isento de cordialidade, mas insuficiente para gerar um vínculo mais profundo. Observemos como isso se mostra no dizer desses sujeitos:

> **SD 2** – Siento mucha dificultad de hacer *amigos*, *amigos que pueda compartir*, no solo *amigos* de "hola, buenos días", conocidos. (ANA) [46]

[46] SD 2 - Sinto muita dificuldade para fazer amigos, amigos de verdade, não apenas amigos de "oi, bom dia", conhecidos. (Retomaremos esta tradução na análise da sequência)

> **SD 3** – Argentinos tenía *conocidos*, pero *no amistad amistad*. También son círculos muy cerrados acá. Tenía *amistad*, pero ya eran de familias conocidas, la hija de una *amiga* de mi mamá, cosas así, pero *amigos míos* argentinos, no. (VITÓRIA)[47]

> **SD 4** – As pessoas acho que nas *amizades* eles *não* são abertos a novas *amizades*, estão como que cultivando antigas *amizades* de mais de vinte anos, *não* é o *meu conceito* de *amizade*, então isso, ehhh... que mais? A *família* também, aspectos *familiares* de reuniões *familiares* diferentes, do meu ponto de vista, do *meu conceito de família*. (LAURA)

> **SD 5 –** Me costó principalmente creo que desilusiones, por decir así ¿no? porque en principio pareció que tenía un lazo de *amistad* y que *para mí* era... *dentro de mi registro* pienso que una *amistad* es *eso*, y de pronto vi que no, que *las puertas no estaban abiertas*, como algo, como algo... fue más desilusiones así en este sentido de no tener quizás *el mismo concepto de amistad*, de compartir, ¿no? (FERNANDA)[48]

Nossa primeira observação em relação a estas sequências é a presença da repetição como o mecanismo discursivo que prevalece. Mas antes de prosseguir convém esclarecer que a repetição pode ser considerada em duas dimensões. Por um lado, a dimensão metodológica que aponta para uma regularidade no conjunto do corpus e que é a que nos orienta a agrupar as sequências em determinados blocos por entender que elas estão nos mostrando algum aspecto significante nos discursos dos sujeitos imigrantes que constroem a amizade e sua ausência como objeto discursivo[49]. Por outro, o que estamos abordando aqui como mecanismo refere-se à repetição de determinados significantes dentro de uma sequência discursiva produzida por um locutor particular que nos mostra um funcionamento que poderíamos considerar sintomático, especialmente se levamos em conta que essas repetições aparecem ao falar de questões vinculadas a aspectos afetivos que remetem ao (não) acolhimento do sujeito nesse espaço outro.

---

[47] SD 3 - Argentinos tinha conhecidos, mas não amizade amizade. Também são círculos muito fechados aqui. Tinha amizade, mas eram de famílias já conhecidas, a filha de uma amiga da minha mãe, coisas do tipo, mas amigos meus argentinos não.

[48] SD 5 – Me trouxe principalmente acho que desilusões, por assim dizer, né? Porque no começo pareceu que tinha um laço de amizade e que para mim era... dentro do meu registro penso que uma amizade é isso, e, de repente, vi que não, que as portas não estavam abertas, como algo, como algo... foi mais desilusões assim neste sentido de não ter talvez o mesmo conceito de amizade, de compartilhar, né?

[49] Trazemos aqui alguns fragmentos das entrevistas, já traduzidos, que permitem ilustrar a recorrência desse objeto: "Foi muito difícil até hoje fazer, ter relacionamentos com argentinos de Buenos Aires"; "terminei botando na minha cabeça que não ia fazer amigos"; "às vezes brincamos [com meu marido] que somos como uma criança que quer amigos. Então conhece uma pessoa e faz todos os planos de amizade, e depois a pessoa 'ah, não', talvez não queira"; "tenho uma amiga de São Luíz de Maranhão que teve muita dificuldade e ainda tem muita dificuldade nos vínculos"; "Acho que [os argentinos] são pessoas muito desconfiadas. Estão apegados a coisas do passado e não se permitem 'ah, vou conhecer uma pessoa, essa pessoa pode ser minha amiga e eu posso abrir minha casa para ela hoje'"; "uma pessoa que necessita da aceitação do outro, caso contar a amigos, vá embora, ou sofre muito, porque vai se sentir muito sozinho"; "um estrangeiro faz amizade com outros estrangeiros. [...] Com argentinos muito pouco".

Nas quatro sequências, mesmo que não seja de forma idêntica, a repetição dos significantes aponta para a questão dos *amigos* e da *amizade* (e suas variantes: *amiga*, *amizades*). Que efeitos produz essa repetição? Há uma frase de Lênin, retomada por Pêcheux ([1975] 2014, p. 77) em *Semântica e discurso* que pode nos marcar uma direção para responder essa pergunta: "A língua sempre vai onde o dente dói". Essa bela e eloquente imagem nos ajuda a pensar esse retorno incessante para o mesmo significante, no dizer do sujeito na língua, que revela um incômodo que não é dito explicitamente, mas que se mostra pela repetição como sintoma dessa dor que não se coloca em palavras, mas que, talvez justamente por essa impossibilidade, volta uma e outra vez deixando pistas do que foi recalcado. Em vista disso, consideramos que esse funcionamento aponta para a dimensão do real na medida em que, como diz Morales (2002, p. 67), "o real é motivo de desconforto, já que não se escreve e não cessa de insistir. O real insiste na lingüística, comparecendo como sintoma - como expressão de realização do desejo".

Nas sequências, a insistência se marca na repetição. A língua insiste em ir para aquele lugar que dói e o que dói, para este sujeito imigrante, é que o outro não o acolha. A repetição de *amigo*, de *amizade*, nesse sentido, funciona também como expressão do desejo e se inscreve no plano simbólico como repetição sintomática. Por outro lado, pensando na imbricação entre as dimensões do real, o simbólico e o imaginário da forma como foi desenvolvido no capítulo 3, podemos interpretar que expressões como "São círculos muito fechados" (SD 3), "eles não são abertos a novas amizades, estão como que cultivando antigas amizades de mais de vinte anos" (SD 4) ou "as portas não estavam abertas" (SD 5), constituem uma manifestação do mascaramento imaginário do real. As imagens de um outro fechado, que cultiva amizades antigas – o que *evidentemente* impede a aceitação do recém-chegado –, coloca nesse outro a "responsabilidade" pela impossibilidade de aproximação, o que pode ser lido como uma tentativa inconsciente de o sujeito se manter a resguardo da dor que produz a rejeição.

Por outro lado, é interessante notar que na SD 2 e na SD 3 se aponta para uma hierarquização entre os relacionamentos, nomeados como *amigos* e *conhecidos*, embora o foco esteja colocado em aspectos diferentes em ambas as sequências. Vejamos como se produz esse processo em cada uma delas.

Na SD 2 observa-se que a distinção entre amigos e conhecidos se dá pela possibilidade ou não de compartilhar alguma coisa com o outro. Vale a pena retomar a formulação que Ana produz em espanhol: "Siento mucha dificultad de hacer *amigos*, *amigos que pueda compartir*, no solo *amigos* de 'hola, buenos días', conocidos". Por um lado, temos uma especificação. Não se trata de qualquer tipo de amigos, mas de "amigos que pueda compartir". Do ponto de vista

da norma linguística essa frase exigiria, na língua espanhola, a inclusão da partícula relativa com preposição e artigo na introdução da oração subordinada adjetiva restritiva ("amigos *con los que* pueda compartir") para se referir ao fato de ter alguém com quem compartilhar determinadas coisas – que não são especificadas –, por exemplo, encontros, conversas, sentimentos, intimidade, confidências etc. Essa construção, mesmo sem o complemento, na variedade argentina do espanhol, é perfeitamente possível e aponta para um sentido inscrito na memória do dizer que se refere ao fato de partilhar algo com alguém, sendo esse 'algo' relacionado a vivências e sentimentos e não a coisas materiais. Ou seja, o termo compartir remete, neste caso – como acontece na SD 5 –, à dimensão do afeto, das emoções, dos vínculos fundamentais entre seres humanos. Já na construção efetivamente formulada por Ana ("amigos que pueda compartir"), sem preposição nem artigo, a frase poderia deslizar para o sentido de "possuir" amigos, com o se fossem "objetos" suscetíveis de serem divididos com outras pessoas. Essa forma de dizer, embora possa ser considera incorreta do ponto de vista normativo, pode aparecer num registro coloquial, principalmente em contextos informais e descontraídos. O que vemos, então, é que o enunciado se abre para rumos de significação diferentes, produzindo um efeito de ambiguidade que para nós, no marco da AD, funciona como uma expressão privilegiada do equívoco na língua.

A ambiguidade, que na tradição estruturalista parece se reduzir a um problema a ser resolvido no marco de um mundo logicamente estabilizado de significados, para Gadet e Pêcheux ([1981] 2004, p. 145) designa "pontos na língua que resistem a um tratamento lógico". Não se trata, então, de desfazer a ambiguidade, mas de abordá-la como um elemento que remete ao equívoco, isto é, ao que é mais próprio da língua, um "fato estrutural implicado pela ordem do simbólico" (PÊCHEUX, [1983] 2012, p. 51). Assim sendo, não estamos entendendo o equívoco como um mecanismo discursivo, mas como um elemento que remete a um processo mais amplo, que afeta a produção de sentidos e que se materializa no dizer de diversas formas, como sintoma de que algo falhou, como um tropeço do sujeito na linguagem. Morales (2002, p. 129) afirma, nesse sentido, que "O equívoco afeta toda a língua pelo atravessamento da história e do inconsciente no discurso. Sob diferentes formas, o equívoco se manifesta. O modo de materializar-se pode ser pelo viés da falta, do absurdo, do non-sense". No nosso gesto de interpretação em relação à sequência que estamos analisando e levando em conta as condições de produção desse enunciado, consideramos que estamos diante da manifestação do equívoco, dado que, embora a formulação "amigos que pueda compartir" seja possível em espanhol, o efeito de sentido que parece se colocar como dominante é aquele de ter amigos para compartilhar coisas/sentimentos, que, segundo a formulação proposta, requereria uma

construção relativa com artigo e preposição (*amigos con los que pueda compartir*). Entretanto, consideramos que a formulação sem esses elementos não assinala simplesmente um erro linguístico, mas abre espaço para aquele outro sentido, o dos amigos como objetos de posse, que responde à ordem do inconsciente na medida em que revela um desejo, o de ter amigos que sejam "seus", que, apesar de não ser expresso, é o que faz o sujeito tropeçar na língua[50].

Entendemos que esse equívoco aponta para um sujeito que, atravessado pela história e pelo inconsciente, constitui-se como um sujeito entre-línguas e como sujeito desejante. Em relação à língua, se pensássemos esse enunciado em português, ambas as opções – com e sem partícula relativa, preposição e artigo – nos colocariam diante da impossibilidade de tradução termo a termo. No primeiro caso, de fato, também precisaríamos de um complemento que aqui está ausente: *amigos com os quais possa compartilhar [algo]*. Sem esse complemento, a frase resulta estranha para o falante brasileiro. No segundo caso – quer dizer, na formulação efetivamente produzida – uma tradução aproximada seria *amigos que possa dividir/compartilhar*, o que ao nosso critério também geraria um estranhamento no espaço de enunciação brasileiro. Assim, de acordo com o nosso gesto de interpretação, nas condições de produções desse enunciado, uma tradução plausível seria "amigos de verdade". Ou seja, não precisamos apenas de uma mudança léxica, mas também de um outro tipo de construção sintática que, no caso do português, se "resolve" com uma locução adjetiva e não exige uma construção relativa. Assim, a construção produzida parece ficar no entremeio de uma forma de dizer no espaço de enunciação argentino e uma forma de dizer, mais simplificada, que corresponde neste caso ao espaço de enunciação brasileiro. O sujeito enuncia a partir desse estar entre-línguas, submetido ao funcionamento das duas e é ali que o real irrompe, fazendo-o roçar entre o possível e o impossível nessas línguas.

Isso não impede observar, na sequência analisada, um certo movimento de identificação do sujeito que se desloca dos modos de dizer na língua materna, já que a formulação produzida, como vimos, não faria sentido nela, e uma tentativa de se inscrever na ordem da língua estrangeira. Quer dizer, o sujeito se submete às formas de dizer nessa língua para nela significar, se afastando, como diz Celada (2013, p. 65), das formas e significantes familiares que "deverão ser deslocados e/ou entrar em novas relações tecendo novos fios na trama da subjetividade, nunca fechada". Nesse processo, esbarra no equívoco, produzindo uma formulação que não é

[50] Cabe notar que o que estamos entendendo aqui como tropeço na língua dialoga teoricamente, no marco da Análise de Discurso, com o que Celada (2013) chama de *fato de linguagem*, referindo-se às marcas que o sujeito deixa da sua língua materna, ou das outras línguas que o habitam, na elaboração que faz da língua estrangeira. No mesmo sentido, dito conceito dialoga com o que tem sido trabalhado por Nascimento (2020) como *efeito de esbarramento*.

completamente adequada para o modo de dizer nessa língua, nas condições de produção desse discurso, mas que, não entanto, revela o funcionamento de um processo de subjetivação através do qual o sujeito é "pego pelo simbólico no real da língua" (CELADA 2013, p. 60), o que implica não apenas que a língua estrangeira significa para ele, mas também que ele seja afetado pelo equívoco. Por outro lado, dissemos que o equívoco aponta para um sujeito desejante na medida em que, mediante a construção linguística dos amigos como objetos de posse, materializa na língua o desejo inconsciente de ter amigos próprios, que sejam "seus", que sejam *de verdade*.

No caso da SD 3 a hierarquização entre conhecidos e amigos aparece através do mecanismo da repetição imediata. Temos, como na SD 2, uma especificação. Em contraponto com os argentinos *conhecidos*, Vitória aponta que o que faltava era a amizade, mas não qualquer amizade, mas *amizade amizade*. Essa repetição mostra, por um lado, que na impossibilidade de definir o que seria mesmo essa amizade o sujeito é enredado pelo efeito de transparência da palavra, como se a sua repetição garantisse a possibilidade de ele dizer a verdade desse termo, o seu sentido literal, esse que todo mundo deve encontrar porque todo mundo sabe o que é. Por outro lado, a repetição funciona na sequência como um elemento de ênfase, ainda mais claro na entonação, que aponta, como na SD 2, para um efeito de sentido de amizade "de verdade" – ainda que seja através de mecanismos diversos –, diferente da relação que pode se estabelecer com os simples "conhecidos". Dessa forma, se expõe uma polarização não dita: de um lado, as amizades "de verdade" – note-se aqui o deslizamento metonímico de *amigos* para *amizades* –, e do outro, as amizades/os amigos "de mentira", os argentinos, apenas conhecidos, circunscritos assim a uma categoria inferior, caracterizada pela superficialidade.

Por outra parte, embora Vitória afirme que "tinha amizade", ela se refere a pessoas de famílias conhecidas que não eram "próprias", mas "herdadas" da mãe que é argentina. Note-se, nesse sentido, o uso do possessivo e a posterior negação em "amigos *meus* argentinos, não", o que deixa entrever que aqueles amigos "herdados" não eram verdadeiramente amigos porque não eram dela, ou, em outras palavras, não preenchiam sua necessidade de acolhimento, de ter amigos "de verdade", próprios, o que nos faz retornar à questão do desejo da "posse" de amigos, como vimos na sequência anterior. Essa falta, que remete ao real, é, como vimos, mascarada pelo imaginário na medida em que a impossibilidade de construção do vínculo se justifica através da imagem que projeta dos argentinos como pessoas que constroem círculos fechados e, dessa forma, colocam um limite, uma barreira que impede que a amizade finalmente se realize.

Essa imagem também está presente na SD 4, na que Laura diz, no marco de uma pergunta sobre as diferenças culturais mais marcantes entre Brasil e Argentina, o seguinte: “eles não são abertos a novas amizades, estão como que *cultivando* antigas amizades de mais de vinte anos”, reforçando assim o imaginário de um outro fechado, pouco aberto para o acolhimento do estrangeiro.

É interessante, nesse trecho, a inclusão do verbo “cultivar”, que nos remete à noção de “cultura”. Nascimento (2019), ao analisar na sua tese as definições de cultura em dicionários de línguas e de terminologias, aponta para essa relação de termos segundo a qual a cultura, no seu sentido estrito, refere-se ao cultivo da terra e afirma que, nesse sentido, foi a cultura que permitiu a fixação em um lugar. À luz dessa relação, e considerando as condições de produção da sequência analisada, o enunciado de Laura se abre para vários caminhos de interpretação. Por um lado, nos remete a existência de vínculos, entre os argentinos, que, como os cultivos, são cuidados com dedicação ao longo dos anos para fazê-los crescer. Vínculos que se alimentam há muito tempo e se conservam através dos anos. Diante dessa situação, o estrangeiro estaria sempre em desvantagem, já que não teria como “competir” com um tempo que já passou, não teria como transformar esse passado do qual não fez parte. Por outro lado, se o cultivo remete à natureza e aos seus ciclos, teríamos que aceitar que se trata de um processo dificilmente modificável pela intervenção humana. Não tem o que fazer, o ciclo da natureza não se detém. Além disso, o cultivo nos fala também da relação com a terra, com um espaço de fixação onde há raízes e onde pode ou não haver espaço para semear o novo. Finalmente, o estreito laço entre cultivo e cultura também nos leva a pensar no caráter absoluto que frequentemente se atribui à cultura, como se existisse uma identidade cultural essencial que dificulta “pensar as culturas enquanto complexidades, enquanto processos, enquanto descontinuidade. Isso parece mais difícil para quem imigra” (BALEN, 1999, p. 37 apud CORACINI, 2007, P. 226). Tudo isso expõe, no discurso de Laura, uma impossibilidade em relação à criação de um vínculo de amizade com esse outro. Mais uma vez, se marca a existência de um limite impossível de ultrapassar. Por sua vez, o incômodo que isso gera se mostra na repetição que, como vimos, é o mecanismo que está presente nas quatro sequências. Na SD 4, no entanto, a repetição tem algumas particularidades, já que ela se dá não apenas em torno do significante *amizade*, mas também do significante *família* e seus derivados, como veremos em seguida. Mas, antes disso, queremos chamar a atenção para um outro mecanismo presente nessa SD que denominaremos, apoiando-nos em Lopes (2016), de *hesitação*.

A hesitação tem a ver com a interrupção no fio do discurso – o que marcamos graficamente nas sequências através das reticências –, e isso se pode dar por diversas

circunstâncias abrindo espaço para diferentes interpretações. Por um lado, essa interrupção pode remeter à incompletude do dizer, geralmente quando "faltam" as palavras ou o sujeito deixa em aberto uma definição que não consegue preencher, mostrando assim a impossibilidade de dizer tudo na/pela língua. Por outro lado, a hesitação pode estar associada à reformulação, como se o sujeito duvidasse sobre qual seria o melhor modo de dizer aquilo que está tentando dizer, procurando controlar o sentido de suas palavras. Em ocasiões se observa também que a hesitação funciona como um modo de atenuação, como se o falante se autocensurasse pelas determinações das condições de produção do dizer, e não quisesse ser tão taxativo, procurando formas mais moderadas.

Além dessas possíveis interpretações, cabe apontar que a hesitação se relaciona com a questão do silêncio, considerado como constitutivo da linguagem (ORLANDI, 2007d), dado que a interrupção instaura uma forma de silêncio, mesmo que ele seja fugaz. Não se trata de um silêncio que "implica a falta do que dizer, a ausência pura e simples ou o vazio, mas que, pelo contrário, significa" (GRANTHAM, 2002, p. 7). Ainda pensando nesta relação com o silêncio, cabe trazer para a nossa reflexão um trecho do trabalho de Lisbôa, quem, ao trabalhar a pontuação na escrita de Clarice Lispector, reflete sobre as reticências e sua relação com o sentido. Embora a pesquisadora trabalhe esse assunto em relação à escrita literária, parecem-nos pertinentes os seguintes apontamentos:

> Se encararmos a pontuação como Catach — a pontuação são palavras sem palavras – toda pontuação é signo de silêncio. Fundamental nas reformulações do dizer, a pontuação, ao trabalhar os espaços de silêncio na linguagem, possibilita a movência do sujeito e do sentido. Ou como diz Surreaux: Acreditamos que as reticências, as hesitações, as reformulações muitas vezes são tentativas de ressituar um silêncio que está sob efeito dos deslizamentos de sentido (Surreaux, 2000:130). (LISBÔA, 2008, p. 110)

É claro que em nossas sequências a pontuação é produto de nossa interpretação no momento de realizar a transcrição do discurso oral. No entanto, o que procuramos com ela é representar as hesitações e pausas efetivamente produzidas que, como as estamos entendendo, remetem aos espaços de silêncio que produzem deslizamentos de sentidos.

Uma outra perspectiva sobre a questão é a que traz Lópes (2016), quem compreende a hesitação como um modo de afasia. Do ponto de vista neurológico, a afasia é um distúrbio da fala produzido por uma lesão cerebral. No entanto, esse conceito foi trabalhado no campo da linguística por Jakobson, na área da psicanálise por Freud e, posteriormente por Lacan. Nessa última perspectiva, o afásico seria aquele sujeito que não comunica o essencial, se distanciando de concepção neurológica da afasia como a consequência de uma doença ou o produto de uma

lesão. Dessa forma, considera-se que a afasia pode se manifestar em qualquer sujeito. Nas palavras de Lacan:

> O afásico [...] não pode comunicar o essencial. Daí um discurso aparentemente vazio, que, coisa curiosa, mesmo nos sujeitos mais experimentados, entre os neurólogos, provoca irresistivelmente sempre um riso embaraçado. Aí está um tipo que está se servindo de imensos blablablás extraordinariamente articulados, algumas vezes ricos em inflexões, mas que nunca pode chegar ao cerne do que ele tem a comunicar. (LACAN, [1955-1956] 1988, p. 251)

A afasia mostra que algo não se está dizendo, algo de que o sujeito está se esquivando, não necessariamente de forma consciente. Esse sujeito, no entanto, deixa um resto "visível" através da hesitação, que produz efeitos de sentidos e, portanto, abre espaço para a interpretação. Podemos afirmar então que esse mecanismo aparece como manifestação de que há alguma coisa, algum resto que não se pode colocar em palavras, que não é simbolizável, constituindo-se, assim, como um efeito do funcionamento do real.

Na SD 4, a manifestação material mais clara da hesitação se expressa quando Laura diz "então isso, ehhh... que mais?". Porém, a sequência toda parece responder ao funcionamento da afasia, a uma dificuldade para formular que, no caso, não tem a ver com a inscrição na língua estrangeira, uma vez que ela está falando na sua língua materna. O que observamos é um ir e voltar, tentativas de formulação e reformulação, uma luta entre o que quer dizer e o que consegue formular, isto é, o mecanismo de hesitação em funcionamento. Ela começa a sequência com "As pessoas acho que nas amizades..." e em seguida desliza para "eles não são abertos", fazendo uma diferenciação que marca esse "eles" como um outro, excluído do geral "as pessoas", produzindo também um efeito de indistinção do referente. Afinal, quem são eles? Quem são as pessoas? São a mesma coisa? Por outro lado, depois da hesitação marcada que já mencionamos, começa a falar da família, onde observamos, além da repetição, uma tentativa de formulação na qual não consegue, como diz Lacan (op.cit.), "comunicar o essencial", dizer alguma coisa sobre a família, e permanece, então, girando em torno de uma tentativa de formular que parece se esvaziar nas paráfrases*: família, aspectos familiares, reuniões familiares, meu conceito de família*. Nessa tentativa, não consegue explicar quais são esses aspectos familiares diferentes que ela observa nem qual é seu conceito de família, conformando assim um discurso afásico, um "bláblábla" que aparentemente não diz nada, mas que, no entanto, expõe uma perturbação, um incómodo, algo que resulta intolerável e que não termina de expressar.

Um funcionamento semelhante se observa na SD 5, onde a partir de diversas hesitações ("para mim era.... dentro do meu registro"; "como algo, como algo... foi mais desilusões") acaba-se construindo um discurso afásico onde o sujeito não chega ao cerne do que quer dizer

e, na sua tentativa de definir o que é amizade, acaba caindo, também, na indeterminação do referente pelo uso do demonstrativo neutro: “dentro do meu registro penso que uma amizade é *isso*”.

Essa impossibilidade de dizer que se marca na hesitação e na repetição acaba esbarrando, na SD 4 na expressão “meu conceito de família” e na SD 5 em “dentro do meu registro” e “não ter talvez o mesmo conceito de amizade”. É interessante notar, nas duas primeiras formulações, o uso do possesivo que mostra uma construção imaginária do sujeito da linguagem como soberano das suas palavras, mas que, no entanto, só pode se constituir como tal pelo atravessamento do Outro:

> Meus significantes, os significantes que considero como “meus” estão constituídos e afetados pelo Outro: para emergir como sujeito falamos afetados pelo Outro (nesse sentido, a alteridade está em mim). O processo de subjetivação está atravessado pela materialidade significante do outro”. (MAGALHÃES; MARIANI, 2010, p. 395)

No entanto, esse funcionamento é mascarado pelo imaginário e é por isso que Laura e Fernanda podem se referir a determinados conceitos como “seus”. A família e a amizade funcionam como referentes discursivos cuja imagem, na percepção que os falantes têm do outro, é diferente à deles. É interessante observar aqui o funcionamento do esquecimento número 2 explicado por Pêcheux[51], através do qual o sujeito se constitui imaginariamente como “dono” do sentido das palavras (“para mim”; “dentro de mi registro”; “meu conceito”) e, ao mesmo tempo, esse efeito se quebra ao “descobrir” que os significados atribuídos às noções de “amizade” e de “família” são diferentes no universo de sentidos do outro. Essa ruptura deriva na desilusão, na frustração, e mais uma vez a demanda de acolhimento não se realiza e o sujeito é excluído, sem acesso ao espaço do outro (“as portas não estavam abertas”).

Esses enunciados nos lembram um dos mecanismos trabalhados por Payer. Trata-se do *desfocamento dos elementos do discurso*, através do qual a relação linguagem/mundo parece ser abalada. Segundo a autora, o sujeito, ao se inscrever na língua, se inscreve sempre em alguma discursividade da língua, “e como a discursividade do imigrante não pode permanecer em prática na sociedade nacional, a relação entre a língua e o mundo (referente) torna-se rarefeita” (PAYER, 2006, p. 142). É como se houvesse uma relação entre a linguagem e o mundo que no espaço próprio do sujeito encontra-se fixado, mas que não se corresponde com a realidade que encontra no espaço do outro. O objeto de referência – neste caso, a família e a amizade – que para o sujeito atravessado pelo esquecimento só pode ter um sentido – *seu* sentido –, perde no espaço do outro a suposta coincidência entre as palavras e as coisas, e com

[51] A questão dos esquecimentos foi abordada na página 95.

isso torna-se objeto de discurso. O sentido se desestabiliza, mas o sujeito resiste, não abre mão de *seu* conceito, deixando expostas, dessa forma, marcas da sua não identificação com o outro.

A partir das reflexões sobre as sequências analisadas podemos afirmar que os efeitos de sentido que elas produzem, de acordo com nosso gesto de interpretação, apontam para a ideia de impossibilidade. Impossibilidade de traduzir, impossibilidade de ter amigos argentinos próprios, impossibilidade de cultivar amizades – ancorada essa impossibilidade em elementos que, como vimos, poderiam estar associados a aspectos culturais –, impossibilidade de dizer, impossibilidade de entrar no universo do outro, enfim, impossibilidade de pertencer. Embora tenhamos observado um movimento de identificação com os modos de dizer na língua estrangeira no caso da SD 2, entendemos que a imagem do outro presente nesses discursos – um outro fechado, pouco disposto a construir vínculos de amizade "de verdade" com estrangeiro – obstrui os movimentos de identificação imaginária com ele produzindo um efeito de distanciamento na medida em que, na projeção imaginária do imigrante, é como se o outro dissesse "você está aqui, mas não pertence, não faz parte do nosso grupo, de nossa história". Apesar disso, os mecanismos presentes na materialidade discursiva não deixam de expor a existência de um desejo de aproximação – desejo que é insatisfeito –, funcionando desse modo como efeitos do real, o intolerável que não pode ser simbolizado.

5.1.2 "Eles não falam das suas coisas, nós sim"

Passaremos agora a analisar um outro bloco de sequências que traz mais elementos para pensar os processos de socialização e a construção de relacionamentos dos sujeitos brasileiros em Buenos Aires com o outro, nos quais identificaremos outros mecanismos que nos permitam continuar avançando na compreensão das identificações do sujeito em condição de imigração.

> **SD 6** – Eu já passei por situações de doença, estou gripada e as pessoas elas são muito atentas, por exemplo comigo, "ah, deixa te dar um xarope, um chá", deram um monte de coisas, *mas é diferente, é como... vai e volta, sabe uma coisa que não...* nem por isso sabe nada da minha vida. Não sabe nada. Acho incrível como *nossa facilidade como brasileiros* de falar da família, de falar da questão religiosa, de falar de coisas assim do eu, e aqui não, então. Quantas poucas conversas eu tive com argentinos sobre quem *realmente* eu sou. Ou que é que realmente eu gosto. Não. Não tem. Não sei, eu me pergunto com quem é que eles falam sobre isso? Ou eles não falam sobre isso? Eu me pergunto porque talvez seja no âmbito familiar. (LAURA, grifos nossos)

> **SD 7** – No siento que crio *intimidad*. [Com brasileiros] siento que crio una intimidad más rápida. Acá es como si *hay un lugar que uno no… no llega* a la intimidad, *no sé dizerte*. […] Es una barrera, yo sinto que *tengo amigos*... y eso que te digo por exemplo,

> yo siento que somos mucho más prestativos até tal vez con un extranjero que llegue tal vez, o no, *no sé*, pero yo sinto que hay esta barre... *tengo amigos*, me relaciono super bien, pero *hay como un lugar que no se accesa, no sé dizerte.* (PATRÍCIA)[52]

> **SD 8** – Me costó mucho *hasta hoy* hacer, tener relaciones con *argentinos de Buenos Aires*. Mis amigos argentinos son de provincia, de otros lugares, que *también están solos acá* y todo. No sé, creo que *culturalmente*... las personas también ya están con su vida hecha acá, ya tiene familia, ya tiene amigos, quizás no quieran agregar uno más, ¿no? […] Siento que *culturalmente* acá se cria su grupo de amigos y llevan para toda la vida. […] Cuando llegué en la universidad, en la UBA, la gente, no sé, ya estaba todo armado, era como que me sentí muy de afuera y *la gente con poca disponibilidad de incluirme*. Entonces me costó mucho. Al final *terminé poniendo en mi cabeza que no iba a hacer amigos*, entonces que fuera para aprender y listo. (ANA)[53]

> **SD 9** – *Sofri* bastante. Passei acho que 6 meses quase numa *depressão*, a ponto de voltar, mas foi justamente quando passei no *concurso*, e muito mais para a parte social, como sentia uma distância, uma dificuldade de me relacionar *com pessoas aqui*. *A grande maioria dos meus amigos até hoje são estrangeiros*, *não* são argentinos, são colombianos, venezuelanos, italianos, mas daqui eu *não* consegui me relacionar. Tem uma barreira, tem uma linha, uma coisa que eles *não* estão *abertos*. Acho que *não* todos, mas *não* é algo fácil, *não* são pessoas que estão *abertas*. [Achei] que seriam pessoas *abertas* assim como acho que são os brasileiros, que *não* ia ter dificuldade porque sou uma pessoa *aberta*, sociável, digamos, mas *não*. Completamente diferente. (LAURA)

Além das particularidades de cada sequência, que em seguida passaremos a comentar, podemos identificar como fator comum que todas elas reforçam aspectos que foram observados no primeiro bloco de sequências, em relação à projeção de uma imagem dos argentinos como pouco abertos a estabelecer relacionamentos profundos de amizade com estrangeiros. Isso produz como efeito um fortalecimento das divisões entre amigos e conhecidos que aqui desliza para novas dicotomias, como intimidade x superficialidade. Nestas novas sequências podemos observar que essa distinção está ancorada no mecanismo de comparação, mais ou menos explícito, dependendo do caso.

---

[52] SD 7 – Não sinto que crio intimidade. [Com brasileiros] sinto que crio uma intimidade mais rápida. Aqui é como se tem um lugar que a pessoa não... não chega à intimidade, não sei te dizer. [...] É uma barreira, eu sinto que tenho amigos... e isso que te digo por exemplo, eu sinto que somos muito mais prestativos, até talvez com um estrangeiro que chegue talvez, ou não, não sei, mas eu sinto que tem essa barre... tenho amigos, me relaciono super bem, mas há como um lugar que não se acessa, não sei te dizer.

[53] SD 8 – Foi muito difícil até hoje fazer, ter relacionamentos com argentinos de Buenos Aires. Meus amigos argentinos são de outros estados, de outros lugares, que também estão sozinhos aqui e tudo. Não sei, acho que culturalmente.... as pessoas também já estão com sua vida organizada, já têm família, já têm amigos, talvez não queiram acrescentar mais um, né? [...] Sinto que culturalmente aqui se cria seu grupo de amigos e levam para a vida toda. [..] Quando cheguei na universidade, na UBA, as pessoas, não sei, estava tudo organizado, era como que me senti muito de fora e as pessoas com pouca disponibilidade para me incluir. Então foi muito difícil. No final terminei botando na minha cabeça que não ia fazer amigos, então que fosse para aprender e pronto.

Na SD 6, por exemplo, Laura destaca a atenção do outro com ela em uma situação de doença, de fragilidade, o que poderia se interpretar como um sinal de acolhimento, de hospitalidade. Porém, o "mas" não se faz esperar, e ela continua: "é diferente, é como... vai e volta, sabe uma coisa que não...". A concessão, o reconhecimento da amabilidade do outro é apenas temporária, pois logo em seguida estabelece ali uma diferenciação entre o gesto de hospitalidade e *uma coisa* que no começo tem dificuldade de definir, que não consegue preencher, fazendo com que seu discurso se torne, novamente, afásico. A hesitação dá lugar a uma reformulação que desliza para o enunciado "nem por isso sabe nada da minha vida". Quer dizer, o interesse do outro por ela parece estar limitado a um gesto de amabilidade que não é suficiente para constituí-lo como sujeito do acolhimento, assim, acaba não cumprindo com a imagem projetada e essa demanda de acolhimento não é satisfeita. Desse modo, esse enunciado poderia derivar para este outro: "Eles são amáveis, mas não é suficiente".

Por outro lado, a formulação "é diferente" expõe um mecanismo comparativo que se vê reforçado na sequência pela projeção de imagens de si e do outro que se organizam em torno da dicotomia nós / eles. Entendemos, seguindo a Indursky (1992, p. 64), que, para efeitos da análise, o *nós* não abarca apenas o pronome sujeito, mas inclui "toda a série que refere à primeira pessoa plural, a saber, *nós, nos, nosso*, bem como a desinência verbal de primeira pessoa plural". No caso que estamos analisando, o *nós* se expressa na sentença "*nossa* facilidade como brasileiros de falar da família, de falar da questão religiosa, de falar de coisas assim do eu". Isso remete a uma representação dos brasileiros como pessoas sociáveis, que gostam de conversar, abertos, que falam de seus sentimentos. Em contraposição, o discurso sobre *eles* expressa, através de perguntas retóricas, uma representação dos argentinos como pessoas mais fechadas ou inclusive mais superficiais, que diretamente não falam de coisas íntimas ou, ao menos, não falam com ela ("Eu me pergunto com quem é que eles falam sobre isso? Ou eles não falam sobre isso?"). Podemos afirmar, então, que a diferença, expressa na polarização nós / eles, está sustentada numa comparação que poderíamos resumir assim: *Eles não falam das suas coisas, nós brasileiros sim. Eles são superficiais, nós não*.

É interessante notar, nesse ponto, o efeito de estranhamento que se dá a partir dessa comparação. Laura parece não entender o "funcionamento" do outro, pois a forma como ele se relaciona e se comunica não faz sentido para ela e não se ajusta a suas próprias referências culturais no que diz respeito a áreas essenciais na vida de qualquer sujeito, como são o relacionamento com o outro, os vínculos sociais, as amizades, o carinho, o suporte emocional, a religião etc. Ela não consegue entender o outro, mas esse não entendimento não tem nada a ver com o conhecimento instrumental do idioma, até porque ela é professora de espanhol e já

tinha um nível bom de espanhol no momento de migrar para Argentina. Então o problema não é falar com os argentinos, o problema é falar *realmente*. Esse *realmente* pode ser interpretado como uma forma de distinguir duas dimensões do sujeito: por um lado, a face mais superficial, a máscara social que usamos na vida cotidiana e, por outro, nossa face mais profunda, nossa constituição subjetiva, nossa "essência" e "identidade", que é o que ela não consegue mostrar para o outro ("Quantas poucas conversas eu tive com argentinos sobre quem *realmente* eu sou"). Ali funciona, como efeito ideológico, a ilusão de completude, de unidade em relação com uma identidade que se apresenta como uma evidência para o sujeito. Uma identidade unitária que, como vimos, provém do registro imaginário. É essa identidade imaginária que Laura não pode mostrar. Dessa forma, a partir da materialidade discursiva analisada, podemos observar, por um lado, uma não identificação e até uma forma de resistência diante desse outro que não é compreensível para ela e, por outro, a manifestação do desejo insatisfeito de descobrir esse outro que não se mostra para ela e, em consequência, interdita as possibilidades de ela se mostrar, fazendo com que sua "identidade" permaneça oculta, impedindo assim toda possibilidade de identificação.

O estranhamento que se dá pela entrada do sujeito numa rede discursiva outra, em um outro universo de sentidos, se expressa também no final da sequência, em que Laura diz: "Com quem é que eles falam sobre isso? Eu me pergunto porque talvez seja no âmbito familiar". Nesse enunciado podemos pensar que se abre uma brecha que, na representação do falante, justificaria o fato de os argentinos não falarem com ela, o que deslizaria para um outro enunciado possível: "eles não falam comigo porque falam no âmbito familiar e eu não sou da família". Se o outro se mostra apenas para a família, então o estrangeiro não pode entrar nesse espaço e, também, não pode chegar a conhecê-lo. O nativo, dono e senhor do espaço, objeto de desejo do imigrante, imaginado como aquele que irá acolhê-lo é, precisamente, quem interdita o acesso, quem não divide sua intimidade. Sendo assim, o relacionamento com os argentinos fica restrito à categoria de *conhecido*, condição insuficiente para corresponder à imagem projetada pelo sujeito em condição de imigração, insuficiente para se tornar *amigo*.

Essa interdição é exposta também na SD 7, onde aparece metaforizada como barreira, como limite que impede a entrada num território: "Aqui é como que tem um lugar que a pessoa não... não chega à intimidade, não sei te dizer. [...] É uma barreira, eu sinto que tenho amigos..."; "tenho amigos, me relaciono super bem, mas há como um lugar que não se acessa". Observamos aqui uma aparente contradição, uma suposta quebra na dicotomia amigos x conhecidos, na medida em que o sujeito afirma ter amigos – de fato o repete duas vezes – e ter um bom relacionamento com argentinos. Porém, tal como estamos interpretando a sequência, a

dicotomia não está ausente, mas transformada pelo deslizamento para uma outra polarização: intimidade x superficialidade. Quer dizer, a distinção entre conhecidos e amigos se marca, neste caso, pela (im)possibilidade de criar intimidade com argentinos e pela imagem da barreira que impede acessar lugares mais profundos. Nesse sentido, entendemos que parafrasticamente a sequência poderia derivar para "Tenho amigos, mas são relações superficiais" ou, remetendo às outras sequências já analisadas, "Tenho amigos, mas não são amigos *de verdade*".

Cabe fazer um pequeno parêntese para salientar que na SD 7 são notórias as constantes hesitações que geram um efeito de instabilidade, como se o sujeito deambulasse por um terreno escorregadio, com avanços, retrocessos e pausas, desvios e reformulações que manifestam uma luta entre o dizer e o não dizer, se enquadrando no que previamente caracterizamos como discurso afásico. Notem-se, nesse sentido, as repetições de "no sé dizerte", "talvez", "o no, no sé" que parecem expressar a incompreensão do sujeito no que diz respeito à forma de se relacionar do outro e, ao mesmo tempo, a incapacidade de explicá-lo, de colocá-lo em palavras. Essa instabilidade faz o sujeito tropeçar na língua e é assim que podemos observar um ir e vir entre sua língua materna e a língua estrangeira, uma *diluição* de fronteiras entre elas (PAYER, 2006).

Por outro lado, voltando para as polarizações mencionadas, embora Patrícia não utilize a categoria de "conhecidos", sim estabelece uma diferenciação entre os argentinos e os brasileiros, aos que considera mais prestativos e com quem sente que pode criar uma intimidade que com os argentinos se encontra vedada. O mecanismo da comparação aqui também se encontra em funcionamento e pode se observar pelo uso do advérbio comparativo "mais": "[os brasileiros] somos muito *mais* prestativos"; "[com brasileiros] sinto que crio uma intimidade *mais* rápida". Nesse sentido, poderíamos afirmar que a comparação se baseia a partir da oposição nós / eles que observamos na SD 6, mesmo que o "eles" esteja, neste caso, acobertado por construções impessoais como "*aqui* é como que *tem um lugar* que a pessoa não... não chega à intimidade" e "*há como um lugar* que não se acessa". Essas formulações, determinadas pela cena enunciativa, parecem resgatar determinados não ditos que, no entanto, estão ditos de outra maneira no fio do discurso. Ao mesmo tempo, o "aqui", espaço de enunciação argentino, pressupõe um "lá", espaço de enunciação brasileiro – que é para o imigrante seu espaço de referência. Esses dêicticos se constituem, de acordo com Orlandi (2007c), como pistas reveladoras para o processo de significação e têm como resultado efeitos significativos para pensar a questão da identidade. O "aqui" é construído discursivamente como um espaço sem pessoas onde a intimidade é um lugar inacessível. Com isso, evita-se dizer que os argentinos são fechados ou superficiais, mas, em compensação, afirma-se que com brasileiros é mais fácil

criar intimidade, que os brasileiros "somos muito mais prestativos" [do que os argentinos] com estrangeiros. O segundo termo da comparação, que arriscamos nos colchetes, encontra-se apagado, está presente na ausência e é nela, nesse lugar que não pode ser preenchido, que o real se manifesta.

Também na SD 8 encontramos que a comparação implicitamente se dá pela instauração do "aqui" como espaço que pressupõe um "lá" onde os relacionamentos são diferentes. Esse dêictico utilizado por Ana, que, no caso, corresponde ao espaço de enunciação argentino-portenho, delimita um espaço de referência no discurso dentro do qual os relacionamentos parecem funcionar de uma determinada maneira com a qual não apenas o sujeito não se identifica, mas que também é excludente para quem vem de fora desse espaço. E com "fora" não nos estamos referindo às fronteiras nacionais, na medida em que, de acordo com a sequência, os argentinos que chegam a Buenos Aires de outros estados do país também sofrem esse processo de exclusão. Assim como na SD 4, em que observamos a relação entre cultivo e cultura, a partir da afirmação de Laura de que os argentinos não são abertos a novas amizades porque *cultivam* amizades antigas, Ana também atribui esse comportamento a uma questão cultural ("acho que *culturalmente*.... as pessoas também já estão com sua vida organizada"; "Sinto que *culturalmente* aqui se cria seu grupo de amigos e levam para a vida toda"). O fato de adjudicar esse comportamento a um fator cultural, de alguma forma, fecha toda possibilidade de acesso, toda possibilidade de transformação, não apenas porque o imigrante não compartilha uma história comum com o outro, mas também porque a cultura tem a força da evidência e é projetada imaginariamente como essência, como algo que seria intrínseco de cada um e, ao mesmo tempo, comum a um grupo construído discursivamente como uma totalidade homogênea através das comparações que polarizam os conjuntos nós/eles, brasileiros/argentinos, lá/cá. Essa construção de uma identidade com contornos claros, infranqueáveis, no entanto, não impedem que o sujeito, no seu desejo de pertencer, tente atravessá-los.

É interessante, nesse sentido, observar os matizes na formulação de Ana que apontam para uma identificação instável, que tenta se assentar, mas que oscila constantemente. No começo, Ana assume a dificuldade de socialização como própria (*"Me costó"*), enquanto a atitude atribuída aos argentinos parece ser justificada pelo viés cultural e, ao mesmo tempo, pela projeção de uma imagem totalizante do outro, cuja completude o exonera de estabelecer novos vínculos porque já tem tudo: vida, família, amigos, e não precisa acrescentar mais ninguém. Note-se que a formulação "me costó" aponta para uma adesão a um modo de dizer na língua do outro que, embora exista em português ("me custou"), trata-se de uma construção

de sintaxe oblíqua pouco frequente nessa última língua. Possivelmente as formas mais correntes em português, para esse contexto de uso, seriam, por exemplo, “foi muito difícil” ou “foi muito sofrido”. Entendemos que isso revela um indício de identificação no simbólico que, como lembram Celada e Payer (2016, p. 35) “se dá quando há inscrição de um sujeito da linguagem – pensado como sujeito do entremeio – numa ordem, num funcionamento, seja de uma língua estrangeira, seja de determinadas práticas dentro de “uma” língua específica”.

Na segunda parte, embora ainda ela se coloque como responsável por essa dificuldade de relacionamento (observe-se que ela diz “me sentía muy de afuera” e não “me hacían sentir muy de afuera”), a responsabilidade parece nesse caso ser compartilhada com o outro que, na sua projeção imaginária, tinha pouca disponibilidade para incluí-la. E essa dificuldade para fazer amizade teve um peso tão grande que a levou à resignação, a abandonar a ideia de que poderia fazer amigos, *até hoje*, como frisa no começo da sequência. No entanto, isso não significa que não tem amigos, uma vez que afirma ter amizade com outros argentinos. Essa aparente contradição pode se justificar pela forma como ela projeta imaginariamente esses vários outros que coabitam no mesmo espaço que ela. Por um lado, o argentino de Buenos Aires que tem pouca disponibilidade para inclui-la e, por outro, os argentinos de outros lugares que compartilham a mesma solidão (*“también están solos acá”*) e que, nesse ponto, são tão estrangeiros quanto ela. Torna-se significativa, nesse sentido, a forma de nomear esses diferentes grupos. Se no começo parece existir uma certa percepção da heterogeneidade própria de qualquer país, o que lhe permite não englobar todos sob o termo “argentinos” e sim fazer uma delimitação dos “argentinos de Buenos Aires”, essa tentativa tropeça em seguida por um deslizamento metonímico para a nomeação “as pessoas” como forma de se referir aos argentinos de Buenos Aires que já tem sua vida organizada e, portanto, não estabelecem vínculos com ela nem com outros argentinos que não sejam de Buenos Aires. Estes últimos são projetados assim como estrangeiros na cidade, enquanto os portenhos assumem a categoria geral de “as pessoas” produzindo um efeito de homogeneização que apaga todo tipo de descontinuidades e singularidades, fazendo com que o imaginário de unidade ganhe mais força.

Um outro elemento que gostaríamos de destacar na SD 8 tem a ver com o enunciado “culturalmente acá se *cria* su grupo de amigos”. Além da questão já observada sobre o elemento dêictico “acá” como base do mecanismo comparativo tal como destacamos na SD 7, ambas as sequências coincidem na utilização do verbo *criar* (na SD 7 isto aparece em “No siento que *crío* intimidad”) como expoente do que Payer chama de mecanismo de *diluição*, que se refere à diluição de fronteiras das línguas que se cruzam, assim como da imagem do sujeito que integra e desvia sentidos e modos de significar nelas. O termo *criar*, e as flexões utilizadas nos trechos

destacados (*se cría, crío*) existe tanto no espanhol quanto no português e funcionam de maneira semelhante na sua acepção de educar, alimentar, nutrir ou sustentar alguém, geralmente utilizada para se referir aos cuidados dos pais com seus filhos ou dos animais com seus filhotes. Entendemos que não é nesse sentido que esse termo se integra nas sequências, mas que os sujeitos o utilizam de acordo com outra das acepções do português, segundo a qual *criar* é também gerar, produzir, formar, dar existência a alguma coisa, desenvolver etc. Essa acepção corresponde ao verbo *crear* do espanhol. Quer dizer, no português existem duas acepções (ao menos) para a mesma palavra, enquanto no espanhol esses significados se expressam com dois significantes diferentes: *criar* e *crear*.

Temos, então, uma forma material que abre, numa das línguas – o português –, dois significados diferentes, sendo que um deles não se corresponde com a forma material na outra língua – o espanhol. Porém, já sabemos que esses sujeitos estão entre-línguas, submetidos simultaneamente ao funcionamento de duas materialidades linguísticas, roçando, como vimos com Celada e Payer (2016), entre o possível numa e impossível na outra. Nesse processo, no qual o sujeito é exposto aos efeitos do simbólico e é atravessado pelo real, abre-se espaço para o equívoco que se manifesta, neste caso, na diluição da que Payer (2006, p. 144) fala, na qual se "introduz o material discursivo que consideramos característico desse sujeito, como efeito da junção contraditória das distintas materialidades discursivas presentes na história".

Nas sequências analisadas, o termo *criar*, dentro de uma sequência produzida em espanhol, mas atravessada pelo português, produz diversos efeitos de sentido que, inclusive, podem remeter à questão da nutrição, do cuidado, quer dizer, ao espaço da infância e do afeto. Como propõe Orlandi (2007c, p. 125), isso nos mostra o sujeito em sua descontinuidade e em seus "pontos de subjetivação ambíguos e indecisos". Baseando-nos nas análises que a autora faz, entendemos que o que estamos trabalhando nestas sequências corresponde ao que ela chama de pontos de deriva onde os sentidos podem ser outros; o sujeito da imigração se desloca para lugares onde, como consequência do funcionamento de duas ordens simbólicas diferentes, o sem-sentido pode fazer sentido. Dessa forma, não pretendemos aqui delimitar qual o significado que Ana e Patrícia estão dando ao termo *criar*, mas sim marcar um funcionamento pelo qual, diante das fronteiras compactas e sólidas que não permitem o acesso do imigrante no universo do outro, o sujeito do inconsciente, impelido pelo desejo, dilui as fronteiras das línguas.

Por outro lado, retomando a forma de dizer de Ana no começo da SD 8 ("me costó") na que observamos um processo de identificação simbólica, e analisando agora o funcionamento de "criar" na mesma sequência, fica exposto que na relação do sujeito com o simbólico ele fica

"sujeito à dispersão, à contradição, à (des)continuidade" (CELADA; PAYER, 2016, p. 28), transitando entre línguas e significando no seu entremeio. Assim, entendemos que a (des)continuidade entre a identificação com um modo de dizer na língua do outro e o tropeço nessa língua pelo atravessamento da própria ("criar") demonstra a impossibilidade de pensar as línguas – e a inscrição do sujeito nelas – sob a ótica da homogeneidade.

Como corolário deste bloco de sequências, temos ainda a SD 9 que vem reforçar os discursos que estamos analisando, contribuindo assim para observar uma regularidade em torno das imagens projetadas sobre os argentinos de Buenos Aires e sobre os próprios brasileiros, nas quais se marca uma distância metaforizada através da imagem da barreira que impede uma aproximação *de verdade* em prol de gerar vínculos da amizade profundos. As consequências dessa interdição mostram sua fase mais impactante na SD 9. De acordo com a narrativa de Laura, a falta de relacionamento com o outro desencadeou sofrimento e depressão, ao ponto de querer voltar para o Brasil, situação que não se concretizou em virtude de ter pesado mais, para ela, a oportunidade de trabalho que, como dissemos no capítulo 2, nas particulares condições da imigração brasileira na Argentina, parece constituir uma das motivações principais para ficar no país, mesmo em um contexto afetivo representado pelos próprios imigrantes como adverso.

No entanto, essa falta de relacionamento da que estamos falando e que tanta dor causa no imigrante aponta apenas para os argentinos de Buenos Aires. Reitera-se, nesse sentido, o observado na SD 7 e na SD 8, em que os sujeitos afirmam ter amigos, só que estes amigos não são os argentinos de Buenos Aires, não preenchem o desejo, não são suficientes. No dizer de Laura, volta mais uma vez a metáfora da barreira ("Tem uma barreira, tem uma linha"), mas essa barreira não é linguística nem cultural, uma vez que com os colombianos, venezuelanos e italianos, com quem a entrevistada não compartilha nem a língua materna nem a cultura de origem, esse relacionamento se torna possível ("A grande maioria dos meus amigos até hoje são estrangeiros, não são argentinos, são colombianos, venezuelanos, italianos"). Cabe notar que todos eles compartilham o fato de serem estrangeiros, de serem os diferentes nesse espaço do outro, inclusive os próprios argentinos do interior do país, como vimos na SD 8. Porém, na SD 9, a impossibilidade de se relacionar com os argentinos de Buenos Aires não tem a ver, no imaginário do sujeito, com a estrangeiridade, com ser o outro nesse espaço, mas com características que seriam próprias dessas pessoas que não os acolhem. Embora o enunciado "tem uma barreira, tem uma linha" seja impessoal, a proposição seguinte parece atribuir essa linha e essa barreira aos portenhos: "uma coisa que *eles* não estão abertos". No *eles* instaura-se novamente a comparação como mecanismo discursivo que estabelece uma polarização e atribui determinadas características, em geral opostas, aos grupos que constituem os polos de dita

comparação. O que observamos como efeito dessa comparação é a ilusão de homogeneidade dos grupos aos quais se faz referência, como se não houvesse descontinuidades e os argentinos e os brasileiros tivessem, todos eles, essencialmente, as mesmas características.

Isso não significa, entretanto, que não existam, no enunciado, formas de atenuação que possivelmente respondam às condições de produção do dizer. Por exemplo, na SD 9, o sujeito diz: "[...] eles não estão abertos. *Acho que não todos*, mas não é algo fácil, não são pessoas abertas. [Achei] que seriam pessoas abertas assim como *acho* que são os brasileiros". Vemos aqui uma tentativa do sujeito consciente de estabelecer certas ressalvas, por um lado, excluindo do grupo designado a seu interlocutor direto – a entrevistadora que é argentina – pelo uso do "eles" em lugar de "vocês". Por outro, marcando que a afirmação de que os argentinos não são abertos não é atribuível à totalidade dos argentinos, o que de qualquer forma deixa aberto o terreno da indeterminação porque, afinal, de que argentinos está falando? São os de Buenos Aires? São apenas alguns deles? E os argentinos das províncias? Finalmente, o "acho que" também funciona para moderar uma afirmação que, caso contrário, soaria muito taxativa. No entanto, sabemos que o sujeito da linguagem é também sujeito do inconsciente e está afetado pelo real. Nesta sequência, entendemos que o real se mostra pelo que interpretamos como um ato falho, quando Laura fala que sentiu "uma dificuldade de me relacionar com pessoas *aqui*", asseverando em seguida que seus amigos são estrangeiros. Quer dizer, ela tem amigos, então a dificuldade não seria de se relacionar com pessoas "aqui" – ou seja, nesse espaço da cidade onde ela está falando – mas se relacionar com pessoas "daqui", isto é, pessoas que pertencem a esse espaço, nativos desse lugar. Nesse jogo de pertencimento / não pertencimento, o termo genérico *pessoas* passa então a designar, no marco dessa SD, apenas os argentinos de Buenos Aires e exclui os outros estrangeiros, seus amigos. Entendemos que nesse deslizamento metonímico, que leva à universalização e apaga as descontinuidades, marca-se inconscientemente a grande dimensão que o sujeito outorga a esse outro que não o acolhe. A categoria *pessoa*, que poderia albergar indivíduos de qualquer coletivo, fica reservada, de acordo com nossa interpretação, para se referir aos argentinos dentro desse espaço em particular. Como contraponto da comparação, o termo utilizado é *brasileiros*: "[achei] que seriam pessoas abertas assim como acho que são os *brasileiros*". Dessa forma, temos de um lado as *pessoas* que são fechadas e, do outro, *os brasileiros*, que são abertos. Embora Laura utilize a terceira pessoa do plural para se referir aos brasileiros, em seguida se atribui aquela característica a si mesma: "[achei] que não ia ter dificuldade porque sou uma pessoa aberta", o que, no final das contas, aponta para uma identificação com esse coletivo que, ainda sendo

menos genérico do que *pessoas*, não deixa de produzir um efeito de homogeneização que poderia derivar na paráfrase “todos os brasileiros somos abertos”.

Isso nos remete às reflexões de Orlandi (2007c) em torno da questão da identidade nacional como ilusão. De acordo com a autora, faz parte do imaginário do sujeito pensar a unidade em termos de pátria e de identidade nacional para identificar-se. Assim como vimos no terceiro capítulo que para a AD a identidade implica a ilusão de unidade constitutiva e necessária do sujeito, propiciada pelas identificações imaginária e simbólica, a referência inequívoca a uma nacionalidade, com características fixas e homogêneas, também é uma ilusão indispensável, pois o sujeito “tem necessidade dessa homogeneidade lógica, dessa necessidade de fronteiras, de um mundo semanticamente normal” (ORLANDI, 2007c, p. 137), especialmente num contexto de imigração, onde as bases de sustentação do sujeito se desestabilizam e a procura por espaços logicamente estabilizados se reforça.

Entendemos que as sequências analisadas, nas que se destaca a comparação como mecanismo discursivo preponderante, estão atravessadas por essa ilusão de identidade e afetadas pelo funcionamento do imaginário e das particulares imagens que os sujeitos projetam sobre si e sobre o outro, que se mostram materialmente através de enunciados que seguem, direta ou indiretamente, a fórmula “eles são X, nós somos Y”. Assim, de uma forma ou outra, todas as sequências deste bloco coincidem em atribuir traços totalizantes ao outro, que parecem fixar sua identidade a partir de uma determinada característica (“os argentinos são fechados, superficiais, não falam de coisas profundas etc”). No entanto, isso não responde necessariamente ao funcionamento de um estereótipo sobre os argentinos na medida em que acreditamos que não é possível adjudicar esses dizeres ao efeito da repetibilidade de enunciados já-ditos, como, sim, acontece nos casos dos estereótipos que trabalharemos adiante, ainda neste capítulo. Quer dizer, essa afirmação não se sustenta na rede de memória discursiva sobre os argentinos, mas sim na própria experiência dos falantes. Na nossa compreensão, o fato de os argentinos serem fechados não parece constituir um enunciado evidente para todo mundo e sim uma representação produzida como resultado da experiência da imigração. Inclusive, Laura afirma na SD 9 que achou que os argentinos “seriam pessoas abertas assim como acho que são os brasileiros”, quer dizer, a projeção imaginária prévia à imigração entrou em confronto com a experiência da exclusão, produzindo efeitos e transformações na representação do outro que, por sua vez, afetaram os processos de identificação com esse outro do qual ela se diferencia (*“sou uma pessoa aberta, sociável”*). Além disso, nessa SD fica exposto o estranhamento pelo hiato existente entre a projeção imaginária do argentino e a experiência concreta no processo de imigração (“eles não estão abertos”).

Podemos afirmar, então, que a vivência da imigração pode gerar novas representações sobre o outro que vão reconfigurar as projeções imaginárias, ao mesmo tempo que podem reafirmar ou transformar as representações sobre si. De fato, nas sequências fica claro que a caracterização dos argentinos está sustentada não apenas na experiência, mas também na comparação com a representação que os sujeitos têm dos brasileiros. Os discursos analisados nos mostram que o sujeito não se reconhece no outro e também não se sente reconhecido por ele, o que gera um efeito de distanciamento em relação à imagem do outro e uma reafirmação da própria imagem, que funciona como ponto de referência e base de sua identidade.

Por outro lado, nessa fórmula "eles são X, nós somos Y" observamos um deslizamento metonímico que propomos enquadrar dentro de um mecanismo que, inspirados em Zoppi Fontana, chamaremos de *universalização.* Ele se produz como efeito de continuidade entre o individual e o universal, e se materializa através de certas designações que contribuem para gerar a evidência de identidades homogêneas, designações estas que oferecem "pontos de estabilização referencial necessária para a prática enunciativa do sujeito na sua relação contraditória com o real que o afeta" (ZOPPI FONTANA, 2005, p. 37, tradução nossa). A autora sustenta que também existem algumas designações que produzem, pelo contrário, um efeito de desestabilização referencial, pois se caracterizam pela indeterminação e dão lugar à polissemia que trabalha no equívoco, como vimos em algumas sequências em que os termos *argentinos* ou *pessoas* levam a uma indeterminação que abre espaço para diversas interpretações.

Finalmente, gostaríamos de destacar um outro mecanismo que se mostra de forma recorrente no bloco de sequências analisadas. Trata-se da *negação*, que aparece representado no nosso corpus, principalmente pelo advérbio de negação *não* e secundariamente por outros elementos como a conjunção *nem* ou o pronome indefinido *nada*. Esse mecanismo se articula com o da repetição, já comentado na análise das primeiras quatro sequências deste capítulo, que adquire, através da repetição da negação, novos sentidos. Lembremos, de forma abreviada, como aparece a negação nas SDs: "uma coisa que *não*... *nem* por isso sabe *nada* da minha vida. *Não* sabe nada. [Conversas] *Não*. *Não* tem. [...] Eles *não* falam sobre isso" (SD 6); "*Não* sinto que crio intimidade, [...] tem um lugar que a pessoa *não*... *não* chega à intimidade; [...] até talvez com um estrangeiro que chegue talvez, ou *não*, *não* sei; [...] há como um lugar que *não* se acessa" (SD 7); "já têm amigos, talvez *não* queiram acrescentar mais um, *né*? [...] terminei botando na minha cabeça que *não* ia fazer amigos" (SD 8); "meus amigos [...] *não* são argentinos. [...] *Não* consigo me relacionar. [...] *Não* estão abertos, [...] *não* é algo fácil, *não* são pessoas que estão abertas. [Achei] que *não* ia ter dificuldade [...], mas *não*" (SD 9).

Assim como vimos com o mecanismo da repetição que *a língua vai onde o dente dói*, acreditamos que aqui também a repetição da negação constitui-se como um sintoma do que dói. O real, furo da linguagem, insiste e se torna recorrente expressando o desejo repetido e nunca satisfeito de fazer amizade, de estabelecer vínculos com o outro, de entrar no seu espaço afetivo. Ao invés disso, o que retorna é a repetição da negação à abertura que marca a impossibilidade de acessar. Entendemos assim que a negação é uma marca na língua que produz como efeito um discurso da recusa, da barreira, do impossível de alcançar, da distância mantida, da exclusão do imigrante que não consegue ser "aceito" no lugar desejado, que não é acolhido pelo outro que lhe nega sua amizade.

Na próxima seção observaremos como esse imaginário de exclusão se manifesta discursivamente através de outros funcionamentos, principalmente, a metáfora, e como isso afeta o sujeito em condição de imigração.

5.1.3 "Os argentinos não abrem a casa"

Na análise das sequências anteriores, vimos uma imagem que se tornava recorrente: a barreira, que remetia nos discursos dos brasileiros em condição de imigração à dificuldade de estabelecer vínculos e relacionamentos de amizade que lhe permitissem ir além das relações superficiais que poderiam atingir com simples conhecidos. Complementando a imagem da barreira vimos surgir outras referências relacionadas com essa ideia, como por exemplo a imagem da porta, na SD 5 ("as portas não estavam abertas"), que nos permite vincular a relação entre brasileiros e argentinos à noção de espaço, ao reproduzir discursivamente a divisão entre o espaço do portenho (fechado) e do brasileiro (aberto).

Essa divisão espacial, recorrente nos dizeres dos entrevistados, coloca em causa também a questão do familiar e do estranho, do privado e do público e, como mostram as sequências que analisaremos em seguida, condensam-se numa nova imagem: a casa. Trata-se de uma imagem que já estava sugerida nas SDs anteriores, mas que agora é explicitada de forma mais direta. Na SD 6 vimos, por exemplo, que Laura falava do âmbito familiar como o lugar onde o portenho, no imaginário dela, abria-se para expor seus sentimentos mais profundos, algo que não fazia com ela. Nesse imaginário, se o outro apenas se mostra para a família e se a casa, que é o âmbito do privado e do familiar, mantém suas portas fechadas, então o estrangeiro não pode acessar, não pode criar intimidade com o outro. O nativo, dono e senhor do espaço, objeto de desejo do imigrante, imaginado como aquele que irá acolhê-lo é, precisamente, quem interdita o acesso, quem não divide sua intimidade. Sendo assim, o relacionamento com o outro fica

restrito à categoria de "conhecido", condição insuficiente para corresponder à imagem projetada pelo sujeito em condição de imigração.

Vejamos, então, o funcionamento discursivo da casa nas seguintes sequências para analisar os novos elementos que isso traz:

> **SD 10** –No veo *esa* facilidad de *abrir la casa*. Como que tienen sus amigos, los amigos que conocen desde la escuela, de cuando eran chiquitos, entonces es como hacer nuevos amigos es un poco *hasta ahí.* (FERNANDA)[54]
>
> **SD 11** – [...] o fato de não *abrirem a casa deles* para... e como... *tem uma barreira*. Eu tenho uma facilidade muito grande de *abrir* minha *casa* para as pessoas. Já vem aqui em *casa*, conversamos aqui em *casa*. Eu sinto que *eles não são assim*. Como muito te convidam com um café na rua. [...] Acho que são pessoas muito desconfiadas, de novo. *Estão apegados a coisas do passado* e *não se permitem* "ah, vou conhecer uma pessoa, essa pessoa pode ser minha amiga e eu posso *abrir* minha *casa* para ela hoje". Não. Ou tem que estar vinculado a alguma *história do passado* ou uma pessoa que já conhece do passado para poder... eu acho que tem a ver com *desconfiança* . (LAURA)
>
> **SD 12** – Yo digo que vamos a Misiones y *es casi como Brasil*, tiene algo muy parecido en el trato. *Abren su casa*... […] Siento que somos muy muy *abiertos*, fácil de hacer una amistad, de *abrir*… "vení a casa a comer con mi familia", como algo, por lo menos por mi vivencia eso se daba *más*. (FERNANDA)[55]
>
> **SD 13** – Yo *extrañaba* mucho mi país, antes de entrar acá al Boteco, yo trabajé con mi mamá en su estudio de pilates, es profesora de pilates. Yo trabajaba ahí, ahí era puro castellano. Pero *extrañaba mucho ac… a* Brasil pero no podía volver, la universidad era muy cara y tenía una vida acá, pero siempre quería como volver a Brasil. Cuando empecé a trabajar en Boteco, eso fue pasando. Porque *acá es mi casa, acá la gente valora lo que tiene Brasil, quiere que le hablen portugués y todo eso*. (VITÓRIA)[56]
>
> **SD 14** – Yo, durante todo el primer año que viví acá sentía que yo no vivía acá, pero estaba en un viaje que nunca terminaba. Cuando llegué en Brasil se pasó una semana que estaba allá, yo me di cuenta que *esta ahora era mi casa*, sabe, *extrañaba mi casa, mi cama, la vida que conquisté*. (JOÃO)[57]

---

[54] SD 10 – Não vejo essa facilidade de abrir a casa. É tipo assim: têm seus amigos, os amigos que conhecem da escola, de quando eram crianças, então, tipo, fazer novos amigos é um pouco até aí."

[55] SD 12 – Eu falo que vamos para Misiones e é quase como o Brasil, tem algo muito parecido no trato. Abrem sua casa... [...] Sinto que somos muito muito abertos, fácil de fazer uma amizade, de abrir... "vem para casa para comer com a minha família", tipo algo, pelo menos pela minha vivência isso acontecia mais.

[56] SD 13 – Eu sentia muita falta de meu país, antes de começar a trabalhar aqui no Boteco, eu trabalhei com a minha mãe no estúdio de pilates, é professora de pilates. Eu trabalhava lá, lá era só castelhano. Mas eu sentia muita falta de aq... do Brasil, mas não podia voltar, a universidade era muito cara e tinha uma vida aqui, mas sempre queria meio que voltar para o Brasil. Quando comecei a trabalhar no Boteco isso foi passando. Porque aqui é minha casa, aqui as pessoas valorizam o que o Brasil tem, querem que falem português com elas e tudo isso.

[57] SD 14 – Eu, durante todo o primeiro ano que morei aqui sentia que eu não morava aqui, mas que estava numa viagem que nunca acabava. Quando cheguei no Brasil, passou uma semana de eu estar lá, eu percebi que esta agora era minha casa, sabe, sentia falta da minha casa, minha cama, a vida que conquistei.

Observamos, em primeiro lugar, certas questões já analisadas que retornam e parecem ser constantes nos discursos dos brasileiros em Buenos Aires. Não nos deteremos demoradamente nelas em virtude de já terem sido analisadas nas sequências anteriores, mas entendemos que servem para mostrar certas recorrências. Por exemplo, na SD 10 e na SD 11 destaca-se que o apego ao passado e a "incapacidade" para gerar novos vínculos de amizade podem ser atribuídos a certo conservadorismo que faz com que se preservem os relacionamentos mais antigos, impedindo a receptividade do novo, o que traz como consequência um efeito de rejeição do sujeito estrangeiro ("têm seus amigos, os amigos que conhecem da escola, de quando eram crianças"; "Estão apegados a coisas do passado [...]; tem que estar vinculado a alguma história do passado ou uma pessoa que já conhece do passado"). Por outro lado, é notória a presença do mecanismo da repetição como sintoma do que dói, tal como foi explicado em sequências anteriores, apontando para as direções já observadas, principalmente os amigos (SD 10) e a abertura (com seus derivados abrirem, abrir, abrem, abertos, nas SD 11 e 12). No entanto, vemos surgir uma nova repetição, a da casa, que se torna muito significativa principalmente na SD 11, onde esse significante aparece cinco vezes. Além disso, a sequência está atravessada também pela negação que na sua repetição sintomática aponta, na nossa leitura, para uma manifestação inconsciente da negação do que seria o desejado: a casa aberta, a conversa fluída e profunda, o convite para entrar. Na projeção imaginária do sujeito, o outro lhe nega o que ele tanto deseja: entrar nesse espaço, pertencer. Enfim, deixar – como se isso fosse possível – de ser estrangeiro nesse lugar.

Mas a menção da casa se dá, mesmo que não seja de forma tão repetitiva, em todas as sequências, abrindo diferentes efeitos de sentidos. Na SD 10, ela é projetada como imagem daquilo que é interditado no relacionamento com o outro. As portas da casa estão fechadas, o estrangeiro não pode atravessar essa barreira, apenas pode chegar, nas palavras de Fernanda, "hasta ahí". Tem um limite que não pode traspassar.

Nessa sequência podemos observar também o funcionamento de um modo não representado da comparação pelo viés do uso do demonstrativo "essa" na frase "Não vejo *essa* facilidade de abrir a casa". Poderíamos nos perguntar: qual é *essa* facilidade? A que facilidade está fazendo referência? O pronome demonstrativo "essa", acompanhado do substantivo "facilidade", parece remeter para algo já mencionado, mas que, no entanto, fica no espaço do não dito, funcionando como um elemento vazio que de certa forma o interlocutor tem que preencher porque o contexto linguístico imediato não é suficiente para determinar o referente. Nesse sentido, acaba funcionando como um pronome neutro. Estes pronomes, lexicalmente

vazios "por não oferecerem qualquer pista lexical para a identificação do referente, são bastante dependentes da recorrência a fatores situacionais, discursivos e interpretativos" (CARDOSO, 1995, p. 159). Assim, para compreender esse enunciado devemos observar seu funcionamento discursivo, isto é, remetê-lo a sua exterioridade. De acordo com as condições de produção do discurso, nossa leitura aponta para uma comparação entre a forma de ser dos brasileiros e dos argentinos, segundo a qual, os primeiros teriam mais facilidade de abrir a casa do que os segundos. Como vimos nas análises de sequências anteriores, a comparação contribui para produzir um efeito de polarização entre o *nós* e o *eles*, sustentada na ilusão de uma identidade homogênea de cada um desses polos. Esse efeito é gerado não apenas pelo mecanismo comparativo, mas também pelo já comentado mecanismo de universalização presente também na SD 11 ("são pessoas muito desconfiadas") e na SD 12 ("somos muito muito abertos"), que contribui para aprofundar o distanciamento.

Voltando para a reflexão sobre a casa, na SD 11 também observamos que ela funciona como a marca de um limite. É notório, neste caso, o estranhamento que esse comportamento produz na entrevistada, na medida em que precisa se distanciar e estabelecer uma diferença em relação com seus próprios parâmetros culturais: "eles não são assim" e arriscaríamos continuar: "assim, aberta, como eu sou" (ou como *nós* somos).

Nessa comparação, ela também observa uma interdição no outro que "não se permite" abrir a casa, abrir-se a conhecer o outro, a gestar uma amizade que não seja do passado. Já na SD 12, a relação entre a casa e a família torna-se ainda mais evidente: "vem para casa para comer com a minha família". Abrir as portas, deixar entrar o outro é também integrá-lo, convidá-lo a formar parte do familiar, acolhê-lo. E isso se dá, de acordo com o dizer de Fernanda, não em Buenos Aires, mas em Misiones[58], província argentina que limita com o Brasil. Nessa região a entrevistada observa características positivas como a hospitalidade, o bom trato, a facilidade para fazer amizade, para abrir a casa etc., que, pelo mecanismo comparativo, são valores atribuídos também aos brasileiros, como se, à medida que ela se aproximasse da sua terra, fosse encontrando algo do familiar, da proximidade, do acolhimento que em Buenos Aires lhe é negado. É interessante notar, neste ponto, que assim como ela estabelece uma distinção entre as regiões da Argentina (Buenos Aires x Misiones), compreendendo que as relações sociais são diferentes em cada uma delas, essa heterogeneidade não é observada no caso do Brasil, que é representado, nessa sequência, como um todo homogêneo, com características como a abertura, a hospitalidade e a facilidade para fazer

[58] Cabe lembrar que, como vimos no Capítulo 2, Misiones constitui um dos subsistemas mais importantes da imigração brasileira na Argentina.

amizade projetadas como parte da essência de um suposto modo de ser brasileiro, como característica de uma identidade fixa que contemplaria aos brasileiros como um todo.

Na SD 13, Vitória associa a casa ao lugar de trabalho (“aqui é minha casa”), um restaurante brasileiro onde, além de oferecer comidas e bebidas típicas, são realizadas apresentações musicais. É interessante que mesmo tendo trabalhado com sua mãe no estúdio de pilates, o espaço do familiar não estava lá, com a mãe, onde se falava castelhano, mas no restaurante, onde sua língua e sua cultura são valorizadas, onde ela não é mais objeto de rejeição, mas de desejo (“aqui as pessoas valorizam o que o Brasil tem, querem que falem português com elas”).

Finalmente, na SD 14 a casa, pela primeira vez, não está associada à proximidade com o Brasil, mas referenciada ao novo espaço. Quer dizer, Buenos Aires aparece como lugar de pertencimento para o sujeito que agora nele se reconhece, ao ponto de sentir falta dele quando está longe. A relação que o sujeito estabelece com os espaços se mostra materialmente no uso dos dêicticos “aqui” e “lá” que, como vimos com Orlandi (2007c), produz efeitos relevantes para pensar a questão da identidade. Num contexto de imigração, entendemos que, diante da necessidade de um novo espaço de referência, ao construir seu “aqui” como sua casa, marca-se uma identificação do sujeito impulsada pelo desejo de pertencimento, que inclusive pode apontar para um movimento de territorialização.

A sequência, nesse sentido, expõe um processo de transformação que vai do “sentia que eu não morava aqui” até “eu percebi que esta agora era minha casa, sabe, sentia falta da minha casa, minha cama, a vida que conquistei”. Isso nos mostra também algo muito próprio do sujeito imigrante, um estar no entremeio de dois lugares, dois espaços que são dinâmicos e vão assumindo diferentes significações na medida em que se transitam e que nem sempre atingem o caráter do próprio ou do permanente, como sim parece ocorrer no caso de João. Neste caso particular acreditamos que a chave para compreender esse reconhecimento da casa em Buenos Aires como lugar de pertencimento está dado, justamente, pela questão da conquista. Cabe lembrar que a motivação para a imigração, no seu caso, foi a possibilidade de estudar Medicina, o que é representado imaginariamente como o cumprimento de um sonho, uma vitória que nem todo o mundo consegue atingir e que, portanto, é muito valorizada socialmente.

Entendemos que a menção da casa nas falas dos brasileiros em condição de imigração não se dá por acaso, mas que aponta para diferentes processos de (não) identificação. A casa constitui uma imagem muito significativa na medida em que culturalmente ela representa o lugar do conforto, da proteção, do acolhimento. Nas palavras de Coracini,

> A casa é outra pele, que nos protege, nos abriga das chuvas, do mau tempo, nos defende da maldade alheia. Casa é lar, é família, companhia, aconchego. É divisão entre o público e o privado, poupando-nos do convívio com o estranho, com o desconhecido que, inevitavelmente, nos agride e nos incomoda. Limite profundamente marcado em nosso país: o público não tem dono, é de todos e de ninguém; o privado merece respeito, privacidade, resguardo. (CORACINI, 2010, p. 101-102)

Essa definição nos ajuda a compreender os inúmeros significados contidos na palavra casa e o caráter organizador que ela possui na vida de qualquer sujeito. Todos os atributos que a autora menciona nesse pequeno trecho constituem elementos que são desestabilizados nos processos migratórios e, embora essa desestabilização não seja necessariamente permanente, parte de um processo que pode levar a uma nova estabilização no novo espaço, sem dúvida implica movimentos profundos na forma de habitar numa terra estranha. A casa, de fato, nas condições analisadas, não pode ser pensada por fora do espaço urbano ou, como diz Orlandi (2011), sem compreendê-la na tensão com a rua ou, em outras palavras, entre o público e o privado. Lembremos, por exemplo, do enunciado de Laura, na SD 11 quando reclama que os portenhos não abrem a casa: "Como muito te convidam com um café na rua". Nessa tensão se colocam em jogo questões como a intimidade, a sociabilidade, a hostilidade, a segregação etc., que vai ser diferente de acordo com os sujeitos e com a história. A autora aponta, nesse sentido, que essa divisão não tem sentido em si mesma, já que seus sentidos dependem das condições de produção, dos sujeitos, da memória discursiva, que dizer, não podem ser interpretados sem considerar a relação da língua com a história e sem o atravessamento do inconsciente e da ideologia.

Já sabemos que na análise do discurso não trabalhamos apenas com a forma material das palavras, mas com sua discursividade. Quer dizer, procuramos sair do denotativo para produzir gestos de interpretação em relação com o histórico e o ideológico, remetendo esse discurso à sua exterioridade para observar para onde estão deslizando esses sentidos nessas condições de produção particulares. Portanto, não é o "conteúdo" da palavra casa que nos interessa aqui, mas os efeitos de sentidos que ela produz nas condições de produção em que aparece, considerando que ela está filiada a determinadas redes de memória. Existem, de fato, muitas expressões que contribuem para reproduzir uma memória do que é a casa. Alguns exemplos podem dar conta disso: "Jogar em casa", que em termos futebolísticos sempre supõe uma vantagem para o "dono" da casa, uma vez que se encontra em um terreno familiar, conhecido; "Sentir-se em casa", que remete a estar à vontade e em confiança num determinado espaço; "Mi casa, su casa", frase popularizada em espanhol que aponta para um gesto de hospitalidade; "A roupa suja se lava em casa", que indica que as questões problemáticas não se

discutem diante de estranhos, supondo com isso que a casa é o espaço familiar onde os estranhos não acessam; e assim por diante.

Além dessas expressões que vão conformando uma memória coletiva dos sentidos da casa, entendemos que de acordo com as filiações do sujeito, esse significante pode cobrar diferentes efeitos de sentido. Dessa forma, Orlandi (2011, p. 697) lança as perguntas: "o que significa casa e/ou rua para cada um de nós? Que relações estabelecemos entre casa e rua? É assim para o menino de rua? É assim para o marginal? É assim para o sem-teto?", e nós poderíamos acrescentar: é assim para o imigrante? É para todos os imigrantes igual?

Pelo observado até aqui, no dizer dos sujeitos brasileiros em condição de imigração em Buenos Aires, a imagem da casa surge mais como um espaço do outro do que como um espaço próprio, o que se dá, como vimos, apenas na SD 14. Nessas condições de produção, a casa contribui para reproduzir uma representação do portenho como aquele que não abre seu espaço privado para o estrangeiro, que não está disposto a lhe acolher, que fecha suas portas, que o rejeita e que, como se fosse pouco, desconfia dele ("eu acho que tem a ver com desconfiança") constituindo-o em uma ameaça. O "sentir-se em casa" não acontece na casa do outro, portenho, mas apenas nos espaços que representam uma proximidade com o Brasil, como no caso de Vitória que apenas consegue se sentir em casa no restaurante brasileiro no qual trabalha (SD 13), ou no caso de Fernanda (SD 12), que sente que as portas da casa se abrem apenas em regiões – geográficas e simbolicamente – próximas do Brasil. O poder de uma representação desse tipo sem dúvida é muito profundo e repercute em todo o processo migratório do sujeito estrangeiro e nas possíveis identificações com o outro. No caso específico de Laura isso se torna evidente em vários outros momentos da entrevista, como vimos na SD 9 ("Sofri bastante. Passei acho que seis meses quase numa depressão").

A partir destas observações entendemos que o que acontece com a casa nos dizeres da maioria dos entrevistados aponta para um efeito metafórico pelo qual o sentido desse significante, associado aos da barreira e do limite, nas particulares condições de produção do sujeito em condição de imigrante, desliza para o sentido de fronteira, marcando a dicotomia entre o acolhimento (do brasileiro) e a rejeição (do argentino), sustentada pelas projeções imaginárias sobre si e sobre o outro.

Cabe apontar que quando falamos de efeito metafórico estamos nos apoiando na definição proposta por Pêcheux:

> Chamaremos *efeito metafórico* o fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual para lembrar que esse "deslizamento de sentido" entre x e y é constitutivo do "sentido" designado por x e y; esse efeito é característico dos sistemas linguísticos "naturais", por oposição aos códigos e às "línguas artificiais", em que o sentido é fixado em relação a uma metalíngua "natural". (PECHEUX, [1969] 1997, p. 96)

Esse trecho de Pêcheux funciona como base para Orlandi (2007a) sustentar que a interpretação é constitutiva da língua, na medida em que se o efeito metafórico é próprio das línguas naturais e da ordem do simbólico, não há língua que não esteja sujeita a esses deslizes de sentido e, portanto, que não ofereça lugar à interpretação. Isso implica, também, que é possível o deslocamento de sentidos, que os significados possam ser outros de acordo com sua determinação pelas condições de produção dos discursos e com sua inscrição na história.

Neste ponto, cabe esclarecer que para a AD a metáfora não é entendida no seu sentido tradicional de figura da linguagem, provinda do campo literário, como uma comparação entre palavras e expressões que compartilham determinados traços de semelhança, uma vez que, como aponta Cassana (2017), isso deixaria de fora as condições de produção sócio-históricas e culturais nas quais as metáforas são produzidas. A metáfora, assim, não é compreendida como algo que seria próprio do poético, mas como um fenômeno próprio da ordem da língua que carrega em si mesma a capacidade de deslizamento, de deriva de sentidos.

A forma como a metáfora é trabalhada por Pêcheux parte da definição de Lacan, quem a concebe como a substituição de uma palavra por outra, o que de fato é condizente com a tese lacaniana da supremacia do significante. Essa substituição, para a AD, não acontece aleatoriamente, mas em relação com o inconsciente e com a ideologia (CASSANA, ibidem). Dessa forma, afasta-se das definições de metáfora ancoradas na diferença entre denotação e conotação, segundo as quais haveria um sentido literal, denotativo, a partir do qual derivariam os sentidos figurados ou as possíveis conotações. Isso implicaria supor que uma palavra tem um sentido em si mesmo e não que ele se estabelece em relações de metáfora no marco de determinadas formações discursivas. Vale a pena, nesse sentido, trazer as esclarecedoras palavras de Pêcheux:

> [...] uma expressão ou uma proposição não *tem* um *sentido* que lhes seria próprio, preso a sua literalidade; *nem*, acrescentaremos, *sentidos* deriváveis a partir dessa literalidade por meio de uma combinatória lógico-linguística que domaria sua ambiguidade, construindo os diferentes casos possíveis, à maneira do que é proposto hoje pela semântica gerativa: o sentido é sempre uma palavra, uma expressão ou uma proposição *por* uma outra palavra, uma outra expressão ou proposição; e esse relacionamento, essa superposição, essa transferência (*meta-phora*), pela qual elementos significantes passam a se confrontar, de modo que se "revestem de um sentido" não poderia ser predeterminada por propriedades da língua (por exemplo, ligações "linguísticas" entre sintaxe e léxico); isso seria justamente admitir que os significantes já estão, enquanto tais, dotados de sentido, que têm primeiramente *sentido* ou *sentidos*, antes de ter *um* sentido. De fato, o sentido existe exclusivamente nas relações de metáfora (realizadas em efeitos de substituição, paráfrases, formações de sinônimos), das quais certa formação discursiva vem a ser historicamente o lugar mais ou menos provisório: as palavras, expressões e proposições recebem seus sentidos da formação discursiva à qual pertencem. (PÊCHEUX, [1975] 2014, p. 239-240, grifos do autor)

Fica claro, assim, que a metáfora é constitutiva da língua e do sentido e que, portanto, sempre há possibilidades de deslocamentos de sentidos e de interpretação porque, como afirma Orlandi (2007a, p. 79), "o processo de produção de sentidos está necessariamente sujeito ao deslize, havendo sempre um 'outro' possível que o constitui". Pelo exposto, reafirmamos que a forma em que estamos trabalhando a metáfora aqui é enquanto efeito metafórico, o que implica que ele não se dá nas SD necessariamente quando há uma metáfora linguística produzida por um *eu* consciente, mas na deriva de sentidos, como parte de um processo inconsciente atravessado pela ideologia, pela historicidade e sujeito à falha.

Nas sequências analisadas observamos então que existem vários mecanismos discursivos – principalmente a comparação, a universalização, a repetição e a negação – que contribuem para criar esse efeito metafórico que se inscreve no interdiscurso e que faz sentido pelo já-dito, por uma memória do dizível. Por sua vez, esses elementos nos permitem produzir diferentes gestos de interpretação da metáfora da casa em relação com os processos de identificação dos sujeitos que, de acordo com nossa leitura, apresentam diferentes matizes. Assim, nas SD 10, SD 11 e SD 12 entendemos que *casa* desliza para o sentido de fronteira, uma divisão entre espaços que no imaginário dos sujeitos não pode ser atravessada, o que mostra a não identificação com o outro. Já na SD 14 encontramos uma identificação mais constituída, na medida em que a metáfora da casa aponta para uma substituição contextual pelo lar, pelo lugar de repouso e aconchego, um espaço de pertencimento onde o sujeito se sente confortável. Finalmente acreditamos que a SD 13 expõe outras nuances no processo de identificação, na medida em que, se por um lado o sujeito associa a casa com um lugar de acolhimento – efeito que se dá, entre outras coisas, pela valorização de sua língua e sua cultura – isso se dá num espaço – o do restaurante – que, mesmo situado na cidade de Buenos Aires, está simbolicamente associado por um processo metonímico com o Brasil, como se fosse um oásis no meio do deserto. Mais uma vez isso nos mostra o caráter do imigrante como sujeito do entremeio, o que também se manifesta nas hesitações e no equívoco no uso do dêictico: "extrañaba mucho *ac...* a Brasil". Entendemos que nesse enunciado o equívoco obedece também à polissemia do verbo "extrañar" que em espanhol pode remeter tanto ao sentido de "sentir falta", "ter saudades", quanto ao sentido de "estranhar". Dessa forma, abre-se o espaço para a ambiguidade: ela sentia falta do Brasil ou de "aqui"?, sendo esse "aqui", que não chega a se completar, referido, pelo contexto de enunciação, a Buenos Aires ou, inclusive, ao restaurante onde ela trabalha e onde foi realizada a entrevista. Ou então, ela *estranhava* o Brasil ou *estranhava* – no sentido de achar estranho – esse "aqui"? Mais uma vez constatamos como o sujeito entre-línguas e entre-

espaços, afetado pelo real e pelo atravessamento do inconsciente, tropeça na língua dando lugar ao equívoco.

Nos três blocos de sequências já analisadas observamos os discursos de sujeitos que falam a partir de uma condição específica, a da imigração, a partir de um lugar determinado que é o de entender-se como brasileiros nesse espaço, do qual procuram fazer parte através da geração de vínculos com o outro, o que implica atravessar diversos processos de identificação cujas marcas se deixam ver na língua. Destacamos que, nesse percurso, ao falar de questões como a amizade, as relações pessoais e a afetividade, a própria materialidade da língua foi nos mostrando um caminho para a interpretação a partir de diferentes mecanismos discursivos que fizeram surgir imagens como a da barreira, o limite, a fronteira, as portas fechadas, a casa, que condensam simbolicamente a dicotomia entre rejeição e acolhimento e funcionam como sintoma da própria estrangeiridade. Essas imagens, por sua vez, mostram a demanda do sujeito estrangeiro de fazer parte e a impossibilidade de pertencer. E essa experiência vivida não é simbolizável, embora pelo funcionamento do real retorne pela repetição e pela negação à abertura, mostrando o que dói no sujeito.

Finalmente, cabe destacar que as metáforas mencionadas e seus efeitos se sustentam pelo funcionamento do imaginário. Quer dizer, pelas projeções imaginárias de si e do outro que determinam, a partir de mecanismos como a comparação e a universalização, a forma de ser de uns e outros (por exemplo, “os argentinos são fechados, os brasileiros são abertos”). Como adiantamos, embora os estereótipos contribuam a sustentar essas projeções imaginárias, nem sempre os traços totalizantes atribuídos a si ou a outro constituem um estereótipo consolidado. Nos casos observados, entendemos que se trata de projeções que respondem à experiência migratória, e não ao efeito de repetibilidade de enunciados já-ditos que conformariam uma memória do que é ser argentino e ser brasileiro. Entretanto, há nas entrevistas outras sequências nas quais, sim, se reproduzem determinadas imagens estereotipadas reconhecíveis que sem dúvida incidem nos processos de identificação. A seguir, procuraremos analisá-las.

5.2 ESTEREÓTIPOS SOBRE OS ARGENTINOS: REPRODUÇÃO OU TRANSFORMAÇÃO?

5.2.1 “Os argentinos são arrogantes, agressivos e mal-humorados”

Ao falar de si e do outro, como o fazem os sujeitos entrevistados, se colocam em jogo diversas projeções imaginárias que, em alguns casos, podem estar sustentadas no

funcionamento de determinados estereótipos, enquanto em outros casos, como foi adiantado, trata-se de representações baseadas na experiência da imigração que, inclusive, podem vir até contestar representações prévias desses sujeitos.

Entendemos que a noção de estereótipo é fundamental na análise dos discursos de sujeitos em condição de imigração, uma vez que os estereótipos costumam reduzir as culturas representadas (seja a própria ou a do outro) a poucos traços que retratariam sua "essência", apresentando-a como evidente e fixando-a, assim, a determinadas imagens (GRIGOLETTO, 2003a) que constituem as representações que os sujeitos fazem de si mesmos e dos outros e que deixam entrever aspectos de seus processos de identificação. Estas questões devem ser pensadas, portanto, em relação com a identidade e com o funcionamento do imaginário, já que, como afirma De Nardi (2007, p. 72), "a identidade se produz, falsamente, como algo fechado, completo em si mesmo, resultado de um processo de reconhecimento da diferença e simultaneamente de recusa da mesma, de sua expulsão". Podemos pensar que essa completude faz com que o sujeito consiga organizar a realidade e os outros que conformam essa realidade, percebendo-os como totalidades homogêneas e facilmente caracterizáveis, reconhecíveis. Em outras palavras, para que o outro possa ser descrito, preciso abordá-lo como um objeto acabado, atingível. Assim como a criança precisa, no estádio do espelho, observar-se como um sujeito completo fora de si, ou seja, através do olhar do outro, também precisa de um outro imaginariamente completo com o qual se identificar ou do qual se diferenciar.

A ilusão de uma identidade fixa de si e do outro, especialmente em contextos de imigração, pode levar à reprodução de estereótipos sustentados pelos pré-construídos que funcionam em toda formação social, pelos já-ditos e que funcionam para os sujeitos como evidências, e que atuam na sedimentação de determinados sentidos. Esses sentidos, no entanto, podem ser submetidos a deslocamentos, na medida em que, como adverte Orlandi, na análise do discurso o funcionamento do estereótipo não se reduz à mera repetição ou imobilidade dos sentidos. De acordo com a autora, essa visão negativa deriva de uma concepção "iluminista" da linguagem que não admite contradições, paradoxos e equívocos. Em contraposição, ela enxerga o estereótipo "como lugar em que trabalham intensamente as relações da linguagem com a história, do sujeito com o repetível, da subjetividade com o convencional. Tudo isso perpassado pelo funcionamento imaginário do discurso" (ORLANDI, 2007d, p. 125).

No caso dos sujeitos em condição de imigração, as representações sobre o outro e seu espaço são especialmente vulneráveis de sofrer transformações uma vez que o indivíduo sai do seu entorno para morar em uma terra estrangeira, situação que o expõe a uma nova alteridade e o coloca diante do desafio de se inscrever nesse espaço. Entendemos que, quando um sujeito se

muda para um outro país, ele já construiu uma determinada representação sobre ele e sobre seus habitantes e, tratando-se de um lugar em que se fala uma língua diferente da sua, também existe uma determinada representação sobre essa língua que pode ter sido construída, talvez, no processo de ensino-aprendizagem formal dessa língua ou mesmo em outros espaços. Quer dizer, é possível que, nessa instância prévia, o sujeito já tenha atravessado processos de identificação que podem ser reconfigurados durante e depois do processo migratório. Nesse sentido, resulta interessante o aporte de Grigoletto (2003b), quem propõe que as representações podem ser estudadas como portas de entrada para a percepção das identificações dos sujeitos no contato com línguas estrangeiras. Embora a autora analise essas representações nos casos de sujeitos-alunos em situação de aprendizagem, acreditamos que essa abordagem pode ser produtiva para pensar os sujeitos em condição de imigração.

Essas representações, que podem assumir a forma de estereótipos consolidados sobre si e sobre outro, se caracterizam por apresentar uma ideia de unidade, de completude, isenta de contradições e, em definitiva, como evidências que se reproduzem pelo funcionamento ideológico do discurso: "Os ingleses são pontuais", "Os brasileiros são alegres", "Os argentinos são arrogantes", e assim por diante. Esses enunciados – que poderiam se representar com a fórmula "os X são Y", preenchendo esse X com qualquer nacionalidade e o Y com qualquer adjetivo –, têm um efeito de verdade categórica que serve ao sujeito para organizar a realidade de modo "eficaz". Vem à tona, nesse sentido, a reflexão de Fradin e Marandin (1979, p. 82 *apud* AMOSSY; PIERROT, 2010, p. 114, tradução nossa): "O estereótipo, uma evidência sem história, apresenta, como as frases enciclopédicas dos dicionários, um efeito de 'verdade imediata', que resulta do apagamento do saber no qual foram produzidas".

O conceito de estereótipo provém, na sua origem, do campo da impressão, pois tratava-se de um procedimento de reprodução massiva a partir de um modelo fixo. Amossy e Pierrot (2010) fazem um percurso histórico sobre a evolução e a modificação que o termo sofreu, junto com outros conceitos relacionados, tais como *cliché*, *lugar comum*, *ideias comuns*, entre outras. Essas noções, às vezes, podem ser confundidas porque compartem a ideia de fixação, de rigidez, de repetição e porque, além das especificidades de cada uma, remetem a expressões com sentidos cristalizados que, como aponta Leandro Ferreira (2003, p. 73), "expressam o efeito do já-dito, que resulta de automatismos de memória dos quais os sujeitos estão impregnados". É nesse ponto que a questão do estereótipo merece nossa atenção, e, também porque, abordando a questão da estrangeiridade e compreendendo sua complexidade, não podemos obviar que os estereótipos sobre o outro, com sua língua e sua cultura, costumam vir acompanhados de determinados preconceitos que influenciam a relação do sujeito com esse outro e com ele

mesmo e, em consequência, intervêm em seu processo de identificação funcionando como obstáculos para o sujeito estrangeiro, uma vez que

> ao insistir nos estereótipos produzimos um fechamento que, longe de promover o reconhecimento da cultura, nos distancia do *outro*, porque, como uma casca dura e fechada que o protege, repele o sujeito ao pressupor não a identificação com esse lugar do outro, mas a silenciosa aceitação dos limites desse espaço; ou isso ou a ilusão de dominar o outro, simplificando-o, ou a idealização do espaço do outro, extremo oposto da indiferença em relação à sua cultura. (DE NARDI, 2009, p. 189)

Nesse fragmento se expõe uma questão que nos parece fundamental que tem a ver com a distância e o limite, palavras que aparecem frequentemente nas entrevistas e que, considerando-as agora em torno do conceito de estereótipo, nos permitem compreender a grande relevância que possuem nos processos de identificação. Nesse sentido, Payer (1996) aponta que em contextos de imigração o estereótipo forma parte de um processo simbólico de formulação de uma distância do sujeito com relação ao universo do outro. A representação do outro dotado de uma identidade fechada "acaba por produzir um Outro completamente Outro" e um "si-mesmo absolutamente idêntico, repleto (saturado) em seus sentidos" (PAYER, 1996, p. 95).

Nesta breve reflexão sobre a questão do estereótipo, não queremos deixar de mencionar a perspectiva de Homi Bhabha (1998), quem assinala o estereótipo como responsável pelo efeito de verdade imediata sobre o outro. Entendemos que o aporte que ele traz para esta discussão é a consideração do estereótipo como uma das estratégias discursivas do funcionamento do discurso colonial, uma vez que traz o conceito de "fixidez" como signo da diferença cultural na construção ideológica da alteridade. Segundo o autor, o problema dos estereótipos é que cria lugares fixos e opostos, de acordo com os quais o colonizador ocupa o espaço do normal, ideal, originário, enquanto o colonizado se constitui como o desvio, o anormal, o ameaçante. Porém, Bhabha (1998) considera que descartar os estereótipos não é a melhor estratégia e propõe, no seu lugar, deslocá-los, ressignificar as formas de dizer sobre o outro e pensar na ambivalência e no efeito de verdade que ela provoca nesse discurso sobre o outro. Dessa forma, propõe se distanciar da postura etnocêntrica e abordar outros sistemas culturais e discursivos problematizando os sentidos produzidos sobre o outro que se apresentam como verdades naturalizadas.

O que queremos destacar, a partir desses aportes teóricos, é que é necessário expor o funcionamento do estereótipo, entender que eles existem e estão continuamente produzindo sentidos porque, como diz Orlandi (2001, p. 17), "os estereótipos são inevitáveis". Baseando-se na obra *Opinião Pública* de Walter Lippmann, onde o estereótipo é definido como as imagens

mentais que mediatizam nossa relação com o real, a autora afirma que a estereotipia representa uma economia do social, ao tempo que concorda com o autor quando afirma que seria impossível observar cada objeto da realidade sem remetê-lo a um tipo ou generalidade, a um espaço estabilizado. Portanto, sustentamos que o caminho não é ignorá-los ou simplesmente explicá-los, mas compreender seu funcionamento. Recorrendo mais uma vez a Orlandi (2001, p. 21-22), frisamos com ela que "o típico, o comum, as fontes comuns, não são para ser evitadas, mas para serem praticadas materialmente, ou seja, na sociedade e na história. E é isto que faz a diferença: a prática historicizada do comum".

Nessa compreensão, entendemos que os estereótipos funcionam muito bem para o sujeito pragmático que necessita de um mundo "semanticamente normal" e "logicamente estabilizado" (PÊCHEUX, [1969], 1997, p. 33) porque lhe permite "colocar em caixinhas" simbólicas as significações do mundo para "organizar" a realidade do seu entorno e fixar sentidos. Entretanto, sustentamos que em situações de contato com o outro em condição de imigração, esses estereótipos podem funcionar como obstáculos. Portanto, e apesar do caráter rígido dessas imagens estereotipadas e de sua resistência à mudança, acreditamos que, assim como é possível, a partir da AD, pensar nos deslocamentos de sentidos e no surgimento de sentidos novos, também é possível colocar em questão os estereótipos que organizam nossas percepções para poder desnaturalizá-los, desconstruí-los.

Como já foi dito, as representações de si e do outro podem estar relacionadas com certos estereótipos, entendidos como uma das formas cristalizadas que podem assumir ditas representações. Se nos enunciados analisados ao longo deste capítulo (*"Os argentinos são fechados. É difícil fazer amizade com argentinos"; "Eles não falam das suas coisas, nós sim"; "Os argentinos não abrem a casa"*) dissemos que não podíamos identificar essa forma de designar os argentinos como a repetição de um estereótipo e sim como um resultado da experiência do imigrante, consideramos que a afirmação que dá título a esta seção, "os argentinos são arrogantes", sim responde ao funcionamento do estereótipo, isto é, um imaginário que se consolidou como uma verdade repetida sobre o outro.

Entendemos que é impossível achar um ponto de origem ou tentar reconstruir uma história desse estereótipo em particular (o que, por outro lado, excederia os limites desse trabalho), uma vez que o estereótipo se baseia na repetibilidade de enunciados que continuam a retornar pelo funcionamento do interdiscurso, que "se apresenta como séries de formulações que derivam de enunciações distintas e dispersas que formam em seu conjunto o domínio da memória" (ORLANDI, 2007d, p. 87-88). Dessa forma, ele se apresenta com a força da

evidência: todo mundo sabe que os argentinos são arrogantes. Mesmo aqueles sujeitos que não se identificam como esse discurso partem dessa evidência para se distanciar dela.

Cabe destacar que a questão da arrogância surgiu nas entrevistas, principalmente, quando os sujeitos foram questionados sobre o que pensavam seus amigos e familiares brasileiros sobre os argentinos[59], o que também nos mostra que essa representação não responde à experiência da imigração propriamente dita, mas que provém de outras vozes, do já-dito e já-ouvido e que pode ser transformado ou reproduzido, precisamente, a partir da vivência. Vejamos como isso funciona nas seguintes sequências:

> **SD 15**– [O que pensa sua família sobre os argentinos] Lo *primero* es que son un poco arrogantes, que son soberbios, esa es *la palabra exacta*. Y después *normal*, ellos ven esa parte que hay *mucho*, que son macanudo, simpático, pero hay *alguno* que son arrogante, mejor dejarlo ahí, viste. […] es un poco así. La verdad es esta. *Los brasileros son* más sumisos, más tranquilos en ese punto, debe haber también ¿no? pero... (LARISSA)[60]

> **SD 16** – […] la gente me dice... "Ah no, son muy *creídos*", me dicen. […] Yo *intento* adaptarme y no decir nada malo porque *tengo familia*, entonces ***me duele*****,** alguien que en Brasil dice algo de Argentina **me duele,** *mi mamá es argentina*. […] En Brasil dicen que los argentinos son muy creídos, pero yo les digo que *no es tan así*, pero ellos dicen así de *broma*, el social, al joder. (VITÓRIA)[61]

> **SD 17–** Me chocó un poco esa auto... auto... no sé… etiqueta que se ponen siempre, como todo mal, y por otro lado fue también, vi que está mucho el tema del aire de superioridad que "no, que nosotros..." también hay algo de "nosotros sabemos, nosotros vamos a dar la vuelta", o sea, cosa de llevarla, de llevarla no sé cómo decir en español pero... *como se dar bem, assim, ¿sabe? vou dar uma forma de sair por cima*, una cosa también *muy europea*, que tiene mucha… casi una medalla de decir que viene de familia italiana, *una cosa hiper valorativa*, que esas cuestiones que yo los primeros años era como "eh como los brasileños" y después fui viendo algunas diferencias. (FERNANDA)[62]

---

[59] Cabe apontar que, nas entrevistas, a pergunta proposta referia-se aos argentinos em geral, de forma ampla, com a intenção de observar se nessa percepção do outro havia um registro da heterogeneidade própria de qualquer país. Assim, veremos que a distinção entre os portenhos e os argentinos que moram em outras províncias da Argentina nem sempre aparece nos dizeres dos brasileiros, pois dado que estão falando de sua experiência migratória em Buenos Aires, entendemos que se referem ao outro que habita aquele espaço no qual o sujeito em condição de imigração está imerso. Entretanto, observaremos oportunamente determinadas sequências em que os falantes sim estabelecem a diferenciação mencionada.

[60] SD 15 – O primeiro, é que são um pouco arrogantes, que são soberbos, essa é a palavra exata. E depois normal, eles vêm essa parte que tem muitos que são agradáveis, simpáticos, mas tem alguns que são arrogantes, melhor deixar para lá, viu. [...] é um pouco assim. A verdade é essa. Os brasileiros são mais submissos, mais tranquilos nesse ponto, deve ter também, né? Mas...

[61] SD 16 – As pessoas me dizem... "ah não, são muito metidos", me dizem. [...] Eu tento me adaptar e não falar mal porque tenho família, então me dói, alguém que no Brasil diz algo da Argentina me dói, minha mãe é argentina. [...] No Brasil dizem que os argentinos são muito metidos, mas eu lhes falo que não é tão assim, mas eles dizem assim de brincadeira, no social, brincando.

[62] SD 17 – Me chocou um pouco esse auto... auto... não sei... rótulo que se colocam sempre, como tudo mal, e por outro lado foi também, vi que está muito o tema do ar de superioridade que "não, que nós..." também tem algo de

> **SD 18**– [O que a sua família diz quando falam dos argentinos]. "Ay son muy *difíciles*, la gente *te trata como un perro* acá, o sea, es un *malhumor generalizado*". Ellos allá *también* vienen con la misma información, pues es el *estereotipo* que *también* se hacen allá. Y después algo familiar de afectivo que se construye también de decir que el otro "viste como son… nosotros somos diferentes", como la familia *para afirmarse uno en algo*. (FERNANDA)[63]

Nessas sequências é possível observar, como acontece na maioria dos recortes analisados, o funcionamento do mecanismo comparativo que, já nesse ponto, podemos afirmar que normalmente está articulado a projeções imaginárias que atribuem a si e aos outros traços determinados de acordo com a sua nacionalidade e sua cultura que responderiam a uma suposta identidade nacional homogênea e que, na maioria dos casos, deriva na polarização nós/eles, mesmo que esses dois polos não sejam explicitados nas sequências. Cabe notar também que essas comparações em nenhum momento foram solicitadas explicitamente durante as entrevistas, mas elas surgiram em diversos momentos, ao falar dos argentinos ou da percepção que os imigrantes e suas pessoas próximas tinham sobre eles. Isso responde a uma tendência humana muito marcada de, diante da exposição à alteridade, ancorar-se nos próprios pontos de referências para poder dizer alguma coisa sobre o outro, para poder defini-lo. Vem à tona, nesse ponto, as palavras de Balen:

> Com que frequência dá o imigrante um caráter de substancialidade aos valores de uma cultura em defesa de sua "identidade cultural"? É comum ouvirmos: "nós" somos assim, mas "eles" não são. A polarização parece, às vezes, inevitável nas conversas do dia a dia. A polarização "nós" e "eles" revela a tendência metafísica de pensarmos em termos de identidades fixas, do pensar dualista que sempre privilegia um em detrimento do outro. (BALEN, 1999, p. 37, apud CORACINI, 2007, P. 226)

Essa dificuldade de deslocar o ponto de vista se traduz, na maioria dos casos, num efeito de distanciamento e, ao mesmo tempo, um efeito totalizante ligado ao que temos chamado de *universalização*. Em linhas gerais podemos dizer que, nas sequências precedentes, ambos os mecanismos se encontram em funcionamento em favor da reprodução de um estereótipo específico, o da arrogância dos argentinos, da qual os sujeitos brasileiros procuram se diferenciar ("são soberbos [...]. Os brasileiros são mais submissos, mais tranquilos"; "são muito

"nós sabemos, nós vamos dar a volta", ou seja, coisa de levá-la, levá-la... não sei como dizer em espanhol, mas... como se dar bem, assim, sabe? Vou dar uma forma de sair por cima, uma coisa também muito europeia... quase uma medalha de dizer que vem de família italiana, uma coisa hiper valorativa, que essas questões que eu nos primeiros anos era como "eh como os brasileiros" e depois fui vendo algumas diferenças.

[63] SD 18 – "Ah são muito difíceis, as pessoas te tratam feito um cachorro aqui, ou seja, é um mau humor generalizado". Eles lá também vêm com a mesma informação, pois é o estereótipo que também têm por lá. E depois algo familiar de afetivo que se constrói também de dizer que o outro "viu como são... nós somos diferentes", como a família para a pessoa se afirmar em algo.

metidos"; "viu como são... nós somos diferentes"; "depois fui vendo algumas diferenças"). Procuraremos destacar agora os elementos mais relevantes de cada sequência.

Na SD 15, de acordo com a resposta da entrevistada, o primeiro que os brasileiros dizem sobre os argentinos é que são arrogantes, soberbos – inclusive, na ilusão de completude e domínio da linguagem, ela afirma que essa é a palavra "exata" – o que expõe claramente o funcionamento do estereótipo, que atua outorgando uma imagem fixa, já pronta, para definir o outro. No entanto, essa afirmação é em seguida matizada, de forma momentânea, com a atribuição de uma característica mais positiva, como a simpatia, e com a indicação de "normalidade", que parece apontar para o fato de que é normal que existam argentinos simpáticos e argentinos arrogantes. Porém, o fio do discurso em seguida volta a apontar para a questão da arrogância.

É interessante, nesse sentido, chamar a atenção sobre o uso dos quantificadores: tem *muitos* argentinos que são simpáticos, mas tem *alguns* que são arrogantes. Poderíamos pensar que a colocação desse matiz contribui de alguma forma para quebrar o efeito totalizante do estereótipo, porém, na sequência, ele volta com mais força. Quando perguntada sobre sua própria percepção do assunto ela afirma que *"é um pouco assim. A verdade é essa".* Quer dizer, embora seja assim apenas "um pouco", isso é definido como uma verdade, o que, no final das contas, acaba reforçando o estereótipo que continua funcionando como verdade imediata. E em seguida, aparece o contraponto comparativo com os brasileiros, afirmando que eles são mais submissos, mais tranquilos.

Apesar disso, é notório o esforço do sujeito, determinado pelas condições de produção do dizer, por não ser tão categórico nas afirmações sobre o outro, o que se materializa através de diversos mecanismos de atenuação *("normal"; "mucho", "alguno", "poco"*). Inclusive no final da sequência, ao falar da submissão e a tranquilidade dos brasileiros, acrescenta *"deve ter também, né?"*, solicitando nesse "né?" a cumplicidade da entrevistadora, para concluir com o *"mas...",* deixando nesse "mas" aberta a possibilidade de múltiplos sentidos não ditos que não pretendemos traduzir em palavras, mas que, postos em relação com o resto da sequência, autorizam a produzir certas interpretações desse significante que falta, do enunciado que não se completa.

Observa-se também que, em toda a sequência, o sujeito não se inclui dentro de nenhum coletivo, pois tanto ao falar dos argentinos quanto dos brasileiros, utiliza a terceira pessoa do plural. Para Larissa, são todos *eles***,** projetando-se imaginariamente como uma observadora externa e objetiva (*"a verdade é essa"*). Ao nosso ver, esse mecanismo se relaciona com o que Payer (2006, 2013) chama de *desdobramento*, entendido como uma das marcas linguístico-

discursivas nas práticas de linguagem dos imigrantes que, na nossa leitura, refere-se à forma de acordo com a qual os interlocutores são incluídos ou não dentro da discursividade e dos grupos designados no discurso. Neste caso, como dissemos, esse desdobramento parece apontar para um desejo de se distanciar de ambos os grupos – brasileiros e argentinos – produzindo com isso um efeito de neutralidade.

Para concluir, cabe dizer que em toda a sequência parece se produzir um movimento "pendular" entre a identificação e a não identificação com esse enunciado repetido que constitui a imagem cristalizada dos argentinos como pessoas arrogantes, do qual tenta se distanciar pela atenuação e pelo desdobramento, tentativa que se frustra pelo tropeço na língua. Entendemos que pelas próprias condições de produção do dizer, a entrevistada, na sua ilusão de dominar a língua, tenta controlar o sentido de seu discurso, ficar em um "meio termo" que não incomode ninguém e que poderíamos parafrasear do seguinte modo: "os brasileiros pensam que os argentinos são soberbos, mas também sabem que muitos são simpáticos, mas alguns são arrogantes. A verdade é essa. Os brasileiros não são arrogantes, mas também deve ter alguns que sim, mas...". Observa-se nesse movimento como a contradição, que é constitutiva dos processos de identificação, está funcionando. A tentativa de controle acaba fracassando porque, como sabemos, o sujeito é triplamente atravessado pela linguagem, pelo inconsciente e pela ideologia e, embora imaginariamente se perceba como unidade completa capaz de raciocinar seus atos e palavras, não pode controlar tudo porque o real escapa sempre, porque há um significante que falta, que é inapreensível e que expõe a impossibilidade de dizer tudo na língua.

Na SD 16 também presenciamos movimentos semelhantes que expõem a contradição do sujeito e que em seguida detalharemos. Mas, em primeiro lugar, queremos destacar que a projeção imaginária dos argentinos como arrogantes (ou "creídos" como se poderia dizer na língua espanhola) é atribuída ao Brasil na sua totalidade, como se não houvesse fissuras e todos os brasileiros pensassem o mesmo, mostrando assim o efeito totalizante do estereótipo. Isso se manifesta nas expressões "No Brasil dizem" e "as pessoas me dizem", que produzem um efeito de indeterminação universalizante muito produtivo aos efeitos de reprodução do estereótipo.

Por outro lado, o mecanismo utilizado para produzir essa atribuição do enunciado aos brasileiros é o discurso direto, que é uma forma de trazer para o fio do discurso um dizer exterior a ele, atribuído a um (ou uns) outro(s), ou, como diz Payer (2014), uma forma de colocar explicitamente uma alteridade em relação a si mesmo, designando-a como seu exterior. Este mecanismo se enquadraria dentro de umas das formas da heterogeneidade mostrada trabalhada por Authier-Revuz (2011). Esse nível de heterogeneidade se localiza na superfície discursiva através de citações, intertextos marcados, remissão a outro discurso etc. e depende da

intencionalidade do locutor. A autora contrapõe esse tipo de heterogeneidade com a heterogeneidade constitutiva, que se refere a formas mais complexas em que a presença do outro não é explicitada por marcas unívocas na frase e que remete à "presença fundadora, em todo discurso, de uma exterioridade discursiva que o constitui" (AUTHIER-REVUZ, 2008, p. 107), mas que é irrepresentável para o falante.

No texto "A representação do discurso outro: um campo multiplamente heterogêneo" Authier-Revuz (2008) menciona o discurso direto como um dos tipos de discurso citado, além do discurso indireto e o discurso indireto livre, e expõe os motivos pelos quais prefere falar de *representação do discurso outro* (RDO) e não de "discurso citado". Não pretendemos aprofundar aqui toda a teorização da autora sobre as diversas formas em que se mostra a RDO, mas sim trazer para nossa discussão a questão da representação, que nos parece chave para delimitar de que forma estamos entendo aqui o discurso direto como mecanismo. Por um lado, no discurso direto, o locutor se apresenta como "porta-voz" das palavras do outro, o que é geralmente marcado na escrita pelas aspas e na oralidade pela entoação. Porém, consideramos que este recurso não remete necessariamente a um enunciado que teria sido proferido efetivamente por um locutor particular, claramente identificável, mas como uma forma de trazer para o fio do discurso, a *representação* de um dizer atribuído a outro(s). Trata-se, em outras palavras, de uma imagem do discurso do outro que se apresenta como objeto do dizer. Isso implica, ao nosso ver, considerar o funcionamento das projeções imaginárias e a interpretação do próprio sujeito, que supostamente ouviu determinados enunciados e que os traz para a cena enunciativa – provavelmente de forma parafraseada –, reconfigurados por sua própria interpretação.

Dito isso, podemos nos perguntar, então, qual o efeito da inclusão do discurso direto num enunciado como o que estamos trabalhando? Seguindo Authier-Revuz (2011), esse mecanismo produz um efeito de distanciamento do enunciado que é apresentado como objeto, produzindo assim uma suspensão de responsabilidade, uma vez que as aspas indicam que esse enunciado não é do locutor. Ao dizer "as pessoas me dizem 'ah não, são muito metidos'" ou "No Brasil dizem que os argentinos são muito metidos", Vitória marca uma distância com esse dizer. Mostra que não é ela quem pensa isso, mas 'as pessoas no Brasil', evitando com isso – também – atribuir a responsabilidade aos *brasileiros*, o que, de alguma forma, a incluiria. Assim, ela se coloca apenas como porta-voz do outro projetando neles a imagem que eles teriam dos argentinos.

Continuando com a SD, ela manifesta sentir dor por essa imagem dos brasileiros em relação com os argentinos, e de fato o repete duas vezes, o que nos lembra claramente da

expressão leniniana, trazida por Pêcheux, “A língua sempre vai onde o dente dói”, sobre a qual refletimos já neste capítulo, e que aqui se expressa quase ao pé da letra na medida em que, de fato, está falando da dor mostrando, pela forma material repetida, a insistência dessa dor. No fio do discurso, essa dor se justifica pela relação afetiva familiar que tem com sua mãe. Porém, isso não é suficiente para se distanciar totalmente do enunciado estereotipado e assistimos a expressão da contradição do sujeito que tem que “se adaptar” para não falar mal dos argentinos. Nessa forma de dizer, podemos interpretar, então, que ela tem que realizar um esforço para não coincidir com os brasileiros que reproduzem esse estereótipo, esforço que se justifica pela relação com a mãe e com a família argentina.

Além disso, diante dessas opiniões ela não diz que “não é assim”, mas que “não é tão assim”, mecanismo de atenuação que indicaria que talvez não seja assim na sua totalidade, mas que pode haver um resto que ela acha que efetivamente é dessa forma. Isso expressa, ao nosso ver, a tensão que atravessa esse sujeito do entremeio que, no espaço de enunciação brasileiro, parece não querer contradizer seus compatriotas, mas que ao mesmo tempo, procura não falar mal dos argentinos, não necessariamente porque não concorde com essa opinião, mas porque tem família argentina. É como se tentasse, de alguma forma, não “trair” essa parte de sua constituição identitária, de suas origens. Porém, não pode evitar estar no entremeio, e isso lhe exige, como ela mesma expõe, um grande esforço de adaptação.

Finalmente, o funcionamento do real se mostra mais uma vez instaurando a contradição no final da sequência, onde afirma que os brasileiros dizem o que dizem “de brincadeira”. Então, poderíamos nos perguntar: se é uma brincadeira produzida em um determinado contexto social – o que sem dúvida responde a outras questões ligadas à relação imaginária entre ambos os países – por que isso, que é apenas uma brincadeira, produziria essa dor? Por que ela faria um esforço para não entrar na brincadeira se é apenas isso? A impossibilidade de resolver essa tensão nos mostra que os processos de identificação não são fechados, não se concluem de uma vez e para sempre, pelo contrário, eles são dinâmicos e instáveis, assim como a identidade.

Já na SD 17 cabe notar que, no começo da sequência, ao falar dos argentinos, Fernanda inicia atribuindo-lhes uma outra característica, relacionada com certa negatividade ou pessimismo (*“como tudo mal”*) que, na sua representação, os argentinos se autoimpõem. Mas, logo depois, aponta para um outro atributo que pareceria contradizer a primeira afirmação e que se refere a um ar de superioridade que faz com que os argentinos acreditem que vão “se dar bem”. Entendemos que, neste caso, não se trata de uma contradição como efeito do real, mas de uma contradição que é adjudicada ao outro na representação imaginária que se faz dele.

Esse fragmento está marcado também por várias hesitações, começos interrompidos e reformulações que mostram uma dificuldade na tentativa de definir o outro, onde não pode dizer tudo o que quer ("esse auto... auto... não sei..."; "não, que nós..." também tem algo de "nós sabemos, nós vamos dar a volta", ou seja, coisa de levá-la, levá-la... não sei como dizer em espanhol, mas..."). Isso expõe um desejo de controle do sentido que deriva na diluição da língua e na passagem do espanhol para o português, na ilusão de que na própria língua é capaz de significar adequadamente o que "quer dizer", possibilidade que conscientemente não acredita que seja possível na língua do outro.

Nessa tentativa de definir o outro recorre ao discurso direto, mecanismo que acabamos de observar na sequência anterior, mas que neste caso é utilizado, num primeiro momento, para trazer a representação do discurso dos argentinos sobre eles mesmos e, depois, para se referir a um enunciado próprio ("eh, como os brasileiros") proferido no passado, do qual agora, através deste mecanismo, procura-se distanciar marcando que atualmente não pensa da mesma forma pelas diferenças que conseguiu observar entre brasileiros e argentinos, introduzindo, mais uma vez o mecanismo comparativo. No primeiro caso é notório como esse dizer atribuído aos argentinos está perpassado pela tentativa de inscrição na ordem do simbólico da língua estrangeira, afetada pela interpretação do sujeito, que acaba falhando pelo funcionamento do real que, ao mesmo tempo que marca a impossibilidade de dizer tudo pela língua, abre a possibilidade de múltiplos sentidos. Isso, somado às constantes hesitações, faz com que o discurso se torne ambíguo, especialmente se consideramos que, pela diluição das línguas, pode estar utilizando construções linguísticas possíveis em espanhol, mas deixando-se orientar pelo modo de produzir sentidos que essas formas têm na língua portuguesa. É o caso de "nosotros vamos a dar la vuelta", que no espanhol da Argentina se associaria a uma vitória esportiva, mas que no português poderia apontar para "dar a volta por cima". No entanto, na passagem para sua língua, as paráfrases utilizadas são "se dar bem" e "uma forma de sair por cima", que abrem outros sentidos possíveis nesse encadeamento, pois têm o efeito, quase sempre, de tirar vantagem, embora saibamos que há nuances de sentido nessas expressões dependendo do contexto. O que observamos nessas formulações é a sobreposição de várias imagens que não consegue concretizar para definir o outro e que, na ilusão de controle, busca expressar na sua língua, procurando o modo certo de dizer no âmbito familiar que sua língua supostamente lhe outorga. As hesitações, por outro lado, também deixam em aberto múltiplos sentidos. Por exemplo, em "nosotros sabemos", poderíamos nos perguntar o que é que na projeção imaginária do sujeito os argentinos sabem? Ou em "cosa de llevarla", que inclui um pronome de complemento direto, qual seria o referente? De que coisa está falando? Também não fica claro

no fio discursivo. Finalmente isso deriva na associação com "uma coisa muito europeia", onde se repete a "coisa" acrescentando assim mais elementos indeterminados que, no conjunto, acabam por construir um discurso ambíguo.

Na sequência, então, "uma forma de sair por cima" associa-se com uma "coisa muito europeia". Porém, no fio discursivo essa associação vira para uma atitude dos argentinos de se orgulhar por ter origens italianas. Entendemos esse movimento como um entrelaçamento de várias imagens estereotipadas, uma vez que, ao apontar que os argentinos, na sua arrogância, acreditam se parecer aos europeus e por isso, simbolicamente, "merecer uma medalha", está sustentando a ideia de que os argentinos têm uma imagem da Europa muito positiva e que a consideram superior. Mas também, ela mesma está reforçando o estereótipo da superioridade europeia ao considerar que a pretensão dos argentinos de se parecer a dito continente constitui uma hiper valoração, quer dizer, se acham em pé de igualdade com um elemento que está acima de seu patamar, portanto, se valorizam demais.

Nesse entrelaçamento de imagens observa-se também a alusão aos brasileiros que, de acordo com seu dizer, também teriam uma imagem "hiper valorativa" da Europa (*"como los brasileños"*). No entanto, a imagem que ela tem da imagem que os brasileiros têm da Europa que, no começo, era comparável com a dos argentinos, parece ter sido transformada quando começou a transitar na experiência da imigração (*"después fui viendo algunas diferencias"*). O sujeito, atravessado pela ideologia e pelo inconsciente, cai na contradição, agora sim como efeito do real, na medida em que, como observamos no parágrafo anterior, seu tropeço na língua nos mostra a identificação com o discurso da hiper valoração europeia. Vemos assim, nesse breve fragmento, como o jogo de imagens sobre si e sobre os outros funciona para reforçar determinados estereótipos que estão na base dessas formações imaginárias, consolidadas pela repetição de uma série de discursos que circularam e circulam em uma formação social e que funcionam como condição de produção desse enunciado.

Finalmente, gostaríamos de destacar que a SD 18, embora não se enquadre exatamente dentro do estereótipo da arrogância, expõe uma outra imagem estereotipada dos argentinos que, inclusive, é formulada de forma representada pelo próprio sujeito. Difíceis, rudes, mal-humorados. Esses três adjetivos podem resumir a imagem do argentino compartilhada por Fernanda e sua família e definida por ela como um estereótipo, como uma informação que eles trazem – de outros discursos já-ditos e já ouvidos, poderíamos acrescentar – e que pela forma de dizer não parece responder à experiência da migração (*"pois é o estereótipo que também têm por lá"* [no Brasil]) e sim a discursos outros que conformam a rede de memória discursiva na qual os sujeitos se inscrevem. Note-se que a inclusão do "também" nos dá indícios de que

ela se identifica, de fato, com esse enunciado e isso funciona como elemento de consolidação do elo social e afetivo com seu grupo de pertencimento (*"algo familiar de afetivo que se constrói também de dizer que o outro 'viu como são... nós somos diferentes', como a família para a pessoa se afirmar em algo")*. Dessa forma, reforça-se a polarização nós/eles e, pelo mecanismo da universalização, se atribuem traços totalizantes a esse "eles". Além disso, note-se que na expressão "é um mau humor generalizado", tira-se o foco das pessoas concretas para dar uma ideia de alguma coisa maior, impessoal, que "sobrevoa" o ambiente e que, portanto, atinge a todos.

Vemos, assim, que as imagens estereotipadas do outro, que em alguns casos servem para a construção do sujeito do desejo, do acolhimento, neste caso produzem um efeito de distanciamento e contribuem para a construção da diferença que possibilita a reafirmação ilusória de identidades homogêneas de si e do outro.

5.3 ESTEREÓTIPOS DOS/SOBRE OS BRASILEIROS: A ILUSÃO DA IDENTIDADE NACIONAL

Vimos na seção anterior que os brasileiros em condição de imigração projetam no discurso determinadas imagens do outro nativo. Essas imagens não provêm do nada, senão que estão sustentadas também nas projeções imaginárias que eles realizam sobre si mesmos e sobre sua própria identidade que, graças a Lacan, sabemos que é vivenciada ilusoriamente como uma unidade. Assim, não podemos falar das imagens do outro sem nos referir, implícita ou explicitamente, às próprias, pois elas funcionam como ponto de referência das percepções dos sujeitos. O conteúdo dessas imagens estará, por sua vez, sustentado por discursos outros com os quais os sujeitos podem se identificar ou não.

Em algumas das sequências analisadas anteriormente, de fato, começamos a esboçar certas observações sobre as características que os sujeitos se atribuíam a si mesmos, estabelecendo diferenciações com aquelas que, no seu imaginário, descrevem aos argentinos. E essa é, com efeito, a primeira questão a destacar: todas as menções sobre os brasileiros produzidas nas sequências analisadas funcionam para marcar um distanciamento com o outro e não para indicar pontos de contato.

Procuraremos agora aprofundar essa questão com o objetivo de analisar a forma como os sujeitos em condição de imigração se projetam imaginariamente no discurso, quais são os estereótipos que funcionam nessas imagens e como isso afeta ou não os processos de identificação com o outro. Isso porque entendemos, junto com Coracini (2007, p. 59), que "as

representações que fazemos do estrangeiro e as representações que o estrangeiro faz de nós atravessam, de modo constitutivo, o sentimento de identidade subjetiva, social e nacional" e essas duas representações, embora para efeitos de análise estejam separadas, constituem, na verdade, duas faces da mesma moeda.

Ainda sobre a questão da identidade nacional e sua relação com o mecanismo imaginário, Orlandi aponta que:

> Faz parte do imaginário do sujeito, em sua diferença, pensar a unidade para identificar-se, assim como também faz parte desse mesmo sujeito [...] ter de referir-se a uma pátria para ter uma identidade "nacional". Se, pela teoria, sabemos que a unidade é uma ilusão, constitutiva e necessária, mas uma ilusão produzida pela relação imaginária do sujeito com suas condições de existência, assim também a necessidade de uma referência inequívoca a uma nacionalidade é uma ilusão. Mas esta tem um caráter eminentemente político importante de se realçar. Mais do que isso: é essa ilusão que sustenta em grande medida as nossas formas do social. (ORLANDI, 2007c, p. 130-131)

E é considerando as condições de existência e as formas do social que afirmamos, como o fizemos no capítulo 2, que não podemos falar do "estrangeiro" em geral, porque as representações do outro variam em função de quem é esse outro e dos discursos reproduzidos historicamente de/sobre eles. Mas também entendemos que é variável a representação de si mesmo de acordo com as condições de produção do discurso. Por exemplo, poderíamos supor que as imagens projetadas sobre si no discurso de um brasileiro em condição de imigração nos Estados Unidos ou em algum país de Europa não serão as mesmas das que vamos analisar aqui, considerando as condições de produção próprias dos sujeitos entrevistados para este trabalho.

Ainda sobre esta questão, vale a pena mencionar que no capítulo intitulado "A celebração do outro na constituição da identidade do brasileiro", Coracini (2007) analisa textos publicados na imprensa escritos por estrangeiros e por brasileiros, onde procura observar as representações sobre o Brasil e sobre o povo brasileiro. Nesse capítulo, o corpus analisado se foca especificamente nos discursos dos americanos e europeus sobre o Brasil e dos brasileiros sobre eles mesmos e sobre os americanos e europeus. A autora observa, por um lado, que em ambas as direções há uma certa admiração, provavelmente sustentada no desejo do outro, do diferente e exótico, do preenchimento de uma falta constitutiva do sujeito. Por outro lado, ela conclui que a maioria dos textos dos brasileiros mostra uma internalização do discurso do colonizador que faz com que se sintam consciente ou inconscientemente em uma posição subalterna diante do americano e do europeu, o que redunda numa desvalorização de si mesmo e da própria cultura.

Por outro lado, Ramos (2017) destaca, na sua tese, a forma segundo a qual os brasileiros, na condição de estrangeiros em países do primeiro mundo, colocam-se no lugar de subalterno,

cumprindo com os comportamentos estereotipados que se esperam deles, o que demonstra que a hierarquia imaginária entre os países (do ponto de vista geopolítico, cultural, histórico, etc.) influencia no processo migratório e nos processos de identificação que esse estrangeiro poderá estabelecer ou não com o outro no país de chegada.

Trazemos a referência a esses textos porque nos fazem refletir sobre as particularidades de nosso objeto de estudo e sobre os elementos inéditos que a particular relação entre brasileiros e argentinos colocam para à análise, haja vista que não há entre ambos os países uma relação colonizador/colonizado, primeiro mundo/terceiro mundo. De fato, o que os dois países compartilham é, precisamente, um passado colonial. Não se trata, então, de países cujo vínculo esteja marcado por relações de dominação de um sobre o outro, embora possam existir áreas ou aspectos nos quais há uma disputa de poder no anseio de expressar uma superioridade. Poderíamos arriscar, inclusive, que talvez seja essa ausência de hierarquia a que "justifica" de alguma forma a existência de uma rivalidade (real ou "de brincadeira") em torno de aspectos "secundários" tais como futebol, música, comida etc.

Assim, nos discursos dos brasileiros em condição de imigração na Argentina, é mais difícil observar uma posição de subalternidade, embora existam aspectos do país hospedeiro que os sujeitos valorizam (por exemplo, a educação e as oportunidades de trabalho, que funciona ademais como um dos grandes motivos que provocam a migração). Mas isso não significa que se coloque a Argentina e os argentinos em uma categoria superior. Parece, ao contrário, como se existisse uma necessidade de sopesar vantagens e desvantagens e de ressaltar as características positivas dos brasileiros em detrimento daquelas atribuídas aos argentinos. A seguir, apresentamos algumas sequências discursivas que dão conta disso.

5.3.1 "Somos mais abertos. Temos problemas, mas somos felizes"

Ao analisar as sequências relacionadas com a imagem que os brasileiros têm dos argentinos, observamos uma quase unanimidade no que se refere ao caráter fechado destes e às dificuldades experimentadas na tentativa de fazer amizade com eles. Percebemos, também, que em algumas dessas sequências se marcava uma distinção entre os argentinos de Buenos Aires – os portenhos, mas que continuavam sendo designados sob o termo totalizante de "argentinos" – e os de outras províncias, que acabavam sendo projetados como estrangeiros no seu próprio país. Em vários desses discursos observamos que a imagem do outro era apresentada discursivamente a partir de uma comparação com a imagem dos brasileiros, numa tendência quase inevitável à produção de um contraste entre ambas as formas de se relacionar, entre ambas

as “identidades”, representadas de modos tão diferentes. Não é estranho, então, que ao falar de si mesmos, também acudam à utilização de comparações com esse outro de quem, neste aspecto, intentam se distanciar. Vejamos:

> **SD 19** – *En Brasil* somos *mucho más* abiertos, hablamos *más*, tenemos un poco *más* paciencia. *Acá* la gente a mí me impresiona que es muy dura como... qué sé yo... es una ciudad muy grande, cada uno está en su mundo. En *Brasil* no somos *tan* así. (VITÓRIA)[64]

> **SD 20** – De *Brasil* extraño mucho a la gente. O sea, *Brasil* tiene muchos problemas económicos, hay mucha pobreza, mucha desigualdad, pero *la gente* se acostumbró a eso y trata de vivir por ahí, *teníamos* poco, pero *vivíamos* bien, por así decir. *Acá* no, *acá* la *gente* quiere siempre más. Y la *gente* en las calles es lo que más extraño, o sea, *allá son* amables porque *somos* amables, nos gusta salir bien y estar bien. Más lentos, fiesta, *todo* es alegría *la mayoría*. En Argentina ya no, son todos *más* cerrados... (VITÓRIA)[65]

> **SD 21** – Yo lo que veo es que *allá en Brasil* por más pobre que *seamos, la gente es feliz*, ¿no? poquito lo que tenga o mucho, *es feliz*. Si tiene que festejar un cumpleaños, bueno, se olvida de sus problemas, todos tenemos problemas, en ese momento *dejamos* de costado y bueno, *disfrutemos* este momento Y *acá* no, nada más *trabajamos, pensamos* nada más que en la plata y no *disfrutas* la vida, vivimos trabajando y no *veo* fruto, algo lindo, ¿viste? ¿no? (LARISSA)[66]

É notório, nas três sequências, o mecanismo comparativo ao que se recorre para definir as características dos brasileiros e que está explicitado, principalmente, pelas referências espaciais (“No Brasil” x “Na Argentina”; “lá” x “aqui”) e, em segundo lugar, pelo uso do advérbio comparativo *más* (*mais* em português). Assim, seguindo a lógica polarizadora que estamos observando no conjunto das sequências, a comparação se articula com a universalização para estabelecer traços homogêneos nos grupos nacionais designados, atribuindo-lhes, pelo funcionamento do imaginário, uma identidade ilusória, a afirmação de uma suposta personalidade unívoca para cada nacionalidade. Dentro dessa lógica, se “no Brasil somos mais abertos, falamos mais e temos um pouco mais paciência” é porque na Argentina,

---

[64] SD 19 – No Brasil somos muito mais abertos, falamos mais, temos um pouco mais de paciência. Aqui me impressiona que as pessoas são muito duras como... não sei... é uma cidade muito grande, cada um está na sua. No Brasil não somos tão assim.

[65] SD 20 – Do Brasil sinto muita falta das pessoas. Ou seja, o Brasil tem muitos problemas econômicos, tem muita pobreza, muita desigualdade, mas as pessoas já se acostumaram com isso e tentam viver, tínhamos pouco, mas vivíamos bem, por assim dizer. Aqui não, aqui as pessoas sempre querem mais. E as pessoas na rua é o que mais sinto falta, ou seja, lá são amáveis, porque somos amáveis, gostamos de sair bem e estar bem. Mais lentos, festa, tudo é alegria a maioria. Na Argentina já não, são todos mais fechados...

[66] SD 21 – Eu o que vejo é que lá no Brasil, por mais pobre que sejamos, as pessoas são felizes, né? Tenha pouquinho ou muito, são felizes. Se têm que festejar um aniversário, bom, esquecem seus problemas, todos temos problemas, nesse momento deixamos de lado e bom, aproveitemos esse momento. E aqui não, só trabalhamos, pensamos apenas na grana e não vives a vida, vivemos trabalhando e não vejo o fruto, algo lindo, viu? Né?

em contraposição, “são menos abertos, falam menos, têm um pouco menos de paciência”. Se na Argentina “são todos mais fechados” é porque no Brasil “somos mais abertos”. Em alguns casos, os dois termos da comparação são explicitados, enquanto em outros eles se mantêm no espaço do não-dito.

Temos, por outro lado, a menção explícita, na SD 19, de uma outra característica atribuída aos outros, a dureza (“Aqui me impressiona que as pessoas são muito duras”), que, associada ao comentário posterior sobre o tamanho da cidade que implica que cada um “esteja na sua”, pode apontar para os sentidos de frieza, insensibilidade ou indiferença dessas pessoas com os demais. Por outro lado, a menção da cidade nos leva a pensar que o “aqui” aponta nesse contexto para Buenos Aires e não necessariamente para o país todo, e “as pessoas” para os portenhos. A sequência acaba com o retorno da comparação, dessa vez pelo uso da referência espacial e do *tão*: “No Brasil não somos tão assim”. A comparação, então, não se dá entre elementos equivalentes, uma vez que se está comparando um país inteiro com uma cidade – na verdade, com a projeção imaginária desses espaços. No entanto, isso nos mostra um deslizamento metonímico pelo qual a cidade se sobrepõe à nação no plano discursivo, aspecto que aprofundaremos no próximo capítulo. Cabe dizer também que, embora o mecanismo universalizante abarque essas duas dimensões, torna-se mais impactante quando se refere a um país das dimensões do Brasil, sem fazer nenhum tipo de distinção, como se na totalidade do território todas as pessoas possuíssem as características descritas (abertos, sociáveis, pacientes, amáveis), independentemente do tamanho da cidade, do contexto, das singularidades etc.

O outro estereótipo presente nas sequências é o do Brasil como o lugar da festa e do seu povo como um povo alegre, amável, feliz. Mas como já dissemos, ao falar de si o sujeito fala também do outro constituindo efeitos de comparação que funcionam na reafirmação dessa identidade imaginada e sustentada pelos pré-construídos que atuam nos processos de identificação.

Os elementos para estabelecer essa comparação podem variar, mas acabam funcionando ativamente na reprodução do estereótipo. Ao longo deste capítulo fomos observando, de forma recorrente, a presença da imagem dos argentinos de Buenos Aires como pessoas fechadas, pouco abertas à amizade. Em contraposição, as sequências que estamos analisando agora apontam para esse traço de amabilidade que estaria ausente nos argentinos e presente no caso dos brasileiros. Essa amabilidade, por sua vez, está associada ao espírito festivo destes e a uma alegria que vai além das condições materiais. Na SD 20 o sujeito sustenta que, diante de um contexto de desigualdade e pobreza, o brasileiro se sobrepõe e isso acaba contribuindo para reforçar a imagem estereotipada, como também acontece na SD 21: a festa, o desfrute e a alegria

formam parte, nessa representação, da identidade do brasileiro, e nessa ilusão da identidade fixa é imutável, essas características se mantêm apesar das adversidades porque constituem sua "essência" ("por mais pobres que sejamos, as pessoas são felizes"; "esquecem seus problemas"; "aproveitemos esse momento"). Em contraste, o argentino se constrói como inconformista ("aqui as pessoas sempre querem mais") e ambicioso ("aqui só trabalhamos, pensamos apenas na grana"), características que explicariam a falta de amabilidade e solidariedade com os outros e que, posto em relação com os outros enunciados que estamos analisando, vai conformando essa imagem do argentino duro, individualista, fechado, mal-humorado.

Ainda em relação com as SD 20 e SD 21, chamam a atenção as evidentes oscilações nas formas de designação de si e do outro. Como fomos observando ao longo das sequências, ao falar dos argentinos, os sujeitos utilizam, geralmente, a terceira pessoa, seja do plural ou do singular, sob a forma "eles" e suas correspondentes conjugações, ou então, sob denominações tais como "o argentino", "os argentinos", "as pessoas", "la gente"[67]. Já ao falar dos brasileiros, na maioria dos casos, mesmo que falem do Brasil como um espaço distante do contexto de enunciação ("lá", "no Brasil"), a distância se encurta ao se incluir a si mesmo através do uso do nós, lembrando com Indursky (1992) que esse *nós* não abarca apenas o pronome, mas todos os elementos gramaticais que indicam o uso da primeira pessoa do plural ("No Brasil *somos* muito mais abertos"; "No Brasil *não somos* tão assim"; "*somos* amáveis"). Em muitos poucos casos utiliza-se a terceira pessoa ("os brasileiros são...") e, em outros, como no caso das SD 20 e SD 21, observam-se certas oscilações entre a primeira e a terceira pessoa do plural.

Na SD 20, por exemplo, apresentam-se algumas formulações que começam com o uso da terceira pessoa, o que produz um efeito de exterioridade (RAMOS, 2017), mas em seguida o sujeito volta a se colocar nesse espaço coletivo, identificando-se assim como parte desse grupo social, atribuindo-se a si mesmo as características enunciadas ("*as pessoas* já se acostumaram com isso e tentam viver, *tínhamos* pouco, mas *vivíamos* bem"; "lá *são* amáveis, porque *somos* amáveis").

Já na SD 21, as oscilações se intensificam e se dá um fenômeno que não tínhamos observado até agora: o sujeito se inclui tanto no coletivo dos brasileiros, quanto no coletivo dos argentinos, ao mesmo tempo que, por momentos, exclui-se do primeiro grupo. De fato, esse mecanismo de exclusão materializado através do uso da terceira pessoa se dá em várias oportunidades na entrevista de Larissa, como mostra a SD 15 ("Os brasileiros são mais

[67] Note-se que o funcionamento de "la gente" em espanhol é diferente do "a gente" em português. Enquanto este último corresponde ao pronome "nós" e, portanto, inclui o falante, "la gente" em espanhol se refere a um coletivo indeterminado de pessoas que não inclui necessariamente o falante, funcionando assim como terceira pessoa.

submissos"). Estamos ante a presença do que Indursky (1992) chama de quarta pessoa discursiva, entendida como a substituição da primeira pessoa pela terceira, que produz um efeito de "impessoalização" do sujeito pelo apagamento do eu na língua, representando-se como se fosse o outro. Seguindo essa autora, Ramos (2017) observou que nos discursos dos brasileiros em condição de imigração em países do primeiro mundo, esse funcionamento se dava principalmente como um efeito de distanciamento dos sujeitos e da não identificação com as características negativas que eles mesmos atribuíam aos brasileiros. A autora interpreta esse movimento como uma forma de manifestação da admiração pela cultura outra e do desejo de pertencimento. Porém, no caso que estamos analisando, e considerando que nas sequências observamos uma clara polarização em relação ao imaginário construído sobre si e sobre o outro, no qual as características positivas são atribuídas aos brasileiros e as negativas aos argentinos, talvez não seja possível afirmar que o dizer do sujeito na SD 21 expresse um efeito de distanciamento de si motivado pelo desejo do outro. O "ir e vir" entre o *nós* e o *eles* não é, nesse sentido, tão claro, e entendemos que nesse dizer o que se mostra é a contradição do sujeito no processo de identificação, um desdobramento que aponta para o real desse sujeito do entremeio que não pode ser simbolizado.

Por outro lado, do ponto de vista dos dêicticos utilizados, observamos que, embora haja uma primeira distinção espacial entre "lá" (Brasil) e "aqui" (Buenos Aires – Argentina), isso não impede o movimento discursivo do sujeito que deambula entre esses espaços simbólicos. Assim, Larissa diz "allá en Brasil por más pobre que *seamos*, *la gente es* feliz", utilizando a primeira pessoa do plural no verbo, mas complementando com a terceira pessoa ("la gente"). Esse "la gente" até poderia ser interpretado como um deslizamento do português "a gente", porém, a sequência continua com a terceira pessoa ("si *tiene* que festejar... *se olvida* de sus problemas") para voltar a se incluir no grupo ("en esse momento *dejamos* de costado"). Ao falar do "aquí", em referência ao espaço de imigração, ela também mostra a identificação pelo uso da primeira pessoa do plural, ainda que esteja falando de uma característica apresentada como negativa ("nada más *trabajamos*, *pensamos* nada más que en la plata"; "*vivimos* trabajando"). O curioso é que apela também para a primeira e segunda pessoa do singular ("no *disfrutás* la vida"; "no *veo* fruto, algo lindo"). Nessa oscilação o sujeito acaba ocupando simultaneamente vários espaços, sem delimitá-los claramente, constituindo-se assim como um sujeito entre-lugares (CORACINI, 2011).

Para concluir, queremos frisar que a exposição à alteridade dos brasileiros em condição de imigração em Buenos Aires os faz atravessar processos de identificação que, como estamos sustentando neste trabalho, se mostram na materialidade da língua através de determinados

mecanismos discursivos que nos permitem observar também o entrelaçamento entre as dimensões do real, do simbólico e do imaginário na produção de sentidos por parte desses sujeitos da linguagem.

De acordo com o que foi analisado neste capítulo, onde procuramos observar os processos de identificação dos sujeitos imigrantes com o outro – sujeito do (não) acolhimento –, alguns mecanismos mostraram um funcionamento muito significativo nos dizeres dos entrevistados. Destacamos, em primeiro lugar, o mecanismo da comparação que, articulado com o da universalização, expõe a projeção de imagens recorrentes dos argentinos de Buenos Aires como pessoas fechadas e superficiais, especialmente no que diz respeito à construção de vínculos de amizade com o estrangeiro. Enquanto isso, os brasileiros são projetados como pessoas abertas, sociais, amigáveis. Por outro lado, observamos que essas imagens polarizadas não respondem a estereótipos consolidados, mas a experiência da imigração dos sujeitos nessas condições de produção específicas. No entanto, em outros casos, sim, pudemos ver o surgimento de certas imagens cristalizadas, fixadas na memória do dizer, como por exemplo, a dos argentinos arrogantes e a dos brasileiros felizes e alegres. Nas sequências analisadas, notamos que há uma identificação simbólica e imaginária com esses estereótipos e, desse modo, se reforça a ilusão dessas identidades, ao tempo que se acentua o efeito de distanciamento com o outro.

Essa distância aparece metaforizada pela imagem da casa que estabelece limites simbólicos claros que impedem ao sujeito imigrante entrar no universo privado do outro. Essa metáfora, articulada com os mecanismos da repetição e da negação, nos termos que foram trabalhados aqui, expõem um aspecto do real, um desejo de aproximação e de pertencimento que não é satisfeito. Na nossa interpretação, essa recusa contribui para fortalecer a não identificação do sujeito estrangeiro, levando-o à reafirmação da polarização e do distanciamento e, com isso, a reprodução das imagens estereotipadas de si e do outro que reforçam as ilusórias identidades nacionais.

Finalmente, mecanismos como a hesitação, a atenuação, o desdobramento e a diluição contribuíram na nossa análise para nos mostrar tanto as determinações da cena enunciativa e das condições de produção dos discursos, quanto o caráter do imigrante como sujeito do entremeio, quem, pese às tentativas de controle do sentido das suas palavras, não pode se esquivar do real, não pode evitar o equívoco.

Levando em conta estas considerações, no próximo capítulo propomos observar nas sequências discursivas os processos de identificação dos sujeitos brasileiros em condição de

imigração, dessa vez tomando como objeto de identificação o espaço da cidade de Buenos Aires.

6 OS PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO NA ORDEM DA CIDADE

Para começar este capítulo se faz necessário retomar alguns aspectos que já foram desenvolvidos nos capítulos anteriores para observar de que forma eles se relacionam e se integram nas sequências discursivas que trazemos agora para a análise. Um desses aspectos é a questão do espaço, e fundamentalmente o espaço da cidade da forma como ele é trabalhado pela AD e que foi introduzida no capítulo 3, isto é, a cidade como espaço simbólico significante onde os sujeitos inscrevem suas práticas. Como mencionamos oportunamente, a reflexão sobre a cidade surge neste trabalho a partir da observação no corpus da relevância que os próprios sujeitos entrevistados lhe outorgavam na narrativa da sua experiência migratória.

Por outro lado, dado que estamos trabalhando com sujeitos imigrantes, não podemos desconsiderar que seus discursos se dão a partir de condições de produção especificas, nas quais a historicidade e a memória da imigração no espaço de enunciação argentino têm um papel fundamental, tal como foi analisado no capítulo 2. Nesse sentido, a questão do espaço se configura necessariamente na relação com o Estado nacional "que significa politicamente o espaço e os sujeitos que o habitam" (RODRÍGUEZ-ALCALÁ, 2003, p. 83) e tem o poder de estabelecer fronteiras reais e simbólicas, determinando quem tem ou não tem o direito de estar dentro delas.

Esse sujeito imigrante foi descrito ao longo deste trabalho como um ser entre-línguas, já que enuncia na língua estrangeira, mas atravessado pela língua materna que o constituiu como sujeito da linguagem, aspecto que pudemos observar materialmente em várias das sequências analisadas no capítulo 5. Nesta oportunidade observaremos também que ele é um sujeito entre-espaços, uma vez que, habitando um novo espaço, não pode se desprender do seu espaço de referência, o que reforça a forma como estamos entendendo esse sujeito tão particular – o imigrante – como sujeito do entremeio.

O que propomos observar neste capítulo, então, é como é discursivizada a cidade de Buenos Aires pelos sujeitos brasileiros em condição de imigração, como eles se inscrevem na ordem dessa cidade – que funciona também como condição de produção de seus discursos –, quais são as práticas discursivas que realizam nesse espaço que, por outra parte, exigem a inscrição na língua estrangeira para poder gerenciar sua existência no dia a dia nessa formação social específica.

Cabe lembrar que quando falamos da inscrição na ordem da cidade, estamos trazendo a distinção que Orlandi (2007c; 2011) faz entre organização e ordem. De acordo com a autora, a primeira tem a ver com a experiência empírica que é atravessada pelo imaginário projetado

sobre a cidade, enquanto a segunda aponta para a inscrição no simbólico, onde irrompe também o real através dos equívocos, as contradições, as rupturas do logicamente estabilizado, o que nos mostra que a inscrição do sujeito na ordem da cidade implica necessariamente um entrelaçamento entre o real, o simbólico e o imaginário.

No capítulo 5 também observamos, a partir de Orlandi (2011), a tensão entre a casa e a rua e analisamos o efeito metafórico que apontava a menção do significante *casa* nos dizeres dos entrevistados e, com isso, o deslizamento para a tensão entre o público e o privado. Nesse sentido, entendemos que pensar agora a relação do sujeito imigrante com a cidade requer "pensar como a cidade faz sentido no sujeito, como ela se diz nele" (ORLANDI, 1998 b, p. 4) o que nos leva a refletir sobre o que representa para ele esse espaço público, o que acontece com ele quando sai de casa e vai para a rua, quando deve materializar suas práticas sociais, transitar, habitar esse espaço onde se articulam o cultural, o histórico, o social, o econômico, o linguístico etc.

Entendemos que nesse movimento a cidade se constitui também como um objeto de identificação, na medida em que é compreendida como um "espaço simbólico, presentificador das identidades e processos de identificação constitutivos de novas formas de subjetivação" (ROURE, 2001, p. 127). Trata-se, ao nosso ver, de observar como os sujeitos imigrantes, na sua busca pelo pertencimento a esse espaço, imprimem no discurso as marcas da sua relação com a cidade e deixam entrever de que forma são afetados por ela.

Para organizar as análises dividiremos as sequências discursivas em cinco blocos. No primeiro, analisaremos uma serie de sequências que remetem a situações nas quais os sujeitos têm que se inscrever na língua estrangeira para realizar determinadas práticas discursivas necessárias para se movimentar na cidade e para realizar as ações cotidianas no espaço público que requerem entrar em contato com outros. Num segundo momento, analisaremos, a partir das sequências selecionadas, as projeções imaginárias dos sujeitos imigrantes sobre a cidade, projeções que, como sabemos, tentam mascarar a dimensão da falta própria do simbólico e do real. Em terceiro lugar, nos ocuparemos das contradições que surgem nos discursos dos imigrantes brasileiros em Buenos Aires na forma de dizer a cidade. No quarto bloco abordaremos sequências que dizem respeito ao funcionamento da cidade e que envolvem situações ligadas às técnicas materiais de gestão dos indivíduos, procurando observar como isso afeta os sujeitos e se marca em seus discursos. Finalmente, propomos realizar um deslocamento da cidade para a categoria do nacional com o objetivo de analisar as representações dos sujeitos sobre o Brasil e a Argentina, sustentadas, em alguns casos, em imagens estereotipadas

reproduzidas historicamente que contribuem na construção da relação imaginária entre ambos os países.

6.1 PRÁTICAS DISCURSIVAS NA CIDADE: O SOTAQUE DELATANDO O FALANTE

6.1.1 "Nem sempre quero dizer de onde sou"

Neste primeiro bloco nos ocuparemos de analisar sequências que expõem práticas discursivas que os sujeitos imigrantes realizam em diversos espaços da cidade: na rua, no táxi, no local de trabalho ou estudo, em situações de socialização, ao fazer uma compra etc. Todas essas práticas implicam para o imigrante, como dissemos, uma inscrição na ordem do espaço da cidade, que exige um movimento de adaptação a um modo de funcionamento específico, mas também a inscrição na ordem da língua estrangeira, uma vez que necessariamente devem tomar a palavra na língua do outro para realizar ações cotidianas no âmbito público. Uma questão que se mostrou recorrente nas entrevistas foi a manifestação de um incômodo pelo fato de serem reconhecidos como estrangeiros pelo sotaque. Vejamos:

> **SD 22** – Eh... para mí es muy *difícil* mejorar fonéticamente, *eh...* no logro bajar mi tono carioca. Sé que algunas personas que estudian la lengua logran hacer que el sotaque *tenga…* entonces para mí es una *dificultad*, la cuestión bucal, que sé yo. […] Mira que intento y hay días que yo digo "no, ahora voy a lograr, hacer con la boca cerrada y...", *"ah, ¿sos de dónde?"... "bueno, de Brasil"*. *Siempre, siempre... como... no, dificilmente...* […] Llega una hora que es como *"aaaaggg... otra vez"*. O dicen *"Ay, qué lindo Río", "ay sí, es lindo"*. Es como que *tiene toda esta introducción que...* (FERNANDA)[68]

> **SD 23** – Siento una dificultad en relación *a...* a *siempre* estar adelante de mí, *mi nacionalidad por el tema de mi acento*. Entonces yo llego en una escuela, por ejemplo, visito muchas escuelas, llego a una escuela y las personas que no me conhecem antes de preguntar quién soy o qué estoy haciendo, preguntan *"¿de dónde sos?"* Entonces esto me causa una molestia en el sentido de *que...* bueno, soy una profesional que vine acá a hacer esto y esto… Quizás no quiero *siempre* decir de dónde soy, no soy algo distinto, *¿no? no sé.* Hay que reafirmarse siempre, me parece que... custa, cuesta esto. (ANA)[69]

[68] SD 22 – Eh... para mim é muito difícil melhorar foneticamente, eh... não consigo baixar meu sotaque carioca. Sei que algumas pessoas que estudam a língua conseguem fazer com que o sotaque tenha... então para mim é uma dificuldade, a questão bucal, sei não. [...] Olha que eu tento e tem dias que eu falo "não, agora vou conseguir, fazer com a boca fechada e..." "ah, você é de onde", "bom, do Brasil". Sempre, sempre... como... não, dificilmente... [...] Chega uma hora que é como "aaaagggg... de novo". Ou dizem "ah, que lindo o Rio", "ah, sim, é lindo". É como que tem toda essa introdução que...

[69] SD 23 – Sinto uma dificuldade em relação a... a sempre estar adiante de mim a minha nacionalidade pelo tema de meu sotaque. Então eu chego numa escola, por exemplo, visito muitas escolas, chego numa escola e as pessoas que não me conhecem, antes de perguntar quem sou ou que estou fazendo, perguntam "De onde você é?" Então isso me causa um incómodo no sentido de que... bom, sou uma profissional que vim aqui para fazer isso e isso...

SD 24 – En el taxi, en el kiosco, *muchas veces* intento... en el taxi no hay cómo hacer, ¿no?, pero en el kiosco yo no hablo, intento, tomo lá [jajaja] porque *muchas veces* me pasa, yo hablo me da otro precio, entonces me da *mucha* pena, por mi manera de hablar piensa que soy turista, que no sé cuál es el precio que vale, entonces, por supuesto, *no son todos*, pero intento hacer algo así y... y en el taxi también *siempre* que siento me preguntan *"¿y vos de dónde sos?"* (ANA)[70]

SD 25 – Quando nós saímos, por exemplo, tomamos um taxi, minha filha, meus netos, *a gente evita falar* em português, talvez porque a gente ficou com algum trauma de alguma coisa, mas *a gente evita* ou, e qualquer coisa fala minha filha "mamá, por favor", entendeu? (ISABELA)

SD 26 – Ya me pasó "profesor, no entendí". El profesor *"bueno, no te fui a buscar en Brasil, así que…"* Ya me pasó. […] *Nos ha pasado a todos*. Es mucho común escuchar *"si tu país es tan bueno ¿porque no sigues allá?" o "ay, otro brasileño que viene a aprovecharse de la facultad gratis de Argentina",* pero eso *nos pasa a todos*. También *hay muchos argentinos que pelean en nuestra defensa*, sabes, cosa que ... a mí me parece que es más de persona para persona de que cultural en general. De forma general me parece que los argentinos y los brasileños se llevan muy bien. (JOÃO)[71]

Todas as sequências precedentes expressam, de uma ou outra maneira, o que mencionamos no capítulo 3 tomando emprestada a frase de Molloy (2016), na que afirma que *o sotaque delata o falante*, estabelecendo uma assimetria nesse encontro, especialmente se se trata de um primeiro contato. Também vimos com Celada (2002), na sua retomada de Melman (1992), que o sotaque produz um "efeito de designação", quer dizer, que designa o sujeito como estrangeiro. O que podemos observar agora, nos dizeres desses sujeitos, é como isso afeta sua subjetividade, o que implica para eles que, ao tomar a palavra na língua estrangeira, o que fique em primeiro plano seja sua nacionalidade, seu não pertencimento a esse espaço.

A partir dos relatos que acabamos de ler, vemos que a escuta do sotaque determina em algum ponto esse encontro com o outro e até direciona o percurso da conversa a partir da ativação de determinadas projeções imaginárias que, embora saibamos que sempre se

---

Talvez nem sempre quero dizer de onde sou, não sou algo diferente, né? Não sei. Tem que se reafirmar sempre, me parece que... não é fácil isto.

[70] SD 24 – No táxi, no quiosque, muitas vezes tento... no táxi não tem como fazer, né?, mas no quiosque eu não falo, tento, pego lá [hahaha] porque muitas vezes acontece comigo, eu falo e me dá outro preço, então me dá muita tristeza, por minha forma de falar pensa que sou turista, que não sei qual é o preço que vale, então, claro, não são todos, mas tento fazer algo do tipo e... e no táxi também sempre que entro me perguntam "e você é de onde?"

[71] SD 26 – Já aconteceu comigo "professor, não entendi". O professor "bom, eu não fui te buscar no Brasil, então..." Já aconteceu comigo. [...] Aconteceu com todos. É muito comum ouvir "se teu país é tão bom, porque não fica lá?" ou "ah, outro brasileiro que vem se aproveitar da faculdade grátis da Argentina", mas isso acontece com todos. Também tem muitos argentinos que lutam para nos defender, sabe, coisa que... eu acho que é mais de pessoa para pessoa do que cultural em geral. De forma geral, me parece que argentinos e brasileiros se dão bem.

encontram em funcionamento na interlocução, assumem uma maior relevância diante da exposição a uma alteridade percebida como distante, diferente, ou até exótica. As cenas descritas nas sequências mostram, através de diferentes mecanismos, o desconforto que essa situação produz.

No caso da SD 22, por exemplo, expõe-se uma luta por "diminuir" o sotaque próprio da língua materna e um esforço por conseguir articular o som de determinada forma com o objetivo de não ser reconhecida como estrangeira. Sabemos que falar uma língua estrangeira exige, em muitos casos, a produção de sons diferentes aos da língua materna, que exigem movimentos físicos em relação aos pontos de articulação na boca e à passagem do ar, a posições determinadas dos lábios, dentes, língua, enfim, que envolvem uma grande mudança numa ação tão cotidiana como é o ato de falar. Nas palavras de Celada,

> Trata-se de uma verdadeira desterritorialização e reterritorialização e, também, de uma ressignificação simbólica do real do corpo que consegue fazer-se visível no rosto. O sotaque seria, portanto, efeito de um resto que sobra como inércia, efeito dado pela diferença do impacto que a articulação da nova língua exerce sobre esse real – o do corpo. Efeito, enfim, dos deslocamentos que esta lhe impõe. (CELADA, 2002, p. 25-26)

É isso que fica exposto nas palavras de Fernanda quando fala da "questão bucal" ou quando diz que tenta "fazer com a boca fechada". Quer dizer, observamos um sujeito que conscientemente procura, realizando um grande esforço, adaptar o funcionamento do seu aparelho fonador para produzir os sons da língua outra e conseguir reproduzir o sotaque próprio desse espaço, dissimulando com isso sua condição de estrangeira. No entanto, não consegue se esquivar dos efeitos do real do corpo, porque do que estamos falando aqui não é apenas de uma questão física. Nesse sentido, Serrani chama a atenção sobre o fato de que a inscrição numa língua estrangeira envolve uma esfera existencial do sujeito: o corpo, mas não entendido apenas na sua dimensão biológica, mas enquanto suporte da subjetividade inconsciente. E acrescenta:

> O aparelho fonador e a movimentação muscular são requeridos pela quebra de automatismos fonatórios e de expressão gestual que acontece ao se tentar pronunciar sons, entoações e ritmos desconhecidos antes, ou ao realizar gestos novos. E é solicitada, também, a relação do sujeito com ele próprio, pois está em jogo a afirmação do eu enquanto sujeito que se autoriza a falar em primeira pessoa. Isso, no meu entender, tem implicações, tanto para a constituição do sujeito (enquanto posição de enunciação, pois não estou operando com a noção de indivíduo falante) e, também, à representação desse sujeito enquanto ego, que se apresenta como locutor "dono de seu dizer" em uma outra língua. (SERRANI-INFANTE, 1997, p. 4)

A partir destas reflexões podemos afirmar que falar uma língua estrangeira implica movimentos subjetivos muito mais profundos do que do ponto de vista pragmático poderíamos supor, o que resulta para o sujeito, como acabamos de ver com Celada, uma verdadeira

desterritorialização e reterritorialização. A luta do sujeito por apagar seu sotaque torna-se, desse modo, um elemento muito significativo para analisar sua inscrição na língua estrangeira. Mas, por outro lado, a permanência do sotaque da língua materna pode constituir uma forma de resistência inconsciente à despersonalização. Melman nos traz alguns questionamentos interessantes para pensar sobre isso:

> Em geral, quando se aprende uma língua estrangeira, o canto é o que recusamos abandonar. Queremos mudar de língua, mas queremos guardar a música da outra. E por que queremos falar nossa nova língua com a música da outra? Ou melhor, por que temos a impressão de conservar nossa identidade, pois é evidente que falar uma língua estrangeira é despersonalizante, por que então acreditamos conservá-la ao conservar a música da língua precedente? Isto poderia querer dizer que um dos elementos que asseguram a identidade daquele que fala uma língua é ligado à música? Por que não? (MELMAN, 1992, p. 52)

Como dissemos, esse "querer guardar a música" da língua materna é um processo que, ao nosso ver, se dá de maneira inconsciente e no qual se articulam, por um lado, a evidência da identidade que responde ao registro imaginário, e a dimensão do desejo e da perda ligada ao funcionamento do real.

O exposto nos mostra que conseguir falar uma língua estrangeira sem o sotaque da materna, se isso for possível, vai muito além de uma "questão bucal" e exige um grande esforço por parte do sujeito. Nos dizeres dos brasileiros, esse esforço parece justificar-se pelo incômodo e até pelo cansaço que implica ser reconhecidos como estrangeiros, o que se manifesta de diferentes formas nas sequências analisadas. Na SD 22 e na SD 23 vemos, por um lado, o funcionamento do que temos chamado de mecanismo de hesitação. Na primeira, se expressa pelas pausas e reformulações e até pela interrupção do fio do discurso em vários momentos ("algumas pessoas que estudam a língua conseguem fazer com que o sotaque tenha..."; "Sempre, sempre... como... não, dificilmente..."; "É como que tem toda essa introdução que..."), incompletude que abre espaço à polissemia, restos visíveis do que não consegue formular e que, no entanto, está ali produzindo sentidos. Também a hesitação se mostra em expressões do tipo "sei não" e, na SD 23, "não sou algo diferente, *né? Não sei*", onde vemos, por um lado uma solicitação de confirmação dirigida ao interlocutor e, por outro, uma tentativa de atenuação da afirmação precedente pelo reconhecimento desse "não saber" que poderíamos interpretar como um não saber se está certa, se cabe essa observação. O que fica claro, em ambas as sequências, é o desconforto que o reconhecimento da estrangeiridade produz nos sujeitos, chegando a se manifestar explicitamente nas palavras de Ana ("isso me causa um incómodo"), e pela irrupção de ordem corporal, no caso de Fernanda, pelo uso da onomatopeia "aaaagggg" seguido do

“outra vez”, o que podemos ler em conjunto como uma expressão de cansaço e até raiva pela repetição de uma situação que constantemente lhe faz lembrar que ela não pertence a esse lugar.

De fato, entendemos que é justamente por isso que a repetição é um dos mecanismos que se torna significativo nessas sequências. Por um lado, na SD 22, a repetição de *dificuldade* e seus derivados (*difícil, dificilmente*), que também aparece na SD 23 e, por outro, a repetição de sempre (“*sempre*, *sempre*... como... não, dificilmente...”; “*sempre* estar adiante de mim a minha nacionalidade”; “nem *sempre* quero dizer de onde sou”; “Tem que se reafirmar *sempre*”), que também surge na SD 24 (“no táxi também *sempre* que entro me perguntam”) na qual Ana, novamente, expõe essas cenas do cotidiano, ressaltando pela repetição de significantes que se trata de episódios recorrentes. Observe-se, nessa direção, a reiteração de *muitas*: “no quiosque, *muitas vezes* tento...”; “*muitas vezes* acontece”; “me dá *muita* tristeza”. Entendemos que essas repetições funcionam, como vimos no capítulo 5, como sintoma do sofrimento que se vê enfatizado pelo reconhecimento da estrangeiridade por parte do outro e que não faz mais que reafirmar o não pertencimento e a distância com esses outros dos quais o imigrante tenta se aproximar. A repetição da dificuldade, nesse sentido, funciona como expressão de um obstáculo, neste caso atribuído ao sotaque, algo tão próprio de qualquer sujeito que, ao pretender escondê-lo, deriva em tentativas frustradas, pois o sujeito acaba sendo “descoberto”. A consequência disso, como surge das SD 22, 23 e 24 pela utilização do discurso direto, é a pergunta tão temida: “você é de onde?”. O que se segue disso é, no melhor dos casos, uma conversa trivial, muitas vezes, inclusive, com tom amigável, mas que pela reiteração acaba sendo cansativa, como se expressa na SD 22. Em outros casos, a reação do interlocutor aponta para um certo reducionismo, como na SD 23, onde parece que a nacionalidade absorve toda atenção e interesse em detrimento de outros aspectos do sujeito, como quem é ou que traz como contribuição do ponto de vista profissional (“sou uma profissional que vim aqui para fazer isso e isso”). A percepção do sujeito, neste caso, é que seu sotaque faz com que sua nacionalidade se sobreponha a todo o resto, inclusive à sua própria identidade. Nesse sentido, as palavras de Ana poderiam deslizar para a resposta categórica: “sou mais do que uma imigrante, minha nacionalidade não é minha identidade”. Finalmente, podem surgir situações mais desagradáveis, como na SD 24, onde, afetado pelo jogo das projeções imaginárias, o sujeito estrangeiro sente-se mais exposto a ser ludibriado (“muitas vezes acontece, eu falo e me dá outro preço”).

Diante desses riscos, os sujeitos reagem com uma tentativa de dissimulação do sotaque ou então com a *retração da palavra*. Estamos trabalhando este mecanismo de retração a partir de Payer (2006), quem o concebe como o resultante de um conflito de base entre calar e falar.

O conflito, neste caso, se dá justamente pelo temor a ser reconhecidos como estrangeiros, uma vez que, na sua projeção imaginária, esse reconhecimento o coloca numa posição de maior vulnerabilidade onde é suscetível de atravessar uma situação incômoda ou ser alvo de algum tipo de violência simbólica, por exemplo, ser enganado com o preço de um produto ou serviço. Nas suas análises, Payer (2006, p. 140) afirma que "Exposto ao real do Outro, o sujeito recua para a sua própria língua". No nosso caso, o que observamos é que, exposto a esse real, o sujeito recua para o silêncio, silêncio que, como diz Orlandi (2007d), significa e, portanto, é interpretável. Assim, remetendo esse silêncio às condições em que se produz, isto é, em práticas concretas na cidade, como tomar um táxi, comprar alguma coisa no quiosque etc., entendemos que os sujeitos imigrantes se tornam silenciosos como um gesto de resistência, na medida em que na sua negativa a serem vulnerados procuram no silêncio estabelecer um certo controle do desenvolvimento da (não) interlocução e até como um mecanismo de autodefesa.

Esse mecanismo de retração surge de forma muito clara nas SD 24 e 25, trazendo, cada uma delas, elementos interessantes para a nossa análise. Além das questões já mencionadas, na SD 24 nos chama a atenção o seguinte enunciado de Ana, no marco da descrição do que acontece quando tenta comprar alguma coisa no quiosque: "me dá muita tristeza, por minha forma de falar pensa que sou turista, que não sei qual é o preço que vale". É interessante pensar nesse contexto a categoria de turista, que constitui uma outra designação para expressar o deslocamento de sujeitos entre espaços. De acordo com o que trabalhamos no capítulo 2, se pensamos essa categoria em comparação com a de estrangeiro ou imigrante, podemos observar que, mesmo aludindo ao atravessamento de fronteiras, remetem a "diferentes fenômenos – técnicos, administrativos, jurídicos etc. – que significam a legitimidade e possibilidade determinada pelo Estado de os sujeitos circularem pelos diferentes espaços e se fixarem neles" (RODRÍGUEZ ALCALÁ, 2003, p. 76). No caso de Ana, parece que o que lhe dá tristeza não é tanto ser reconhecida como estrangeira ou imigrante, quanto como turista, uma vez que essa categoria a coloca, ainda mais, como não pertencente àquele espaço, como se sua passagem através dele fosse mais efêmero e tivesse menos legitimidade para ocupá-lo. O sentido que subjaz, então, nesse enunciado, parece deslizar para "eu não sou turista, eu moro aqui, conheço o preço das coisas, tenho direito a ser tratada como alguém daqui", o que de alguma forma se articula com o enunciado da sequência anterior: "não sou algo diferente, né?". Observadas em conjunto, as duas sequências apontam para essa demanda de pertencimento, o desejo de ser igual ao outro, de ser reconhecida como igual, um desejo, no final das contas, de identificação que se vê ameaçado pelo reconhecimento do sotaque.

Cabe observar também o efeito de evidência do enunciado sobre o turista, que se sustenta no já-dito e que acaba naturalizando o fato de os turistas serem enganados nas grandes cidades com o valor das coisas. Essa evidência forma parte também da discursividade que atravessa o espaço da cidade e que afeta os imigrantes, com a qual o sujeito, neste caso, mostra uma adesão. Na SD 25 isso não se manifesta de forma tão explícita, porém, temos indícios que apontam para o funcionamento dessa evidência e que trazem como resultado, também neste caso, a retração da palavra. Embora o sujeito não declare abertamente seu incômodo, como sim acontece em outras sequências, faz referência de modo indeterminado a "*algum* trauma de *alguma* coisa" que a leva a calar. "A gente evita", diz e repete Isabela. Se é verdade, como vimos sustentando, que a "língua sempre vai onde o dente dói", podemos interpretar que o que dói, e que não pode simbolizar, é algum trauma vivenciado em relação à sua experiência migratória e, principalmente, ao reconhecimento do sotaque, e que mesmo silenciado, se mostra como efeito do real nessa repetição. Além disso, o interessante de Isabela é que ao longo da entrevista, realizada em português por escolha dela, comenta que mesmo tendo um filho argentino, na sua casa e em quase todos os âmbitos onde circula, fala português. Nesse sentido, torna-se ainda mais significativa essa interdição da sua língua neste tipo de práticas discursivas cotidianas, como o caso do táxi. Essa retração, não entanto, difere do caso da SD 24, dado que Ana o que tenta evitar é falar, enquanto Isabela evita falar em português com seus filhos no espaço público, que é para ela sua língua habitual, mesmo em outros espaços sociais. A forma como ela resolve práticas como a do taxi é deixar a filha falar: "qualquer coisa fala minha filha "mamá, por favor". Cabe lembrar que Isabela mora na Argentina faz 23 anos e quando chegou sua filha, também brasileira, era adolescente. De acordo com o que ela conta na entrevista, a filha, ao contrário dela, fala frequentemente em espanhol: "você fala com ela e as pessoas não acreditam que ela é carioca, pensam que ela é portenha". Voltamos, então, à questão do sotaque. Em situações em que se projeta algum tipo de risco, o sujeito procura não ser reconhecido e recua para o silêncio ou procura outro tipo de estratégias, como no caso de Isabela que deixa a filha falar porque é capaz de dissimular o sotaque e passar por portenha.

Ainda em relação às SD 24 e SD 25, que estamos trabalhando de forma conjunta porque remetem a práticas relativamente semelhantes, note-se que a SD 24, apesar de ser muito mais explícita quanto à descrição da situação no quiosque – que se constitui quase como a denúncia de uma violência sistemática – e ao incômodo que manifesta, apresenta formas de atenuação que estão ausentes na SD 25. Essa atenuação se mostra, por um lado, pela irrupção do riso quando descreve a estratégia que utiliza para comprar no quiosque sem falar ("no quiosque eu não falo, tento, pego lá [hahaha]"), e, por outro, quando diz "claro, não são todos", quer dizer,

nem todos tentam se aproveitar dos estrangeiros e cobrar um preço mais caro. Como vimos no capítulo 5, essa tentativa de atenuação se dá como produto da cena enunciativa particular e as projeções imaginárias que funcionam nela, condições que delimitam o que pode dizer desse outro. Mas também acreditamos que seja possível pensá-la como uma forma de projetar imagens menos saturadas desse(s) outro(s) da cidade, de tornar essa convivência mais tolerável, quase como um mecanismo inconsciente de autoproteção diante do real da exclusão que, apesar das tentativas de atenuação, encontra brechas para se mostrar na língua, como fica exposto no mecanismo da repetição: "*muitas vezes* acontece comigo".

As cenas descritas nas sequências colocam em causa, mais uma vez, o funcionamento das projeções imaginárias, na medida em que o sujeito cria uma imagem do outro, ao mesmo tempo que antecipa a imagem que o outro pode chegar a ter dele ao reconhecê-lo como estrangeiro. Essas imagens, ao nosso ver, respondem não apenas à experiência vivida desses imigrantes, os quais já se depararam inúmeras vezes com essas situações, mas também a uma memória do que significa ser imigrante no contexto atual, como já desenvolvemos no capítulo 2, e aos discursos sobre os imigrantes que, mesmo em contextos migratórios menos traumáticos, não deixam de ressoar, como veremos na última sequência deste bloco.

Consideramos que a SD 26, embora traga elementos compatíveis com os que já analisamos, reflete outras problemáticas da condição de imigração nas quais vale a pena nos deter. Em primeiro lugar, destaca-se nesse recorte o mecanismo do discurso direto como forma de representação do discurso outro, um discurso neste caso atribuído a um professor, uma figura de autoridade, que diante do enunciado "professor, não entendi" por parte do aluno brasileiro responde "bom, eu não fui te buscar no Brasil, então...". Cabe notar que o "não entender" poderia não ser interpretado *a priori* como referido à língua, dado que pode estar apontando que o aluno não entendeu o assunto que o professor está tratando na aula, porém esse enunciado, proferido por alguém que fala com o sotaque argentino, não produziria essa resposta do professor, porque possivelmente ele interpretaria que o que não entendeu o aluno é alguma coisa que está explicando ou trabalhando na disciplina. Podemos supor, nesse sentido, que a resposta do professor nessa cena descrita por João surge de uma interpretação afetada pelas projeções imaginárias do professor sobre quem é esse outro e essa interpretação se sustenta, mais uma vez, pelo efeito de designação produzido pelo sotaque. O sujeito imigrante passa a se constituir como um objeto significante que carrega uma variedade de sentidos a partir do qual o professor o interpreta e reage, de acordo com sua inscrição numa formação discursiva que sustenta discursos anti-imigração.

Além disso, João expressa que essa cena aconteceu com ele, mas acrescenta outros dizeres já ouvidos, desta vez apresentados de forma mais generalizada, ou seja, como enunciados que, embora não tenham sido dirigidos para ele, circulam no âmbito da universidade perante a presença de estudantes brasileiros: "se teu país é tão bom, por que não fica lá" ou "ah, outro brasileiro que vem se aproveitar da faculdade grátis da Argentina". Entendemos que esses discursos atribuídos aos professores respondem efetivamente a um imaginário sobre os estudantes brasileiros em Buenos Aires que se expressa no intradiscurso, afetado logicamente pelo jogo de imagens presente em todo processo discursivo, mas que remete ao interdiscurso, a uma trama de sentidos, numa conjuntura sócio-histórica específica, que sustenta a possibilidade de aparecimento desses dizeres, baseados no que já foi dito. Dessa forma, os enunciados que João traz através do discurso direto remetem a um processo discursivo mais amplo e funcionam como materialização de uma memória discursiva sobre a imigração, pela qual certos sentidos foram regularizados em formações discursivas determinadas. Assim, pela utilização do discurso direto, ao trazer a voz do outro, o sujeito denuncia um discurso discriminatório e xenófobo, do qual procura se distanciar.

Pensando nas condições de produção em que esse discurso anti-imigração é produzido, vale a pena fazer um parêntese para apresentar brevemente a forma como é discursivizada atualmente na Argentina a questão dos imigrantes nas universidades, principalmente considerando que isso afeta diretamente os brasileiros que vão para esse país para estudar Medicina.

Nos últimos anos tornou-se frequente a publicação de matérias em meios jornalísticos que colocam em pauta esse fenômeno. Apenas a título de exemplo, Clarín, um dos jornais de maior circulação na Argentina, publicou a manchete: "Em La Plata[72] se fala português: brasileiros querem ser médicos e monopolizaram a universidade gratuita"[73], com o antetítulo: "Enxurrada de estudantes estrangeiros". Embora no texto se incluam também os dados das universidades particulares, a manchete destaca que os brasileiros "monopolizam a universidade gratuita" – ou seja, pública –. Além disso, a ideia de "enxurrada" e de "monopolização" atribui ao fenômeno a ideia de "invasão", remetendo à memória das ondas migratórias do começo do século XX na Argentina, quando muitos intelectuais se viram preocupados pela ameaça que os

[72] La Plata é uma cidade argentina, capital da província de Buenos Aires, cuja universidade (Universidad Nacional de La Plata) é uma das mais bem avaliadas da Argentina e da América Latina.
[73] Tradução nossa. Título original: Aluvión de estudiantes extranjeros. En La Plata se habla portugués: brasileños quieren ser médicos y coparon la universidad gratuita. A matéria é assinada por Fabián Debesa (2019). Disponível no anexo B, página 267.

imigrantes significavam para a tradição, para o idioma e para a dita "identidade nacional" que estavam empenhados em edificar, como descrevemos no capítulo 2.

Cabe assinalar também que, na reportagem, a "enxurrada" é justificada através de estratégias argumentativas que procuram demonstrar, através de números, porcentagens e infográficos, que se trata de um problema real e comprovável estatisticamente e que, por deslizamento metonímico, o que se vê afetado não é apenas a universidade gratuita, mas também a cidade toda que, de alguma forma, vê-se transformada, no sentido negativo, pela perda da sua língua ("Em La Plata se fala português"). Considerando as condições de produção da notícia, podemos afirmar que nesse enunciado se atualiza, mais uma vez, a memória daquelas grandes ondas migratórias que ameaçavam a "identidade nacional" e diante das quais era necessário combater o "perigo" da hibridação e da "contaminação" da língua pelo excesso de expressões idiomáticas surgidas pelo contato com as línguas de imigração.

A matéria tematiza também a questão das condições financeiras e da conveniência dos estudantes brasileiros de estudar na Argentina, o que faz com que o foco da questão se coloque na racionalidade econômica e, em consequência, na gratuidade. Com isso, o efeito de sentido para onde desliza a matéria em função da forma sobre a qual ela está construída é o de que a gratuidade universitária é o motivo da enxurrada de estrangeiros. exacerbando a relação entre o discurso anti-imigração e o discurso privatizador neoliberal.

Dessa forma, o discurso da mídia hegemônica contribui para reproduzir um estereótipo do imigrante, como aquele que vem usufruir "de graça" do trabalho, da saúde, da educação, do espaço que não é dele, consolidando o discurso anti-imigração que, claramente, não é exclusividade do espaço de enunciação argentino, mas que vem ganhando força no mundo todo.

É interessante destacar que nos comentários dos leitores da matéria observa-se uma identificação com o discurso do jornal, porém, o foco dos questionamentos não está colocado nos brasileiros – que é o que tematiza a notícia – mas nos imigrantes de outras nacionalidades (bolivianos, peruanos, paraguaios) que são apontados como aquelas que "usufruem" não apenas do sistema educativo, mas também dos outros serviços oferecidos pelo Estado, atualizando aquela velha dicotomia entre a imigração desejada – sustentada pelos discursos fundadores da nação – e a imigração efetivamente concretizada. Isso pode responder ao fato de que os brasileiros, em geral, não fazem parte dos grupos migratórios historicamente rejeitados, o que poderia se explicar, por um lado, pelas estatísticas migratórias analisadas no capítulo 2 – trata-se de uma imigração pouco numerosa –, mas também pelo particular vínculo construído entre Brasil e Argentina ao longo dos anos e que está atravessado por um imaginário de irmandade e

de rivalidade especular (ZOPPI FONTANA, 2016) que parece produzir um efeito de relativa igualdade em uma suposta hierarquia de países latino-americanos.

Voltando para a SD em análise, entendemos que o discurso de João remete, ao colocar na voz do professor esses enunciados, a aqueles outros já-ditos que circulam no seu cotidiano sobre os imigrantes em geral, mas que aqui aparecem direcionados concretamente aos brasileiros, dado que se trata de uma relação em que a questão da língua, como vimos observando, tem um papel fundamental. Devemos destacar também que, neste caso, o discurso direto funciona, considerando o resto da sequência, como parte do mecanismo de atenuação, na medida em que o sujeito procura restringir esse discurso a um locutor particular e não ao conjunto dos argentinos. Note-se que, na tentativa de controle de seu discurso, e afetado pelas determinações da cena enunciativa, destaca que muitos argentinos lutam para defender os brasileiros, como se não quisesse atribuir um traço discriminatório ao conjunto dos argentinos ("acho que é mais de pessoa para pessoa do que cultural em geral. De forma geral, me parece que argentinos e brasileiros se dão bem"). Finalmente, e ainda em relação com esse desejo de harmonia que se manifesta na forma de perceber a relação entre brasileiros e argentinos, chama a atenção o enunciado "já aconteceu comigo" que desliza para "aconteceu com todos", e que retorna mais uma vez depois dos enunciados atribuídos ao professor: "mas isso acontece com todos". Se, como vimos sustentando, a repetição tende a funcionar como manifestação do real, como resto visível do intolerável que não pode ser simbolizado, podemos interpretar esse mecanismo como uma forma inconsciente de se manter ao resguardo de uma situação discriminatória, na medida em que ela é representada pelo sujeito como algo que não está direcionado para ele pessoalmente, mas diluído no conjunto *todos*. Por outro lado, ele estabelece um contra-argumento, marcado materialmente pela conjunção adversativa *mas*, entre o enunciado xenófobo atribuído ao professor e a consequente minimização de seus efeitos que, em seguida, é complementada com a afirmação de que há muitos argentinos que defendem os brasileiros e que em geral ambos os grupos se dão bem. Esse encadeamento, na nossa interpretação, não mostra apenas uma tentativa de atenuação, uma forma de minimizaras palavras do professor e suavizar seu impacto, mas também funciona como materialização simbólica da força do desejo inconsciente de ser aceito nesse espaço.

No final do capítulo 3, ao trabalhar a enunciação em língua estrangeira, observamos que se inscrever numa língua outra ia muito além do conhecimento do léxico, da sintaxe etc., e que implicava a inserção em outras redes de memória e novas formas de dizer e que, portanto, implicava novos processos de identificação. Ao pensar isso agora em contexto de imigração, no marco da inscrição no espaço da cidade, observamos ainda mais claramente como os

conflitos dos imigrantes brasileiros nas suas práticas discursivas em Buenos Aires não têm a ver com o conhecimento da língua estrangeira. Ao contrário, confirmam que ela não pode ser pensada como um simples instrumento que o sujeito pega para se comunicar, pois o real da língua nos mostra que sempre há furos e que não é possível controlá-la. O sotaque, por exemplo, é um dos elementos da língua que o sujeito tenta controlar sem sucesso, o que, como vimos nas análises, afeta seus processos de inscrição nesse espaço na medida em que o coloca numa relação de assimetria nas relações de interlocução na cidade. Assim, para o imigrante brasileiro em Buenos Aires, tomar a palavra para realizar as práticas discursivas cotidianas comporta um risco, uma vez que o deixa exposto como sendo visivelmente o outro, o que não pertence, o que o leva, em muitos casos, a assumir uma posição de resistência.

Dessa forma, assim como vimos que o sujeito, ao entrar em contato com a língua estrangeira, se enfrentava à impossibilidade de dizer da mesma forma que o faria em sua língua materna, quando ele se encontra em situação de imigração se enfrenta a não poder dizer da mesma maneira que o outro o faz, pese às tentativas de ocultar sua própria língua. Nesse sentido, entendemos que o que se dá no desenvolvimento das práticas discursivas na cidade por parte desses sujeitos é, por um lado, uma desestabilização dos seus processos de identificação com as línguas que o habitam, uma perturbação na relação do sujeito com o simbólico que o expõe ao real da língua. E, por outro, colocam-se em causa o jogo das projeções imaginárias sobre a língua do outro e a própria, o que, como adiantamos no capítulo 3, incide nos processos de identificação nessa outra ordem linguística. Nesse sentido, e dado que estamo-nos ocupando também dos processos de identificação na ordem da cidade, interessa-nos observar agora quais são as imagens que os sujeitos brasileiros em condição de imigração projetam sobre a cidade de Buenos Aires e qual seu impacto em ditos processos.

6.2 A CIDADE IMAGINÁRIA QUE REALIZA TODOS OS DESEJOS

6.2.1 “Buenos Aires, cidade de oportunidades”

Partindo do entendimento de que o espaço da cidade é constitutivo da experiência migratória dos sujeitos entrevistados, afirmamos com Orlandi (2004, p. 11) que “a cidade é uma realidade que se impõe com toda sua força. Nada pode ser pensado sem a cidade como pano de fundo. Todas as determinações que definem um espaço, um sujeito, uma vida cruzam-se no espaço da cidade”. Portanto, consideramos fundamental analisar os dizeres dos brasileiros em condição de imigração sobre a cidade de Buenos Aires, espaço significante onde eles transitam

e inscrevem suas práticas e que, de acordo com o modo como a estamos entendendo, constitui também para eles um objeto de identificação, o que implica necessariamente a articulação com o jogo de projeções imaginárias próprio de todo processo identificatório.

Uma questão que nos chamou a atenção na leitura das entrevistas foi a recorrência de uma "avaliação" negativa dos argentinos – como efeito metonímico da avaliação dos portenhos –, os quais são projetados, de acordo com a análise desenvolvida no capítulo 5, como arrogantes, fechados, superficiais etc. Em contraposição, a imagem projetada sobre a cidade é geralmente muito positiva. Cabe destacar que na representação do espaço de acolhida, os enunciados em geral não apontam para a Argentina como um todo e sim para a cidade de Buenos Aires, produzindo uma ruptura do efeito metonímico. Quer dizer, se ao falar dos sujeitos do (não) acolhimento, os imigrantes se referem aos "argentinos" como deslizamento metonímico dos portenhos, ao falar do espaço não tomam o país na sua totalidade como objeto discursivo, mas restringem seu dizer ao âmbito da cidade. Passemos, então, à análise das sequências que consideramos mais significativas:

> **SD 27** –Vivi o primeiro momento que era da comparação. Eu dizia "ahh, mas no Brasil é assim, mas a comida de lá tem sabor, a daqui não tem". E foi justamente o que me levou para esse quase processo de depressão. [...] *eu comecei a comparar tudo até que chegou um momento que eu disse, "peraí, ou eu volto ou eu passo a aceitar as coisas sem comparar". E tudo achava ruim. Era algo que não gostava, era o sabor que não era bom, como... tudo, tudo.* [...] Eu sempre estudei teatro e, mas no Brasil era como muito difícil o teatro e aqui não, então, foi, comecei a ver oportunidades aqui que eu não tinha no... do ponto de vista artístico, da ioga também, terminei uma formação aqui de ioga. Fiz coisas que eu, no Brasil, não poderia fazer. *Comecei a ver o outro lado. Que é que tem aqui que não tem lá? E aí mudou.* [...] O que mais gosto, oferta, possibilidade, eu que adoro estudar, então consegui para áreas muito diferentes aqui, desde que eu cheguei terminei um curso de fotografia, sou sommelier de chá, sou professora de ioga, *coisas em cinco anos que jamais iria a fazer lá*, acho que a oportunidade é o ponto positivo. E o lado negativo é *clima de mau humor* que predomina em Buenos Aires, como *não que todos sejam mal-humorados em particular*, mas é um *clima*, se sente um *clima* de insatisfação e como as vezes *eu me sinto feliz* e ao *lado não consigo me ver, me identificar com as pessoas* (LAURA)

> **SD 28** – Me gusta la vida nocturna, y las librerías, ir a… cómo se llama… los restaurantes… todas esas cosas me gustan. Y la que menos me gusta es... la gente a veces, son bastante… en este momento que estamos viviendo es muy agresiva la gente. (LARISSA)[74]

[74] SD 28 – Eu gosto da vida noturna, e as livrarias, ir pra... como se diz... os restaurantes... todas essas coisas eu gosto. E o que menos gosto é... as pessoas, as vezes são muito... neste momento que estamos vivendo são muito agressivas as pessoas.

SD 29 – *En comparación* con las *grandes ciudades brasileñas*, Buenos Aires está en organización estructural está años adelantada porque es una ciudad muy limpia, muy bien cuidada. (JOÃO)[75]

SD 30 – Yo pienso que en Buenos Aires hay mucha calidad de vida. Yo venindo de *San Pablo*, ¿no? que, por exemplo el transporte público es un caos, yo pienso que *acá* funciona muy bien, siento que es muy seguro. Sé que hay gente que dice "no, no es seguro". Yo me siento muy segura *acá*. (PATRÍCIA)[76]

SD 31 – Me hacía acordar mucho a *San Pablo*, no... una ciudad muy abierta, tiene mucha cultura... de muchos países, pero bueno, me animé más por el estudio, no es que quise dejar mi país, me animé por el estudio. […] Yo creo que la oportunidad que te dan... *Acá* tenés mucha oportunidad en todo. Si querés trabajar podes trabajar en lo que sea y... y la propia ciudad te lleva a hacer eso. En *Brasil* es más limitado. Tanto en economía, todo. *Acá* trabajás y si luchás tenés. *Allá* es mucho más difícil, te ponen muchas más trabas para negocios, para todo. (VITÓRIA)[77]

SD 32 – Buenos Aires es una ciudad espectacular porque tiene tantas oportunidades *todo el tiempo*, más allá de la situación en que está el país en sí, Buenos Aires es una ciudad increíble porque... en cuestión cultural vos *tenés* teatro, *el momento que quieras*, cinema, eh... *todo, todo*, es impresionante. Librerías hay muchas, *una en cada esquina prácticamente*. Después eh... increíble, la arquitectura, es una ciudad donde *tenés* arquitectura de... de muchos países, por ejemplo. *Tenés* arquitectura italiana, *tenés* arquitectura francesa, *tenés* arquitectura inglesa, *tenés*, en una sola ciudad. Si vos vas a Europa *tenés* en Londres arquitectura solamente inglesa, si vas a París, solamente de París, francesa, ¿entendés? Entonces acá hay como *todo* eso que a mí me encanta. [...] [alguma coisa que não goste? Algum ponto negativo?] -Por ahora no. No, por ahora no. Me parece como muy... muy avanzada a nivel… el país a nivel… en cuestión de, por ejemplo, eh... todo lo que es derechos ¿entendés? derechos sociales, *eso es como mucho más avanzado que en Brasil,* entonces es como que, nada. (LUCAS)[78]

---

[75] SD 29 – Comparado com as grandes cidades brasileiras, Buenos Aires está anos adiantada em organização estrutural porque é uma cidade muito limpa, muito bem cuidada.

[76] SD 30 – Eu penso que em Buenos Aires tem muita qualidade de vida. Eu vindo de São Paulo, né? que, por exemplo o transporte público é um caos, eu penso que aqui funciona muito bem, sinto que é muito seguro. Sei que tem gente que diz "não, não é seguro". Eu me sinto muito segura aqui.

[77] SD 31 – Me lembrava muito de São Paulo, não... uma cidade muito aberta, tem muita cultura... de muitos países, mas bom, me animei mais pelo estudo, não é que eu quis deixar meu país, me animei pelo estudo. [...] Eu acho que a oportunidade que te dão. Aqui tem muita oportunidade em tudo. Se você quer trabalhar pode trabalhar em qualquer coisa e... e a própria cidade te leva a fazer isso. No Brasil é mais limitado. Tanto na economia, tudo. Aqui você trabalha e se lutar, consegue. Lá é muito mais difícil, te colocam muitos mais empecilhos para negócios, para tudo.

[78] SD 32 – Buenos Aires é uma cidade espetacular porque tem tantas oportunidades o tempo todo, além da situação em que o país está, Buenos Aires é uma cidade incrível porque... na questão cultural você tem teatro, a qualquer momento, cinema, eh... tudo, tudo, é impressionante. Livrarias tem muitas, uma em cada esquina praticamente. Depois... eh... incrível, a arquitetura, é uma cidade onde você tem arquitetura de... muitos países, por exemplo. Tem arquitetura italiana, tem arquitetura francesa, tem arquitetura inglesa, tem, numa cidade só. Se você vai para a Europa tem em Londres arquitetura apenas inglesa, se vai para Paris, apenas de Paris, francesa, entendeu? Então aqui tem como tudo isso que eu adoro. [...] [alguma coisa que não goste? Algum ponto negativo?] -Por enquanto não. Não, por enquanto não. Me parece como muito... muito avançada no nível... o país no nível... em relação com, por exemplo, eh... tudo o que é direitos, entendeu? Direitos sociais, isso é como muito mais avançado do que no Brasil, então é como que, nada.

Nos dizeres dos sujeitos imigrantes sobre a cidade de Buenos Aires é marcante a preponderância de valorações positivas em relação a aspectos diversos que conformam essa realidade palpável da cidade para quem a habita no dia a dia. Destaca-se nessa representação tudo o que ela tem para oferecer: oportunidades de estudo e formação em diversas áreas, vida noturna, gastronomia, livrarias, teatro, cinema, arquitetura, organização, limpeza, qualidade de vida, segurança, bom funcionamento do transporte, acesso à universidade, oportunidades de trabalho, direitos sociais etc.

Buenos Aires é projetada imaginariamente como um espaço de possibilidades no qual o imigrante pode se movimentar livremente, ter acesso a tudo o que quer, inclusive a coisas que lhe são negadas na sua própria terra ("fiz coisas que eu, no Brasil, não poderia fazer"), o que podemos supor que acaba funcionando como fator de ancoragem para sua permanência. Essa projeção encarna, de certa maneira, uma visão instrumental da cidade, isto é, uma forma de concebê-la como um meio para obter outra coisa, que ora se revela em seu caráter funcional, ora se constitui como objeto de consumo.

Quando perguntados sobre os aspectos negativos, as respostas apontam para o clima de mau humor e insatisfação (SD 27) e para a agressividade das pessoas (SD 28), marcando um deslizamento do objeto do discurso que passa de Buenos Aires para os portenhos, reforçando as imagens que sobre eles constroem os sujeitos brasileiros, tal como expusemos no capítulo 5. Uma das imagens comentadas nessa oportunidade foi a dos argentinos como pessoas mal-humoradas, que aqui retorna construída de forma impessoal[79]. Na SD 27 Laura destaca o mau humor como um "clima" – significante repetido várias vezes na sequência – e não como uma categoria atribuída a pessoas concretas. Assim, o mau humor é concebido como uma entidade abstrata que, mesmo sem estar individualizada, parece afetar os sujeitos que ocupam esse espaço. No entanto, apesar de morar em Buenos Aires, ela se coloca fora desse clima, como se esse mal-estar não pudesse atingi-la. No final da sequência diz: "às vezes eu me sinto feliz e ao lado *não consigo me ver*, *me identificar* com... as *pessoas*". Dessa forma, pese a tentativa de controle do sentido pela formulação de um modo de dizer impessoal, o enunciado final mostra que esse "clima", projetado como uma coisa intangível que estaria no ar, constitui, no final das contas, um estado ou uma sensação que os sujeitos mobilizam, que os atravessa, e que, portanto, acaba se tornando pessoal, tanto que essa característica acaba gerando um movimento de não identificação imaginária com esse outro que não compartilha sua felicidade e em cujo espelho não consegue se olhar.

[79] Estamos reforçando aqui um aspecto já observado na SD 18, no capítulo 5, na qual Fernanda diz: "é um mau humor generalizado".

Na SD 28 também observamos esse contraponto entre a valoração positiva da cidade, projetada como um espaço de acolhimento e conforto, e a experiência de convívio com um outro que é percebido como agressivo. Vale notar que nesse enunciado o mecanismo da universalização está atuando e produzindo um efeito totalizante que homogeneíza o conjunto de pessoas que habitam a cidade, adjudicando-lhes essa característica. Apesar das hesitações iniciais, que parecem apontar para uma tentativa de buscar formas mais atenuadas ("as pessoas, às vezes são muito... neste momento que estamos vivendo"), o sujeito não consegue evitar que o enunciado final irrompa com toda sua força: "são muito agressivas as pessoas".

Considerando estas sequências em relação com as que foram analisadas no capítulo 5, chama a atenção o contraste entre a imagem que os brasileiros projetam sobre os portenhos – aquele sujeito do não-acolhimento que lhe fecha as portas, que é arrogante, superficial, com quem não é possível criar laços de amizade, que o exclui, enfim, com quem não consegue se identificar – e a imagem projetada sobre a cidade, uma cidade aberta, inclusiva, significada como um lugar completo, que tem tudo, onde nada falta, onde qualquer um, mesmo sendo imigrante, consegue atingir seus objetivos. Nesse sentido, a cidade preenche a falta que não é preenchida na relação com os outros. Essa imagem da cidade, carregada de sentidos positivos, é efeito da idealização desse espaço que contrasta com as projeções imaginárias sobre os outros sujeitos que o habitam.

Nessa aparente contradição, a SD 27 nos dá uma pista de como o sujeito em condição de imigração, mesmo perante as adversidades, de ser sempre o outro excluído em um espaço alheio, mostra sua resistência, justamente, ocupando esse espaço, apropriando-se simbolicamente dele ("Comecei a ver o outro lado. Que é que tem aqui que não tem lá? E aí mudou"). Em outras palavras, se a demanda de acolhimento não se consolida e o outro nativo não abre espaço para ele, o sujeito resiste reconfigurando sua subjetividade, deslocando-se do lugar da falta, da perda, e recolocando-se no lugar das possibilidades, abrindo-se para o que essa nova terra tem para lhe oferecer. O sujeito insiste em estar ali, no espaço desejado da cidade.

O efeito de completude da cidade expressa-se de forma ostensiva na SD 32, uma sequência carregada de hipérboles (por exemplo, "livrarias tem muitas, uma em cada esquina praticamente") que funcionam para construir uma imagem da cidade como um espaço saturado. Neste caso, o mecanismo que contribui para produzir esse efeito é a repetição que se marca numa enumeração organizada em torno do verbo "ter" e onde se reitera insistentemente o pronome indefinido "tudo". Isso se complementa com formulações do tipo "o tempo todo" e "a qualquer momento" que sustenta ainda mais a ilusão de completude e a idealização de uma

cidade onde "você tem tudo o tempo todo". A cidade desejada realiza todos os desejos. Nessa projeção imaginária, tão saturada de sentidos positivos, o sujeito não encontra nada de que não goste, distanciando-se, assim, dos dizeres dos outros sujeitos entrevistados (inclusive, isso acontece ao longo de toda a entrevista de Lucas). De fato, na sequência se faz explícito esse contraste entre tudo e nada quando, perguntado sobre se há alguma coisa de que não goste, mesmo atenuando sua resposta pelo "por enquanto não" – mostrando o caráter provisório dessa afirmação –, acaba respondendo "nada". Por outro lado, nesse momento o sujeito começa a hesitar. Levando em conta o encadeamento da sequência consideramos que essa hesitação não responde, como em outros casos, às determinações das condições de produção do dizer que deriva na atenuação, nem a uma forma de afasia, mas à impossibilidade de dizer *tudo* – justamente isso que foi dito tantas vezes na sequência –, como se as palavras não alcançassem para descrever as maravilhas dessa cidade imaginada. Cidade, aliás, que é representada como um elemento recortado do conjunto do país, como uma coisa independente que não é afetada pelo contexto ("além da situação em que o país está, Buenos Aires é uma cidade incrível").

Em relação aos mecanismos discursivos presentes nas sequências, sem dúvida merece um destaque o da comparação. O Brasil ou as cidades brasileiras se apresentam, na maioria dos casos explicitamente, como ponto de ancoragem da percepção do sujeito, como referência a partir da qual se estabelecem pontos de contato ou de afastamento.

Se no eixo dos processos de identificação com o outro observamos que a comparação se articulava principalmente com base na polarização nós X eles, agora, analisando os processos de identificação com a cidade, vemos que ela está embasada na oposição lá X cá. A forma como se preenchem essas referências nas sequências encontra uma recorrência na identificação do "cá" com o espaço de enunciação de Buenos Aires e não da Argentina em geral. Em alguns casos, essa referência se manifesta de forma explícita ("Buenos Aires está anos adiantada"; "Em Buenos Aires tem muita qualidade de vida"; "Buenos Aires é uma cidade espetacular") e, em outros, de forma sugerida ("*Aqui* tem muita oportunidade em tudo. Se você quer trabalhar, pode trabalhar em qualquer coisa e... e *a própria cidade* te leva a fazer isso").

Já no espaço do "lá" encontramos certas variações. Em alguns casos o "lá" se refere ao Brasil como um todo ("no Brasil era como muito difícil"; "no Brasil é mais limitado"; "isso é como muito mais avançado do que no Brasil"), produzindo um efeito totalizante pelo viés do funcionamento do imaginário que projeta o Brasil como um espaço logicamente estabilizado. Em outros, quando a comparação se dá especificamente com outra cidade, o ponto de referência é São Paulo, ("Eu, vindo de São Paulo..."; "Me lembrava muito de São Paulo"), marcando assim a centralidade dessa capital na representação do brasileiro. Temos também uma comparação

construída em relação com outras cidades do Brasil, que não são mencionadas explicitamente (“comparado com as grandes cidades brasileiras...”). E ainda observamos a curiosa comparação com as grandes capitais europeias (“Se você vai para a Europa tem em Londres arquitetura apenas inglesa, se vai para Paris, apenas de Paris, francesa”). Cabe notar que essas alternâncias nos pontos de referência que remetem ao “lá”, em alguns casos, estão presentes inclusive dentro de uma mesma sequência.

Isso nos mostra o peso que tem a cidade de Buenos Aires nos dizeres dos sujeitos e na sua experiência migratória, o que reafirma a perspectiva de Lagazzi (1999, p. 39), introduzida no capítulo 3, segundo a qual “os processos de identificação do sujeito na organização social moderna são afetados pela relação com a cidade”. No trabalho da pesquisadora, essa afirmação surge como premissa para analisar o espaço do assentamento do MST e como os sujeitos que o habitam, marcados pela não-voz, redefinem seus espaços de referência. Nesse contexto, a autora pensa os processos de exclusão, nos limites do urbano, no que marca o dentro ou o fora da cidade, em espaços que configuram “fronteiras da urbanidade”. Esse espaço do assentamento, para a pesquisadora, ajuda na compreensão do funcionamento do urbano e dos processos de identificação do sujeito. Ela conclui que “a cidade, para o assentado, é o lugar em que ele é calado, é o lugar da não-voz, e por isso um lugar que não possibilita um processo de identificação”. O objeto de análise é diferente do nosso, mas nos permite pensar, a partir de sua leitura, que o sujeito imigrante, a partir da sua relação com Buenos Aires, redefine seus espaços de referência, sua cidade de origem, o que dá lugar nos discursos a mecanismos de comparação muito marcados (“vivi o primeiro momento que era da comparação”; “eu comecei a comparar tudo”; “comparado com as grandes cidades...”). Esse mecanismo que resulta na valoração positiva da cidade, que acaba se sobrepondo ao nacional, expõe o funcionamento do imaginário e recobre o real, a falta que procura ser preenchida sob a ilusão de completude dessa cidade desejada.

Caberia perguntar-nos se essa comparação, mesmo quando utilizada para marcar aspectos positivos da cidade, está nos mostrando realmente uma identificação, uma vez que o sujeito imigrante, ao ficar preso na imagem da cidade idealizada, não consegue se inscrever no novo espaço, dizer o novo espaço sem fazer referência a seu lugar de origem. Por exemplo, na SD 27, Laura explicita a questão da comparação marcando dois momentos da sua experiência migratória, o primeiro, como ela o chama, o da comparação, quando achava que tudo em Buenos Aires era ruim, especialmente as comidas e os sabores, elementos que entendemos estão muito associados à questão do afeto e da identidade. O segundo momento seria o da comparação positiva: “que é que tem aqui que não tem lá?”. Esse movimento, que marca uma tentativa de

se inscrever no espaço do outro, não deixa, não entanto, de estar ancorado na comparação. O sujeito não pode soltar esse lugar de referência e fica oscilando entre-espaços.

Por outro lado, voltando para a questão da não-voz que propõe Lagazzi, vimos no bloco anterior que nas práticas concretas na cidade se dá o fenômeno da retração da palavra tornando os sujeitos silenciosos. Assim, e considerando o que discutimos no capítulo 5, é interessante pensar o que acontece então com os brasileiros em condição de imigração que imaginariamente projetam uma cidade maravilhosa, ideal, na qual podem se movimentar livremente, mas na qual não se sentem acolhidos, não podem falar com seu sotaque sem se sentir vulneráveis, expondo assim uma não identificação, que resulta evidente no que diz respeito à socialização e ao (des)encontro com os outros, mas que em relação à cidade funciona de modo mais opaco.

Nossa interpretação indica que, nestas condições, para que seja possível a consolidação de uma identificação imaginária tão forte entre os sujeitos imigrantes e a cidade como a que estamos observando, é necessário um processo de exotização e um processo de abstração. Cabe lembrar que, como aponta Serrani (1998), o exotismo é uma das formas que pode assumir a representação da diversidade. Nesse sentido, concordamos com De Nardi (2007, p. 77) quando afirma que a exotização tem pontos de contato com o estereótipo, no sentido de que em ambos se dá o reconhecimento da diferença, mas também a ilusão de unidade, o que "nos leva a um lugar muito semelhante: o dos sentidos cristalizados". Além disso, vimos no capítulo 2, junto com Hasenbalg e Frigerio (1999), que a exotização podia ser entendida como a atribuição de diferenças – como acontece com o mecanismo da comparação –, mas com uma valoração positiva do outro. Isso que os autores analisam em relação aos sujeitos, consideramos que é possível deslocá-lo para a representação da cidade que, neste caso, para que dito processo seja produzido, deve ser percebida como distante cultural, temporal ou geograficamente (tornam-se significativas, nesta direção, as formulações "Buenos Aires está *anos* adiantada" e "isso é como *muito mais avançado* do que no Brasil"). Assim, no caso que estamos analisando, percebe-se, nesse distanciamento, a representação de uma cidade sofisticada e promissora.

Em relação ao processo de abstração, entendemos que ele se dá a partir do contraponto que os sujeitos constroem ao falar dos outros e ao falar sobre a cidade, o que, ao nosso ver, mostra a contradição entre a vivência, as práticas do cotidiano que expõem o imigrante a situações de exclusão por parte dos sujeitos locais, e a projeção imaginária da cidade como lugar de oportunidades, como se a cidade fosse uma entidade abstrata que não tem nada a ver com os outros sujeitos que a habitam. Porém, como já mencionamos, sabemos que a cidade é um espaço material sócio-histórico com sujeitos vivendo dentro (ORLANDI, 2001), portanto, não se trata de um espaço vazio, mas vinculado aos sujeitos que o habitam, afetados por relações

de poder que os determinam (RODRÍGUEZ ALCALÁ, 2003). Assim, reafirmamos que a identificação dos sujeitos imigrantes com a cidade está na ordem do imaginário e constitui uma ilusão necessária para justificar sua permanência nesse espaço onde tem liberdade para circular, mas não tem um lugar de dizer. A Buenos Aires que é simbolizada nos discursos dos sujeitos existe a partir de uma abstração, mas na prática, na experiência vivida, confirma-se que esse discurso funciona apenas imaginariamente e o real finalmente irrompe. Aquela cidade desejada é um impossível, ela não preenche a falta, como procuraremos mostrar na seção a seguir.

6.3 BUENOS AIRES: CIDADE DE CONTRADIÇÕES

6.3.1 "Aqui me sinto muito livre, mas sofri coisas que não gostei"

Assinalamos na seção precedente a contradição observada entre a vivência da exclusão dos sujeitos brasileiros em condição de imigração no que se refere à relação com os outros e a relação imaginária com a cidade, projetada como espaço de oportunidades. Entretanto, a contradição não se dá apenas como contraponto nos dizeres sobre os outros e sobre a cidade. Ela pode se observar, como efeito do real, no interior do discurso sobre a cidade, na forma de dizer a cidade por parte desses sujeitos atravessados pela ideologia e pelo inconsciente, uma vez que, como destacamos a partir de Orlandi no capítulo 3, ela é constitutiva do sujeito e do sentido. É isso que propomos observar nas sequências selecionadas. Neste bloco optamos por apresentar as sequências em duas partes: a primeira, integrada por duas sequências obtidas da entrevista de Fernanda e, a segunda, por duas sequências da entrevista de Patrícia. Consideramos que dessa forma podemos aprofundar mais a análise dos elementos que cada grupo de sequências traz e expor mais claramente as contradições próprias do sujeito e do sentido em torno dos dizeres sobre a cidade. Começamos com o primeiro grupo:

> **SD 33** – Acá eso, me siento *muy libre*, ¿sabes? O sea… obviamente tengo... no voy a salir a la calle como si nada, tomo mis cuidados, pero me siento muy libre, creo que *hay una apertura muy grande en cuanto a la diversidad*, o sea, yo soy homosexual y nunca tuve ningún problema acá, nunca me gritaron nada en la calle por mi elección. Siento una abertura muy grande que puedo caminar con mi pareja y que no me va a pasar nada y que *la gente tiene una aceptación*, ¿sabes?, una abertura, no sé exactamente, si hay una aceptación, qué es, pero te dejan vivir. [No Brasil] Es diferente, es muy diferente. Ahora particularmente tengo miedo, en serio tengo miedo. Antes yo tenía miedo de escuchar algo y me poner mal por eso, que me pasó mil veces en Brasil. Y ahora tengo miedo en serio porque me puede pasar algo en serio, creo. Eso me da una libertad, me siento muy libre de ser como soy. (FERNANDA)[80]

[80] SD 33 – Aqui isso, me sinto muito livre, sabe? Ou seja... obviamente tenho... não vou sair para a rua de qualquer jeito, tomo cuidado, mas me sinto muito livre, acho que há uma abertura muito grande em relação à diversidade,

> **SD 34** – Los brasileros que son negros que viven acá sufren mucho más por existirem nomás. Yo soy blanca, si no abro mi boca puedo pasar como una igual acá o una extranjera de otro lado. Entonces, sufrí cosas sí, que no me gustó, que me pareció que era cualquiera, pero maltrato como ya vi que pasó a otros colegas no. […] *Situaciones en la calle, violencia. Por el hecho de ser negro y extranjero*. Yo desconocía la existencia de *gente tipo skinhead* acá y sí, hay gente que realmente, *situaciones de la persona estar con un arma* y amenazar "te voy a matar, negra", cosas así que… (FERNANDA)[81]

A SD 33 começa trazendo novamente para o fio do discurso a questão da liberdade que Buenos Aires lhe proporciona, elemento que é construído, mais uma vez, pelo mecanismo comparativo, tomando como ponto de referência o Brasil onde, segundo afirma, isso "é diferente", formulação que é repetida duas vezes, e intensificada na segunda vez: "é *muito* diferente". Na articulação entre a comparação e a repetição observamos que, ao falar de Buenos Aires, as formulações repetidas são "me sinto muito livre" e "há uma abertura muito grande". Já em relação ao Brasil o que se marca na repetição é "Agora particularmente tenho medo" ou "tenho medo de verdade". Esses enunciados apontam principalmente para a questão da aceitação ou não aceitação da diversidade sexual, aspecto que se mostra problemático no seu país pelo momento sócio-histórico em que esse enunciado foi produzido, isto é, durante o governo Bolsonaro que propiciou o recrudescimento da homofobia e dos crimes de ódio contra a comunidade LGBT. Esse contexto apresenta-se como um não-dito, mas fica subentendido pelos marcadores temporais ("Agora particularmente...") e a marcação de um contraste temporal entre "antes" e "agora", de acordo com o qual o passado se configura de uma forma não isenta de homofobia, na medida em que relata que antes ouvia comentários que a faziam sentir mal, mas que agora representam um perigo real dado que algo ruim pode acontecer *de verdade*. Embora alguns trechos se apresentem de forma indeterminada ("ouvir *algo*"; "me pode acontecer *algo*"), postos em relação com outros elementos intradiscursivos, como, por

---

ou seja, eu sou homossexual e nunca tive nenhum problema aqui, nunca me gritaram nada na rua por minha escolha. Sinto uma abertura muito grande que posso caminhar com minha enamora e que não me vai acontecer nada e que as pessoas têm uma aceitação, sabe?, uma abertura, não sei exatamente, se há uma aceitação, o que é, mas te deixam viver. [No Brasil] É diferente, é muito diferente. Agora particularmente tenho medo, sério, tenho medo. Antes eu tinha medo de ouvir algo e ficar mal por isso, que me aconteceu mil vezes no Brasil. E agora tenho medo de verdade porque me pode acontecer algo de verdade, eu acho. Isso me dá uma liberdade, me sinto muito livre de ser como sou.

[81] SD 34 – Os brasileiros que são negros que vivem aqui sofrem muito mais apenas por existirem. Eu sou branca, se não falo nada posso passar como alguém daqui ou uma estrangeira de outro lugar. Então, sofri coisas sim, que não gostei, que achei descabidas, mas maltrato como já vi que aconteceu com outro colegas não. [...] Situações na rua, violência. Pelo fato de ser negro e estrangeiro. Eu desconhecia a existência de pessoas tipo skinhead aqui e sim, tem pessoas que realmente, situações da pessoa estar com uma arma e ameaçar "vou te matar, negra", coisas assim que...

exemplo, “[aqui] te deixam viver”, os sentidos da sequência deslizam para uma contraposição quase de vida ou morte nessa comparação entre os espaços. Por outro lado, ao dizer que em Buenos Aires “nunca me gritaram nada na rua por minha escolha” está remetendo a uma memória do sofrimento e discriminação dos homossexuais que se confirma mais na frente quando diz que isso lhe aconteceu “mil vezes” no Brasil.

Entendemos que a sequência mostra uma redefinição dos espaços de referência do sujeito que aponta para um processo de identificação com a cidade de Buenos Aires, mas dita identificação, que se materializa como um discurso logicamente estabilizado, é da ordem do imaginário. No entanto, como vimos junto com Mariani (1998a), o real da cidade irrompe na cidade imaginária através das contradições e imprime suas marcas no sujeito. Assim, na projeção desse espaço de liberdade e aberto à diversidade, o sujeito é pego pelo real e entra em contradições que mostram no simbólico o lacunar entre a cidade projetada e a cidade vivida.

Se na SD 33 o sujeito constrói a cidade ideal, livre e diversa, na SD 34 essa idealização se estilhaça diante do real que confronta esse imaginário e expõe processos de exclusão, discriminação e confronto. Nesse sentido, podemos nos perguntar como é possível pensar uma cidade aberta à diversidade projetada como um espaço de liberdade e afirmar, ao mesmo tempo, que nesse lugar “os brasileiros que são negros sofrem *muito mais* apenas por existirem”? É claro que na SD 33 o discurso sobre a cidade aponta principalmente para a questão da diversidade sexual e na SD 34 para a questão do racismo, porém, o modo de dizer do enunciado precedente, com a articulação da oração subordinada adjetiva restritiva (“os brasileiros que são negros”) e o advérbio comparativo *mais*, abre a interpretação para um sentido de comparação entre os brasileiros negros e os brasileiros que não são negros. Embora o segundo termo da comparação não esteja explicitado, ele fica sugerido pela construção sintática fazendo deslizar o sentido para a ideia de que os brasileiros não negros que vivem em Buenos Aires, como é caso de Fernanda, também sofrem, não tanto quanto os negros, mas sofrem.

De fato, em seguida ela afirma ter sofrido coisas (não diz quais), mas nunca o nível de maltrato que sofreram outros colegas: “sofri coisas sim, que não gostei, que achei descabidas”. Nesse sentido, os processos de exclusão não se circunscrevem a uma questão racial, como poderíamos supor numa primeira leitura, uma vez que Fernanda, sendo branca, também sofreu na rua situações negativas, que não são atribuídas a uma causa específica de forma direta, mas que pelos indícios que aparecem na materialidade discursiva podemos supor que remetem a sua condição de estrangeira e brasileira. Ela afirma: “se não falo nada posso passar como alguém daqui ou uma estrangeira de outro lugar”, o que traz novamente a discussão sobre o sotaque estrangeiro e a retração da palavra como estratégia para não ser reconhecido no âmbito público.

Neste caso, no encadeamento da sequência, o calar torna-se também uma reação diante de um risco; e o silêncio, a forma de evadir a ameaça do sofrimento, sempre latente.

Na segunda parte da sequência, em que se refere especificamente aos negros *e* estrangeiros, as situações descritas expõem um nível de violência ainda maior: violência na rua, *skinheads*, armas, ameaças de morte. Esta enumeração, além do que já analisamos em relação com a primeira parte da SD 34, entra em contradição com a imagem da cidade aberta à diversidade que projeta Fernanda na SD 33. Embora, como já dissemos, nesse recorte ela está se referindo à diversidade sexual e à sua própria experiência como parte do coletivo LGTB, entendemos que os processos de exclusão nunca estão tão delimitados. Apesar das particularidades de cada problemática e da forma que assumem em cada formação social e em cada espaço, é inegável que negros e homossexuais conformam, junto com outros, coletivos sociais historicamente discriminados, alvo de preconceitos e discursos de ódio. Analisar esses processos sociais exigiria considerar também a interseccionalidade entre classes, nacionalidades, etnias, orientação sexual, identidade de gênero etc. Como vemos, trata-se de questões muito complexas que não desenvolveremos aqui, mas que nos ajudam a interpretar, através dessas sequências, a imbricação entre o imaginário e o real no processo de identificação do sujeito com a cidade. E é justamente através das contradições observadas que podemos afirmar que a identificação se dá na ordem do imaginário, que no nosso exemplo se expressa principalmente na SD 33, onde se dá um efeito de unidade não contraditória no dizer sobre a cidade que é confrontado com o real na SD 34, uma vez que é ali, ao nosso ver, onde se instaura a contradição quando fica exposto que o preço para gozar da liberdade e da aceitação que essa cidade "maravilhosa" supostamente oferece é ficar calado, mimetizar-se com o ambiente como um camaleão para não sofrer: "se não falo nada, posso passar como alguém daqui". Calar como forma de sobrevivência parece ser uma premissa muito distante da ideia de liberdade.

6.3.2 "Tem racismo na Argentina. Não se veem muitas pessoas de cor"

Passemos agora ao segundo grupo de sequências:

> **SD 35** – Mucha gente acha que la mujer brasilera es puta, acá en Argentina, pasa mucho... conmigo esto no pasa porque *hay una cosa de racismo acá en Argentina* que lo siento. Por ejemplo, yo *tengo una chica que me hace la mano, una manicura brasilera, un amor, es del nordeste, guapísima, linda, pero negra mulata, pero divina* y ya pasó situaciones horribles con ella, acá. Porque piensan que... ¿entiendes?, es puta, garota de programa, no sé cómo se dice. Y ahí yo pienso que esto también es muy… ¿entiende?, tiene una concepción ahí que no sé si es porque uno no ve mucha *gente de color* acá, no sé, pero a ella ya le pasó cosas muy muy muy feas y es casada con un argentino, va a quedar acá, pero cuenta, ¿entiendes? que la percepción del argentino

> hombre de la mujer brasilera, até para... no digo que para mí no, para mí también, ¿entiende?, pero ella… con ella le pasan cosas que yo todavía a mí nunca me pasó. (PATRÍCIA)[82]

> **SD 36 –***Brasil es un país muy racista*, pero es una cosa silenciosa, pero yo penso que ahora está tendo mucha evolución, se está logrando mucha cosa a favor de la población negra que a mí me parece muy importante, porque *tenemos una deuda, ¿no? como brancos. Yo soy super a favor de las cotas en las universidades, todo esto*, pero acá como no hay, porque no sé, no sé, me dijeron que los mataron primero en la guerra, entonces que es muy... yo veo, no sé, yo siento que acá es... digo por la escuela de mis chicos que *hay una única nena negra que fue adoptada*, no sabés lo que sufre esa chica. (PATRÍCIA)[83]

Nas SD 35 e 36 a questão do racismo volta com mais força, através de dizeres prenhes de contradições, como passaremos a analisar em seguida. Mas gostaríamos de esclarecer, em primeiro lugar, que, embora estejamos trabalhando apenas esses recortes, trata-se de um assunto que foi recorrente nas entrevistas realizadas, e os dizeres sempre apontam de forma coincidente para a existência do racismo na Argentina atribuído à inexistência de população negra nesse país. A modo ilustrativo, podemos observar isso neste fragmento da entrevista de João: "Uma coisa que também não gosto aqui em Buenos Aires, mas é uma coisa que vocês não conseguem evitar, é que as pessoas argentinas me parecem *muito racistas*. Mas é porque *vocês não têm população negra*". Já na SD 35 Patrícia afirma que "tem uma coisa de *racismo* aqui na Argentina" e posteriormente expressa que "tem uma concepção ali que não sei se é porque aqui *não se veem muitas pessoas de cor*". Na SD 36 se reitera essa ideia: "aqui como *não tem*, porque não sei, não sei, *me disseram* que os mataram primeiro na guerra".

Nesses dizeres se observa o funcionamento de um imaginário muito forte na Argentina, mas que não se limita às fronteiras desse país, uma vez que, como podemos observar nesses fragmentos, também é reproduzido por pessoas de outros países. Esse imaginário diz respeito à composição da população argentina e está ancorado em discursos que há anos invisibilizam a

[82] SD 35 – Muita gente acha que a mulher brasileira é puta, aqui na Argentina, acontece muito... comigo isso não acontece porque tem uma coisa de racismo aqui na Argentina que eu sinto. Por exemplo, eu tenho uma moça que me faz a unha, uma manicura brasileira, um amor, é do Nordeste, bonitona, linda, mas negra mulata, mas adorável e já aconteceram situações horríveis com ela, aqui. Porque pensam que... entendeu? É puta, garota de programa, não sei como se diz. E aí eu penso que isto também é muito... entendeu? Tem uma concepção ali que não sei se é porque aqui não se veem muitas "pessoas de cor", não sei, mas com ela aconteceram coisas muito muito muito feias e é casada com um argentino, vai ficar aqui, mas conta, entendeu? que a percepção do argentino homem da mulher brasileira, até para... não digo que para mim não, para mim também, entendeu? mas ela... com ela acontecem coisas que ainda não aconteceram comigo.

[83] SD 36 – O Brasil é um país muito racista, mas é uma coisa silenciosa, mas eu penso que agora está tendo muita evolução, está se conseguindo muita coisa a favor da população negra que eu acho muito importante, porque temos uma dívida, né? como brancos. Eu sou super a favor das cotas nas universidades, tudo isso, mas aqui como não tem, porque não sei, não sei, me disseram que os mataram primeiro na guerra, então que é muito... eu vejo, não sei, eu sinto que aqui é... digo pela escola de meus filhos que há uma única negra que foi adotada, você não sabe o que sofre essa menina.

presença negra nesse país, sustentando pelo efeito da repetibilidade de que "não há negros na Argentina", e instalando a crença de que a origem da população provém *apenas* da imigração europeia. De fato, não faz muito tempo o presidente do país desde 2019, Alberto Fernández, pronunciou numa entrevista coletiva com o primeiro-ministro da Espanha, a desafortunada frase – atribuída erroneamente a Octavio Paz – "os mexicanos vieram dos índios, os brasileiros vieram da selva, mas nós, os argentinos, chegamos em barcos. Eram barcos que vinham da Europa". Embora, como vimos no segundo capítulo, é inegável que a Argentina recebeu grandes ondas migratórias de origem europeia, a frase nega a diversidade do povo argentino, ignora a presença dos povos originários, dos afrodescendentes e dos imigrantes de outras regiões, por exemplo, asiáticos e principalmente latino-americanos, que constituem um dos fluxos migratórios mais relevante das últimas décadas.

Um ano antes, o então presidente do país, Mauricio Macri, também tinha formulado uma afirmação do mesmo teor no Fórum Econômico Mundial de Davos: "Acredito que a associação entre o Mercosul e a União Europeia seja natural porque na América do Sul todos somos descendentes de europeus" [84]. Por que será que os dois presidentes, pertencentes a partidos políticos opostos, reproduzem o argumento da ascendência europeia com total naturalidade? Sem dúvida, as condições de produção desses discursos são determinantes: ambos foram produzidos diante de autoridades europeias. Trata-se de cenas enunciativas nas quais, no jogo das projeções imaginárias e os lugares atribuídos a si e ao outro, os locutores, afetados ideologicamente, projetam seus interlocutores europeus como superiores e realizam essas declarações que não apenas são apresentadas como evidências, mas que interpretamos aqui como gestos de condescendência e servilismo, mostrando um complexo de inferioridade próprio da lógica colonial[85].

Considerando os elementos que acabamos de mencionar, entendemos que os dizeres dos sujeitos entrevistados se inscrevem nessa rede de memória a partir da qual afirma-se que na Argentina não há negros. Trata-se de um saber discursivo que, como diz Orlandi (2007a, p. 31), "torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra". É pelo interdiscurso que esses dizerem

[84] As informações correspondentes às frases de Alberto Fernández e de Mauricio Macri foram obtidas de: <https://elpais.com/internacional/2021-06-09/la-cita-fallida-de-alberto-fernandez-los-mexicanos-salieron-de-los-indios-los-brasileros-de-la-selva-pero-los-argentinos-de-los-barcos.html> Acesso em: set. 2021.

[85] Dentro dessa mesma lógica se inscreve o enunciado formulado em 2016 por Mauricio Macri, no ato do Dia da Independência argentina, diante do Rei da Espanha, em que afirma que os cidadãos que lutaram pela independência "deveriam ter angústia de tomar a decisão, querido Rei, de se separar da Espanha". Discurso disponível em: <https://www.casarosada.gob.ar/informacion/discursos/36724-palabras-del-presidente-mauricio-macri-en-el-acto-por-el-bicentenario-de-la-independencia-en-tucuman>. Acesso em set. 2021.

ficam “disponíveis” afetando o modo de significar dos sujeitos em determinadas situações discursivas. Nesse sentido, tanto os discursos dos presidentes quanto os discursos dos sujeitos entrevistados, a partir de sua inscrição em determinadas formações discursivas e ideológicas, funcionam como evidências e são sustentados pelo pré-construído.

A forma como isso se expressa no discurso de Patrícia está atravessada também por marcas de heterogeneidade mostrada (AUTHIER-REVUZ, 2011), através de uma citação indireta e indeterminada, na medida em que não diz quem lhe disse isso, mas simplesmente “me disseram que os mataram primeiro na guerra”. Dessa forma, produz-se um efeito de distanciamento com esse dizer, não se responsabilizando por ele, mas isso não lhe impede de assumir esse dizer como uma verdade, apesar das hesitações introduzidas pelo “não sei” repetido. Isso porque o “não sei” aponta ao suposto motivo da inexistência de negros na Argentina, mas não para o fato em si mesmo, que é reafirmado nas formulações “como não tem” (SD 36) e “aqui não se veem muitas pessoas de cor” (SD 35).

Entendemos, junto com o historiador Felipe Pigna, que esse apagamento e invisibilização da população negra na Argentina e o tratamento que lhe foi dado historicamente, constitui uma das formas do racismo que implica “a negação ou desvalorização de sua presença e do papel que tinha na sociedade, o ocultamento da exploração, a negação da dignidade mais elementar à qual estava submetida” (PIGNA, 2018, tradução nossa). Em relação com o suposto desaparecimento da população negra na Argentina, o autor marca que tradicionalmente a narrativa hegemônica atribuiu como principais causas sua participação nas guerras da Independência, nas guerras civis e na guerra do Paraguai – como “lhe disseram” a Patrícia –, e as epidemias da cólera e da febre amarela, na segunda metade do século XIX. Embora não desconheça a relevância desses eventos, o historiador afirma que existem outros motivos que não são normalmente expostos e que ocultam a herança racista da Argentina. Um deles tem a ver com as condições de exploração nas quais viviam estas populações, inclusive mesmo depois da abolição da escravidão, o que explicaria os altos níveis de mortalidade de negros, mesmo em períodos de “paz”. Assinala também que a mortalidade dos recém-nascidos entre a população de origem africana quase duplicava à dos brancos.

O que queremos mostrar com isso é que as sequências que estamos analisando estão atravessadas por um imaginário que não brota do nada, como diz Orlandi (2007a), mas que se inscreve numa rede de memória que, como os discursos fundadores, vai construindo uma narrativa hegemônica sobre a história e a identidade de um povo ou de uma nação. Como afirma De Nardi (2007, p. 82):

> A história oficial é, certamente, apenas uma das versões da história de um povo, aquela que o poder determinou como possível de ser contada e que constrói a matriz de saberes para a construção de uma identidade, procurando sufocar a latente diferença que insiste em pulsar em seu interior. O passado sempre significa em relação à identidade, mas é preciso cada vez mais pensar em como esse passado se ressignifica, metamorfoseia-se, construindo uma identidade fluída que se forja na diferença. (DE NARDI, 2007, p. 82)

Na atualidade, como estamos vendo aqui, esse passado continua significando, a história oficial ainda é dominante e a memória se atualiza nos discursos que estamos analisando, assim como em tantos outros. Porém, como defendemos na AD, não há dominação sem resistência e, aos poucos, vão se criando espaços para os estudos afrodescendentes na Argentina[86]. Hoje, estima-se que aproximadamente 1.500.000 de argentinos e imigrantes no país são de origem afro[87], porém, não há dados estatísticos mais concretos. No entanto, a partir da demanda desse coletivo, no censo nacional previsto para 2022 nesse país se incluirá, pela primeira vez, a variável afrodescendente entre as perguntas do questionário, com o objetivo de dar visibilidade e reconhecimento a esse grupo social, compreender sua situação socioeconômica e poder planejar, a partir dos resultados, políticas públicas adequadas.

Voltando para as sequências em análise, observamos nelas uma identificação com o que, a partir de uma análise mais profunda da questão, poderia nos levar à descrição de uma formação discursiva racista, na medida em que, como dissemos, apropria-se de pré-construídos que promovem o apagamento da presença negra na Argentina. No entanto, sabemos que as formações discursivas "são constituídas pela contradição, são heterogêneas nelas mesmas e suas fronteiras são fluidas" (ORLANDI, 2007a), dado que elas estão interligadas a formações ideológicas antagônicas que comportam posições de classe. De acordo com Courtine,

> [...] as FD que dependem de FI antagônicas, aliadas, ... mantêm entre si relações contraditórias que se inscrevem necessariamente na própria materialidade dessas FD, isto é, em sua materialidade linguística. Se uma FD é o que, em uma dada FI e em uma conjuntura, determina "o que pode e deve ser dito" [...] convém acrescentar que essa característica não é isolada das relações contraditórias que uma FD estabelece com outra FD. (COURTINE, 2009, p. 73)

[86] Para ampliar a discussão sobre os avanços nas últimas décadas em relação a esta temática no âmbito de pesquisa recomendamos a leitura do artigo "Los estudios afrodescendientes en Argentina: nuevas perspectivas y desafíos en un país «sin razas»", elaborado pelas pesquisadoras do Conicet (Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas) Eva Lamborghini, Lea Geler e Florencia Guzmán. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/396/39654308005/html/>. Acesso em: set. 2021.

[87] O dado está publicado no site da Direção Nacional de Pluralismo e Interculturalidade pertencente ao Ministério da Justiça e Direitos Humanos da Argentina. Disponível em: <https://www.argentina.gob.ar/derechoshumanos/promocion/pluralismo/afrodescendientes>. Acesso em: set. 2021.

Tendo definido já no capítulo 3 o conceito de formação discursiva, convém trazer agora a definição de formação ideológica para compreender melhor a articulação entre estas noções e sua relação com a contradição:

> Falar-se-á de formação ideológica para caracterizar um elemento suscetível de intervir, como uma força confrontada a outras forças na conjuntura ideológica característica de uma formação social num dado momento: cada formação ideológica constitui assim um conjunto complexo de atitudes e representações que não são nem individuais nem universais, mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflito umas em relação às outras. (HAROCHE et al., 1971, p. 102, apud COURTINE, 2009, p. 71-72)

Considerando as duas citações precedentes, reafirmamos a importância que aponta Pêcheux ([1977] 2011) de observar a relação entre discurso, ideologia e interesses de classe no jogo contraditório das formações discursivas. Quer dizer, as FDs abrigam a contradição e ela, por sua vez, não pode ser pensada sem considerar a ideologia, uma vez que "uma ideologia é não-idêntica a si mesma, ela não existe a não ser sob a modalidade da divisão, ela não se realiza senão dentro da contradição que organiza nela a unidade e a luta dos contrários" (PÊCHEUX, ibidem, p. 187). É neste sentido que Leandro Ferreira (2010) sustenta, como vimos no capítulo 3, que a contradição expressa o furo da ideologia.

Se estamos falando de contradição, devemos lembrar, como aponta Orlandi (2007a), que a heterogeneidade e a contradição, que são constitutivas do sujeito e do sentido e que derivam da própria natureza da ideologia, apontam para a dimensão do real, enquanto a unidade e a não contradição funcionam no nível das representações, isto é, na dimensão do imaginário. Levando em conta estas considerações acreditamos que seja possível mostrar na SD 35 e na SD 36 as contradições entre posições ideológicas através das marcas deixadas na materialidade discursiva.

Nas sequências observamos, por um lado, o reconhecimento do racismo na Argentina ("tem uma coisa de racismo aqui na Argentina") e, embora de forma mais atenuada, também no Brasil ("O Brasil é um país muito racista, mas é uma coisa silenciosa). O sujeito assume uma posição na qual se coloca imaginariamente contra o racismo, reconhecendo a dívida com os negros e manifestando-se a favor de políticas sociais de inclusão na universidade. Cabe notar que no enunciado "temos uma dívida, né? como brancos", o sujeito procura no interlocutor um apoio, uma certa cumplicidade que se mostra materialmente na flexão do verbo que aponta para um *nós* inclusivo e o marcador conversacional "né?" que funciona retoricamente para solicitar a confirmação ou concordância do interlocutor sobre o enunciado precedente. Note-se que o *eu* consciente representa para si mesmo uma determinada imagem, um discurso coerente, unificado, mas isso se dá apenas imaginariamente. Quer dizer, isso que se dá na ordem do

imaginário entra em confronto com o real, que se deixa ver na linguagem mostrando as contradições de formações ideológicas em confronto.

Na SD 35, por exemplo, o sujeito afirma que há racismo na Argentina porque não se veem muitas *pessoas de cor*. Além da questão já analisada da identificação com o pré-construído da negação da população negra nesse país, interessa-nos chamar a atenção para a expressão "pessoas de cor". Entendemos esse eufemismo como a manifestação de um racismo enraizado, diante do qual Victoria Santa Cruz[88] responderia com uma bela risada: "E vou rir daqueles que para evitar – segundo eles – que para evitar-nos algum dissabor chamam os negros pessoas de cor". E é porque esses eufemismos costumam ser utilizados para evitar denominações, no caso "negro", que, de acordo com a inscrição ideológica do sujeito, seriam ofensivas ou pejorativas. O eufemismo, nesse sentido, expõe o funcionamento das projeções imaginárias determinadas pelas condições de produção dos discursos, a partir do qual o sujeito, na sua tentativa de não parecer racista diante de seu interlocutor, evita dizer uma palavra que, de acordo com sua posição ideológica e sua inscrição em determinada FD, poderia ser interpretada como racista. Não entanto, essa tentativa de suavizar sua expressão evidencia uma posição que sustenta que o termo "negro" implica, *per se*, atributos negativos, o que demostra que "todo dizer é ideologicamente marcado. É na língua que a ideologia se materializa" (ORLANDI, 2007a, p. 38), mesmo que o *eu* consciente tente dissimulá-lo.

Na mesma sequência, Patrícia diz que muita gente, especialmente o argentino homem, acha que a mulher brasileira é "puta" e associa essa representação com o racismo, exemplificando o que acontece com a manicura negra que ela conhece. Entendemos que esse recorte está mostrando a contradição constitutiva de FD antagônicas, uma, que denuncia o racismo fazendo uma compreensão interseccional da problemática, e outra que associa nacionalidade, prostituição e raça, e que no fio do discurso se mostra pela representação do discurso outro (AUTHIER-REVUZ), indeterminado, ("*muita gente* acha"; "*pensam* que é puta, garota de programa"), mas que é apresentado sem negá-lo, materializando assim a tensão e as contradições entre saberes de FD contrárias.

Por outro lado, é muito interessante observar o modo como caracteriza à manicura: "Eu *tenho* uma moça que me faz a unha, uma manicura brasileira, um amor, é do Nordeste, bonitona, linda, *mas* negra mulata, *mas* adorável". Em primeiro lugar, chama a atenção o uso do verbo

[88] Victoria Santa Cruz foi uma poetisa, compositora, coreógrafa e ativista afro-peruana. Um dos seus poemas mais emblemáticos, que citamos acima, é "Me gritaron negra" e está baseado numa experiência pessoal que aconteceu com ela quando era criança. O poema completo em português e espanhol está disponível aqui: <https://lyricstranslate.com/pt-br/me-gritaron-%C2%A1negra-gritaram-para-mim-preta.html>. Acesso em set. 2021.

"ter" no encadeamento "tenho uma moça", em lugar de "conheço uma moça" ou "tenho uma amiga/uma conhecida", o que, considerando que está se referindo a uma pessoa que presta um serviço para ela através de um verbo que denota posse, marca, ao nosso ver, uma posição ideológica de classe e faz ressoar uma memória que remete à submissão e à escravidão. Isso se encadeia, por outra parte, com a menção da origem dessa pessoa, o Nordeste brasileiro, historicamente projetado como um lugar atrasado e inferior ao Sul do país e carregado de representações preconceituosas que projetam o nordestino como subalterno. Finalmente, a presença repetida do *mas* nos marca movimentos de identificação na relação sujeito/sentido, onde podemos observar a tentativa de controle que, diante do funcionamento do real, acaba fracassando.

Ao analisar a expressão "Sí, pero no mucho", Zoppi Fontana (2016) aponta que nela se condensam traços de um movimento argumentativo e, também, um movimento subjetivo de identificação. Claro que os percursos da autora em relação a essa frase são mais amplos, mas o que nos interessa trazer aqui é a forma com base na qual ela aborda especificamente a questão do *mas*, baseando-se em Fernandes[89] (2007, apud ZOPPI FONTANA, ibidem), quem afirma que essa partícula representa tendências diferentes em espanhol e em português. No espanhol a tendência é usá-la com valor adversativo, ou seja, para marcar uma oposição entre dois argumentos, onde há um predomínio do contra-argumento por sobre o argumento, enquanto no português a tendência é que o *mas* apresente um valor concessivo, ou seja, o predomínio do argumento sobre o contra-argumento. Entendemos que, neste segundo caso, funcionaria como modo de atenuação ou para restar importância ao segundo termo do enunciado. Por exemplo, no enunciado "O Brasil é um país muito racista, mas é uma coisa silenciosa", o *mas* funciona para suavizar a afirmação de que o Brasil é racista sugerindo que esse racismo não é tão grave porque é silencioso ou não é tão notório quanto o da Argentina. Dessa forma, no contexto analisado, esse enunciado funciona também para estabelecer uma comparação entre os dois países. O nosso gesto de interpretação se sustenta no encadeamento da sequência pela afirmação de que agora a questão do racismo no Brasil está evoluindo e que se estão conseguindo muitas coisas a favor da população negra, o que permite deslizar o sentido para "O Brasil é racista, mas está melhorando", o que atenua o fato de o Brasil ser racista.

Porém, na SD 35 entendemos que o *mas* tem um valor adversativo. Entretanto, esse valor não pode se explicar apenas pelo marco dos estudos argumentativos ou como simples

[89] FERNÁNDES, I. C. S. Análise dos marcadores discursivos e das tendências enunciativas: contribuiçoes para o ensino de línguas. In Anais do V senale: Seminário Nacional sobre Linguagem e Ensino. Pelotas: Universidade Católica de Pelotas/UcPel, 2007.

oposição entre enunciados. Na perspectiva da AD o que procuramos é realizar um gesto de interpretação que leve em consideração as formações ideológicas e discursivas nas quais o sujeito se inscreve e as condições de produção dos discursos. Assim, no encadeamento de significantes presentes na sequência, o *mas* não poderia ser considerado como oposição entre "linda" e "negra", a não ser pela inscrição ideológica do sujeito, dado que é a partir dessa posição e no âmbito de determinada formação discursiva que os termos são significados numa relação de oposição e exclusão. Em outras palavras, numa FD racista não se deve nem se pode dizer que uma mulher é negra *e* linda, ou dizer que é negra *e* adorável, ambos os termos são excludentes. Dessa forma, se por um lado o sujeito, afetado pelas condições de produção do discurso, atribui adjetivos positivos ("é um amor, bonitona, linda, adorável") e procura controlar os efeitos de sentido de seu discurso, por outro, o real irrompe instaurando a contradição. Seguindo Magalhães e Mariani (2010) podemos entender esses enunciados como marcas de subjetividade que assinalam traços do registro inconsciente e do assujeitamento ideológico, assim como da identificação com uma determinada formação discursiva no marco de certas condições de produção.

Dando continuidade à análise, gostaríamos de destacar ainda alguns outros elementos da SD 36. Como dissemos, nela o sujeito reconhece a dívida com a população negra e se manifesta a favor das cotas nas universidades, o que mostraria sua inscrição numa FD antagônica à mencionada no parágrafo anterior. Também, como mencionamos acima, atribui o racismo ao Brasil, mas apresentando-o de forma atenuada pelo uso do *mas* e pela afirmação de que é algo que *agora* está mudando porque "está tendo muita evolução. Está se conseguindo muita coisa a favor da população negra". Diante disso, cabe perguntarmos, agora quando? E quem é que está conseguindo isso?

Na AD defendemos que os discursos produzem sentido em função das suas condições de produção que são históricas e ideológicas, que incluem o momento da enunciação, mas que vão muito além dele. Assim, o uso do dêictico temporal *agora*, que normalmente denota o momento de produção do enunciado, neste caso acreditamos que não se limita a ele, mas remete a uma temporalidade mais ampla cujo ponto de partida não se especifica, mas que sem dúvida inclui o momento da entrevista, realizada em 2019. Chama atenção, então, a produção desse enunciado no contexto político do governo Bolsonaro, quem historicamente se manifestou contra as cotas e que, durante a campanha eleitoral de 2018, tinha prometido eliminar as ações afirmativas caso fosse eleito. Nessa oportunidade, Bolsonaro afirmou: "A política de cotas no Brasil está completamente equivocada. [...] Tudo é coitadismo. Não pode ter política para isso. Coitado do negro, do gay, das mulheres, do nordestino, do piauiense, tudo é coitadismo no

Brasil, isso não pode continuar acontecendo"[90]. Dessa forma, o enunciado de Patrícia "Eu sou super a favor das cotas nas universidades", formulado nessas condições de produção, num momento de claro retrocesso das políticas públicas que procuram compensar desigualdades sociais estruturais – desigualdades que, por outra parte, ela supostamente reconhece ao dizer "temos uma dívida como brancos" – acaba se tornando contraditório. Cabe assinalar que o *agora* está marcando a mesma temporalidade que vimos na SD 33, porém, o discurso de Fernanda aponta para um sentido contrário ao de Patrícia, mobilizando identificações em FD diferentes. No primeiro caso, o "agora" no Brasil representa um risco pelo recrudescimento da violência contra a comunidade LGBT e contra as minorias sociais em geral, já no segundo, o "agora" é representado como um momento de evolução para a população negra.

Ainda sobre a relação do governo Bolsonaro com a questão do racismo, cabe mencionar que, em 2020, o vice-presidente do Brasil, Hamilton Mourão, afirmou que no Brasil não há racismo e que "pessoas de cor" só sofrem preconceito nos Estados Unidos[91]. Embora esse enunciado seja posterior à nossa entrevista, é inegável a articulação entre esses discursos. Note-se que Patrícia afirma, por um lado, que "O Brasil é um país muito racista" e que está a favor das políticas afirmativas, o que a colocaria numa posição ideológica contrária à do mandatário, mas ao mesmo tempo utiliza a mesma expressão racista proferida por ele ("pessoas de cor"), o que expõe, mais uma vez, o jogo contraditório das formações discursivas.

Finalmente, gostaríamos de destacar que na SD 36, na qual o sujeito retoma o pré-construído da ausência de negros na Argentina como explicação do racismo nesse país, instaura-se novamente a contradição entre um discurso supostamente contrário ao racismo e a favor das políticas afirmativas e expressões que marcam a inscrição numa FD racista. É o caso do enunciado "digo pela escola de meus filhos que há uma *única negra que foi adotada*, você não sabe o que sofre essa menina". Entendemos que o eu consciente procura nesse dizer manifestar sua empatia com o sofrimento da menina e exemplificar uma das formas de racismo que ela observa no seu entorno cotidiano, nesse espaço da cidade que estamos trabalhando. Porém, nessa forma de dizer ("uma única negra *que foi adotada*") podemos observar, como efeito do real, o atravessamento ideológico e inconsciente, uma vez que aos efeitos do que

[90] Extraído de: <https://veja.abril.com.br/politica/tudo-e-coitadismo-diz-bolsonaro-sobre-negros-mulheres-e-nordestinos/>. Acesso em: set. 2021.

[91] Cabe apontar que a negação do racismo viu se refletido na drástica diminuição dos recursos destinados para políticas de combate ao racismo e de promoção da igualdade racial no governo Bolsonaro. De acordo com uma análise técnica elaborada pela bancada do PSOL e divulgada em novembro de 2020, "o valor destinado em 2020 para essas ações corresponde a lastimáveis 2% do que foi desembolsado para essas políticas em 2011, quando se deu o pico histórico recente de liberação de recursos". Extraído de: https://psol50.org.br/estudo-do-psol-prova-que-governo-bolsonaro-e-o-que-menos-investe-no-combate-ao-racismo/. Acesso em: set. 2021.

conscientemente, na ilusão de controle, tenta transmitir, não seria necessário especificar que a menina é adotada. Na nossa interpretação isso mostra que, de acordo com sua posição ideológica e de classe, a presença de uma menina negra nesse espaço só se explica por se tratar de uma criança que foi adotada, especialmente considerando que se trata de uma escola particular que, como a própria Patrícia descreve em outro momento da entrevista, é uma escola "super *first class*, tudo classe alta, em Olivos[92], uma escola inglesa", onde evidentemente não é comum a presença de crianças negras.

Analisando as contradições presentes nas SD 35 e SD 36, podemos observar que o que está funcionando ali remete ao que Courtine chama de enunciado dividido, que aponta, justamente a mostrar as relações antagônicas entre FD no fio do dizer. Tal como afirma Courtine (2009), uma mesma materialidade linguística pode abrigar enunciados inscritos em FD antagônicas, como o demonstra ao analisar a FD comunista e a FD católica no texto *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. Isso é possível porque, como já comentamos, as formações discursivas possuem uma heterogeneidade constitutiva e a relação entre elas, apesar do efeito de estabilização, está marcada também pelas contradições. Dessa forma, de acordo com o autor, dizeres provindos de diferentes domínios do saber podem aparecer juntos no fio do discurso e no mesmo enunciado podem coexistir discursos em confronto, tal como comprovamos a partir de nossa análise.

Para concluir, cabe destacar que nos dois grupos de sequências analisados neste bloco observamos a irrupção do real através das contradições que fomos marcando oportunamente e que rompem com a ideia da cidade como um espaço estabilizado, imaginariamente projetado pelo sujeito no seu dizer sobre uma Buenos Aires ideal e idealizada. É preciso sinalizar, entretanto, que a forma de dizer a cidade tem características particulares em cada um desses grupos. Nas sequências de Fernanda, a referência espacial entendemos que se dá de forma mais clara no sentido de que, embora o marcador utilizado seja "aqui", que pode remeter tanto a Buenos Aires quanto à Argentina, interpretamos que a descrição das situações relacionadas com o espaço da rua aponta principalmente para sua experiência na cidade. No caso de Patrícia, também observamos que as situações que menciona tem a ver com a dinâmica da cidade e sua experiência nela, principalmente o relato sobre o que sofre a manicura por ser brasileira e negra. Porém, a referência espacial aponta explicitamente ao nacional ("aqui na Argentina"), produzindo um deslizamento metonímico que poderíamos enquadrar dentro do mecanismo de universalização, trabalhado no capítulo 5 com Zoppi Fontana (2005), que neste caso não está

[92] Bairro nobre da zona Norte da Área Metropolitana de Buenos Aires. A menção do bairro, nestas condições de produção, não é casual e aponta também para a organização do espaço da cidade em relação com as classes sociais.

em relação às identidades, mas que se desloca para produzir um efeito de homogeneidade em torno do espaço.

Por último, e retomando o que desenvolvemos no capítulo 2 junto com Hasenbalg e Frigerio (1999) sobre a questão da negritude e sua relação com os processos de exotização, podemos afirmar à luz das sequências analisadas aqui que, embora o imaginário dos argentinos sobre os brasileiros como uma população completamente negra tenha mudado nos últimos anos, observamos nos dizeres dos migrantes que essa característica é motivo de rejeição no espaço da cidade de Buenos Aires. Se pensamos a exotização nos termos propostos pelos autores como um processo que se define pela atribuição de diferenças culturais com valoração positiva, podemos afirmar que o que expõem os sujeitos entrevistados não responde exatamente a esse fenômeno, mas a uma estigmatização que resulta em atos de discriminação e violência. Nesse sentido, entendemos que os discursos analisados aqui se distanciam das observações realizadas por esses pesquisadores e comentadas no segundo capítulo, ao menos em relação a esse ponto.

6.4 O FUNCIONAMENTO DA CIDADE: EM BUSCA DA ESTABILIDADE LÓGICA

Nos primeiros capítulos deste trabalho apontamos que estamos entendendo a cidade como um espaço simbólico atravessado por relações de poder, no qual o Estado dispõe de certas técnicas de gestão social dos indivíduos, que procuram organizá-los e classificá-los a partir de critérios administrativos, jurídicos, econômicos etc, estabelecendo, entre outras coisas, os limites dos espaços que podem ocupar ou não, com o fim de manter a estabilidade lógica numa determinada formação social e num determinado território. Isso implica, consequentemente, a produção de espaços normatizados que, a partir de critérios mais ou menos explícitos, determinam processos de inclusão e exclusão dos sujeitos.

Nesse marco, no capítulo 3 apontamos, junto com Orlandi (2007c), que dita estabilidade lógica implica uma dependência das coisas-a-saber diante das quais o sujeito imigrante encontra-se em desvantagem, na medida em que, para uma adequada gestão da sua existência deve se inscrever numa ordem simbólica diferente e compreender um tipo de funcionamento do espaço urbano que pode ser mais ou menos diferente daquele que tem como ponto de referência.

Considerando esses elementos, neste bloco analisaremos duas sequências discursivas que expõem as relações dos sujeitos imigrantes com o funcionamento da cidade e as técnicas materiais e técnicas de gestão social (PÊCHEUX, ([1983] 2012) que organizam seu real.

6.4.1 "Tinha medo do meio de transporte"

A sequência que apresentamos a seguir foi extraída da entrevista de Laura, quem, como mencionamos na apresentação dos entrevistados[93], não mora exatamente na Ciudad Autónoma de Buenos Aires (CABA), mas em Lanús, um município pertencente à Gran Buenos Aires (GBA), que limita com a região sul da capital[94]. Esse dado adquire uma relevância muito grande no discurso porque se mostra como um elemento adverso no processo de inscrição no novo espaço. Nesta SD, perguntada sobre as dificuldades de adaptação que teve no início do processo migratório, responde o seguinte:

> **SD 37 –** E eu fui morar em Lanús quando cheguei, então já era uma província, no caso, já era um pouco mais longe da capital, então também tive que estudar o transporte, não entendia os meios de transporte. Primeiro não entendia o que era "província". Quando eu disse que eu ia morar em Lanús eu pensei que estava morando, que morava na capital, até que me falaram 'não, não vai morar na capital, vai morar em província'. Então entender a geografia já não foi fácil, entender a parte de meios de transporte e andar de trem para mim... quando cheguei aconteceu um acidente de trem aqui, mais ou menos quando tinha chegado. [...] Então já comecei a ficar com medo porque pensei que era algo que acontecia com mais frequência. Acabava de chegar. E tinha medo do meio de transporte. Não consigo socializar. Foram 6 meses, quase um ano Muito. E até adotei um cachorro que foi meu melhor amigo nesse período. (LAURA)

Cabe apontar que essa sequência foi produzida quase a continuação de outra já analisada no capítulo 5[95], na qual Laura dizia que tinha sofrido muito pela dificuldade para socializar com argentinos, o que a levou a uma depressão que durou seis meses. Esclarecemos isso porque é interessante observar que as duas questões que surgem como dificuldades no processo de adaptação (a socialização, por um lado, e a questão do espaço e do transporte, por outro) parecem ser de ordens muito diferentes, mas se as analisamos mais minuciosamente, podemos encontrar conexões muito significativas. Por um lado, a SD 9 refere-se a aspectos bem profundos do sujeito tais como sofrimento, depressão, distância, dificuldades de relacionamento, enquanto a SD 37 mostra questões aparentemente mais superficiais, do dia a dia, como o transporte, a cidade de residência e a diferenças de significado entre o que é "província" e o que é "capital" no espaço específico de Buenos Aires. Porém, esses elementos, na experiência de inscrição na língua e no espaço do outro, não são secundários, dado que, como dissemos, o sujeito em condição de imigração tem que se enfrentar a uma ordem simbólica diferente.

---

[93] Página 130.
[94] Ver mapa na página 40.
[95] Trata-se da SD 9 (página 146).

A confusão em relação ao funcionamento, organização geográfica e forma de nomear os diferentes espaços, que levou Laura a morar numa cidade diferente da que ela esperava, tem a ver com a imbricação entre a maneira pela qual a linguagem expressa o espaço e na qual o espaço é capaz de estruturar a linguagem (MONDADA[96], 1994, apud ZOPPI FONTANA, 2005), com as consequências que isso pode trazer para um imigrante recém-chegado num novo país e no seu rearranjo subjetivo nesse universo simbólico desconhecido.

De fato, a forma de nomear os espaços de Buenos Aires costuma ser problemática para os estrangeiros – e às vezes também para os argentinos – uma vez que não há referentes claros para certos significantes que por vezes parecem se referir à mesma coisa e por vezes a realidades excludentes. Por outro lado, também há diferentes significantes para nomear o mesmo território, o que contribui à desorientação dos sujeitos que não pertencem a esses espaços. Tentando esclarecer a questão, vamos diferenciar quatro espaços e as formas mais comuns com as quais são nomeados:

- Ciudad Autónoma de Buenos Aires (CABA). Também chamada de *Ciudad de Buenos Aires, Buenos Aires, Capital Federal, capital, centro*.
- Gran Buenos Aires (GBA). Também chamada de *conurbano* e *província*. A cidade onde Laura mora, Lanús, encontra-se nesse espaço territorial.
- Área Metropolitana de Buenos Aires (AMBA)[97]: Essa área inclui as duas anteriores (CABA e GBA) e a área da Gran La Plata. Não tem outro nome, mas costuma ser confundido, inclusive pelos próprios argentinos, com GBA.
- Província de Buenos Aires. Inclui o GBA e o resto do território do estado, mas exclui a Ciudad de Buenos Aires que, por ser autónoma, tem sua própria administração, autoridades governamentais, orçamento etc.

Como vemos trata-se de uma organização complexa que envolve modos de dizer que formam parte de uma memória na qual os sujeitos imigrantes não estão inscritos e que marcam um funcionamento do qual esses sujeitos não podem se evadir, porque estão inseridos nesse espaço e tem que se movimentar nele, submetendo-se à sua ordem simbólica. Celada (2013) quando traz de Lacan a concepção do simbólico como práxis e tratamento do real, enlaça esses conceitos "com o que Pêcheux chama de *técnicas materiais* e *técnicas de gestão social dos indivíduos*, isto é: modos que 'produzem transformações e que administram' o real, afirmando

[96] Mondada, Lorenza. Verbalisation de l'espace et fabrication du savoir, Laussane, Université de Laussane/Fac. des Lettres, 1994.
[97] Ver mapa na página 40.

uma estabilização lógica (1990b, p. 30)" (CELADA, 2013, p. 60, grifos da autora). Entendendo que essas técnicas estão vinculadas ao funcionamento da língua, a autora propõe pensar

> [...] no funcionamento de uma cidade e nas diversas práticas que a habitam, perpassadas pelas formas de dizer específicas de uma língua. Os diversos itens que fazem parte do que chamamos de "léxico" muitas vezes funcionam como formas que materializam "pontos de estofo" de um espaço discursivo logicamente estabilizado, numa filiação de memória específica. (CELADA, 2013, p. 61)

Embora a pesquisadora faça esses apontamentos em relação às práticas de ensino-aprendizagem de língua estrangeira, consideramos que é pertinente trazê-los para nossa reflexão na medida em que o sujeito imigrante tem o desafio, assim como o sujeito aprendiz, de se inscrever nessa outra ordem simbólica e em novas formas de dizer que produzem um estranhamento nele, como vemos na sequência em análise. Assim, os aspectos que Laura menciona em relação à geografia e à divisão entre "capital" e "província", além dos meios de transporte que em seguida vamos abordar, não são elementos superficiais ou secundários, mas aspectos que desestabilizam o sujeito e que demandam um grande esforço de compreensão.

Um dos mecanismos discursivos que se destaca nesta sequência é a repetição e a negação repetida que aponta, justamente, para essa incompreensão: "*não entendia* os meios de transporte"; "*não entendia* o que era província"; "*entender* a geografia já *não foi fácil*, *entender* a parte de meios de transporte". Esses enunciados nos remetem à SD 6[98], em que observamos o estranhamento de Laura por não entender as formas de socializar do outro, não entender por que eles não falam de coisas mais profundas. Esse não entender, como vimos oportunamente e como reforçamos agora, não diz respeito ao conhecimento do idioma, mas de uma não identificação com o outro e seu espaço, o que marca a impossibilidade de encontrar um lugar nele. Observamos também que essa negação produz um efeito de recusa e exclusão do imigrante que aqui retorna, ao abordar a questão da cidade, pela representação da voz do outro que lhe diz "não, não vai morar na capital, vai morar em província".

No final da SD 37 vemos que os aspectos vinculados à socialização referidos na SD 9 retornam. É interessante observar a forma como o sujeito articula esses dois aspectos no discurso, ou seja, depois de comentar a questão de não saber o que significa província e capital, de não entender os meios de transporte e a alusão ao acidente de trem, acaba, no final da sequência e sem utilizar nenhum marcador discursivo, na menção dos problemas de socialização. Observe-se o encadeamento desses dois enunciados aparentemente desconectados: *E tinha medo do meio de transporte. Não consigo socializar*. Chama a atenção, além da falta de conectivo, o tempo verbal da segunda frase, no presente do indicativo, o que

[98] Página 145.

de alguma maneira irrompe no relato que até esse momento é formulado utilizando os tempos verbais no passado, já que o sujeito está reconstruindo uma experiência já vivida. O fato de o discurso continuar no passado depois dessa frase, habilita-nos a interpretar o uso do tempo presente como um ato falho, o que também se sustenta na repetição da questão da solidão ao longo da entrevista como algo que também a afeta no presente.

Que efeitos de sentidos produz essa combinação de aspectos aparentemente desconexos? Para responder essa pergunta há determinadas condições de produção que devemos retomar. O acidente de trem que Laura menciona se refere à chamada "Tragédia de Once", ocorrida no dia 22 de fevereiro de 2012, na que um trem de passageiros que estava chegando na plataforma da estação Once da Ciudad de Buenos Aires[99], não freou e colidiu com os para-choques de contenção, provocando 51 vítimas fatais e 702 feridos. O evento, com grande presença na mídia, desatou uma intensa reação dos familiares e amigos das vítimas que começaram a reclamar justiça utilizando o enunciado "JU5T1CIA", que faz alusão ao número de pessoas falecidas no acidente. Além disso, o evento deu início a uma investigação judicial que expôs o péssimo estado do sistema ferroviário e as responsabilidades de empresários e funcionários públicos na desatenção que provocou o sinistro. Tudo isso está, de alguma forma, ecoando no discurso de Laura, em que se expressa de forma repetida o medo que isso lhe produziu ("comecei a ficar com medo"; "tinha medo do meio de transporte") e que, sem dúvida, afetou sua subjetividade. Devemos considerar, nesse sentido, que ela, morando na zona Sul do Gran Buenos Aires, tinha que pegar o trem todo dia para chegar no trabalho na capital. Se faz muito presente, aqui, a questão da orfandade e a solidão que mencionava Kristeva (1994), pois como não se sentir desprotegida, sendo estrangeira, morando em um lugar que é percebido como perigoso, onde o medo à morte está muito presente no dia a dia devido a um acontecimento trágico muito vivo na memória recente?

É interessante atentar para o fato de que a referência a esse acidente marca a repetição de uma memória coletiva que determina o modo de os sujeitos se relacionarem com esse espaço e que o sujeito do discurso retoma em seu dizer como uma memória sua, ou da qual ele é parte, ainda que não possa se colocar enquanto sujeito que viveu o evento histórico a partir do qual essa memória se estabelece. A inscrição nessa memória coletiva produz efeitos que ecoam agora no seu discurso, no que associa sua solidão, suas dificuldades de relacionamento e a distância afetiva com uma distância real, uma vez que ela morava longe do trabalho e precisava usar o

[99] Na Ciudad de Buenos Aires, a maioria das linhas de trem conectam justamente o que se chama de "província", isto é, a Gran Buenos Aires (GBA), e a "capital" (CABA). O acidente mencionado ocorreu numa das linhas que une a cidade com a zona Leste do GBA.

transporte público para chegar nele. Encurtar essa distância apresenta-se como problemático, seja por desconhecimento do transporte ou pelo risco que implicava, risco sustentado nessa memória traumática recente e na representação criada a partir dela ("*pensei que era algo que acontecia com mais frequência"*).

Considerando esses elementos, nosso gesto de interpretação aponta para compreender, no discurso de Laura, o trem como metonímia da cidade. Como vimos no capítulo 5 em relação à metáfora, a metonímia também não é entendida na AD como figura de linguagem, embora exista uma relação com ela na retomada psicanalítica de Lacan ([1955-56] 1988, p. 252), quem afirma que "O que Freud chama de condensação, é o que se chama em retórica a metáfora, o que ele chama o deslocamento é a metonímia". Nesta perspectiva, a metonímia remete ao princípio do prazer, apontado por Freud e representado pelo seio, objeto de satisfação que nunca está ao alcance do sujeito, fazendo com que o desejo nunca seja satisfeito. Eis o que Lacan chama de *objeto a*, objeto do desejo do Outro.

De acordo com Tfouni et al (2015, p. 335), para Lacan "o mecanismo responsável por fazer deslizar esse objeto irrecuperável para outros objetos significantes e, assim, possibilitar ao sujeito desejar, é a metonímia". É por isso que a metonímia é entendida como um processo de transferência de denominação, isto é, um objeto é denominado por outro, sempre que existam entre os termos "uma relação de matéria a objeto, de continente a conteúdo, causa e efeito, ou, ainda, de parte pelo todo" (ROSA, 2020, p. 302). Dessa forma, a metonímia não expressa apenas a falta do objeto, mas também a incompletude da linguagem, e constitui assim "uma tentativa mal-sucedida de contornar o real (Tfouni et al, ibidem, p. 336). Cabe acrescentar que na recuperação destas noções, a AD compreende a metonímia, assim como a metáfora, em relação com o atravessamento do histórico, ideológico e inconsciente no processo de produção de sentidos, o que implica um sujeito que não tem total controle dos sentidos de seu dizer.

Assim, se entendemos a cidade como objeto de desejo do sujeito imigrante, objeto faltoso que imaginariamente está ali disponível, mas que não termina de ser alcançável para o sujeito, podemos interpretar o trem, no discurso de Laura, como efeito metonímico da cidade, a partir de uma relação da parte com o todo. Na cadeia, o trem desliza metonimicamente para a cidade mostrando o real da imigração e a impossibilidade de acessar e se movimentar na cidade.

Vemos assim como a sequência analisada, posta em relação com outras sequências produzidas pelo mesmo sujeito, apesar de, aparentemente, se referirem a assuntos diferentes, acabam produzindo um sentido bastante determinante na constituição de Laura como sujeito em condição de imigração: diante do medo produzido a partir de um evento traumático e da falta de compreensão da nova realidade e de seu entorno (a cidade, o transporte), ela estava

sozinha. Não se sentiu acolhida e isso provocou-lhe sofrimento e a levou a uma "quase" depressão.

Essa solidão se expressa de forma categórica no final da SD 37: "*até adotei um cachorro que foi meu melhor amigo nesse período"*. Vemos assim como as dificuldades de adaptação, no final das contas, não tiveram a ver apenas com elementos da ordem afetiva/emocional que a influenciaram negativamente na experiência da imigração e na identificação com o outro, mas também com as dificuldades na inscrição simbólica na ordem da cidade.

6.4.2 "Não, você não pode se matricular aqui"

Passaremos agora a analisar uma outra sequência que expõe o funcionamento das técnicas de gestão social dos indivíduos e como isso afeta o sujeito imigrante nesse sítio de significação que é a cidade (ORLANDI, 2001), mostrando de que forma dito funcionamento é interpretado por esse sujeito como forma de exclusão.

> **SD 38** Hubo algo muy claro cuando me fui a inscribir [a la universidad]. […] Cuando yo fui, que fui con el DNI, decía… bueno hablé con una persona pero por mi tonada se nota que soy brasileña y me dijo, "no, no podés inscribirte acá". Fui a Ciudad Universitaria. "Tenés que irte a Montes de Oca[100]" o algo así. "Los brasileños se inscriben allá". Yo dije, "bueno, pero yo tengo DNI argentino porque soy hija de argentina. Mi DNI no es brasileño, extranjero", y ahí a la mujer no le gustó nada, pero igual me inscribió. Porque para ellos, los brasileños solo se podían inscribir en un lugar. Montes de Oca. Por ahí me mandaban a cursar allá, pero la inscripción no podía ser ahí, porque segundo ellos no se entendía el portugués o algo así. Y bueno, pero fue la primera impresión, ahí yo dije, si no tenía mi documento no iba a poder inscribirme. […] Si venís con el DNI normal como de un argentino, ok, por ahí no le gusta que hablás en portugués, no te creen mucho, pero mirás atrás y ves "nacionalidad argentina nacida en Brasil", ahí ok, pero si tenés el extranjero arriba o te escuchan hablar en portugués no te dan importancia. (VITÓRIA)[101]

Nesta sequência observa-se o funcionamento do mecanismo do discurso direto como forma de heterogeneidade mostrada, que serve para trazer ao fio do discurso a representação do

[100] Rua da Ciudad de Buenos Aires onde se encontra uma das sedes da Universidad de Buenos Aires.

[101] SD 38 – Teve algo muito claro quando fui me matricular [na universidade]. [...] Quando eu fui, que fui com o DNI [documento nacional de identidade], dizia... bom, falei com uma pessoa, mas por meu sotaque dá para notar que sou brasileira e me disse, "não, você não pode se matricular aqui". Fui na Cidade Universitária. "Tem que ir para Montes de Oca", ou alguma coisa do tipo. "Os brasileiros se matriculam lá". Eu disse, "bom, mas eu tenho DNI argentino porque sou filha de argentina. Meu DNI não é brasileiro, estrangeiro". E aí a mulher não gostou, mas igualmente me matriculou. Porque para eles, os brasileiros só podiam se matricular num local, Montes de Oca. Talvez me mandavam fazer o curso lá, mas a inscrição não podia ser ali, porque segundo eles não se entendia o português, o algo do tipo. E bom, mas foi a primeira impressão, aí eu disse, se não tinha meu documento não ía poder me matricular. [...] Se você vem com o DNI normal como de um argentino, ok, talvez não gostam que você fala português, não acreditam muito, mas você olha no verso e vê "nacionalidade argentina nascida no Brasil", aí ok, mas se tem o "estrangeiro" acima o te escutam falar português não te dão importância.

discurso outro, incluindo neste caso as próprias palavras do locutor para descrever a cena enunciativa na qual Vitória vai se matricular na universidade. Essa representação do diálogo com a funcionária, que se dá dentro de um espaço administrativo do Estado, pode ser caraterizada, seguindo Zoppi Fontana e Celada (2009), como uma situação de "balcão", vinculada ao que Pêcheux ([1983] 2012, p. 30) 1990) define como "técnicas de gestão social dos indivíduos".

No seu trabalho, as autoras analisam determinadas situações enunciativas entre argentinos e brasileiros que lhes permitem exemplificar o funcionamento de duas posições discursivas diferentes, especialmente em determinadas práticas relacionadas com o espaço administrativo do Estado:

> Por um lado, uma posição discursiva própria da formação social argentina, cujo espaço de enunciação (e seus falantes) estariam determinados pelo funcionamento predominante de processos de identificação-subjetivação configurados a partir de um "direito de regulamentação", que instaura um âmbito de mediação/regulação abstrato das relações subjetivas: o espaço formal em que se ressignifica a contingência das relações intersubjetivas pelo funcionamento previsível do conjunto de deveres e direitos que constituem o sujeito de direito. Por outro lado, na formação social brasileira, o espaço de enunciação e seus falantes estariam predominantemente determinados por processos de identificação-subjetivação configurados a partir de um direito que designamos como "casuístico/interpessoal", pois consideramos que se caracteriza por não reconhecer um espaço de mediação abstrato e formal das relações subjetivas estabelecidas nas práticas interlocutivas: pelo contrário, as define e configura de maneira particular em cada caso. (ZOPPI FONTANA; CELADA, 2009, p. 165, tradução nossa)

De acordo com a caracterização precedente, podemos afirmar que, na cena descrita na SD 38, a funcionária assume a posição discursiva do sujeito do direito de regulamentação, uma vez que sua resposta não atenta para o caso particular de sua interlocutora, mas se rege justamente por esse direito que aplica leis gerais e abstratas a casos particulares. Nessa lógica "opera uma distribuição do direito a dizer (exigir) e dos modos de dizer (direto, imperativo) que se diferencia da que se dá em espaços de enunciação brasileiros" (ZOPPI FONTANA; CELADA, 2009, p. 171, tradução nossa). Podemos observar estas características nos enunciados atribuídos à funcionária: "Não, não pode se matricular aqui. Tem que ir para Montes de Oca. Os brasileiros se matriculam lá". Já no caso de Vitória, é interessante observar que, embora ela insista para que se atenda seu caso particular, a posição que assume não é a do sujeito do direito casuístico/interpessoal, mas a do direito de regulamentação, uma vez que sua resposta aponta não simplesmente para mostrar seu caso pessoal, mas para demonstrar os motivos pelos quais sua situação se encaixa dentro das ressalvas contempladas pela lei. Quer dizer, diante da interlocução proposta pela funcionária, marcada pelo direito de regulamentação, Vitória responde a partir dessa mesma posição e é capaz de mantê-la de forma muito eficiente,

sem passar a ocupar uma posição relativa a um sujeito do direito casuístico/interpessoal que, como sustentam Zoppi Fontana e Celada (ibidem), seria a tendência predominante dos sujeitos brasileiros.

Por outro lado, entendemos que na cena descrita encontram-se em funcionamento certas antecipações imaginárias que contribuem para gerar um equívoco de interpretação nesse processo de interlocução. Lembramos que a antecipação, de acordo com Orlandi (1998b, p. 8), "significa que todo sujeito falante é capaz de se antecipar a seu ouvinte, através desse imaginário, e experimentar seu lugar de sentido". Dessa forma, de acordo com a representação de Vitória da cena enunciativa, entendemos que a funcionária, além de estar regida pelo direito de regulamentação, realiza uma antecipação sobre quem é sua interlocutora a partir de seu sotaque, como vimos nas primeiras SD analisadas neste capítulo, e sem procurar compreender sua situação particular, formula uma resposta, amparada pelas técnicas de gestão social dos indivíduos, na medida em que a organização administrativa da inscrição na universidade de aspirantes estrangeiros indica que, no caso de não terem documento de identidade argentino, devem realizar a matrícula numa sede específica da universidade, na rua Montes de Oca. É por isso que utiliza uma denominação que em outras análises atribuímos aos mecanismos de universalização, como é o caso de "os brasileiros", aspecto que reforça a posição discursiva própria do espaço de enunciação argentino. Podemos pensar, junto com Zoppi Fontana (2005, p. 29, tradução nossa), que a resposta da funcionária remete a "um processo de individuação jurídica do sujeito, que ao mesmo tempo em que distingue o indivíduo como unidade discreta, suporte das determinações jurídicas, o uniformiza na permutabilidade imaginária de identidades universalmente indeterminadas".

A partir da imagem que Vitória faz da imagem que dela faz a funcionária, sua intepretação aponta para um efeito de rejeição e exclusão que tem a ver com seu sotaque e, metonimicamente, com sua nacionalidade ("a inscrição não podia ser ali porque segundo eles não se entendia o português, o algo do tipo"; "se te escutam falar português não te dão importância"), o que também a configura como objeto de suspeita e desconfiança ("Se você vem com o DNI normal como de um argentino [...] não acreditam muito").

Considerando que estamos trabalhando as técnicas de gestão social dos indivíduos como técnicas que procuram administrar o real no espaço da cidade para manter sua estabilidade lógica, entendemos que a cena enunciativa que a SD 38 nos traz exibe pontos de desestabilização que nos lembram a análise que Orlandi (1998b) faz das falas desorganizadas do cotidiano das cidades. A autora entende que ditas falas, por serem lugares em que irrompe a diferença, constituem lugares de resistência justamente ao já significado, ao já estabilizado, e

permitem que os sujeitos da cidade reclamem sentidos novos. Ao confrontar a antecipação imaginária da funcionária, Vitória abre sentidos outros nesse espaço administrativo imaginariamente estabilizado, e se significa de forma diferente à que a funcionária a significa, na medida que sua intervenção desliza para o sentido "eu não sou o que você acha que sou. Eu não sou indocumentada, eu posso me matricular aqui".

Assim, nesse espaço estabilizado pelo Estado, podemos interpretar a cena enunciativa como uma forma de fala desorganizada que, nos termos definidos por Orlandi, funciona como vestígio do real da cidade.

Para concluir, assim como vimos no ponto 6.3 que o real irrompia pelas contradições no marco das projeções imaginárias da cidade, nesta seção observamos que a unidade lógica desse espaço se rompe pelo próprio funcionamento da cidade, expondo processos de exclusão que afetam os sujeitos brasileiros em condição de imigração. Na primeira sequência analisada, esse processo se dá principalmente em relação a sua inscrição na ordem simbólica. Na segunda, pelas técnicas de gestão social dos indivíduos que o Estado impõe. Em ambos os casos o que se marca é a presença do real da cidade que irrompe nesse espaço imaginário discursivamente estabilizado e nos mostra o funcionamento do paradoxo proposto por Zoppi Fontana (1998) entre *cidade una* – que remete aos sentidos sistematizados, às representações homogeneizantes – e a *cidade fluida* – aquela da multiplicidade de representações que ressignificam o espaço urbano sem apagar sua heterogeneidade.

Para finalizar o capítulo, procuraremos na próxima seção, ampliar a discussão em torno das projeções imaginárias sobre o espaço do outro, mas desta vez não o delimitando à cidade, mas estendendo-o ao âmbito do nacional a partir dos discursos dos sujeitos sobre o Brasil, a Argentina e a relação entre ambos os países.

6.5 A RELAÇÃO IMAGINÁRIA ENTRE O BRASIL E A ARGENTINA: A TENSÃO ENTRE IRMANDADE E RIVALIDADE

Neste capítulo, em que estamos trabalhando a relação dos sujeitos brasileiros em condição de imigração com o espaço do outro, nos detivemos principalmente no espaço da cidade pela relevância que este aspecto mostrou nos discursos dos entrevistados e por considerá-lo como um objeto de identificação que articula as práticas discursivas de ditos sujeitos. No entanto, como vimos principalmente no segundo capítulo, sabemos que a questão do espaço se configura necessariamente na relação com o Estado nacional. Nesse sentido, cabe apontar que a categoria do nacional funciona também como um imaginário que atravessa essas

relações na cidade. É por isso que consideramos interessante, para finalizar, realizar esse deslocamento da cidade para o país, procurando analisar nos dizeres dos sujeitos sobre ambos os países, quais são as imagens que se projetam sobre eles e como isso afeta seus processos de identificação.

Entendemos que assim como muitas das projeções imaginárias sobre o outro estão sustentadas em estereótipos, sentidos cristalizados que procuram fixar imaginariamente as identidades, também os espaços e as relações entre países podem estar perpassados por imagens estereotipadas. É isso que propomos abordar aqui.

No capítulo 2 desenvolvemos um panorama sobre a imigração na Argentina e, especificamente, sobre as particulares condições da imigração brasileira em Buenos Aires, indicando a composição social dessa imigração, e observamos, baseando-nos no trabalho de Hasenbalg e Frigerio (1999), que os brasileiros que migravam para Buenos Aires, em geral, ocupavam posições laborais acordes ou superiores às que poderiam atingir no Brasil, enquanto que os brasileiros que migravam para países do primeiro mundo se dispunham a realizar trabalhos de menor qualificação em comparação com os que realizavam no seu país. Neste capítulo, ao analisar os discursos dos sujeitos sobre a cidade, observamos a força da identificação imaginária com esse espaço a partir de representações idealizadas que constroem a imagem de uma Buenos Aires saturada, ideal, completa, prenhe de oportunidades. Nesse fenômeno, como vimos, pode-se observar a materialização das representações imaginárias não apenas sobre o espaço do outro, mas também sobre o próprio, sendo elas produto da história e das discursivizações que foram se construindo não apenas sobre cada um dos países, mas também sobre a relação entre eles.

Assim, para compreender o imaginário dos brasileiros sobre o Brasil e a Argentina e sobre a relação entre eles, não podemos deixar de olhar como ambos os países se colocam em relação com a organização geopolítica do mundo em geral. Nesse sentido, é inegável que no cenário internacional existem complexas relações de poder entre os países que foram organizando o mundo ao longo da história e polarizando-o em divisões tais como países colonizadores/países colonizados; primeiro mundo/terceiro mundo; países desenvolvidos/países em desenvolvimento/países subdesenvolvidos; países centrais/países periféricos; e assim por diante. Nessas dicotomias funcionam relações assimétricas nas quais os países que se encontram no polo superior exercem uma hegemonia econômica, política e simbólica sobre os países do polo inferior. É claro que estamos fazendo uma simplificação, porque entendemos que em todos os níveis também existem diversificações na distribuição do poder, mas o que nos interessa aos efeitos de nossa análise é mostrar que, em todas as

polarizações mencionadas, Brasil e Argentina se encontram, por assim dizer, “no mesmo lado da barra”.

Esse panorama é sustentado e reproduzido ideologicamente através da inscrição dos sujeitos em determinadas formações discursivas e ideológicas nas quais se identificam ou não, assumindo ou resistindo o/ao lugar que lhe foi assignado nessa estrutura, através das diversas identificações imaginárias e simbólicas que vão conformando sua subjetividade.

Por outro lado, não podemos deixar de mencionar nesse panorama, o contexto regional latino-americano e, particularmente, o processo de integração regional promovido a partir da criação do Mercosul e seus efeitos nos processos de identificação-subjetivação dos sujeitos que integram esse espaço. É interessante, nesse ponto, observar as reflexões de Zoppi Fontana e Celada:

> Todo processo de integração regional, embora seja provocado por iniciativas políticas e responda principalmente a motivações econômicas, incide fortemente na configuração de novas relações de sociabilidade. Estas relações afetam os processos de identificação-subjetivação a partir dos quais se constituem os sujeitos na sua identidade linguística e cultural dentro do espaço em jogo, em que os Estados nacionais que o integram passam a estabelecer relações particulares. A relação mais intensa de contato e intercâmbio, ressignificada imaginariamente como oferta de novas possibilidades de desenvolvimento profissional, econômico e/ou social promove uma série de movimentos de aproximação que trabalha os processos identitários a partir da projeção de imagens de si e do outro, interpretadas na sua relação mútua especular. (ZOPPI FONTANA; CELADA, 2009, p. 161, tradução nossa)

Sem dúvida, a incidência do cenário descrito pelas autoras é particularmente relevante no caso de sujeitos em condição de imigração pelas determinações que provoca nas representações imaginárias e nos processos de identificação com o outro nesse particular “espaço de enunciação do Mercosul” (ibid., p. 164). Assim, por um lado, a integração regional pode aproximar os países, fazendo com que Argentina como país de destino seja percebido como um espaço mais familiar, mais parecido, e que se encontra em um patamar relativamente similar do ponto de vista da hierarquia internacional. Mas, por outro lado, sabemos que nem tudo é tão linear e que o vínculo construído historicamente entre Brasil e Argentina está atravessado por uma história de encontros e desencontros que por momentos contribuíram para criar um imaginário de irmandade, mas não qualquer irmandade, pois trata-se de irmãos que brigam, especialmente no futebol, que se burlam um do outro, que se admiram e se criticam, que dividem fronteiras, que se visitam, que competem entre si, enfim, como diz Zoppi Fontana (2016, p. 134), uma relação de “rivalidade especular”.

Em relação com a questão da irmandade, a autora aponta que a designação “los hermanos”, frequente na forma em que às vezes os brasileiros se referem aos hispano-falantes

e particularmente aos argentinos, é irônica e traz consigo "marcas de uma proximidade distante e distintiva" (ZOPPI FONTANA, 2016, p. 158). Ao analisar o funcionamento discursivo da expressão "sí, pero no mucho" e seu deslocamento para a fórmula "hermanos, pero no mucho", utilizada principalmente em contextos de disputa futebolística, de comércio exterior ou de políticas de integração regional, a autora afirma que:

> Esta fórmula representa com humor a relação de vizinhança que impõe as contradições identitárias de uma convivência simbólica e imaginária. Para usar uma expressão célebre criada por Freud, podemos afirmar que a fórmula *hermanos, pero no mucho* condensa processos de identificação e contraidentificação (Pêcheux, [1975] 1988) que trabalham numa região de sentidos interpretados como de uma estranha familiaridade ou, como demonstra Celada (2002), representa uma língua singularmente estrangeira. (ZOPPI FONTANA, 2016, p. 158, grifos da autora, tradução nossa)

Sem dúvida essa relação imaginária de rivalidade e fraternidade, de estranha familiaridade, afeta os processos de identificação dos sujeitos em condição de imigração, e projeta-se nos discursos, reproduzindo-a ou a ela resistindo. Assim, procuraremos observar nesses discursos a imagem que o brasileiro projeta de seu país e do país do outro, entendendo que nessas imagens encontram-se em funcionamento os estereótipos reproduzidos historicamente, não apenas sobre esses espaços, mas também sobre a relação entre ambos os países.

6.5.1 "Durante a Copa a coisa fica tensa"

Considerando que estamos trabalhando com discursos de sujeitos em condição de imigração, inferimos que era provável que existissem imagens dos sujeitos prévias ao processo de imigração e que tais imagens poderiam ser reproduzidas ou transformadas a partir da experiência migratória. Ao perguntar sobre o assunto, as respostas apontaram para imagens relacionadas com o futebol, o turismo ou particularidades inerentes aos interesses ou experiências dos sujeitos.

Dentre todas as imagens prévias observadas, interessa-nos comentar principalmente a questão do futebol, pois consideramos que constitui um dos âmbitos onde se sustenta mais fortemente uma das imagens de rivalidade na relação entre Brasil e Argentina que tem sido discursivizada profusamente ao longo dos anos.

> **SD 39** – [Como é a imagem do brasileiro para o argentino?] Positiva, yo creo que sí. Es muy cordial, aunque parezca que no cuando es tiempo de mundial, *esas cosas*, que *la cosa* queda *pesada*, se pone *pesada*, se vuelve *pesada* porque es verdad que existe una enemistad, más movida por el pueblo, ¿no? la gran masa. […] Yo siento más en el fútbol.

> Ahí *la cosa* realmente es duro. Yo no creía... el fútbol decía "nah, cómo que el fútbol va a… nah" pero sí. La gente se pone rara y no sé si yo, yo y también mis colegas también nos agarra algo de… patriótico. "No me vas a hablar así por fútbol". No soy, o sea, también agarro y digo algo y me intento defender, pero sí, la provocación, *esa cosa* que si estás un poco con el humor más o menos te agarra y… (FERNANDA)[102]

Nesta sequência Fernanda destaca a relação de cordialidade entre argentinos e brasileiros e aponta para uma imagem positiva dos primeiros sobre os segundos. Porém, isso se interrompe na época da Copa. É interessante notar que, em outro momento da entrevista, quando perguntada sobre o que sabia da Argentina antes de migrar, ela responde que tinha uma imagem prévia relacionada com futebol, mas, no seu dizer, esse conhecimento é relativizado: "Não conhecia Argentina, nada. Acho que pelo futebol e assim, mais ou menos".

Em relação com essa imagem prévia, percebe-se uma mudança de posição, uma transformação, a partir da experiência de imigração, nas representações imaginárias de si e do outro que faz com que o sujeito acabe assumindo o estereótipo vinculado à relação de rivalidade entre Brasil e Argentina. Desafiando suas próprias representações ("Eu não acreditava... o futebol dizia 'não, como que o futebol vai... não', mas sim"), Fernanda assume uma posição de rivalidade associada, no seu dizer, ao patriotismo, como se tivesse que defender seu país em terra inimiga. Quer dizer, já não se trata de um assunto que "tanto faz", como parecia na imagem prévia, agora é um terreno de disputa, onde há provocações, as pessoas ficam estranhas e a coisa fica tensa porque "*é verdade* que existe uma inimizade". Esse enunciado nos mostra o efeito de evidência do pré-construído da rivalidade futebolística que, inclusive, aparece também em outras entrevistas, como por exemplo, na de João, quem afirma que existe o preconceito de que "brasileiros e argentinos têm que se odiar pelo futebol"; ou no caso de Patrícia que diz: "Na Copa meus filhos torcem pelo Brasil, os argentinos pelos argentinos, então se dá uma briga, assim, de brincadeira, na escola". Neste último caso, mesmo que ela minimize a briga e a rivalidade por considerar que se trata de uma brincadeira entre crianças, fica exposto o funcionamento do pré-construído como algo que atravessa inclusive várias gerações.

Na SD 39 esse pré-construído parece reforçar-se ao ponto de produzir uma mudança subjetiva. E essa transformação não é inócua, na medida em que produz uma desestabilização

[102] SD 39 – [Como é a imagem do brasileiro para o argentino?] Positiva, eu acho que sim. É muito cordial, embora pareça que não na época da copa do mundo, essas coisas, que a coisa fica tensa, se torna tensa, fica tensa porque é verdade que existe uma inimizade, mais movida pelo povo, né? pela grande massa. [...] Eu sinto mais no futebol. Ai a coisa realmente é duro. Eu não acreditava... o futebol dizia "não, como que o futebol vai... não", mas sim. As pessoas ficam estranhas e não sei se eu, eu e também meus colegas também somos tomados por algo de... patriótico. "Não vai falar assim comigo por conta do futebol". Não sou, ou seja, também falo alguma coisa e tento me defender, mas sim, a provocação, essa coisa que se você está com o humor mais ou menos te absorve e...

nas representações do sujeito que se mostram na materialidade linguística através das repetições ("a coisa fica tensa, se torna pesada, vira pesada"), das hesitações, reformulações, frases inconclusas, indeterminações léxicas ("essas coisas", "a coisa fica tensa", "a coisa realmente é duro"; "essa coisa que..."), expondo assim um funcionamento simbólico através do qual podemos observar a instabilidade constitutiva do sujeito e suas contradições. Entendemos que isso reafirma a necessidade de pensar a identidade como não-fixa ou, em termos de Zoppi Fontana e Celada (2009, p. 163, tradução nossa), como "feixe de traços instáveis de processos de identificação".

Observamos a partir dessas sequências que a imagem estereotipada da rivalidade no futebol está muito presente nas representações sobre a relação entre Brasil e Argentina, embora a forma em que cada imigrante vivencia essa rivalidade seja diferente. Porém, essa área cinza na qual a rivalidade futebolística, real ou de brincadeira, deambula, não deixa de gerar uma tensão, como se a harmonia e a cordialidade estivessem por um fio, prestes a se quebrar a qualquer gozação do outro. De acordo com a opinião de Maria Rita Kehl (2005), essa rivalidade "ultrapassa a medida do simples preconceito". A autora entende que "o esporte é uma via simbólica que possibilita que a rivalidade e a inimizade entre grupos se manifestem, sem (grandes) riscos para ambas as partes". Se a rivalidade se reduz apenas ao futebol, não é uma questão simples de resolver, mas o que podemos afirmar é que com certeza ela forma parte da relação imaginária entre Brasil e Argentina e, portanto, afeta os processos de identificação dos brasileiros em condição de imigração em Buenos Aires, especialmente se consideramos que eles se encontram numa posição de desvantagem porque – aproveitando a metáfora futebolística – não estão jogando em casa.

6.5.2 "Argentina busca se parecer com a Europa"

Ao falar, no capítulo 5, da imagem que os brasileiros têm dos argentinos, analisamos o funcionamento do estereótipo destes últimos como pessoas arrogantes e observamos que, na SD 17[103], essa característica associava-se à hiper valorização da Europa por parte dos argentinos e a um anseio de pertencimento a esse outro espaço representado como superior, reforçando assim o estereótipo da superioridade europeia que, entendemos, é reproduzido não apenas pelos argentinos, mas pelos latino-americanos em geral, em múltiplas dimensões, como produto de história de colonização desses países e da distribuição geopolítica do poder no mundo inteiro.

[103] Página 171.

A arrogância atribuída aos argentinos, então, não se reduz a um traço da identidade imaginada pelos brasileiros, mas envolve também a forma segundo a qual estes percebem que os argentinos projetam a posição do seu país no cenário internacional. Dessa forma, um dos deslizamentos dessa arrogância estaria ligado à forma como os brasileiros percebem a imagem que os argentinos reproduzem do seu país, a autopercepção que têm de si mesmos:

> **SD 40** – Yo veo los hijos de Carlos [seu esposo argentino, que tem dois filhos também argentinos], gente de 21 años, 16 años, 17 años, que estudian, que tuvieron... dicen que Argentina es lo mejor del mundo, que Argentina... Está bien que sea nacionalista y que adore su cosa, pero cuando vos pensás que tiene una gran economía, una gran... ¡perdona! ¿entiendes? Es como as veces una… piensa que tiene un tamaño y un poderío y *una cosa muy desubicada*. Que, no sé, no sé, yo veo mucha diferencia porque al mismo tiempo que se pega mucho el país, se piensa que es el mejor del mundo. *Brasil no tenemos esta… vos no vas a ver… es muy raro ver "Brasil es el mejor país".* (PATRÍCIA)[104]

> **SD 41** – *Yo siempre he escuchado* que *la gente de Argentina* perde un poco la *característica latina* en busca de ser más similar a los europeos, y cuando llegué acá *yo constaté eso* de cierta forma, lo que pasa que hoy *la cultura argentina* no es muy reforzada en Buenos Aires porque hay mucho extranjero. De verdad, yo conozco más extranjeros que argentinos. Imagino que en el interior de la provincia es distinto, que la cultura argentina tradicional esté más viva. Acá en Buenos Aires está todo muy mezclado. (JOÃO)[105]

Na SD 40 observa-se o estranhamento e até a rejeição que gera no sujeito a imagem que os argentinos têm de seu país, como se fosse o melhor país do mundo, com uma grande economia, um grande tamanho e poder, percepção com a qual Patrícia não se identifica e que considera quase por fora da realidade (*"uma coisa muito descabida"*), o que acaba reforçando o estereótipo do argentino arrogante, que se acha mais do que é.

O interessante da sequência, além da representação de auto-idealização dos argentinos em relação com seu país, é a comparação que ela estabelece com Brasil, onde ela observa uma atitude diferente, que não consegue simbolizar, mostrando esta impossibilidade nas reiteradas

[104] SD 40 – Eu vejo os filhos de Carlos [seu esposo argentino, que tem dois filhos também argentinos], pessoas de 21 anos, 16 anos, 17 anos, que estudam, que tiveram... dizem que Argentina é o melhor do mundo, que Argentina... Tudo bem que seja nacionalista e que adore sua coisa, mas quando você pensa que tem uma grande economia, uma gran... me perdoe! Entendeu? É como que as vezes uma... pensa que tem um tamanho e um poder e uma coisa muito descabida. Que, não sei, não sei, eu vejo muita diferença porque ao mesmo tempo que se critica muito o país, se pensa que é o melhor do mundo. No Brasil não temos esta... você não vai ver... é muito incomum ver "Brasil é o melhor país".

[105] SD 41 – Eu sempre escutei que as pessoas de Argentina perdem um pouco a característica latina em busca de ser mais similar com os europeus, e quando cheguei aqui eu comprovei isso de certa forma, o que acontece é que hoje a cultura argentina não é muito reforçada em Buenos Aires porque tem muito estrangeiro. De verdade, eu conheço mais estrangeiros do que argentinos. Imagino que no interior da província seja diferente, que a cultura argentina tradicional esteja mais viva. Aqui em Buenos Aires está tudo muito misturado.

hesitações: “No Brasil não temos esta... você não vai ver... é muito incomum ver ‘o Brasil é o melhor país’”. Diante dessa impossibilidade, o sujeito evita adjetivar e recorre à representação do discurso outro para negá-lo, ao mesmo tempo que propõe diversas reformulações que vão tornado o enunciado cada vez mais impessoal. Assim, passa de “No Brasil não temos...”, incluindo-se a si mesma dentro desse grupo pela utilização da primeira pessoa do plural, para “você não vai ver...”, que remete a uma segunda pessoa que pode ser um modo de dizer para se referir ao falante, mas também constitui um movimento de aproximação com o interlocutor; e finaliza com a frase impessoal: “é muito incomum ver...”.

Assim como vimos na SD 1, também de Patrícia, o mecanismo de antecipação no marco das condições de produção do dizer, consideramos que estamos diante do mesmo funcionamento que, neste contexto, opera também como uma forma de atenuação, como uma tentativa de controlar o discurso e os efeitos de sentido que ele pode produzir numa interlocutora argentina. No entanto, apesar das tentativas de controle do sujeito, as interrupções no fio do discurso (representadas através das reticências) deixam ver a presença do não dito, um silêncio que, como diz Orlandi (2007d, p. 12), “remete ao caráter de incompletude da linguagem” fundamental para a produção da polissemia. Esse silêncio, de acordo com a autora, não pode ser reduzido ao implícito porque não é “recuperável”, não podemos “traduzir o silêncio em palavras” (ibid., p. 50), mas nem por isso ele deixa de significar e produzir sentidos.

A comparação que Patrícia realiza em relação à representação de argentinos e brasileiros sobre seu próprio país nos remete, mais uma vez, ao trabalho de Coracini (2007) que recolhe as representações que os brasileiros fazem de si e do estrangeiro, lembrando que nesse trabalho a autora se foca nos estrangeiros de Estados Unidos e da Europa. Alguns dos enunciados que resumem essas representações são bem eloquentes: “os estrangeiros são superiores ao Brasil e aos brasileiros”; “Tudo o que é estrangeiro (americano e europeu) é melhor”; “O brasileiro só tem a aprender com o estrangeiro”; “É bom ser brasileiro, mas seria melhor ser estrangeiro”. Esses enunciados refletem, segundo a autora, o sentimento de inferioridade dos brasileiros no que diz respeito a outros países considerados superiores, admirados. Assim, colocando em relação esses dizeres com o imaginário sobre os argentinos e sobre a representação que eles têm de si mesmos, talvez possamos compreender por que choca tanto nos brasileiros a autopercepção imaginada dos argentinos. Vale trazer, para essa reflexão, as palavras de Kehl:

> Será que o que nos incomoda é a arrogância ou simplesmente a autoestima argentina? Como é que um país pequeno do extremo sul da América do Sul, tão perto de nós, ousa se levar tão a sério? Como é que eles não demonstram sentir, em relação aos europeus, a inferioridade que nós sempre ostentamos? Eles pensam que são ingleses, ou o quê? Ou pensam que são argentinos, e que isso já é uma grande coisa. Imperdoável. (KEHL, 2005)

Não pretendemos aqui dar resposta a esses questionamentos, mas sim mostrar como essas representações nos atravessam e se manifestam no discurso, tal como mostra a SD 40 e se reproduz na SD 41. Nesta sequência, logo no início podemos observar o funcionamento do pré-construído. No enunciado "eu sempre escutei que as pessoas da Argentina perdem um pouco a característica latina em busca de ser mais similar com os europeus", manifesta-se que há outros discursos que falaram antes, em outros lugares e que foram se reproduzindo sob a determinação do interdiscurso até chegar àquele enunciado que "todo mundo sabe": que a Argentina é o menos latino dos países da América Latina e que procura se parecer com a Europa, algo que o sujeito afirma ter constatado na sua experiência migratória.

A sequência também mostra claramente o funcionamento do imaginário na construção de identidades ilusoriamente homogêneas, o que permite que para o sujeito seja evidente o que é a "característica latina", a "cultura argentina", a "cultura argentina tradicional" do interior do país, e inclusive, como são os europeus, como se todos esses termos descrevessem blocos homogêneos. Ao mesmo tempo, observa-se uma tentativa do sujeito de romper essa percepção de homogeneidade ao estabelecer uma certa distinção entre Buenos Aires e o resto do país, colocando em jogo certas representações do que é uma grande cidade, cosmopolita, com uma maior mistura pela presença de estrangeiros ("a cultura argentina não é muito reforçada em Buenos Aires porque tem muito estrangeiro"), o que a distanciaria das suas raízes, da sua "essência" e tradição. Porém, essa tentativa se frustra pelo modo de dizer no começo da sequência ("as pessoas da Argentina"), que instaura a contradição entre a distinção e a uniformização.

Isto confirma uma observação que fomos marcando ao longo deste trabalho ao analisar os discursos dos sujeitos brasileiros em condição de imigração, que é que as categorias da cidade e do nacional muitas vezes aparecem de forma indistinta, havendo uma oscilação e até uma indeterminação nas referências ao espaço e às pessoas. A tendência que notamos indica que, geralmente, ao falar do outro, o termo "argentino" (ou suas paráfrases, por exemplo, "as pessoas da Argentina"), funciona como deslizamento metonímico de "os portenhos" ou "as pessoas de Buenos Aires", enquanto ao falar do espaço é mais frequente a delimitação à cidade. Esse mesmo movimento se dá na sequência em análise, onde para falar das pessoas o sujeito remete ao nacional, mas em seguida a sequência deriva para o que o sujeito observa em Buenos Aires, quer dizer, para o âmbito da cidade.

Isso não significa que não exista, em alguns casos, uma certa percepção da heterogeneidade da população ligada à divisão espacial. Assim, para ilustrar esse fenômeno, propomos trazer uma última sequência que consideramos que funciona como síntese entre o

que vimos no capítulo 5 sobre os processos de identificação com o outro e o que vimos neste capítulo sobre os processos de identificação com a cidade, e que expõe claramente o deslizamento metonímico entre a cidade e o país, tanto em relação ao espaço quanto a seus habitantes.

> **SD 42** – Yo lo que veo... eso es raro, cómo un extranjero hace amistad con otros extranjeros, sea de Brasil, sea de Venezuela, Bolivia, lo que sea. *Con argentinos, muy poco*. Como que te ponen un… cómo te digo…, a veces *acá*, porque en la UBA *conocí gente del interior, de Misiones, y no eran así*. Hablaban más. *Acá* te ponen algo muy... *cuesta abrirse*, *no son malos, eh*, pero *le cuesta hablar y aceptar los demás*. […] Mi familia [de Corrientes], como más al norte, por ejemplo, más *llegando a Brasil,* son, no más amables, pero son más abiertos, al hablar, al tratar con la gente. *Acá son... lo veo muy cerrados*. (VITÓRIA)[106]

Nesta sequência retornam vários elementos já analisados no que concerne ao caráter fechado dos argentinos, à dificuldade para fazer amizade com eles, aos limites nas possibilidades de gerar relacionamentos mais profundos, mas também aparecem novos elementos sobres os quais é interessante refletir. Um deles tem a ver com a dificuldade de falar e de aceitar os outros, "los demás", expressão indeterminada que poderia significar que os argentinos não aceitam os outros em geral, que não aceitam os estrangeiros, ou, inclusive, que não a aceitam. No entanto, observa-se também um esforço por tentar suavizar essas afirmações ("não são maus, eh, mas têm dificuldades"), mecanismo de atenuação que pode se justificar pelas determinações próprias das condições de produção do dizer ou até por um mecanismo inconsciente de autoproteção diante da rejeição desse outro desejado que se fecha para ela, mas que não o faz por maldade ou por alguma coisa própria dela, mas por uma dificuldade dele. Em outras palavras, é o outro quem não consegue aceitar nem falar e, de fato, na representação do sujeito estrangeiro, isso se reafirma na medida em que ele sim consegue fazer amizade com outras pessoas que estão na mesma situação, independentemente da nacionalidade e da língua (Brasil, Venezuela, Bolívia).

Este último aspecto também é recorrente nos discursos dos sujeitos entrevistados, como já observamos no capítulo 5, em que analisamos sequências que apontavam a dificuldade de ser relacionar com "argentinos" em contraposição com a facilidade para ser relacionar com

[106] SD 42 – O que eu vejo... isso é estranho, como um estrangeiro faz amizade com outros estrangeiros, seja do Brasil, seja da Venezuela, Bolívia, o que for. Com argentinos, muito pouco. Como que te colocam um... como posso dizer..., às vezes aqui, porque na UBA conheci gente do interior, de Misiones, e não eram assim. Falavam mais. Aqui te colocam algo muito... custa se abrir, não são maus, eh, mas tem dificuldades para falar e aceitar os outros. [...] Minha família [da província de Corrientes], como mais para o norte, por exemplo, mais chegando no Brasil, são, não mais amáveis, mas são mais abertos, ao falar, al tratar com as pessoas. Aqui são... eu os vejo muito fechados.

outros estrangeiros e, inclusive, como argentinos de outras províncias. Destacamos, nessa oportunidade, que esses outros argentinos acabavam sendo projetados também como estrangeiros em Buenos Aires, na medida em que eram constituídos como um outro nesse espaço, como alguém que não pertence ao âmbito da cidade.

Nesse sentido, é muito significativa forma como na SD 42 se estabelece a distinção entre os argentinos de Buenos Aires e os do interior do país. Observe-se que a designação "argentinos" é atribuída aos cidadãos da cidade de Buenos Aires, na medida em que quando diz que os estrangeiros fazem amizade com outros estrangeiros e não com argentinos (*Con argentinos, muy poco),* em seguida acrescenta que conheceu *"gente del interior de Misiones y no eran así"* (assim, fechados como "os argentinos" antes mencionados). Quer dizer, nessa designação, as pessoas de outras províncias são projetadas como "não argentinos", pessoas que, pelo seu não pertencimento a esse espaço da cidade de Buenos Aires, não compartilham as mesmas características e, nesse sentido, trata-se de um outro mais próximo, mais aberto, mais "parecido" com ela. Trata-se – poderíamos dizer assim – de um outro (*quase* argentino) que compartilha com ela o lugar da alteridade no espaço de um outro nativo, o portenho, designado metonimicamente com o significante "argentinos".

Dessa forma, a tentativa de diferenciação e essa imaginária percepção da heterogeneidade fica diluída quando se utiliza o termo "argentinos" para designar apenas a uma parte da população – a de Buenos Aires –, produzindo através dessa universalização um efeito de homogeneização do outro que contribui para a reprodução de identidades nacionais que resultam evidentes e funcionais para manter a ilusão de um mundo semanticamente normal.

Por outro lado, é interessante notar que, na SD 42, Vitória menciona duas províncias: Corrientes, onde tem família, e Misiones[107], de onde conhece colegas da universidade, que constituem as únicas duas províncias argentinas que limitam com o Brasil, espaços onde percebe justamente um trato diferente ao das pessoas de Buenos Aires. Assim, no seu discurso, ela afirma que indo para o norte, chegando no Brasil, as pessoas são mais abertas, mas acolhedoras, como se à medida que se aproximasse da sua terra ela fosse encontrando algo do familiar, da proximidade, interlocutores com quem falar, porque eles falam mais, porque eles falam com ela. Instaura-se, dessa forma, a comparação entre as pessoas de Buenos Aires e as dessas províncias que, no final das contas, desliza para uma comparação com os brasileiros. Um dos elementos para estabelecer a comparação é o de ordem espacial, o dêictico "aqui" que se repete várias vezes na sequência reforçando não apenas a polarização "lá" / "cá" que já

[107] Cabe lembrar que, como vimos no Capítulo 2, Misiones constitui um dos subsistemas mais importantes da imigração brasileira na Argentina.

comentamos neste capítulo (“às vezes *aqui*” “*Aqui* te colocam algo muito... *Aqui* são...”), mas também a relevância dos espaços de referência com os quais o sujeito estabelece seus processos de identificação.

Ainda em relação a falar com “argentinos” (sabemos, agora, que Vitória se refere aos de Buenos Aires), isso não parece ser possível, porque eles colocam *alguma coisa* que, na narrativa, fica no espaço do não-dito: “Como que te colocam um… como posso dizer…, às vezes aqui, […] aqui te colocam algo muito...”. Por um lado, chama a atenção esse modo de dizer que, como vimos na análise da SD 40, inclui o falante dizendo-se em segunda pessoa, mas também marca uma tentativa de aproximação com o interlocutor. Por outro lado, observamos nesse trecho várias hesitações que podem se dar pelas condições de produção do dizer, pela própria instância de enunciação onde o imaginário está funcionando, mas também pela impossibilidade de preencher esse enunciado, como se alguma coisa permanecesse silenciada, não dita, no “ar”, mas produzindo sentidos a través dessas marcas na língua que remetem ao real. Assim, colocando em relação esta sequência com o que fomos trabalhando ao longo deste trabalho, nosso gesto de interpretação aponta para um retorno da metáfora da barreira, aquilo que instaura um limite físico e simbólico e que, ao mesmo tempo que interdita o acesso, expressa o desejo do outro.

Iniciamos este capítulo retomando a distinção de Orlandi entre ordem e organização para pensar o espaço da cidade e os processos de identificação dos sujeitos brasileiros em condição de imigração. Depois das análises e reflexões desenvolvidas podemos concluir que a identificação desses sujeitos na ordem da cidade se dá fundamentalmente no registro do imaginário. Quer dizer, toda a série de projeções imaginárias que analisamos neste capítulo mostram, nos modos de dizer dos sujeitos e através dos mecanismos discursivos que fomos especificando, uma cidade representada como ideal e que, diferentemente da casa dos portenhos, está aberta para os imigrantes, oferecendo-lhes oportunidades que não são acessíveis na sua própria terra. Essas projeções, que afetam também a forma como o próprio espaço dos brasileiros é representado, produzem um efeito de unidade não contraditória da cidade e, ao mesmo tempo, funcionam como um modo de mascarar o real, disfarçando os processos de exclusão que, de outra forma, seriam intoleráveis para os sujeitos. No entanto, o real irrompe mostrando as contradições, penetra pelas brechas entre a cidade imaginada e a cidade vivida que, ao mesmo tempo que expõe as dificuldades dos imigrantes brasileiros na inscrição simbólica nesse espaço, revela a potência de seu desejo de pertencimento.

7 PALAVRAS FINAIS: EM BUSCA DAS FRONTEIRAS MÓVEIS

Yo no sé de dónde soy,
mi casa está en la frontera.
Y las fronteras se mueven,
como las banderas.

(*Frontera*, Jorge Drexler)

Ao longo deste trabalho procuramos mostrar o funcionamento do discurso dos sujeitos brasileiros em condição de imigração em Buenos Aires com o objetivo de analisar seus processos de identificação, a partir de nossa inscrição teórica na análise do discurso e em diálogo com a psicanálise. Neste último capítulo propomos retomar os aspectos mais relevantes discutidos ao longo deste trabalho, no intuito de avaliarmos o percurso realizado e responder a nossas perguntas de pesquisa.

Perseguindo um dos objetivos propostos – o de analisar as condições de produção da imigração brasileira em Buenos Aires e, com isso, delimitar o marco sócio-histórico e ideológico dos discursos dos sujeitos imigrantes –, e entendendo junto com Orlandi (2007c) a importância da historicidade como condição de produção do dizer e como interdiscurso, desenvolvemos um percurso sobre a imigração na Argentina e sobre a forma como ela foi discursivizada ao longo dos anos. A reflexão sobre alguns dos discursos fundadores que contribuíram na conformação de uma memória sobre a imigração nesse país nos permitiu observar, por um lado, certos paralelismos com os processos migratórios no Brasil, no momento da conformação dos estados-nação na América do Sul no marco das discussões sobre a instauração de uma suposta identidade nacional e, por outro, a forma como foi projetada imaginariamente a imigração nesse contexto e que se traduziu no fomento à imigração europeia, baseado na representação de uma Europa homogênea, superior, civilizada, culta e moderna.

Nesse percurso, refletimos a respeito dos discursos *sobre* os imigrantes e sua interdependência com os discursos *dos* imigrantes. Cabe notar que questões como a hiper valorização europeia e a rejeição aos imigrantes latino-americanos, especialmente em espaços institucionais como a universidade, mostraram-se significativos nos discursos dos imigrantes entrevistados, confirmando essa relação de mão-dupla entre discurso *sobre* e discurso *de*, reafirmando a importância de abrir espaços para que esses sujeitos possam se dizer em primeira pessoa e mostrar assim como são afetados por essas determinações, nas quais o Estado tem um papel fundamental.

Ao mesmo tempo, a caracterização sobre a imigração na Argentina e particularmente sobre a imigração brasileira em Buenos Aires nos deu elementos para compreender o modo singular como esses sujeitos realizam seus processos migratórios, sob condições materiais geralmente diferentes às dos imigrantes de outros países da América do Sul. Apontamos oportunamente que os imigrantes brasileiros não constituíam um grupo particularmente rejeitado em comparação com imigrantes de outras procedências, porém, como vimos ao longo das análises, existem vários elementos que afetam sua inscrição na comunidade de chegada, dificultando seus processos de identificação com o outro. Podemos pensar, por exemplo, que, por se tratar de uma migração numericamente menor, mais dispersa e individual, não chega a conformar-se uma comunidade de compatriotas ou a gerar-se espaços de socialização específicos e, desse modo, torna-se mais complexa a criação de vínculos socioafetivos fora dos espaços de trabalho ou estudo. Isso revelou-se como um elemento extremamente importante nos discursos dos brasileiros, nos quais observamos, reiteradamente, uma demanda de acolhimento não satisfeita, principalmente em relação às amizades. Cabe lembrar, nesse sentido, a força que tomou nas sequências analisadas no capítulo 5 a distinção entre amigos e conhecidos e a frustração por não conseguir construir vínculos profundos com argentinos de Buenos Aires, o que mostra uma continuidade com o trabalho de Hasenbalg e Frigerio (1999) apresentado no segundo capítulo, que expunha, já naquele momento, que as dificuldades de adaptação dos imigrantes brasileiros em Buenos Aires se relacionavam, principalmente, com as diferenças na sociabilidade. Os autores assinalavam que os brasileiros percebiam os portenhos como frios, agressivos e fechados, o que fazia com que se sentissem rejeitados. Na nossa análise, constatamos a manutenção dessas imagens e o seu impacto nos processos de identificação dos sujeitos.

Outro elemento que podemos destacar a partir da relação entre a caracterização das condições materiais da imigração brasileira em Buenos Aires e a análise dos discursos *dos* sujeitos que conformam essa imigração é que ela, apesar de ser frequentemente motivada por razões de trabalho e estudo, também é determinada pelas projeções imaginárias sobre Buenos Aires, que parecem justificar a permanência desses sujeitos mesmo diante da hostilidade percebida. De fato, a questão da cidade foi tomando protagonismo progressivamente durante a elaboração desta tese, na medida em que não foi um assunto que, a princípio, fazia parte de nossos questionamentos iniciais. No entanto, as recorrências observadas no corpus e a interlocução durante a instância de qualificação da tese nos levaram a novas leituras que nos permitiram aprofundar essa relação entre a imigração e a cidade como espaço de significação e objeto de identificação. Dita relação nos mostrou as contradições entre a projeção imaginaria

de um espaço construído como um terreno de possibilidades, saturado, idealizado, discursivamente estabilizado e o real de uma cidade que não preenche a falta, que expõe o sujeito a situações de exclusão, em muitos casos determinadas pelas técnicas de gestão social dos indivíduos e pelas dificuldades na inscrição simbólica dos sujeitos na ordem da cidade.

É por isso que, a partir do entendimento de que é essencial abordar a questão do espaço – e, em nosso caso, o espaço da cidade – para trabalhar os processos de identificação dos sujeitos imigrantes sob a perspectiva da AD, desenvolvemos, no capítulo 3, algumas discussões que nos permitiram tecer a base teórica necessária para delimitar a forma segundo a qual compreendemos ditos processos. Em diálogo com a psicanálise, refletimos sobre a articulação entre a identificação e as dimensões do real, do simbólico e do imaginário na constituição do sujeito da linguagem e na produção de sentidos, e apontamos a relevância da exposição à alteridade na conformação da ilusão de identidade.

Isso nos ofereceu as ferramentas necessárias para observar as particularidades de um sujeito, sempre já-estrangeiro, que, quando colocado em situação de imigração, deve se submeter às leis do Outro, o que produz uma perturbação de sua subjetividade e o expõe a novas identificações, dentre as quais, tomamos como objeto as identificações com o outro e com a cidade, a partir da forma como elas se mostram na língua. Ditas identificações estão marcadas pela relação que o sujeito já construiu ao longo da sua história e na história com as línguas que o habitam, com os espaços transitados, com os outros que participaram na constituição de sua subjetividade. Todos esses elementos não ficam na fronteira, eles acompanham o sujeito na sua jornada e têm um papel fundamental nos seus processos de identificação no novo espaço e nas práticas significativas que irá desenvolver nele, assim como também o têm as projeções imaginárias de si e do outro nesse encontro propiciado pela imigração. É por isso que reafirmamos que esse movimento o coloca na posição de sujeito do entremeio, expressão trazida de Celada e Payer (2016) que nos remete à ideia de um sujeito atravessado por ordens diferentes que, no caso da imigração, permite-nos produzir um desdobramento para pensá-lo também como um sujeito entre-línguas e entre-espaços, submetido ao funcionamento dessas línguas e desses espaços, oscilando entre o possível e o impossível em cada um deles.

Como vemos, a imigração constitui então um processo que produz desestabilizações profundas no sujeito que, exposto ao real – e com isso, às contradições e equívocos – é instado a produzir movimentos de rearranjo subjetivo (SERRANI, 1998) não apenas em relação à língua, como pode ocorrer em processos de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras, mas também em relação a um espaço outro – espaço da cidade – onde o sujeito deve realizar suas práticas discursivas cotidianas.

Esse rearranjo se dá através de diversos processos de identificação; é por isso que essa noção se tornou fundamental no desenvolvimento da nossa pesquisa. Apoiando-nos em diversos autores que, no quadro teórico da AD, abordam a questão da identificação, e considerando as particularidades de nosso objeto de estudo e de nosso corpus, deparamo-nos com o desafio de delinear o modo de trabalhar essas identificações a partir dos discursos dos sujeitos brasileiros em condição de imigração e, no intuito de refletir sobre as diversas acepções da identificação, recorremos a Payer (2013). Assim, sem desconsiderar as identificações sujeito/sentido, propostas por Pêcheux ([1975] 2014), relacionadas com a interpelação ideológica que faz com que os sujeitos assumam posições em determinadas formações discursivas, postulamos a necessidade de pensar o funcionamento da identificação imaginária e da identificação simbólica na constituição do sujeito imigrante. Ao mesmo tempo, levando em conta a proposta de Payer de observar a relação do sujeito com as formas materiais das línguas para analisar as identificações e os processos de significação em relação com a historicidade, sugerimos abordar os processos de identificação considerando o atravessamento do ideológico e do inconsciente na relação do sujeito com o sentido, mas atentando principalmente para a forma em que ditos processos se mostram na língua quando esse sujeito do entremeio que é o imigrante se diz a si mesmo e ao outro, afetado pelo jogo das formações imaginárias. Observamos a partir da nossa análise que nos modos de dizer desses sujeitos se mostram pontos de tensões, estranhamento, adesões e contradições em relação com determinados objetos de identificação construídos no discurso e que neste trabalho decidimos, aos efeitos da análise, agrupar em dois eixos: o da identificação com o outro e o da identificação com a cidade.

Por outro lado, orientados por uma de nossas questões iniciais acerca da forma como se manifestam discursivamente os processos de identificação dos sujeitos brasileiros em condição de imigração em Buenos Aires em relação à língua, ao outro e a seu espaço, comprovamos a partir das análises que é possível observar nos modos de dizer desses sujeitos o funcionamento de determinados mecanismos discursivos que, abordados à luz do atravessamento do real, imaginário e simbólico, mostram as marcas das diversas identificações que nós procuramos interpretar levando em consideração as particulares condições de produção desses discursos.

Nas análises desenvolvidas no capítulo 5 observamos que um dos principais mecanismos discursivos que funcionam de modo significativo para falar de si e do outro é o da comparação, que no nosso corpus surge de forma articulada com a polarização e a universalização. A comparação se sustenta na projeção de diversas imagens que organizam o discurso em torno da dicotomia nós/eles que constrói de forma eficaz a ilusão de completude,

homogeneidade e unidade de cada um dos polos, produzindo um efeito de continuidade entre o individual e o universal, e que entendemos aqui junto com Zoppi Fontana (2005) como uma forma de materialização da universalização. Assim, é a partir do funcionamento do imaginário que se produz o efeito ideológico de duas identidades opostas: de um lado, os portenhos são representados como fechados e superficiais – o que, como analisamos, encadeia-se pelas oposições entre amigos e conhecidos e entre intimidade e superficialidade – e, do outro, os brasileiros são representados como pessoas abertas, sociáveis, amigáveis, que gostam de conversar e falar de seus sentimentos mais profundos.

Consideramos que essa articulação entre comparação, universalização e polarização produz uma série de efeitos que afetam os processos de identificação com o outro. Um desses efeitos é o fortalecimento das divisões e o aprofundamento da distância entre esses grupos sociais. Outro é a homogeneização desses grupos, como se fossem blocos fechados em si mesmos, o que acaba reduzindo suas características a alguns poucos traços, fechando assim as possibilidades de encontro e de acolhimento. Finalmente – e sem pretender encerrar com isso a discussão sobre outros efeitos que podem vir a ser observados em novas análises –, entendemos que o funcionamento desses mecanismos acaba reforçando, de forma mais ou menos direta, certos estereótipos atribuídos a argentinos e brasileiros. Embora, como observamos oportunamente, nem todas as imagens projetadas nos discursos dos imigrantes respondam a estereótipos consolidados e sim à experiência efetivamente vivenciada por esses sujeitos, entendemos que as imagens que constituem o cerne das polarizações mencionadas não entram em contradição com aquelas outras já cristalizadas, ao contrário, mostram uma linha de continuidade com os estereótipos analisados, com os quais os sujeitos mostram, em muitos casos, certa adesão. Ainda em relação aos estereótipos, observamos que frequentemente eles são trazidos pelos sujeitos para o fio do discurso pelo viés do discurso direto, quer dizer, atribuindo esses dizeres a outros, mas sem refutá-los.

Cabe destacar também que, nos discursos analisados, a distância e a polarização se mostram através de diversas metáforas espaciais, como a da barreira e do limite e, fundamentalmente, a da casa, que condensa simbolicamente a dicotomia entre a rejeição e o acolhimento na medida em que funciona como elemento que impede o sujeito imigrante de entrar no espaço íntimo do outro. Quer dizer, trata-se de uma metáfora que aponta para a ideia de impossibilidade de acesso e de estabelecimento de vínculos profundos com esse outro constituído como objeto de desejo.

Essa metáfora, como observamos nas análises, aparece articulada com os mecanismos da repetição e da negação que, de acordo com nossa interpretação, apontam para a dimensão

do real. Com relação ao primeiro, assinalamos que a repetição de significantes como *amizade*, *família* e *casa* revelavam um funcionamento sintomático, a expressão insistente do desejo de pertencimento e, simultaneamente, da dor provocada pela rejeição. Quanto à negação, mostramos que ela apontava para a ideia da recusa, reforçando a imagem de um outro que lhe nega o acesso e a amizade, que fecha suas portas, que não fala com o sujeito imigrante. Esses elementos, sustentados pelas projeções imaginárias sobre si e sobre o outro, sem dúvida retroalimentam a polarização e o distanciamento já mencionados.

Outro mecanismo observado nas análises e que nos parece importante mencionar aqui é o da hesitação, entendido como um modo de afasia que expõe uma perturbação, uma impossibilidade de simbolização e que, portanto, remete ao funcionamento do real. Além disso, analisamos outros mecanismos que, segundo interpretamos, servem não apenas para expor as determinações da cena enunciativa e das condições de produção dos discursos – entre eles, a atenuação e o desdobramento –, mas também para reafirmar o caráter do imigrante como sujeito do entremeio, como vimos a partir do mecanismo de diluição das línguas e do desfocamento. Esses mecanismos expõem a desestabilização da língua e do sentido nos processos de imigração e dão lugar à ambiguidade, elemento articulado à ordem do simbólico que remete ao equívoco mostrando o tropeço na língua, ou melhor, entre-línguas, de um sujeito afetado pelo real e atravessado pelo inconsciente.

Muitos dos mecanismos mencionados encontram-se em funcionamento também ao abordar os processos de identificação com a cidade de Buenos Aires, tal como mostramos no capítulo 6. A repetição, por exemplo, aponta principalmente para o significante *dificuldade* e surge nas falas dos sujeitos em referência às consequências que seu sotaque traz nas práticas discursivas que no dia a dia devem realizar na cidade. Tal como vimos nos exemplos do eixo anterior, a repetição funciona como sintoma do sofrimento pelo não pertencimento que se materializa, neste caso, no reconhecimento de sua estrangeiridade quando, ao falar com os outros, o que fica em primeiro plano é sua nacionalidade. Nas sequências analisadas vimos que o discurso direto traz, nestes casos, a palavra desses outros na pergunta repetida "você é de onde?" que mexe na subjetividade do imigrante e o leva ou à dissimulação ou ao silêncio, à retração da palavra. Interpretamos, a partir de nossas reflexões, que esse silêncio constitui um gesto de resistência diante dos riscos (reais ou imaginários) que comporta ser reconhecido como estrangeiro. Ao mesmo tempo, essa reação não pode ser analisada sem considerar os mecanismos de antecipação que o sujeito realiza que, se por um lado respondem às vivências atravessadas na sua condição de imigrante, também remetem a uma memória mais ampla do

que significa ser imigrante, memória esta que se atualiza nos discursos *sobre*, tal como vimos no segundo capítulo.

Outro mecanismo muito presente nas sequências deste eixo é, como também o foi no eixo anterior, o da comparação, só que neste caso ele funciona para estabelecer semelhanças e diferenças entre cidades e isso traz como resultado, na grande maioria dos casos, uma valoração muito positiva de Buenos Aires em relação com as cidades brasileiras e, inclusive, com as cidades europeias. Essa valoração tem a ver com a projeção imaginária dessa cidade como um espaço cheio de oportunidades (de estudo, de trabalho, culturais etc.), aberto, inclusivo, que dá acesso a tudo que o sujeito deseja, onde tem liberdade e facilidades para se locomover, entre outras coisas. O acesso e a abertura que o imigrante não encontra na sua relação com os sujeitos que habitam esse espaço – e que, como já apontamos, são projetados como fechados, superficiais, arrogantes etc. – são ilusoriamente alcançados na cidade que aparentemente preenche a falta que não é preenchida pelos outros. Dessa forma, assim como apontamos que os processos de (não) identificação com o outro estavam marcados pela ideia de impossibilidade, as identificações com a cidade parecem caminhar em sentido contrário, através da representação desse espaço como lugar de possibilidades.

No entanto, defendemos aqui que isso se dá apenas na ordem do imaginário, dimensão que tenta mascarar a falta, o real que finalmente irrompe pelas brechas mostrando as contradições entre a cidade desejada e a cidade vivida. As análises realizadas nos permitiram compreender que as representações de Buenos Aires materializadas nos discursos dos imigrantes por um lado produzem um efeito de unidade não contraditória da cidade e, por outro, estão sustentadas em processos de exotização e abstração. O primeiro, podemos associá-lo à dimensão do desejo desse outro espaço construído como sofisticado, promissório e distante – espacial, temporal ou culturalmente – das referências próprias, que também são postas em funcionamento nesse complexo jogo das formações imaginárias. O segundo diz respeito à tentativa dos sujeitos de separar, por assim dizer, o conteúdo do continente, a cidade de seus cidadãos, como se fossem elementos completamente independentes e não existisse uma relação constitutiva entre eles. Essa tentativa de separação, que é da ordem do inconsciente, se manifesta discursivamente através das oscilações nas denominações do espaço e das pessoas que dão lugar a certos deslizamentos metonímicos. Por um lado, ao falar das pessoas, utiliza-se prioritariamente a denominação "os argentinos" para se referir aos portenhos ou aos argentinos de Buenos Aires. Dessa forma, as projeções negativas sobre eles acabam recaindo no conjunto dos habitantes desse país, embora haja, em alguns casos excepcionais, uma tentativa de atenuação ou de diferenciação com os indivíduos de outras províncias. Por outro lado, ao falar

do espaço, observamos o movimento contrário: os discursos não apontam para o nacional e sim para a cidade de Buenos Aires, que pela relevância que adquire na representação dos sujeitos da sua experiência migratória, acaba se sobrepondo ao nacional, o que reforça essa separação entre a cidade e os cidadãos.

Entendemos que são esses processos de exotização e abstração os que contribuem para a consolidação de uma identificação imaginária tão forte com a cidade, tal como observamos principalmente no capítulo 6. Porém, e pese à força dessa identificação, observamos também que o real não cessa de insistir, expondo as contradições e a quebra dessa ilusão da cidade *una* (ZOPPI FONTANA, 1998). Essas contradições nos mostraram nas análises que nas práticas que o sujeito imigrante realiza na cidade, no seu dia a dia, está exposto a situações de exclusão por parte dos portenhos e das instituições do Estado, o que o deixa numa posição de vulnerabilidade em relação aos outros, além da dificuldade que comporta para ele a inscrição numa ordem simbólica diferente, com modos de funcionamento estranhos para o imigrante, como analisamos, por exemplo, na SD 37, em que Laura menciona os problemas que teve para compreender os meios de transporte e a divisão entre "capital" e "província".

No entanto, ao projetar essa cidade maravilhosa que existe apenas imaginariamente, tudo isso é, de alguma forma, atenuado, o que revela, segundo interpretamos, a insistência do desejo inconsciente de pertencimento e permanência e, inclusive, a resistência de um sujeito que não se deixa avassalar pelas adversidades e que continua buscando seu lugar naquele espaço. Isso expressa, ao nosso ver, o funcionamento do real, o intolerável que não pode ser simbolizado, e que, considerando nosso objeto de estudo e as condições de produção com as que estamos trabalhando, podemos pensá-lo mais especificamente como expressão do real da imigração.

No começo deste trabalho nos perguntamos de que modo as projeções imaginárias sobre si, sobre o outro e seus espaços afetam os processos de identificação dos sujeitos brasileiros em condição de imigração. Depois das reflexões realizadas podemos afirmar que ditas projeções constituem um fator fundamental nesses processos na medida em que essas imagens contribuem fortemente na ilusão de completude de si e do outro e na atribuição de identidades essenciais e homogêneas aos argentinos e brasileiros, apresentadas de forma polarizada, levando em muitos casos à reprodução de estereótipos que fecham as possibilidades de encontro com o outro e que deixam poucos espaços para a identificação.

Em relação à cidade, por sua vez, entendemos, como já foi colocado, que a identificação se dá, na maioria dos casos, apenas na ordem do imaginário que, no entanto, comporta a equivocidade que deixa ver as brechas do real. Nesse sentido, consideramos que para que o

sujeito imigrante possa se subjetivar no espaço do outro, o que sem dúvida implica movimentos de identificação simbólica através da inscrição na ordem da língua estrangeira, é preciso, de alguma forma, atravessar o imaginário ou, tomando emprestadas as palavras de Celada (2013, p. 68), é necessária "uma certa míngua no plano do imaginário". Cabe fazer a ressalva de que a pesquisadora utiliza essa expressão para se referir aos processos que se dão nas práticas de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras; no entanto, entendemos que é possível realizar um deslocamento para pensar essa afirmação nas condições de produção com as quais estamos trabalhando, dado que, a partir do que as análises nos foram mostrando, seria desejável que os sujeitos imigrantes pudessem ir-se desvencilhando dos imaginários para se aproximarem das novas ordens com as quais se deparam em sua experiência migratória. Isso implica que, mesmo entendendo que o imaginário está funcionando sempre, é importante poder reconhecê-lo para não ficar cativo dele e, dessa forma, favorecer a integração nesse novo espaço.

Com base no que foi exposto, e respondendo a nossa última pergunta de pesquisa, podemos afirmar que a condição de imigrante afeta significativamente a constituição subjetiva do sujeito e suas práticas discursivas, uma vez que para se inscrever simbolicamente nessa cidade de chegada, onde tem que realizar suas práticas no dia a dia em convivência com os outros sujeitos que habitam esse espaço – e sobre os quais projeta determinadas imagens –, deve produzir um rearranjo subjetivo, encontrar novas formas de se dizer, reconfigurar sua forma de viver, de se deslocar, de se relacionar, enfim, movimentos todos que, ao mesmo tempo que constituem um grande desafio, comportam a perda e a falta, e revelam em maior ou menor medida a dimensão do sofrimento envolvida nos processos de imigração. Não pretendemos com isto dar respostas definitivas para questionamentos que com certeza podem abrir passagem para outras interpretações, de acordo com as condições específicas de cada objeto de estudo, mas sim tentamos, a partir de nossas reflexões, dar forma a algo que acreditamos que não é dito suficientemente e que tem a ver, justamente, com a complexidade dos processos migratórios, que, mesmo em circunstâncias aparentemente não traumáticas, acarreta diferentes graus de sofrimento. Entretanto, ao mesmo tempo que apontamos a relevância dessa dimensão da imigração, concordamos com Barbai (2008, p. 82-83) quando assinala o papel fundamental que os imigrantes têm no mundo contemporâneo, na medida em que eles "promovem múltiplos encontros, convidando ao exercício da alteridade e da hospitalidade".

Como vemos, trata-se de um fenômeno complexo com múltiplas arestas e, nesse sentido, esperamos que este trabalho possa contribuir para a reflexão sobre a imigração no campo teórico da AD, sob outros olhares e outros objetos, e abonar um caminho que ainda apresenta enormes desafios. Num mundo "logicamente estabilizado" em que dia a dia assistimos a eventos que

mostram a violência e a intolerância entre nações, nacionalidades, etnias, gêneros, classes sociais etc., consideramos que refletir sobre as fronteiras / barreiras que separam universos territoriais, linguísticos e culturais constitui uma atitude política necessária em prol da construção de um mundo mais respeitoso e acolhedor. Implica, ao nosso ver, quebrar as fronteiras imaginárias e com elas tudo aquilo que pretende delimitar quem tem direito a entrar e quem deve ser expulso. E já não estamos falando apenas dos países, mas também dos inúmeros tipos de exclusões que, ancoradas em relações de poder, determinam quem vale mais e quem vale menos.

Escolhemos abrir esta última seção da tese como um trecho de uma música do artista uruguaio Jorge Drexler chamada, justamente, *Fronteira*, termo que surgiu em nosso trabalho a partir de um deslizamento metafórico da *casa* que, de acordo com nossas análises, mostrou-se como limite determinante na dicotomia entre acolhimento e rejeição. Se nos discursos dos brasileiros em Buenos Aires a casa *é* a fronteira, nos versos de Drexler ("Yo no sé de dónde soy, mi casa está en la frontera. Y las fronteras se mueven, como las banderas") se produz um deslocamento a partir do qual a casa *está* na fronteira. Esse "estar", diferentemente do "ser", nos remete a uma temporalidade mais fugaz, ocasional, transitória, provisória, efémera e, portanto, traz a possibilidade de mudança. Além disso, a fronteira que propõe o cantor é movível: as fronteiras se movem, assim como as bandeiras, símbolos das identidades nacionais por excelência. E esse movimento das bandeiras não alude, no nosso gesto de interpretação, simplesmente à forma como elas tremulam ao vento, mas à ideia de que essas identidades não são fixas nem homogêneas, mas dinâmicas e, portanto, suscetíveis de transformação. Ou, como diz Orlandi (1998a, p. 204), constituem "um movimento na história".

Pensar um mundo com fronteiras móveis e flexíveis é um exercício que parte da busca por um mundo mais amoroso, mais respeitoso das singularidades, mais acolhedor. Não somos ingênuos. Esse pensamento, nas condições materiais de nossa existência atual, constitui certamente uma utopia. Porém, é uma utopia necessária. Como diz Eduardo Galeano ([1993] 2001, p. 230) citando a Fernando Birri: "A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais a alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar". Esperamos, então, que este trabalho seja um aporte para não deixar de caminhar na direção desse horizonte, na tentativa de que as fronteiras que dividem e limitam se transformem em pontes que unem e integram.

REFERÊNCIAS

AIUB, G. F. Corporeidade discursiva: os modos de dizer do sujeito entre línguas. In: GRIGOLETTO, E.; DE NARDI, F. S. (org.). **A análise do Discurso e sua história:** avanços e perspectivas. Campinas, SP: Pontes Editores, p. 407-423, 2016.

_____. **Corporeidade discursiva:** os modos de dizer do sujeito no entremeio das línguas materna e estrangeira. 227 f. Tese (Doutorado em Teorias do Texto e do Discurso) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

ALBERDI, J.B. (1852) **Bases y puntos de partida para la organización política de la República Argentina**. Francisco Cruz (org.) - Buenos Aires: La Cultura Argentina, 1915. Disponível em: <https://archive.org/details/basesypuntosdepa00albe>. Acesso em: 14 fev. 2020.

ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA OS REFUGIADOS (ACNUR). **Convenção relativa ao estatuto dos refugiados**, Genebra, 1951.

ALTHUSSER, L. (1970) **Aparelhos Ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

_____. **Freud e Lacan. Marx e Freud**. Tradução e notas Walter José Evangelista. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2ª ed., 1985.

AMATI-MEHLER, J.; ARGENTIERI, S.; CANESTRI, J. **A Babel do inconsciente**: Língua materna e línguas estrangeiras na dimensão psicanalítica. Tradução de Cláudia Bachi. Rio de Janeiro: Imago, 2005.

AMOSSY, R.; PIERROT, A. H. **Estereotipos y clichés**. Tradução e adaptação de Leila Gándara. Buenos Aires: Eudeba, 2010.

ANJOS, C.B. **Sujeitos à deriva:** migração, refúgio e processos de subjetivação. 281 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

ARGENTINA. **Constitución de la Nación Argentina**, Buenos Aires: Presidencia de la Nación, 1994. Disponível em: < http://servicios.infoleg.gob.ar/infolegInternet/anexos/0-4999/804/norma.htm>. Acesso em fev. 2020.

_____. Ministerio de Producción y Trabajo. Dirección General de Estudios Macroeconómicos y Estadísticas Laborales. **Hermanos latinoamericanos:** Su inserción laboral en los aglomerados con mayor presencia migratoria. Buenos Aires, 2018.

AULETE, F. J. C.; VALENTE, A. L. S. **Dicionário Aulete**. Lexikon Editora Digital. Disponível em: <www.aulete.com.br>. Acesso em: abr. 2021.

AUTHIER-REVUZ, J. A representação do discurso outro: um campo multiplamente heterogêneo. Tradução de Daniel Costa da Silva. In: **Calidoscópio**, v. 6, n. 2, p. 107-119, mai./ago. 2008.

_____. Heterogeneidad mostrada y heterogeneidad constitutiva: elementos para un abordaje del otro en el discurso. In:_____. **Detenerse ante las palabras:** Estudios sobre la enunciación. Tradução de Carina Blixen et al. Montevideo: Fundación de Cultura Universitaria, 2011.

BARBAI, M. A. **Discurso e identificação:** o migrante brasileiro clandestino deportado. 2008. 278 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

BHABHA, H. K. **O local da cultura.** Belo Horizonte: UFMG, 1998.

CAMARGO, M. L. O ensino do espanhol no Brasil: um pouco da sua história. **Trabalhos em Lingüística Aplicada**, v. 43, n. 1, p. 139-149, 2004.

CAPONI, S. Miasmas, microbios y conventillos. In: **Asclepio**, v. 54, n. 1, p. 155-182, 2002. Disponível em: <http://asclepio.revistas.csic.es/index.php/asclepio/article/view/124>. Acesso em: 13 abr. 2020.

CARDOSO, S. H. B. Demonstrativos e o fio do discurso. In: Revista Est. Ling., Belo Horizonte, ano 4, v. 2, p. 155-175, jul./dez. 1995.

CASSANA, M. F. Os deslizamentos de sentido: efeitos metafóricos e metonímicos no discurso do corpo. In: **Letras Escreve**, Macapá, v. 7, n. 1, 1º semestre, p. 33-58, 2017.

CELADA, M. T. A fundação de um destino para a pátria argentina. In: ORLANDI, E. P. (Org.). **Discurso fundador:** A formação do país e a construção da identidade nacional. Campinas, SP: Pontes, p. 89-112, 1993.

_____. **O espanhol para o brasileiro:** Uma língua singularmente estrangeira. 2002. 277 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002. Disponível em: <http://dlm.fflch.usp.br/sites/dlm.fflch.usp.br/files/Tese_MaiteCelada.pdf>. Acesso em: 1 out. 2016.

_____. O que quer, o que pode uma língua? Língua estrangeira, memória discursiva, subjetividade. **Letras**, Santa Maria, v. 18, n. 2, p. 145-168, jul./dez. 2008. (a).

_____. Versiones de Babel: memoria de la otra lengua en la propia. In: CELADA, M. T. y N. MAIA GONZÁLEZ (coord. dossier). Gestos trazan distinciones entre la lengua española y el portugués brasileño, **Signos ELE***,* dez. 2008. (b). Disponível em: <https://p3.usal.edu.ar/index.php/ele/article/view/1379>. Acesso em: dez. 2018.

_____. Linguagem, sujeito. Forçando a *barra* em língua estrangeira. In: CARMAGNANI, A. M. e GRIGOLETTO, M. (Orgs.) **Língua, discurso e processos de subjetivação na contemporaneidade.** São Paulo: Humanitas, p. 43-76, 2013.

_____. Sobre a (im)possibilidade de exposição à alteridade: aspectos da formação de professores de língua(s). **Entremeios**: revista de estudos do discurso. v. 10, p. 9-15 jan.-jun./2015. Disponível em: <http://www.entremeios.inf.br/published/235.pdf>. Acesso em: dez. 2018.

CELADA, M. T.; PAYER, M. O. Sobre sujeitos, língua(s), ensino. Notas para uma agenda. In: PAYER, M. O.; CELADA, M. T. (Orgs.). **Subjetivação e Processos de identificação:** sujeitos e línguas em práticas discursivas – inflexões no ensino. Campinas, SP: Pontes Editores, p. 17-41, 2016.

CERRUTTI, M. **Diagnóstico de las poblaciones de inmigrantes en la Argentina**. Buenos Aires: Dirección Nacional de Población, Ministerio del Interior, 2009.

CHNAIDERMAN, M. Língua(s)-Linguagem(ns)-Identidade(s)-Movimento(s): uma abordagem psicanalítica. In: SIGNORINI, I. (Org.). **Lingua(gem) e identidade**: Elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, p. 47-67, 1998.

CONTURSI, M. E. **La enseñanza del portugués en la Argentina (1991-2001)**: estudio del dispositivo normativo, prácticas y representaciones, 2010. 335 f. Tese (Doctorado em Filosofía y Letras, área Lingüística) - Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2010.

CORACINI, M. J. A celebração do outro. In:_____(Org.). **Identidade e discurso.** Campinas: Editora da UNICAMP; Chapecó: Argos Editora Universitária, p. 197-221, 2003.

_____. **A celebração do outro.** Arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

_____. Transdisciplinaridade e análise de discurso: migrantes em situação de rua. In: **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, Brasília, v. 11, n. 1, p. 91-112, 2010.

_____. Silêncio, interdito, real do discurso: a questão do estranhamento em migrantes no Estado de São Paulo. In: INDURSKY, F.; MITTMANN, S.; LEANDRO FERREIRA, M.C. (orgs.). **Memória e história na/da análise do discurso**. Campinas, SP: Mercado de Letras, p. 143-158, 2011.

CORE. "Volvete a tu país, mugriento": Los insultos xenófobos que recibió Benjamín Vicuña tras respaldar a Alberto Fernández. **El desconcierto**, Santiago de Chile, 8 fev. 2019. Nacional. Disponível em: <https://www.eldesconcierto.cl/nacional/2019/10/08/volvete-a-tu-pais-mugriento-los-insultos-xenofobos-que-recibio-benjamin-vicuna-tras-respaldar-a-alberto-fernandez.html>. Acesso em jan. de 2020.

COURTINE, J-J. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EdUFSCAR, 2009.

DEBESA, F. En La Plata se habla portugués: brasileños quieren ser médicos y coparon la universidad gratuita. **Clarín**, Buenos Aires, 13 fev. 2019. Sociedad. Disponível em: <https://www.clarin.com/sociedad/plata-habla-portugues-brasilenos-quieren-medicos-coparon-universidad-gratuita_0_4wk2_hV3e.html>. Acesso em: abr. 2021.

DE NARDI, F. S. **Um olhar discursivo sobre língua, cultura e identidade**: Reflexões sobre o livro didático para o ensino de espanhol como língua estrangeira. 2007. 202 f. Tese

(Doutorado em Teorias do Texto e do Discurso) - Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

_____. Entre a rejeição e o acolhimento na língua do outro. In: **Revista Desenredo**. Passo Fundo: Revista do Programa de Pós-graduação da Universidade de Passo Fundo, v. 5, n.2, p. 182-193, jul./dez. 2009.

ECKERT-HOFF, B.M. Língua, memória, imigração: errâncias e travessias em relatos de *cartas*. In: PAYER, M. O.; CELADA, M. T. (Orgs.). **Subjetivação e Processos de identificação:** sujeitos e línguas em práticas discursivas – inflexões no ensino. Campinas, SP: Pontes Editores, p. 211-235, 2016.

FERREIRA, A. B. de H. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 5. ed. Editora positivo, 2010. Aplicativo de celular oferecido por Positivo Soluções Didáticas LTDA.

FIGUEIREDO, L. C. A questão da alteridade nos processos de subjetivação e o tema do estrangeiro. In: KOLTAI, C. (org.). **O estrangeiro**. São Paulo: Escuta, p. 61-75, 1998.

FOUCAULT, M. (1977). **Microfísica do poder**. Organização, introdução e Revisão Técnica: Roberto Machado. 16. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

FRIGERIO, A. Migrantes exóticos: los brasileros en Buenos Aires. In: **RUNA XXV**, Instituto de Ciencias Antropológicas, UBA, Buenos Aires, p. 97-121, 2004.

GADET, F. e PÊCHEUX, M. [1981] A língua inatingível: O discurso na história da linguística. Tradução de Bethania Mariani e Maria Elizabeth Chaves de Mello. Campinas, SP: Pontes, 2004.

GADET, F.; HAROCHE, Cl.; HENRY, P.; PÊCHEUX, M. [1982] Nota sobre a questão da linguagem e do simbólico em Psicologia. In: PÊCHEUX, M. **Análise de discurso**. Textos selecionados: Eni Puccinelli Orlandi. 4. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, p. 55-71, 2016.

GALEANO, E. (1989). **El libro de los abrazos.** Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2013.

_____. (1993). **Las palabras andantes.** 5. ed. Buenos Aires: Catálogos, 2001.

GRANTHAM, M. **Da releitura à escritura:** um estudo da leitura pelo viés da pontuação. 2002. 340 f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto alegre, 2002.

GRIGOLETTO, E. Do lugar social ao discursivo: o imbricamento de diferentes posições sujeito. In: Seminário de Estudos em Análise do Discurso UFRGS, 2005, Porto Alegre. Anais eletrônicos...Porto Alegre: UFRGS, p. 154-164, 2005. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/2SEAD/SIMPOSIOS/EvandraGrigolettto.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2021.

GRIGOLETTO, M. O discurso do livro didático de língua inglesa. Representações e construção de identidades. In: CORACINI, M. J. R. F. **Identidade e discurso.** Campinas: Editora da UNICAMP; Chapecó: Argos Editora Universitária, p. 351-362, 2003. (a)

_____. Representação, identidade e aprendizagem de língua estrangeira. In: CORACINI, M. J. R. F. **Identidade e discurso.** Campinas: Editora da UNICAMP; Chapecó: Argos Editora Universitária, p. 223-235, 2003. (b)

_____. Sujeito, subjetivação, inconsciente e ideologia. In: CARMAGNANI, A. M. e GRIGOLETTO, M. (Orgs.) Língua, discurso e processos de subjetivação na contemporaneidade. São Paulo: Humanitas, p. 17-42, 2013.

GUIMARÃES, E. **Semântica do acontecimento**: um estudo enunciativo da designação. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

_____. Espaço de enunciação, cena enunciativa, designação. In: **Fragmentum**. Laboratório Corpus: UFSM, Jan./Mar, p.49-68, 2014.

HASENBALG, C.; FRIGERIO, A. **Imigrantes brasileiros na Argentina:** Um perfil sócio-demográfico, Rio de Janeiro, IUPERJ, Série Estudos 101, 1999.

HASSOUN, J. O estrangeiro: um homem distinto. In: KOLTAI, C. (org.). **O estrangeiro.** São Paulo: Escuta, p. 83-104, 1998.

HOBSBAWM, E. [1983]. Introducción: la invención de la tradición. In: HOBSBAWM, E.; RANGER, T. **La invención de la tradición**. Tradução Omar Rodríguez. Barcelona: Editorial Crítica, p. 7-21, 2002.

INDURSKY, F. **A fala dos quarteis e as outras vozes:** uma análise do discurso presidencial da terceira república brasileira (1964-1984). 1992. 372 f. Tese (Doutorado) – IEL/UNICAMP, Campinas, 1992.

_____. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, F., MITTMANN, S.; FERREIRA, M. C. L. (orgs). **Memória e história na/da Análise do Discurso**. Campinas, SP: Mercado de Letras, p. 67-89, 2011.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICAS Y CENSOS (INDEC)**. Encuesta complementaria de migraciones internacionales**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Instituto Nacional de Estadística y Censos, 2007. Disponível em: <https://www.indec.gob.ar/micro_sitios/webcenso/ECMI/index_ecmi.asp>. Acesso em: 24 fev. 2020.

_____Censo Nacional de Población, Hogares y Vivienda, 2010. Disponível em: <https://www.indec.gob.ar/indec/web/Nivel4-Tema-2-41-135>. Acesso em: 24 fev. 2020.

KEHL, M. R. Tão argentinos como nós. In: **Folha de São Paulo**, abr., 2005. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI129884-15230,00.html>. Acesso em nov. 2020.

KOLTAI, C. A segregação, uma questão para o analista. In:_____. (org.). **O estrangeiro.** São Paulo: Escuta, p. 105-111, 1998.

KRISTEVA, J. **Estrangeiros para nós mesmos.** Trad. Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro, Rocco, 1994.

LACAN, J. (1955-1956) O seminário, livro 3: as psicoses. Trad. Aluisio Menezes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

_____. (1956) La instancia de la letra en el inconsciente o la razón desde Freud. In: **Escritos I.** Trad. Tomás Segovia. Buenos Aires: Siglo XXI, p. 473-509, 2003.

_____. (1965) A ciência e a verdade. In:_____. **Escritos** (1966). Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 869-892, 1998.

_____. (1966) O estádio do espelho como formador da função do Eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica". Comunicação feita ao XVI Congresso Internacional de Psicanálise, Zurique, 17 de julho de 1949. In:_____. **Escritos**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 96-103, 1998.

_____. (1972-1973). **O Seminário, livro 20**: mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

LAGAZZI RODRIGUES, S. Deixar a cidade. Vir para a terra: O discurso urbano em movimento. In: **Revista Rua**, Campinas, n. 5, p. 39-46, 1999.

LEADER, D.; GROVES, J. **Lacan para principiantes**. Buenos Aires: Era Naciente, 2008.

LEANDRO-FERREIRA, M. C. A antiética da vantagem do jeitinho na terra em que deus é brasileiro (o funcionamento discursivo do clichê no processo de constituição da brasilidade). In: ORLANDI, E. P. (Org.) **Discurso fundador.** 3. ed. Campinas, SP: Pontes, p. 69-79, 2003.

_____. Análise do discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso. In: **Organon**, v. 24, n. 48, p. 1-12, Porto Alegre: UFRGS, 2010. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/organon/article/viewFile/28636/17316>. Acesso: 14 mai. 2021.

LENNARD, P. La palabra en la boca. **Página 12**, Buenos Aires, 25 set. 2009. Suplemento Soy. Disponível em <https://www.pagina12.com.ar/diario/suplementos/soy/1-1000-2009-09-25.html>. Acesso em: nov. 2021.

LISBÔA, N. T. **A pontuação do silêncio:** Uma análise discursiva da escritura de Clarice Lispector. 2008. 185 f. Dissertação (Mestrado em Teorias do Texto e do Discurso). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

LOPES, M. A. **Contribuições da análise do discurso e da psicanálise para um estudo do sujeito migrante.** 2016. 102 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

MAGALHÃES, B.; MARIANI, B. Processos de subjetivação e identificação: ideologia e inconsciente. In: **Linguagem em (Dis)curso**, v. 10, n. 2, p. 391-408, maio-ago, 2010.

MARIANI, B. Pontuando sentidos em trânsito. In: **Escritos**, Campinas: Labeurb/Nudecri – Unicamp, v. 1, p. 17-24, 1998 (a).

_____. **O PCB e a Imprensa:** Os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989). Rio de Janeiro: Revan; Campinas: Editora da Unicamp, 1998 (b).

_____. Sentidos de subjetividade: imprensa e psicanálise. In: **Polifonia**, Cuiabá, v. 12, n.1, p. 21-45, 2006.

_____. Textos e conceitos fundadores de Michel Pêcheux: uma retomada em Althusser e Lacan. In: **Alfa**, São Paulo, v. 54, n.1, p. 113-127, 2010.

_____. Um imaginário e outros. In: GRIGOLETTO, E.; DE NARDI, F. (Orgs.) **A análise do discurso e sua história:** avanços e perspectivas. Campinas, SP: Pontes, p. 35-47, 2016. (a)

_____. Remendos, derivas ou falhas. Da língua e da lalíngua. In: **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, n. 38, p. 227-261, jul-dez, 2016. (b).

MELMAN, C. **Imigrantes**: Incidências subjetivas das mudanças de língua e país. Tradução Rosane Pereira; organização e revisão Contardo Calligaris. São Paulo: Escuta, 1992.

MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa**. Editora Melhoramentos, 2021. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em abr. 2021.

MODOLO, V. E. Análisis histórico-demográfico de la inmigración en la Argentina del Centenario al Bicentenario. **Papeles de población**, Toluca, v. 22, n. 89, p. 201-222, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/pdf/pp/v22n89/1405-7425-pp-22-89-00201.pdf>. Acesso em 12 fev. 2020.

MOLLOY, S. **Vivir entre lenguas.** Buenos Aires: Eterna Cadencia Editora, 2016.

MORALES, B. S. V. **A dependência de drogas no discurso do psicólogo:** efeitos de sentido. 2002. 200 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

NASCIMENTO, F. A. S. **Definir/conceituar:** história e sentidos da palavra-conceito cultura em dicionários de línguas e de terminologias. 2019. 365 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2019.

NASCIMENTO, M. I. **Gestos de autoria na produção escrita em espanhol de alunos intercambistas:** efeitos da subjetivação na/pela língua do outro. 2020. 251 f. Tese (Doutorado em Letras) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020.

NASIO, J. D. (1988). **Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

ORGANIZACIÓN INTERNACIONAL PARA LAS MIGRACIONES (OIM). Derecho Internacional sobre Migración: Glosario de la OIM sobre Migración. nº 34. Ginebra: Organización Internacional para las Migraciones, 2019. Disponível em: <https://publications.iom.int/system/files/pdf/iml-34-glossary-es.pdf>. Acesso em: 09 abr. 2021.

ORLANDI, E. P. (Org.) **Discurso fundador**: a formação do país e a construção da identidade nacional. Campinas: Pontes, 1993.

_____. Identidade Linguística escolar. In: SIGNORINI, I. (Org.).**Lingua(gem) e identidade:** Elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, p. 203-212, 1998. (a)

_____. A desorganização cotidiana. In: In: **Escritos**, Campinas: Labeurb/Nudecri – Unicamp, v. 1, p. 03-10, 1998. (b)

_____. Do sujeito na história e no simbólico. In: **Escritos**. Campinas: Labeurb/Nudecri – Unicamp, v. 4, p. 11-16, mai. 1999.

_____. Lexicografia discursiva. In: **Alfa**, São Paulo, v. 44, p. 97-114, 2000.

_____. Tralhas e troços: o flagrante urbano. In:_____(org). **Cidade atravessada:** Os sentidos públicos no espaço urbano, Campinas: Pontes, 2001.

_____. **Análise de discurso:** princípios e procedimentos. 7. ed. Campinas: Pontes, 2007. (a)

_____. Historicidade, Indivíduo e Sociedade: o sujeito na contemporaneidade. In: **Anais do III Seminário de Estudos em Análise do Discurso**. Porto Alegre: UFRGS, 2007. (b) Disponível em: <http://www.analisedodiscurso.ufrgs.br/anaisdosead/3SEAD/ConferenciaMesaRedonda/EniPOrlandi.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2020.

_____. **Interpretação:** autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 5. ed. Campinas: Pontes, 2007. (c)

_____. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007. (d)

_____. A casa e a rua: uma relação política e social. In: **Educação & realidade**, Porto Alegre, v. 36, n. 3, p. 693-703, set./dez., 2011.

_____. **Discurso e Texto:** Formulação e circulação dos sentidos. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2012.

PÁEZ, J. **El Conventillo**, Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1970.

PAYER, M. O. Retrospecção e estereotipia. Imagens urbanas sobre o campo. In: **Revista Rua**, Campinas, v. 2, p. 83-101, 1996.

_____. **Memória da língua:** imigração e nacionalidade. São Paulo: Escuta, 2006.

_____. Processos, modos e mecanismos da identificação entre o sujeito e a(s) línguas. In: **Gragoatá**, n. 34, p. 183-196, 2013.

_____. Des-atando laços das identificações entre sujeito(s) e língua(s). In: ORLANDI, E.P. (Org.) **Linguagem, sociedade, políticas**. Pouso Alegre: UNIVÁS; Campinas: RG Editores, p. 91-104, 2014.

_____. A condição humana de imigrantes à deriva: corpos, línguas e diluição do sujeito. In: GRIGOLETTO, E.; DE NARDI, F. S. (org.). **A análise do Discurso e sua história:** avanços e perspectivas. Campinas, SP: Pontes Editores, p. 343-358, 2016.

PAYER, M. O.; CELADA, M. T. Relação sujeito/língua(s) – materna, nacional, estrangeira. In: SILVEIRA, E. M. **As bordas da linguagem.** Uberlândia: EDUFU, 2011, pp. 67-94. Disponível em: <https://gfufma.hypotheses.org/files/2018/08/PAYER-M.-O.-CELADA-M.-T.-Rela%C3%A7%C3%A3o-sujeito-l%C3%ADnguas-materna-nacional-e-estrangeira.pdf>. Acesso em: 5 jul. 2021.

_____. (Orgs.). **Subjetivação e Processos de identificação:** sujeitos e línguas em práticas discursivas – inflexões no ensino. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.

PÊCHEUX, M. [1969]. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso:** uma introdução a obra de Michel Pêcheux. Tradução Bethania Mariani et al. 3 ed. Campinas – SP: Editora da Unicamp, p. 61 – 161, 1997.

_____. [1975] **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi et al. 5.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

_____. [1977]. Remontemos de Foucault a Spinoza. In: BARONAS, R. L. **Análise de discurso:** apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. 2 ed. São Carlos: Pedro & João Editores, p. 177-192, 2011.

_____. [1978]. Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação. In:_____. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Orlandi et al. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, p. 269-281, 2014.

_____. [1983] **O discurso:** estrutura ou acontecimento. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. 6 ed. Campinas, SP: Pontes, 2012.

PENNA, M. Relatos de migrantes: questionando as noções de perda de identidade e desenraizamento. In: SIGNORINI, I. (Org.). **Lingua(gem) e identidade**: Elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, p. 89-112, 1998.

PIGNA, F. ¿Qué pasó con los afroamericanos? In: El historiador.com.ar, 2018. Disponível em: <https://www.elhistoriador.com.ar/que-paso-con-los-afroamericanos/>. Acesso em: set. 2021.

PRIBERAM. **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa.** Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/>. Acesso em: abr. 2021.

RAMOS, T. V. **O sujeito entre culturas:** o espaço da diferença no encontro com o outro/Outro. 2017. 188 F. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

RAVIER, A. La necesidad de volver a las bases de Alberdi. **El Cronista**, Buenos Aires, 1 out. 2019. Columnistas. Disponivel em: Disponível em: <https://www.cronista.com/columnistas/La-necesidad-de-volver-a-las-bases-de-Alberdi-20191001-0001.html>. Acesso em: 02 mar. 2020.

REVUZ, C.A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In: SIGNORINI, I. (Org.).**Lingua(gem) e identidade:** Elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, p. 213-230, 1998.

RODRIGUES, A. A. **O imigrante italiano no sainete argentino da primeira metade do século XX:** Memória es estereótipo em um recorte da obra de Alberto Novión. 2019. 144 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

RODRIGUES, F. S. C. La integración Brasil-Argentina alrededor del CELU. In: V Coloquio CELU, 2009, Córdoba, Argentina. V Coloquio CELU: Lengua, identidad y procesos de integración regional. La evaluación y certificación en relación con estos procesos. Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba, p. 1-7, 2009. Disponível em: < https://www.celu.edu.ar/sites/www.celu.edu.ar/files/images/stories/pdf/coloquios/5_coloquio/La_integracion_Brasil_Argentina_alrededor_del_celu_Dos_Santos_Castelano.pdf>. Acesso em nov. 2020.

_____. Brasil, uma ilha na América do Sul: língua geral e língua portuguesa na constituição da identidade nacional. In: **III Simpósio Mundial de Ensino da Língua Portuguesa**, 2012, Macau, China. III SIMELP: A formação de novas gerações de falantes de português no mundo. Macau: Universidade de Macau, Simpósio 42. p. 45-54, 2012.

RODRÍGUEZ ALCALÁ, C. Entre o espaço e seus habitantes. In: ORLANDI, E. P. (Org.) **Para uma enciclopédia da cidade**. Campinas, SP: Pontes Editores, p. 65-84, 2003.

ROMERO, J. L. **Desarrollo de ideas en la sociedad argentina del siglo XX**, Buenos Aires: Solar, 1983.

ROSA, M. M. C. Na aquarela do discurso: memória, metáfora e metonímia. In: **Cadernos do Instituto de Letras**, Porto Alegre, n. 61, p. 298-321, set. 2020.

ROURE, G. Q. Família, subjetividade e espaço urbano. In: **Revista Rua**, Campinas, SP, n. 7, p. 127-140, 2001.

SANTOS SOUZA, N. O estrangeiro: nossa condição. In: KOLTAI, C. (org.). **O estrangeiro.** São Paulo: Escuta, p. 155-163, 1998.

SAUSSURE, F. [1973] Curso de linguística geral. Tradução de Antônio Chelinia, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SAYAD, A. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. Tradução Cristina Murachco. Edusp: São Paulo, 1998.

SERRANI-INFANTE, S. Formações discursivas e processos identificatórios na aquisição de línguas. In: **DELTA**, São Paulo, v. 13, n.1, p. 63-81, 1997. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/26360949_FORMACOES_DISCURSIVAS_E_PROCESSOS_IDENTIFICATORIOS_NA_AQUISICAO_DE_LINGUAS. Acesso: 08 jul. 2021.

_____. Identidade e segundas línguas: as identificações no discurso. In: SIGNORINI, I. (Org.). **Lingua(gem) e identidade:** Elementos para uma discussão no campo aplicado. 2. ed. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, p. 231-264, 1998.

_____. Singularidade discursiva na enunciação em segundas línguas. In: **Cad. Est. Ling**., Campinas, v. 38, p. 109-120, Jan./Jun. 2000.

_____. Memórias Discursivas, Línguas e Identidades Sócio-culturais. **Organon**, Porto Alegre, v. 17, n. 35, p. 283-298, mar. 2003.

SERCOVICH, A. Los procesos discursivos y el registro imaginario. In: **El discurso, el psiquismo y el registro imaginario.** Ensayos semióticos. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1977.

SILVEIRA, P. Lacan e Marx: a ideologia em pessoa. **Crítica Marxista**, São Paulo, v.1, n.14, p. 117-123, 2002.

TADEU DA SILVA, T. A produção social da identidade e da diferença. In:_____. (org.) **Identidade e diferença**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, p. 73-102, 2000.

TFOUNI, L.V.; BARTIJOTTO, J.; SANTOS, K. A. As listas de Perec: a causa das coisas na metonímia e o objeto a. In: **Veredas atemática**, Juiz de Fora (MG), v. 19, n. 2, p. 331-343, 2015.

VARELA, G. **Mal de Tango**, Buenos Aires, Paidós Diagonales, 2005.

ZIMMERMANN, N., SILVA, H. O mecanismo de antecipação aplicado à análise discursiva de entrevistas: imaginários de leitura de professores na educação científica. Revista Ensaio. Belo Horizonte, v.16, n. 02, p. 33-51, mai./ago. 2014.

ZOPPI-FONTANA, M. G. Sonhando a pátria: os fundamentos de repetidas fundações. In: ORLANDI, E. P. (Org.). **Discurso fundador:** A formação do país e a construção da identidade nacional. Campinas, SP: Pontes, p. 127-149, 1993.

_____. Cidade e discurso: paradoxos do real, do imaginário, do virtual. In: **Revista Rua**, Campinas, SP, n. 4, p. 39-54, 1998.

_____. **Identidades (in)formales**: Contradicción, procesos de designación y de subjetivación en la diferencia. Versión, México, n. 14, p. 13-57, 2005.

_____. Entre lenguas y discursos: "sí, pero no mucho". In: **Tópicos del Seminario**: Argumentación y polifonía enunciativa. Puebla: BUAP, v. 1, n.35, p. 133-172, ene/jun. 2016.

ZOPPI FONTANA, M.; CELADA, M. T. Sujetos desplazados, lenguas en movimiento: identificación y resistencia en procesos de integración regional. **Signo & seña**, Buenos Aires, n. 20, p. 161-181, 2009.

ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Os processos de identificação nas tramas do real, do simbólico e do imaginário: brasileiros em condição de imigração em Buenos Aires

Pesquisador: María Esperanza Izuel

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 06688819.1.0000.5208

Instituição Proponente: Centro de Artes e Comunicação

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DA NOTIFICAÇÃO

Tipo de Notificação: Envio de Relatório Final

Detalhe:

Justificativa: Envio de relatório final.

Data do Envio: 26/11/2021

Situação da Notificação: Parecer Consubstanciado Emitido

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.181.983

Apresentação da Notificação:

Trata-se de relatório final de pesquisa de María Esperanza Izuel, vinculada ao Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Letras – UFPE, sob orientação da Profª Drª Fabiele Stockmans De Nardi. O estudo teve como objetivo geral Analisar discursivamente os processos de identificação do sujeito na língua e na cultura estrangeira, a partir das representações de si mesmo e do outro e em relação com as redes de memória nas quais se inscreve.

Objetivo da Notificação:

Apresentar relatório final do estudo " Os processos de identificação nas tramas do real, do simbólico e do imaginário: brasileiros em condição de imigração em Buenos Aires".

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos e benefícios foram apresentados no projeto inicial e estão em consonância com o que foi

desenvolvido no estudo.

Comentários e Considerações sobre a Notificação:

O relatório segue o que foi determinado no projeto e discute os pontos principais e resultados do estudo em questão.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O relatório apresentado segue o modelo do CEP/UFPE, apresentando dados gerais dos voluntários, metodologia desenvolvida e conclusões do estudo.

Recomendações:

Sem recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Notificação aprovada.

Considerações Finais a critério do CEP:

O Relatório Final foi analisado e APROVADO pelo colegiado do CEP.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Envio de Relatório Final	RelatorioFinal.docx	26/11/2021 17:04:28	María Esperanza Izuel	Postado

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

RECIFE, 21 de Dezembro de 2021

Assinado por:
Gisele Cristina Sena da Silva
(Coordenador(a))

ANEXO B – EN LA PLATA SE HABLA PORTUGUÉS

ALUVIÓN DE ESTUDIANTES EXTRANJEROS

En La Plata se habla portugués: brasileños quieren ser médicos y coparon la universidad gratuita

Este año hubo en total casi 4.000 inscriptos y uno de cada 5 es de esa nacionalidad. Además, son el 60% de los extranjeros. Las causas del fenómeno.

Elías, Sabrina y María, tres de los estudiantes brasileños que empezarán a estudiar este año en La Plata. Foto: Mauricio Nievas

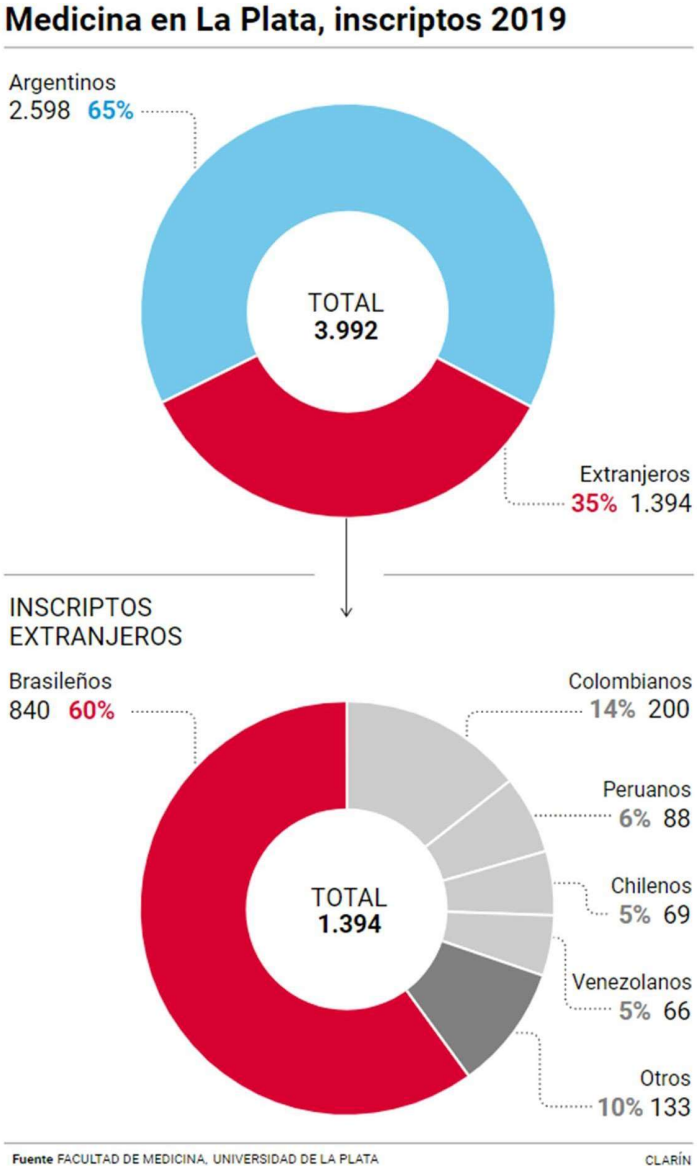
Fabián Debesa. 13/02/2019

Los indicadores muestran un crecimiento constante y el fenómeno contiene argumentos variados. **Cada año vienen más brasileños** a estudiar Medicina a la Universidad Nacional de La Plata (UNLP). A principios de 2018 los jóvenes que llegaron de ese país representaron la mitad de todos los extranjeros que se anotaron en esa facultad. Y ahora la proporción volvió a crecer. Tanto que **uno de cada cinco** del total de alumnos inscriptos es brasileño.
Este año, Medicina registró 3.992 inscriptos, allá por diciembre pasado, y de ese total 1.394 tenían documentación de otras naciones. Pero la prevalencia del gigante vecino resultó avasallante: 840. Es decir, **el 60% son de Brasil.**

"Vivir en esta ciudad resulta más económico que en Buenos Aires", dicen los jóvenes de Brasil. Foto: Mauricio Nievas

La calidad académica, la **gratuidad del sistema,** la devaluación del peso que abarata la estadía y los altísimos costos de la formación del otro lado de la frontera son los factores que explican este aluvión de muchachos que vienen con su idioma portugués a mezclarse con estudiantes argentinos.
Y también, aunque en proporciones menores, con aspirantes a médicos llegados de Colombia (200 anotados); Perú (88); Chile (69) y Venezuela (66). El resto de los visitantes (133) entran en la categoría "otros países" , de acuerdo con el último registro del Centro Superior para el Procesamiento de Información (Cespi) de la universidad platense.

Un cambio de reglas
La llegada masiva de ingresantes cariocas obligó a las autoridades académicas a establecer **nuevos requisitos.** Desde el ciclo 2019, Medicina exige la aprobación de una reválida de idioma. Es que muchos alumnos atravesaban dificultades para entender conceptos y cuestiones técnicas por la barrera lingüística.



El Consejo Superior estableció la obligatoriedad de presentar una prueba CELU (Certificado de Español Lengua y Uso) que confiere el Ministerio de Educación de la Nación y que tiene un costo de **1.500 pesos.** O el SIELE (Servicio Internacional de Evaluación de la Lengua Española) que requiere el pago de **150 dólares.**

Juan Basualdo, decano de Medicina de la UNLP cree que la atracción pasa por lo académico: "La UNLP está entre las 500 mejores del mundo en un ranking de 24.000 universidades y es la segunda más importante del país. Por eso vienen", dijo el directivo.

Otro factor: hace dos años, la unidad académica **dejó de exigir el duro examen de ingreso** y ahora el acceso a las aulas es irrestricto. Por eso, de 1.300 anotados en 2017 se pasó a 3.000 en 2018 y a 3.992 este año. Y por supuesto, **los extranjeros subieron en igual proporción.**

Testimonios de los inmigrantes

"Estaba en la UBA y me vine a La Plata porque me gustó más la ciudad. Es más amigable, **más barata** y me siento más cómoda", contó a Clarín Sabrina Durante (19), nacida en San Pablo. "El ingreso al sistema universitario en Brasil es casi imposible. Hay que realizar **un curso de un año a privadas y publicas.** Además de los costos. Vivir en esta ciudad resulta más económico que en Buenos Aires", agregó María Rocha (22), de la ciudad de Aparecida, en San Pablo.

Nuevas costumbres. Sabrina y María junto a compañera local que les ofrece mate. Foto: Mauricio Nievas

En el recreo de una de las clases del curso de apoyo que comenzó hace una semana, Elías Casteller (25), que viajó desde Turbo, un pueblo del estado de Santa Catarina, se anima a anticipar: "**Cuando me reciba voy a ejercer en este país.** Estoy muy cómodo y nos recibieron con afecto. Quiero devolver lo que me esta dando la universidad".

Elías comparte vivienda con un colombiano, un venezolano y un argentino. "Así resulta más económico. **En mi país hay mucha desigualdad.** Solo los ricos llegan a estudios superiores", contó el joven.

Izabella Matos (23) vino hace dos años y cuenta los motivos de la decisión: “El ingreso a la universidades públicas **es muy rígido.** Los egresados de la escuela pública tienen cupos, aun luego de aprobar el examen obligatorio que deben hacer todos los secundarios”.

Ella supero esa prueba pero luego no tuvo lugar en una estadual. Y **no tenía recursos para pagar la matrícula.** Entonces optó por la variante platense. "Es difícil porque estoy lejos de los afectos, pero el esfuerzo vale la pena", resume la estudiante.

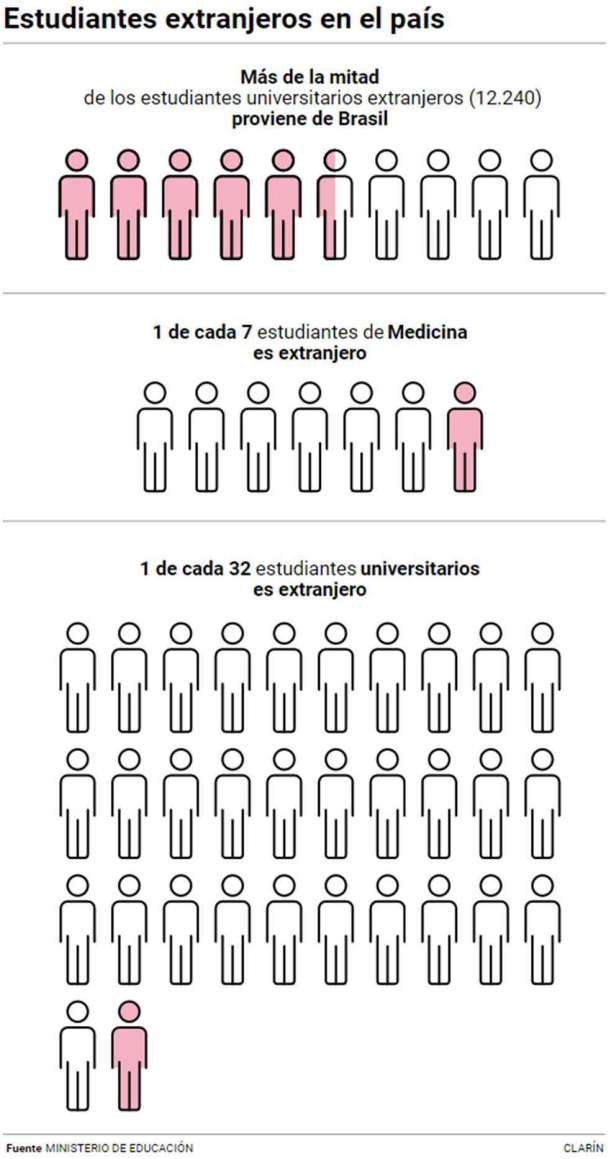
A los pocos minutos vuelven a su comisión. La Facultad preparó 82 alumnos-tutores, entre estudiantes avanzados de 4to y 5to año para acompañar a los ingresantes en el trayecto inicial de la carera. "Pudimos organizar la infraestructura de la facultad para que todos cursen en forma ordenada. No hubo dificultades para resolver la masividad", aseguró el decano Basualdo.

La tendencia, a nivel nacional

Si bien el número impresiona especialmente en La Plata, el aluvión de estudiantes brasileños no es un suceso exclusivo de esa universidad. Medicina resulta un atractivo en casi todo el país. Según las estadísticas 2018 del Ministerio de Educación de la Nación, uno de cada siete estudiantes de medicina tiene pasaporte o documentación de otra nación. Y los de Brasil son más de la mitad: **6.721, de los 12.240 estudiantes internacionales** que tienen las carreras en casas de estudios superiores públicas o privadas. Uno de cada siete representa un índice que cuatriplica la media del sistema en todo el país: apenas uno de cada 32 estudiantes universitarios (abarca todas las carreras) es extranjero.

Otros casos: en la Universidad de Rosario (UNR) se triplicó el número de alumnos de ese país vecino en tres años; y en Mar del Plata también concentra la mayoría en Medicina.

El tema económico figura claramente entre las causas del fenómeno. Mientras ingresar a la universidad pública en Brasil es muy difícil, estudiar en una universidad privada puede costar unos 8.500 reales por mes. O sea, casi **85 mil pesos.** Con ese monto, en La Plata pueden alquilar un departamento (5.000 a 8.000 pesos), financiar los gastos de mantenimiento y hasta pagarse dos o tres pasajes en avión por año.



En el rectorado no sorprende el **"efecto Brasil".** Según el secretario General de la UNLP, Patricio Lorente, "la universidad tiene una tradición de recibir estudiantes extranjeros, en particular de América Latina. Y la carrera de Medicina **siempre ha sido una de las más demandadas**. La política de inclusión y de puertas abiertas es una herramienta eficaz para favorecer las relaciones internacionales".

“Nosotros recibimos con los brazos abiertos a los compañeros de otros países. Enriquece la universidad pública y significa que tenemos educación de calidad”, dijo a **Clarín** el presidente del Centro de Estudiantes de Medicina, Imanol Ortiz. “Nos obliga a asistirlos y acompañarlos para ayudar a superar el desarraigo, que es uno de los principales obstáculos”, dijo el dirigente estudiantil.

Disponível em: <https://www.clarin.com/sociedad/plata-habla-portugues-brasilenos-quieren-medicos-coparon-universidad-gratuita_0_4wk2_hV3e.html>. Acesso em: abr. 2021.